

SARAH LOTZ

autora de *Os Três*

O  
QUARTO  
DIA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

O  
QUARTO  
DIA



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SARAH LOTZ

O  
QUARTO  
DIA



Título original: *Day Four*

Copyright © 2015 por Sarah Lotz  
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Alves Calado

*preparo de originais:* Gabriel Machado

*revisão:* Jean Marcel Montassier e Suelen Lopes

*projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira

*adaptação de capa:* Miriam Lerner

*imagem de capa:* Michael Melford/ Getty Images

*adaptação para ebook:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

L917q

Lotz, Sarah

O quarto dia [recurso eletrônico]/ Sarah Lotz; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2016.  
recurso digital

Tradução de: Day four

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-539-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção sul-africana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

16-30605

CDD: 828.99363

CDU: 821.111(680)-3

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

*Para meu pai, Alan Walters*  
(também conhecido como "O Doutor")

# Bem-vindo a bordo do *Belo Sonhador!*

*Parabéns por escolher um Cruzeiro Foveros,  
sua passagem somente de ida para o Relaxamento  
e a Diversão! Diversão! Diversão!*



Inicie as Melhores Férias da Vida com um coquetel num dos nossos muitos bares ensolarados enquanto nossos músicos tocam as canções mais marcantes de todos os tempos. Em seguida, refresque-se na piscina e deslize nos tobogãs Maravilha Aquática Foveros®. Deu fome? Sem problema! Nossos salões de jantar e bufês oferecem verdadeiros banquetes à sua escolha, de iguarias criadas por chefs renomados até comidas caseiras deliciosas, do jeito que a mamãe fazia! Ah, e não se esqueça do nosso fantástico spa: você merece esse mimo! Os shows de cabaré são imperdíveis, portanto acomode-se nas poltronas e prepare-se para se divertir como nunca! Aproveite o sol numa das nossas muitas empolgantes excursões, quando poderá fazer compras até se faltar em nossas muitas franquias, mergulhar nos mares azul-turquesa, cavalgar em praias lindas e desfrutar de um jantar ao ar livre em nossa fabulosa ilha privativa. E por que não fazer uma visita ao Cassino Agradável Sonhador? Pode ser seu dia de sorte!

# **1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> DIAS**

Viagem relativamente tranquila.

**4<sup>o</sup> DIA**

---

## **A ASSISTENTE DA BRUXA**

Maddie esperou até que Celine estivesse na metade do monólogo de abertura, então passou entre as poltronas que lembravam cápsulas e seguiu para a área vazia nos fundos do Lounge Sonhador das Estrelas. Estava quase lá quando a voz do diretor do cruzeiro trovejou no sistema de alto-falantes, abafando a fala de Celine para lembrar a todos que as festividades do ano-novo teriam início “duas horas antes da hora H”.

– Vozes do além... – gracejou Celine, porém Maddie não foi enganada por essa demonstração de bom humor.

Durante o dia inteiro, Celine se comportara como um rottweiler com dor de dente, brigando com o contrarregista quando ele rasgara seu vestido ao prender o transmissor do microfone na cadeira de rodas e reclamando que o refletor não estava na posição correta para criar um halo em seu cabelo.

– Estejam certos... – continuou Celine assim que o anúncio terminou. – Quando todos voltarmos para casa, descansados, bronzeados e talvez com uns quilinhos a mais... – ela esperou que os risos cessassem –... vocês não estarão sozinhos. Amigos, depois de todos os anos que passei ajudando pessoas a entrar em contato com os que fizeram a passagem, há duas coisas de que tenho certeza: a primeira é que a morte não existe; a segunda é que as almas dos que deixaram o mundo físico estão sempre conosco...

Com Celine de volta aos trilhos, Maddie se permitiu relaxar. Encostou-se numa coluna e massageou o pescoço, tentando, em vão, acabar com a dor de cabeça que a incomodava desde o primeiro dia do cruzeiro. Provavelmente era apenas um efeito colateral do medicamento contra o enjoo, mas o ambiente

espalhafatoso também não ajudava. Quem quer que tivesse projetado a decoração do navio era fissurado por néon no estilo de Las Vegas e por anjos nus; a qualquer lugar que se fosse, era impossível não se ofuscar com uma palmeira iluminada ou receber o olhar malicioso de um querubim. De qualquer modo... só mais uma noite e ela estaria livre daquele inferno flutuante. A primeira coisa que faria ao voltar ao apartamento seria se deixar afundar na banheira e esfregar a pele até arrancar todos os resquícios do navio. Depois pediria um jantar para viagem do Jujubee's – chafurdaria no especial de caranguejo com macarrão de arroz e alho extra. Podia se dar ao luxo de ingerir muitas calorias, pois devia ter perdido pelo menos 2 quilos naquela semana.

– Ei, gata – alguém sussurrou em seu ouvido.

Maddie se virou e viu Ray, o olhar fixo nos seus seios. Ele havia trocado a bermuda com camiseta azul-marinho de sempre por uma Levi's e uma camisa creme de tecido fino, que lhe davam a aparência de um cantor de boate decadente.

– Não deveria estar na porta, Ray?

O evento daquela noite era exclusivo para os Amigos de Celine, o grupo seletivo que havia pagado uma grana preta para fazer um cruzeiro com a "Médium Número Um dos Estados Unidos", e Ray sabia, tão bem quanto a assistente, que Celine teria um chique se encontrasse algum penetra.

Ele deu de ombros.

– É, é. Escute: lembra quando a gente parou em Cozumel ontem?

– O que é que tem?

– Consegui que um garçom me passasse uma garrafa de tequila de primeira. Da boa.

Uma Amiga sentada mais perto deles girou sua poltrona e fez "shhh". Maddie lançou um sorriso de desculpas e sibilou para Ray falar baixo.

– Não liga, não. É o seguinte: festa mais tarde na minha cabine. Você vai?

Mais cabeças estavam se virando na direção deles.

– Sério, Ray, cale a...

– Pense nisso. – Ele deu um sorrisinho. – Vou pegar uma gelada enquanto a chefe faz o negócio dela.

Maddie o observou partir na direção do bar, dando uma conferida numa garçonete no caminho.

*Escroto.*

A atmosfera foi ficando tensa à medida que Celine chegava ao clímax da noite. Ela umedeceu os lábios e pôs a mão no peito.

– Estou captando... Quem é Caroline? Não, esperem... Katherine? Alguém com... É um C ou um K. Não... com certeza é Katherine. Kathy, talvez.

Maddie conteve uma pontada de culpa quando Jacob, um dos Amigos mais velhos, levantou-se cambaleante. Sentia um carinho por ele. Admirava seu estilo (ele costumava usar uma roupa social espalhafatosa) e não era tão intrometido quanto alguns outros. Celine havia fingido que estava doente durante boa parte do cruzeiro, praticamente sem mostrar o rosto nos vários encontros e coquetéis, por isso Maddie fora obrigada a substituí-la.

Parte de seu trabalho era paparicar os fãs de Celine, mas havia uma grande diferença entre trocar mensagens pela internet com os solitários e desesperados e enfrentar a carência deles ao vivo. Ouvir as esperanças dos Amigos de que Celine faria contato com seus entes queridos, parentes e, em alguns casos, animais de estimação falecidos tinha deixado Maddie exaurida.

– Kathy é minha irmã! – gritou Jacob.

– É isso que estou captando. – Celine assentiu. – Ela está se manifestando neste segundo. Ei... por que estou sentindo cheiro de peru? – Ela deu um risinho. – É torta de batata-doce. E das boas.

Jacob ofegou e enxugou os olhos.

– Ela desapareceu no fim dos anos 1970, mais ou menos no período de Ação de Graças. Ela... ela está em paz?

– Está. Deixou o mundo físico e foi para a luz. Quer que você saiba que, toda vez que pensa nela, a alma de Kathy está com você.

Jacob esperou por mais, porém Celine apenas abriu um sorriso brando para ele, que assentiu e se sentou.

Celine pôs a mão no peito outra vez.

– Estou captando... Está ficando difícil respirar. Há alguém aqui

que... faleceu antes da hora. Estou falando de suicídio. É.

Leila Nelson, uma mulher ossuda com uma leve calvície, guinchou e saltou da poltrona.

– Ai, meu Deus! Meu marido se matou há dois anos.

– Quero que saiba que ele está se manifestando, querida. Qual é o problema com a respiração? Estou achando... Ele se asfixiou? Isso faz sentido para você? Sinto gosto de monóxido de carbono.

– Ai, meu Deus! Foi como ele se matou! Na garagem, no carro.

– No carro. – Celine fez uma pausa para deixar isso bem claro aos Amigos. – Qual é a importância de abril?

– Ele nasceu em abril.

– Então o aniversário dele era em abril. É, é isso que estou captando. É um homem alto... Está correto?

Leila hesitou.

– John tinha 1,72 metro.

– Para mim, isso é alto, querida – retrucou Celine, risonha. – Estou captando que... John estava infeliz no trabalho? Isso faz sentido?

– Faz! Ele perdeu o emprego. Depois disso, nunca mais foi o mesmo.

– E há algo relacionado aos sapatos dele?

– Ai, meu Deus! Ele era sempre meticuloso com os sapatos. Vivia engraxando-os desde que deixou os fuzileiros.

– É isso que estou captando. Um sentimento de que era uma pessoa muito meticulosa, exata. Esteja certa: ele quer que você não tenha dúvida de que o que aconteceu, o modo como ele morreu, não teve nada a ver com você. Ele precisa que você siga em frente com sua vida.

– Então ele não se incomoda com o fato de que vou me casar de novo?

*Merda.* Esse era um detalhe que Leila não havia mencionado no coquetel dos Amigos de Celine na noite anterior, mas a médium não se abalou.

– Esteja certa: ele sente orgulho porque você está muito bem.

– Mas ele era um homem tão ciumento! O que preciso saber é se ele...

– Querida, vou ter que interromper, pois Archie está chegando. – Celine levou a mão ao pescoço. – Sinto o peso dele. Está vindo com força.

Maddie conteve um tremor. Mesmo falso, Archie, o principal guia espiritual de Celine – um garoto de rua que supostamente havia morrido de tuberculose no fim do século XIX em Londres –, lhe provocava arrepios sinistros. Nos dias atuais, poucos médiuns canalizavam as vozes de seus guias, e em segredo Maddie achava que Celine parecia o ator Dick Van Dyke fazendo gargarejo com soda cáustica sempre que Archie “se manifestava”.

Celine fez uma pausa para causar um efeito dramático.

– Tem um cara aqui que quer bater um papinho com Juney – soou a voz de Archie.

Juanita, a Amiga que havia mandado Ray se calar, se pôs de pé num salto.

– Sou eu! Juney é meu apelido!

Celine voltou à sua voz normal:

– Juney, não se sinta mal por ter deixado a insulina fora da geladeira. Ele sabe que não foi de propósito.

Maddie sentiu arrepios nos braços. Juanita não dissera nada sobre insulina na noite anterior. Celine era adepta da leitura a frio, observava todas as reações de seus espectadores e também os induzia a revelar detalhes inconscientemente, mas aquele era um pormenor de exatidão incomum. Ela costumava se ater a generalidades.

Juanita franziu o rosto.

– Jeffrey? Jeffrey, é você?

Um fecho de luz cortou a penumbra quando um homem passou pela porta do lado oposto do salão. Era vinte anos mais jovem do que os fãs comuns de Celine, usava jeans justos e botas, os braços cheios de tatuagens. Ray não notara o intruso; estava sentado de modo relaxado num banco, de costas para a porta.

– Celine del Ray! – gritou o sujeito, indo na direção do palco e apontando uma câmera de celular na direção dela. – Celine del Ray!

*Merda.* Uma semana depois de Celine ter assinado o contrato como celebridade convidada do cruzeiro, Maddie ficara sabendo pelo

Twitter que poderia haver um blogueiro a bordo, e pelo jeito ele finalmente decidira aparecer.

– Quem é? – gritou Celine, estreitando os olhos para a plateia.

– Algum comentário sobre o fato de que Lillian Small está planejando processar você?

Um ofegar coletivo. Havia muitos obstáculos para que Maddie conseguisse chegar com facilidade ao sujeito e ela não podia contar com os garçons para intervir. Felizmente, Ray tinha percebido o que estava acontecendo e seguia na direção dele.

– Vocês conhecem a história, não é? – berrou o sujeito para os Amigos boquiabertos. – Essa suposta *médium*, essa *predadora*, bombardeou a Sra. Small com mensagens dizendo que sua filha e seu neto estavam vivos na Flórida, quando os testes de DNA provam que... – Sua voz falhou. – Provam que... – Ele levou a mão à boca. – Ah, *porra*.

O homem se virou, passou por Ray e saiu correndo. A porta dupla de vidro se fechou com um chiado atrás dele.

Ray olhou para Maddie e ela sinalizou para que ele seguisse o sujeito.

Celine deu outro risinho, mas pareceu forçado.

– Ah, vou lhes dizer uma coisa: isso foi... Deem-me um minuto. – Ela tomou um gole de Evian da garrafa d'água que estava na bolsa da cadeira de rodas. Um silêncio inquieto tomava conta do salão. – Sabem, sempre haverá quem duvide. Mas só posso repetir o que os espíritos me dizem. Essa situação... sabem... Esperem... Estou captando outra coisa. Sabem, às vezes os espíritos chegam com tanta força que compartilho as experiências deles, sinto o que eles sentem. Estou captando... fumaça. Sinto cheiro de fumaça... Estou ouvindo... Alguém aqui perdeu um ente querido num incêndio? Isso aconteceu com alguém?

Ninguém respondeu. Maddie se remexeu.

– Poderia ser... É, sabem, estou sentindo cheiro de gasolina, pode ser um acidente de carro. Estou captando... Qual é a importância da I-90?

Um Amigo gritou que seu primo em segundo grau morreria numa colisão frontal naquela rodovia, anos antes. Maddie se permitiu

respirar de novo. Ela viu Ray se esgueirar de volta para o salão e fazer um sinal de positivo. Verificou o celular. Faltavam cinco minutos para acabar. Aproximou-se de Celine, indicando que chegara a hora de encerrar. Era melhor que Ray fizesse a porcaria do seu trabalho e tirasse todo mundo dali o mais rápido possível. Os Amigos pegariam o final do jantar, por isso precisariam sair logo se não quisessem consumir lagosta borrachuda.

Celine desejou feliz ano-novo aos Amigos e soltou a ladainha de sempre sobre visitarem seu site, que contava com links para que comprassem seus onze livros. Maddie subiu depressa ao palco antes que a chefe pudesse ser engolfada por um tsunami de pessoas calorosas. A cadeira de rodas de Celine não era de fato necessária (ainda que ela fosse capaz de impeli-la com a habilidade de um atleta paraolímpico se algum fã com excesso de zelo ameaçasse se aproximar), porém naquela noite Maddie a considerou um elemento válido. De perto, a médium entregava sua idade: a pele com aparência de cera lembrava uma maçã esquecida na geladeira, os lábios tinham a cor de mortadela velha.

Maddie desconectou o microfone e o entregou ao técnico de som antes que Celine se recuperasse e lhe desse uma bronca pelo vacilo do anúncio do sistema de alto-falantes.

– Tudo bem, Celine? – murmurou.

– Me tire daqui agora, porra.

– Celine? – Leila chegou até elas antes que Maddie pudesse intervir, com um exemplar da segunda parte da autobiografia da celebridade: *Médium das estrelas e mais além*. – Eu quis pedir ontem à noite, no coquetel, mas você ficou tão pouco tempo lá... Poderia autografar este livro?

Celine deu um sorriso gélido.

– Será um prazer, querida.

– Pode colocar “Para Leila, minha maior fã”? Eu tenho todos os seus livros. E-books e audiobooks também.

Maddie entregou uma caneta a Celine, procurando ver se Leila havia notado as mãos trêmulas da médium. Felizmente, ela estava ocupada demais olhando com fascínio para o rosto da celebridade.

– Você me ajudou tanto, Celine! Você e Archie, claro. – Leila

apertou o livro contra o peito. – Você realmente me trouxe paz. John... não era o homem mais fácil do mundo e... Não sei como você consegue isso.

– É um dom de Deus, querida. Esteja certa: sua fé e seu apoio significam muito para mim.

– E você significa muito para mim. Aquele homem medonho que entrou aqui não tem...

– Celine está muito cansada – interrompeu Maddie. – Conectar-se com os espíritos é desgastante. Tenho certeza de que você entende.

– Ah, entendo, entendo – disse Leila, assentindo, fazendo uma reverência e correndo para perto dos outros Amigos no tumulto perto da saída.

Ray se aproximou.

– Desculpe por aquilo, Celine.

Os olhos da médium – já com as pálpebras meio caídas por causa de uma plástica malfeita nos anos 1980 – se estreitaram.

– É mesmo? Que droga, Ray! Eu pago a você para *isso*?

– Como eu ia saber que ele apareceria aqui? Eu verifiquei todo mundo.

– Você deveria estar na porcaria da porta, Ray.

– Celine, eu já admiti que fiz merda. Não vai acontecer de novo.

A médium bufou.

– Não vai mesmo. Para onde ele foi, afinal?

– Correu para o banheiro. Parecia que ia vomitar.

O estômago de Maddie se revirou. Depois de fazer a asneira de ler uma denúncia no *Huffington Post* sobre vírus em navios, só conseguia suportar a viagem lavando as mãos em todas as oportunidades e tomando suplementos probióticos feito uma viciada. Isso explicava por que eles não tinham sido perseguidos pelo blogueiro antes. Ele devia estar enfiado na cabine pondo os bofes para fora durante todo o cruzeiro.

– Quer que eu acompanhe você até a cabine? – perguntou Ray.

– É uma suíte – reagiu Celine ríspidamente. – Não, saia da minha frente. Madeleine pode fazer isso.

Ray assentiu, arrasado, e se afastou sem graça. Maddie sabia

muito pouco sobre a vida pessoal dele, mas seu colega havia mencionado algo sobre pagar pensão a uma de suas ex. Ray podia ser mulherengo e papo-furado, mas ela quase sentia pena do colega: ele teria sorte se continuasse com o emprego quando chegassem a Miami. Os guarda-costas de Celine nunca duravam muito.

– Malditos blogueiros e jornalistas disfarçados – disse Celine, irritada, girando uma das mãos no ar para indicar que deveriam seguir em frente. – Faço isso há quarenta anos. É meu dom divino...

Maddie deixou Celine reclamar enquanto manobrava a cadeira de rodas pela saída de serviço, pestanejando no momento em que os olhos foram golpeados pelos letreiros de néon dourados e cor-de-rosa espalhados por todo o convés Passeio dos Sonhos. Passageiros a caminho do jantar seguiam em direção à escadaria. Funcionários jovens usavam shorts brancos apertados e camisetas com os dizeres “Foveros = Diversão! Diversão! Diversão!”, sacolejando ao som de calipso e vendendo asas de anjo e chifres de diabo feitos de plástico para a festa de ano-novo, cujo tema era Céu e Inferno. Maddie não tinha intenção nem mesmo de chegar perto das festividades. Planejava colocar Celine na cama, pedir um queijo-quente para o serviço de quarto – sentiu um embrulho no estômago ao pensar na gororoba produzida em massa para o salão de jantar e os bufês – e depois ir para a pista de corrida acima do convés Balneário. Ainda não tinha conseguido uma folga para correr seus 8 quilômetros naquele dia.

Um trio de homens parrudos com halos fluorescentes presos nas cabeças raspadas veio na direção delas enquanto Maddie entrava com Celine no elevador – como sempre, dava para sentir um leve cheiro de vômito. Apertou com o cotovelo o botão para o convés Varandas e afastou Celine da mancha úmida no carpete. Uma versão em reggae de “Rehab” tocou durante a subida pelo átrio; as laterais de vidro revelavam gradualmente o saguão e os bares abaixo.

– Meu Deus, preciso de uma bebida – disse Celine.

– Estamos quase chegando.

Maddie puxou a cadeira de rodas para fora do elevador e foi na direção dos aposentos VIP. Duas mulheres idosas e risonhas se

espremeram contra a parede do corredor para deixá-las passar. Maddie deu um sorriso luminoso para elas, compensando o carrancudo “ok” com que Celine respondeu aos votos de feliz ano-novo. Acenou para Althea, a camareira daquele convés, que saía de uma suíte vizinha com um punhado de toalhas embaixo do braço.

– Boa noite, Sra. Del Ray e Maddie! – exclamou Althea. – Precisam de alguma coisa?

Celine a ignorou, mas o sorriso da camareira não se alterou. Maddie não fazia ideia de como ela se mantinha tão animada depois de arrumar a sujeira de gente escrota feito a médium. A maioria dos funcionários emanava uma jovialidade exaustiva (obviamente falsa), mas Maddie tinha certeza de que o constante bom humor de Althea não era fachada.

Depois de passar o cartão do quarto várias vezes até a luz verde enfim brilhar na fechadura, Maddie empurrou a cadeira para a estreita área de entrada e conduziu Celine em direção à varanda e à sua coleção de bebidas.

A médium apontou para a TV com a mão que lembrava uma garra.

– Pelo amor de Deus, mude a porcaria do canal. Quantas vezes eu disse para aquela mulher desgraçada não mexer nisso?

Na tela, Damien, o diretor do cruzeiro – um australiano com o olhar fixo de alguém perigosamente bipolar –, estava outra vez fazendo sua ronda pelo navio. Maddie zapeou, passando por uma paródia do fracassado candidato republicano Mitch Reynard no *Saturday Night Live* e por um canal de compras em que duas mulheres de meia-idade alardeavam um paletó de dupla face. Por fim, deteve-se numa imagem dos momentos que precediam a descida da bola na Times Square. Sem que a chefe lhe pedisse, colocou gelo num copo e lhe serviu um uísque duplo.

Celine o arrancou de sua mão e tomou um gole.

– Meu Deus, assim está melhor. Você é uma boa garota, Madeleine.

Maddie revirou os olhos.

– Eu ouvi direito?

– Archie falou que você está pensando em se demitir.

– Celine, eu sempre penso em me demitir. Talvez não fizesse isso se você parasse de me chamar de “vaca inútil”.

– Você sabe que não falo sério. – Ela gesticulou para a televisão.

– Não preciso ser lembrada de que mais um ano acabou. Ponha um dos meus filmes.

– Qual?

– *Uma linda mulher.*

Maddie conectou o HD externo e procurou no menu até encontrar a pasta de Julia Roberts. Ainda não conseguia conciliar a visão amarga de Celine sobre a vida com seu vício pelas comédias românticas. Havia perdido a conta do número de poltronas de motel puídas em que ficara sentada esperando a chefe cair no sono enquanto *Harry e Sally* ou *Surpresas do coração* chegavam a seus previsíveis finais.

Celine chacoalhou o copo, indicando que queria mais.

– E então... O que vamos fazer com relação ao Ray?

– Você é a chefe.

– Você sabe que ele tem uma queda por você, Madeleine.

– Ele tem uma queda por qualquer coisa que tenha vagina. Ray só pensa com o pau.

Celine suspirou.

– Eu sei. Os bonitinhos sempre são assim. Ele terá que ir embora. Mas isso não resolve o seu problema, não é?

– Eu tenho algum problema?

– Você precisa de um homem na vida, Madeleine. Já é hora de deixar o passado para trás.

– Não me venha com isso de novo. Que diabo eu vou fazer com um homem?

Celine deu uma risada.

– Bom, se eu preciso dizer...

– Pode me dizer como eu conseguiria manter um relacionamento se fico fora com você nove meses por ano?

– É, claro, culpe a velha. Você deveria ir à festa hoje à noite. Ver se consegue agarrar um daqueles tripulantes de calça branca justa. Quanto tempo faz? Você sabe, desde a última vez que...

– Não é da sua conta.

– Isso não é resposta. Quer que eu pergunte ao Archie o que ele...

– Chega de assuntos pessoais, Celine.

– Só acho que você merece uma vida melhor.

– Posso usar o seu banheiro?

Caso ela se demorasse lá, com sorte Celine apagaria diante do filme e Maddie poderia sair sem ouvir mais baboseiras.

– Pode ir.

Maddie fugiu para o banheiro e trancou a porta. Era três vezes maior do que o da sua cabine, com uma banheira de hidromassagem e uma pirâmide de toalhas brancas enroladas. Sentou-se na tampa do vaso e esfregou as têmporas. Graças àquele cara tatuado, Celine ficaria emburrada por pelo menos uma semana. E, sem dúvida, o vídeo que ele havia feito já devia ter diversas visualizações na internet. A médium só aceitara o contrato com o cruzeiro para se afastar da agitação depois da situação desastrosa envolvendo Lillian Small, mas ela e a assistente sabiam que o tiro poderia sair pela culatra.

Depois que a bomba explodira, Maddie nunca dissera “Eu avisei”. Tinha aconselhado Celine a não participar do programa de Eric Kavanaugh em memória da Quinta-Feira Negra – o apresentador era famoso por alfinetar paranormais, cientologistas e espiritualistas. Além disso, Celine fizera parte do denegrado “Círculo de Paranormais”, que se reuniu para “usar sua energia conjunta” com o objetivo de descobrir as causas aparentemente misteriosas dos quatro acidentes de avião ocorridos em 2012.

Kavanaugh detonou alegremente os paranormais quando a Agência Nacional de Segurança dos Transportes divulgou os resultados da investigação e ficou claro que eles haviam errado todas as afirmações. Para dizer a verdade, Celine ficara calada por um tempo, mas então surgiu o assunto da queda do avião na Flórida. Maddie ainda não fazia ideia do que tinha dado em sua chefe para insistir que Lori Small e seu filho, Bobby – dois passageiros a bordo da aeronave que mergulhara nos Everglades –, estavam vivos. Mesmo quando amostras de DNA dos dois foram descobertas no meio dos destroços, a médium continuou a

proclamar que ambos vagavam pelas ruas de Miami, sofrendo de amnésia. Ela foi longe demais. Tragicamente, a mãe de Lori, Lillian Small, investira todas as economias contratando detetives particulares para seguir essa pista duvidosa, e agora um advogado empreendedor assumira a defesa dela e atacava Celine.

Não era a primeira vez que Celine errava – mas com certeza era o seu erro mais famoso. Bom... Maddie não estava sendo totalmente justa, não é mesmo? De vez em quando a médium *acertava*. Para começo de conversa, havia a revelação ocorrida naquela noite sobre a insulina (mas talvez Ray tivesse dado essa informação; ela precisaria verificar). Sabia que Celine devia acertar alguns fatos que não eram passados pela assistente ou qualquer ex-policia desafortunado que ela contratasse para fazer o papel de guarda-costas, mas, ainda assim, isso a deixava desconfortável. Mas desta vez a culpa – que em geral conseguia esconder – a incomodava. Causava-lhe aflição. Era um erro conhecer os Amigos. Talvez devesse se demitir. *E fazer o quê?* Um trabalho de bosta recebendo um salário mínimo era o melhor que poderia esperar com seu currículo. Sempre poderia voltar para a Inglaterra com o rabo entre as pernas. Sua irmã adoraria: *Eu avisei, Maddie, eu avisei que tudo ia acabar em lágrimas.*

– Desmaiou aí dentro? – gritou Celine.

– Estou indo!

Era demais ter esperanças de que Celine dormisse... Já ia se levantar quando o chão estremeceu, obrigando-a a se agarrar ao suporte de papel higiênico. Seus joelhos começaram a chacoalhar, uma vibração intensa zumbia sob os pés. As luzes piscaram, houve uma longa aspiração mecânica e depois... silêncio.

Com o coração acelerado, Maddie destrancou a porta e saiu correndo para a suíte.

– Celine? Acho que tem alguma coisa errada com o navio.

Maddie esperava que a chefe fosse responder algo como “Você tem toda a razão: ele é um buraco de merda”. Porém, a cabeça de Celine estava tombada para a frente e os braços pendiam inertes nas laterais da cadeira. O copo caíra no carpete, depois de provavelmente escorregar dos seus dedos.

Na tela, Richard Gere dirigia seu carro pelo Hollywood Boulevard. Então a televisão se apagou.

– Celine? Celine, você está bem?

Não houve resposta.

Maddie avançou sorrateiramente e tocou a pele flácida do antebraço de Celine. Nenhuma reação. Contornou-a para encará-la e se ajoelhou.

– Celine?

Sem levantar a cabeça, a médium inspirou fundo e começou a cantarolar uma música animada, lembrando um jazz, que fez Maddie pensar em Lizzie Bean, outra guia espiritual de Celine, que era menos verborrágica.

– Celine? – Estava ficando difícil engolir a saliva. – Ei... Acorde, Celine.

A médium ergueu a cabeça com uma expressão de terror tão intensa que Maddie soltou um gritinho e caiu para trás, sobre os calcanhares.

– Meu Deus!

Maddie saltou de pé, com a intenção de correr até o telefone, mas então as luzes se apagaram de novo e ela cambaleou no momento em que o navio adernou para a esquerda. Lutou para controlar a respiração. Quando já estava se acalmando, uma voz cortou o silêncio:

– Vou te contar, velhota – disse Archie, rindo. – Isso vai ser divertido.

## O CONDENADO

Gary pressionou a testa contra a parede, tremendo enquanto a água fria escorria pelas costas. A pele da barriga e da parte interna das coxas ardia nos pontos em que ele se esfregara com a lixa de unhas de Marilyn; as pontas dos dedos estavam bastante enrugadas. Demorava-se no banho por quase uma hora e o fedor de produtos químicos se tornava insuportável – tinha usado todo o sabonete líquido oferecido pelo navio e ainda o xampu de Marilyn para lavar as roupas usadas na noite anterior, pisoteando-as como um produtor de vinho descontrolado. Elas estavam emboladas no canto do boxe: sem água sanitária não havia como garantir que não tivessem algum traço do DNA de sua garota. Precisaria jogá-las no mar o quanto antes.

*Concentre-se na água. Pense no frio.* Mas não estava dando certo; os pensamentos sinistros se esgueiravam de volta. Marilyn engolira sua desculpa da dor de estômago, mas ele duvidava que ela o deixasse escapar das festividades da noite, a não ser que estivesse às portas da morte. Pensou enfiar o dedo na goela e forçar o vômito para que Marilyn ouvisse, mas estava tão consumido pela ansiedade que talvez nem precisasse forjar nada.

Àquela altura, já deviam ter encontrado sua garota. Os camareiros eram meticulosos, arrumavam as cabines duas vezes por dia, e fazia mais de doze horas desde que ela...

Um ribombar sob os pés, uma sacudida. A água do chuveiro falhou e Gary abriu os olhos para o negrume. Por um segundo se convenceu de que tinha ficado cego – *castigo de Deus!* –, mas em seguida a vibração se irradiou pelas solas de seus pés e ele percebeu que havia algo errado com o navio. Fechou o registro,

procurou uma toalha e apurou os ouvidos. O zumbido do ar-condicionado sumira e sua cabeça pareceu mais leve de algum modo, como se por fim ele conseguisse raciocinar. Tateou pela pia à procura dos óculos, depois saiu do banheiro. Esperou que os olhos se acostumassem à escuridão, mas, claro, isso não aconteceria. Não havia luz natural na cabine, pois Gary sempre pegava uma das mais baratas, internas. Um bipe de alarme soou várias vezes, houve uma mensagem ininteligível cheia de estática, então um anúncio:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. Só quero avisar que estamos com um problema elétrico. Não há motivo para pânico. Para sua segurança, por favor retornem às cabines e esperem outras instruções. Obrigado. Como eu disse, não há motivo para pânico. Em breve traremos mais detalhes.

Gary se esgueirou até a porta e a abriu. Um sujeito sem camisa, usando chifres de diabo feitos de plástico, virou a esquina com uma mulher de biquíni e sandálias douradas de salto alto rindo atrás dele. Quando chegaram mais perto, as luzes de emergência no chão deixaram a pele dos dois com uma sinistra cor esverdeada. O piso se inclinou e Gary deu um passo atrás, deixando a porta bater. A saliva inundou sua boca. Lá fora, portas bateram, uma mulher berrou, alguém gritou “porra, Kevin, saia da frente”.

Foi então que Gary voltou até a cama arrastando os pés, encolhendo-se quando as luzes se acenderam de novo. Estavam muito mais fracas do que o usual e inundavam a cabine com um brilho doentio. A água escorria nos pelos de suas pernas e agora o pânico era tão intenso que ele quase podia vê-lo se materializar na sua visão periférica.

Era só um pequeno defeito mecânico, acontecia o tempo todo, a Foveros era famosa por isso. E mesmo que tivessem encontrado a garota, a última coisa que fariam seria parar o navio. Não. Só estava deixando a paranoia tomar conta dele outra vez. Apertou o pulso, procurando as batidas fracas, obrigou-se a contar de trás para a frente, começando no cem. Depois de novo. E de novo. Ótimo. Estava ficando mais fácil respirar.

O trinco estalou, a porta se abriu com um estrondo e Marilyn entrou intempestivamente.

– Gary! Você está aqui!

*Fale.*

– Onde mais eu estaria?

– Querido, acho que a gente deveria sair daqui. Ir para o ponto de encontro de emergência. Eu poderia jurar que senti cheiro de fumaça.

– Damien falou que a gente deveria ficar nas cabines.

– Ouviu o que eu disse? Senti cheiro de *fumaça*, Gary. – Ela estava sem fôlego, o rosto chato brilhando de suor. – Os elevadores pararam de funcionar, deve ter gente presa lá dentro. O que você acha que aconteceu?

– Algum defeito mecânico. Nada sério, você vai ver.

Sua voz soava instável, mais aguda do que o normal, mas Marilyn não pareceu notar. Não era uma pessoa muito observadora – um dos motivos para ele ter se casado com ela.

Marilyn estreitou os olhos.

– Querido... por que você não está vestido?

– Estava no chuveiro.

– De novo? Com tudo isso acontecendo?

*Respire fundo, não perca a cabeça.*

– Eu estava no chuveiro quando tudo aconteceu.

– E acha mesmo que não é nada sério?

– Acho. Lembra-se do que aconteceu com *O Belo Prodígio*? Eles consertaram num instante.

– Ah. É verdade... Ainda acho que a gente deveria sair. Paulie e Selena disseram que vão nos esperar no décimo primeiro. Lembra, querido, nosso ponto de encontro é lá.

– Quem diabos são Paulie e Selena?

– São o casal mais bonitinho que existe. Nós conversamos no jantar. Eu decidi ir ao bufê Balneário em vez de ir ao Paisagens de Sonho, se bem que as filas no balcão de massas estavam enormes! Foi assim que começamos a conversar, na fila. Estávamos sentados no convés Tranquilidade quando aquilo aconteceu. E, querido, você nunca iria adivinhar...

– O quê?

Ele se esforçou ao máximo para demonstrar interesse. As

bochechas ardiam.

– Eles são viajantes Prata da Foveros, como nós, e estiveram no *Belo Desejo* no ano passado, na rota das Bahamas, só uma semana depois da nossa viagem.

– Incrível.

– Não é? Foi o que eu disse. Eles ficaram preocupados de verdade quando falei que você estava se sentindo mal.

Típico de Marilyn: sua missão era se relacionar com o maior número possível de estranhos no cruzeiro que faziam anualmente. A maioria de suas novas amizades durava pouco, já que ela era tão volúvel. Gary brincou com a ideia de perguntar se Marilyn havia notado sua ausência de manhã cedo. Não seria tão incomum; ele vinha fingindo insônia durante anos e ela ainda não estranhara sua desculpa de que a única forma de curá-la era sair para um passeio. Mas aquilo era diferente. Se Marilyn tivesse acordado de madrugada e descoberto que Gary saíra, será que estaria preparada para lhe fornecer um álibi? Ele não tinha certeza. Visualizou-a sentada no tribunal, soluçando ao dizer que não fazia ideia de que havia se casado com um monstro.

– Gary!

– Ahn?

– Eu disse “ainda acho que a gente deveria sair”. Você não vai colocar uma roupa?

– Vá indo. Eu vou depois.

– Mas e se...

– *Vá*, Marilyn.

– Não precisa ser grosso comigo.

*Recue.*

– Vai dar tudo certo, docinho. Coisas assim acontecem o tempo todo em cruzeiros.

– Mas eu preciso de você, Gary.

– Querida, ainda estou me sentindo uma eca.

Ele se encolheu diante da palavra, típica de Marilyn, mas a estratégia funcionou.

– Ah, Gary, eu nem perguntei como você estava...

– Vomitei de novo, precisei usar seu xampu para limpar minhas

roupas.

– Ah, docinho, não se preocupe.

Gary parabenizou a si mesmo em pensamentos.

– Agora vá, encontre seus amigos e não se preocupe comigo. Damien não diria para ficarmos nas cabines se houvesse perigo de verdade.

– Tem certeza?

– Tenho. Se eles falarem para irmos até os pontos de encontro, eu acho você.

– Certo. Odeio deixar você aqui, é só que... Acho que eu não conseguiria ficar aqui embaixo.

Ela fez menção de abraçá-lo, mas ele se inclinou para trás, apoiando-se nos cotovelos.

– Melhor não. Posso passar para você.

– Você é tão sensato! Sabe para onde ir, não é, docinho?

– Uhum. Eu me sinto muito melhor sabendo que você está em segurança.

Gary quase gritou de alívio quando ela saiu.

*Agora, pense com frieza e com calma. Repasse tudo de novo e, desta vez, não perca as estribeiras.*

Ele havia jogado o resto dos comprimidos no vaso do banheiro masculino do lado de fora do Lounge Sandman, portanto só restavam as roupas, as luvas e o boné. Ia se livrar de tudo isso facilmente durante a festa, quando todo mundo estivesse comemorando. Mas... e se cancelassem as festividades? Isso dependeria da resolução rápida do problema mecânico, ou do que quer que fosse. Eles com certeza resolveriam. Gary não precisava se preocupar.

Em seguida... Será que os amigos dela se lembrariam dele? Gary não havia atraído atenção nem tinha falado com sua garota no bar e se orgulhava da própria aparência, supercomum. Devido a anos de estudos cuidadosos, sabia que as pessoas tendiam a se fixar em características óbvias: bigode, óculos, roupas espalhafatosas, andar manco. As câmeras de segurança e os sistemas de reconhecimento facial não deveriam ser problema: ele havia mantido a cabeça baixa enquanto a acompanhava até a cabine dela e o boné escondia a

calvície. Quando conseguisse se livrar das roupas, não haveria como identificá-lo. De qualquer modo, sua camisa esporte azul-marinho, simples, e a bermuda cáqui não eram particularmente chamativas e até poderiam ser confundidas com o uniforme usado pelos funcionários de nível mais baixo.

Tudo certo.

Mas por que ainda estava com a sensação de ter esquecido algo?  
*Pense.*

Então o detalhe o acertou como um balde de água fria: o aviso de "Não perturbe: estou num cruzeiro contando carneirinhos". Teve uma sensação nauseante de que já havia tirado as luvas cirúrgicas quando o pendurou na maçaneta. Ah, meu Deus. Seu DNA e suas digitais estariam ali. Será que tocara nele ao passar?

Sim. Não. Como explicaria o que estava fazendo no andar dela? A cabine ficava no piso logo acima, mas na metade de um corredor que não levava a lugar nenhum.

Era o castigo por ter se desviado do plano. Tudo deveria ter acontecido aquela noite, na véspera do ano-novo, quando todo mundo estaria bêbado e ocupado. Em geral ele era cuidadoso demais. A precisão em pessoa. Nunca se arriscava. Não era relaxado. Tinha um sistema. Mas ali estava ela, sozinha no bar, olhando pensativa para os amigos que dançavam e flertavam com o resto do grupo de solteiros. Era uma chance boa demais para deixar passar. Gary cedera à tentação e agora precisava pagar. Havia um motivo muito bom para ele sempre entrar em ação na última noite do cruzeiro: o caos de passageiros saindo do navio na manhã seguinte implicava maiores chances de escapar sem suspeitar. A maioria das suas garotas só se lembrava totalmente do que tinha acontecido muito mais tarde. Dias, até mesmo semanas. E, a essa altura, era tarde demais. Além disso, ele havia lido em incontáveis fóruns que o pessoal da segurança estava preparado para convencer as vítimas de agressões sexuais a bordo a não denunciá-las. A última coisa que a Foveros desejava era mais publicidade negativa.

Mas se eles a *tivessem* descoberto seriam obrigados a investigar. A Foveros já tinha uma reputação ruim com relação à segurança e existiam todas aquelas acusações de que a companhia não cumpria

com as exigências de higiene. Eles seriam imbecis se tentassem esconder isso.

O que dera nele?

Talvez Gary tivesse sido tomado por uma falsa sensação de segurança, porque até então tudo vinha acontecendo muito bem. No primeiro dia, ficava sempre bastante atencioso com Marilyn, chegando cedo e marcando hora no spa, de modo que a mulher estivesse ocupada enquanto ele fazia a varredura preliminar das passageiras. Os cruzeiros de ano-novo da Foveros sempre atraíam várias solteiras ansiosas e Gary não era exigente com relação à idade. Preferia mulheres ligeiramente rechonchudas, louras ou ruivas. Ninguém que tivesse uma autoconfiança muito evidente; um perfil mais de seguidora do que de líder. Ao longo dos anos, passara a escolher o patinho feio da festa, a que ficava segurando vela, a madrinha chamada de última hora na despedida de solteira. Em geral, havia centenas de inglesas aproveitando as cabines em promoção e os coquetéis baratos. Eram mais festeiras do que as americanas e, na opinião dele, costumavam ter autoestima mais baixa.

Tinha visto sua garota naquela noite durante o happy hour do Lounge Sandman, observou-a com o canto do olho enquanto Marilyn ficava cada vez mais bêbada com Mai Tais pela metade do preço. Gary sempre ficava pasmo ao pensar em como reconhecia suas garotas de imediato, como se chamassem por ele. Aquela era bem do seu tipo, de 15 a 20 quilos acima do peso, cabelo louro oleoso, pairando ao redor de um grande grupo de pessoas de 30 e poucos anos, rindo das piadas como se não estivesse à vontade. No segundo dia, viu-a na fila da pizza, as coxas e os ombros num vermelho vivo devido à exposição exagerada ao sol, e ficou ainda mais óbvio que ela estava sendo deixada de lado pelo resto do grupo. Gary se regozijou com o vazio nos olhos da mulher. Outra peça se encaixou quando a garota pediu licença e ele foi atrás, mantendo distância. Ela se dirigiu para a cabine, pegando a escada, e não o elevador. Gary anotou o número da cabine – M446 – e passou direto.

E na noite passada, bem... foi quase como deveria ser. Quando

eles retornaram ao navio depois do dia em Cozumel, Marilyn estava exausta. Haviam participado de uma excursão num resort seguida por um passeio por umas chatíssimas ruínas maias – Marilyn tinha reclamado do calor e dos mosquitos o tempo todo, assim como a maioria dos colegas de cruzeiro. Exaurida com a quantidade incomum de exercícios, ela caíra no sono assim que chegaram ao *Belo Sonhador*. Gary se esgueirou para fora, pretendendo apenas continuar com o reconhecimento e ter certeza absoluta de que a garota escolhida era A Certa.

E ali estava ela, esperando-o.

Gary sempre andava com suas ferramentas: não seria bom Marilyn encontrar a bolsinha de apetrechos. Foi fácil entrar no banheiro masculino, guardar os óculos no bolso e colocar o boné. Foi fácil verificar que o barman e os clientes ao redor estavam preocupados com outras coisas. Foi fácil colocar o comprimido no copo do coquetel dela. Foi fácil ficar para trás e observá-la perder o foco. Foi fácil esperar até que ela saísse cambaleante. Foi fácil vê-la oscilar até o elevador enquanto ele ia até o andar dela pela escada. Foi fácil segui-la pelo corredor, sentindo a pulsação acelerar, a ansiedade fervilhando na genitália. Foi fácil dar uma mãozinha quando ela pareceu desajeitada com o cartão da porta. Foi fácil abrir caminho com o ombro, murmurando que estava ali para ajudá-la. Foi fácil...

Gary deu um pulo quando sete bipes ecoaram no sistema de alto-falantes, seguidos por mais uma mensagem:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro, outra vez. Agora estamos pedindo que se dirijam com calma e atenção aos pontos de encontro. Isto não é um exercício, mas não há motivo para pânico. Os tripulantes estarão à disposição para ajudá-los a encontrar seus pontos, indicados claramente na porta das cabines e em seus Cartões de Diversão Foveros. Repito: não há motivo para pânico. Sua segurança é nossa principal preocupação.

O som de vozes altas, portas batendo e pés correndo veio do corredor. Gary não se mexeu; apenas prestou atenção enquanto o caos lá fora ia diminuindo.

Contou de cem para trás outra vez. Tinha chegado ao cinquenta quando ouviu alguém – talvez uma camareira – batendo às portas. Os dedos dele doíam de tanto flexioná-los. Sua barriga doía. Será que deveria se esconder? Poderia se espremer no guarda-roupa. Mas e se a camareira tivesse recebido ordens de revistar toda a cabine? Não seria nada bom se ele fosse encontrado escondido num armário.

A garota deveria ter sido a número quatro. Seu número da sorte.

Gary a havia ajudado a ir para a cama. Ela não disse grande coisa, apenas murmurou que estava passando mal, algo assim. Tombou de costas, com os olhos vítreos. Quando o rosto dela ficou flácido, ele começou. A princípio, não se permitiu tocar, apenas olhou. Então, com suavidade, passou as mãos pelas coxas, pelos seios e pelo tronco. A mulher usava um short justo e uma blusa de alcinhas, que ele tirou, revelando um sutiã cor de carne. Precisaria virá-la para abri-lo; já ia fazer isso quando a garota tossiu e gorgolejou. Ele pulou para trás no instante em que ela vomitou. A mulher estremeceu, tossiu de novo. Ela estava engasgando. Ele...

Batidas em sua porta. Ficou sentado, completamente imóvel. Mordeu a língua, aguardando, mesmo sem esperanças, que a pessoa fosse embora. O trinco estalou, a porta se abriu e um asiático enfiou a cabeça. Não era a camareira, uma jovem filipina bonita por quem Marilyn sentira uma aversão instantânea.

– Está passando mal, senhor? Não me ouviu bater à porta?

– Não. Estou bem. Só cansado.

– O senhor precisa ir para o seu ponto de encontro. Sabe chegar lá?

– Vocês estão verificando todas as cabines?

O camareiro franziu a testa.

Gary nem podia acreditar que dissera algo tão idiota.

– Para garantir que todo mundo esteja em segurança...

– Ah, sim, senhor. A segurança dos senhores é importante para nós.

– Preciso me vestir.

– Por favor, depressa, senhor. Eu voltarei.

Então essa era a situação. Se ela não tivesse sido encontrada, se

por algum milagre seus amigos ou o camareiro ainda não a tivessem descoberto, agora não havia chance de aquilo permanecer em segredo. Ele vestiu uma bermuda e uma camisa, tentando não pensar nas roupas encharcadas no canto do boxe. Inspirou fundo e enfiou os pés nos chinelos.

Sua única chance era ser cara de pau.

Nem tinha verificado se ela ainda estava viva, mas sabia, bem no fundo, que não. Sua garota havia engasgado até morrer enquanto Damien tagarelava na TV, as costas da mão dela batendo no colchão, *tap, tap, tap*, "... não se esqueçam de aproveitar nossas apresentações de stand-up no Lounge Sonhador das Estrelas...", *tap, tap*, "... e, por tempo limitado, relógios Xenus serão vendidos com incríveis quarenta por cento de desconto...". Após vários minutos insuportáveis, brotou um som da garganta dela. Não era bem um ruído agonizante e, sim, um sibilo. Uma exalação final, derrotada. Sem pensar nas implicações do que fazia, Gary usou o pé para rolar a garota da cama de casal até o espaço entre ela e a parede, e jogou a colcha em cima.

Esse havia sido seu maior erro. Agora eles saberiam com certeza que alguém estava envolvido. Se a tivesse deixado na cama, provavelmente atribuiriam a morte ao excesso de álcool.

Esgueirou-se para o corredor deserto e acenou para o camareiro, que verificava as últimas cabines e enfiava cartões vermelhos nas fendas das fechaduras.

– Obrigado por esperar! – gritou Gary. – Desculpe se causei algum problema.

Ótimo, sua voz soara calma, controlada. *O homem que encontrei não pareceu ansioso nem culpado*, imaginou o camareiro dizendo ao chefe da segurança – ou, que Deus não permitisse, ao FBI, à Scotland Yard ou a qualquer agência que tivesse a tarefa de investigar a morte de passageiros ingleses.

– Sem problema, senhor. Por favor, apresse-se. Seu colete salva-vidas está lá, no ponto de encontro.

Gary caminhou rigidamente para a escada, com os chinelos fazendo *flop-flop* no carpete. Estava mais escuro ali. Devido a incontáveis mãos, os corrimões de metal da escada estavam até

quentes. Ele fungou. Marilyn tinha razão: havia um odor de fumaça vindo de baixo. Apressou o passo, hesitando ao chegar ao andar de sua garota.

Seria fácil demais virar depressa a esquina e olhar do corredor para a cabine dela. Deu dois passos na direção do lance seguinte, depois girou e correu de volta para a entrada do convés. Sentiu um embrulho no estômago de novo – não conseguia acreditar no que estava fazendo, mas algo o havia dominado e ele não conseguia parar.

Os cartões vermelhos indicando as cabines desocupadas estavam em diversas portas. O corredor parecia se estender, como numa ilusão de ótica, com o final mergulhado na escuridão. Gary o atravessou rapidamente, parando ao ver o cartão vermelho inserido na porta de sua garota.

Alguém tinha verificado a cabine. Se a haviam encontrado, ele esperaria ver um segurança presente, a não ser que a tripulação já estivesse engajada em acobertar a morte. *Ou talvez ela não esteja morta, afinal. Pode estar na enfermaria, grogue, tentando entender os acontecimentos da noite.* Voltou, movendo-se o mais rápido possível, e só quando chegou à escada se deu conta: tinha esquecido de esconder o rosto das câmeras de segurança.

## A CRIADA DO DIABO

Althea colocou no rosto o sorriso reservado para os passageiros mais difíceis e esperou o homem que vinha devagar pelo corredor na sua direção. Era o Sr. Lineman, da cabine V23. Ele e a esposa eram realmente nojentos: deixavam o vaso sanitário sujo e as toalhas encharcadas no chão.

– Olá, Sr. Lineman – cumprimentou ela, acrescentando um tom respeitoso à voz. – O senhor já deveria estar em seu ponto de encontro.

Ele bufou, as bochechas vermelhas pelo esforço de andar cerca de 100 metros desde a escada. As fracas luzes de emergência acentuavam os vincos do rosto cheio de papadas; os joelhos se curvavam na tentativa de sustentar todo aquele peso.

– O que diabos aconteceu com a porcaria do navio?

– Sinto muitíssimo, Sr. Lineman, mas também não sei.

Isso não era totalmente verdade. Ela estava cochilando em seu posto quando o alarme soara, mas soubera por Maria, sua supervisora, que o Convés B tinha sido evacuado por causa da fumaça. Althea não estava preocupada. Nos quatro anos trabalhando na Foveros, haviam acontecido vários acidentes semelhantes e a chefe dissera que o incêndio era insignificante.

– Por que não podemos ficar nas cabines?

– É para a sua segurança, Sr. Lineman.

As papadas dele balançaram.

– Achei que não havia perigo. Damien disse isso.

Com o sorriso ainda estampado, ela falou:

– É verdade, mas o procedimento-padrão é o capitão reunir os passageiros quando acontece algo assim. Realmente devo insistir

que o senhor retorne ao seu ponto de encontro.

– Precisei voltar para pegar meu remédio. Vocês querem que eu fique doente?

*Não. Eu gostaria que o senhor tivesse uma morte lenta, dolorosa.*

– Claro que não, Sr. Lineman. Um tripulante deveria tê-lo acompanhado de volta à cabine. Gostaria que eu pegasse o remédio para o senhor?

– Eu posso fazer isso. – Ele tirou o cartão vermelho que ela havia inserido na fechadura. – Que diabo é isso?

– Indica que sua cabine foi verificada e está vazia, Sr. Lineman.

– Humpf.

Ele o jogou no carpete, enfiou seu cartão na fenda e entrou intempestivamente.

Althea se encostou na parede e se espreguiçou feito um gato enquanto esperava que ele saísse de novo. Maria, aquela vaca, pegaria no seu pé se ela não terminasse logo, e Althea ainda precisava verificar o posto de Trining, no Convés de Popa Cinco – pretendia fazer isso horas antes. A vadia preguiçosa viera procurá-la na hora do almoço, dizendo que começara a vomitar na metade do turno da manhã, mas Althea suspeitara que ela tivesse bebido de novo. Trining já estava de sobreaviso – seria o terceiro dia doente naquele mês – e havia prometido 50 dólares à colega se ela cobrisse sua falta. O dinheiro seria útil, mas naquele dia Althea achava melhor não se meter em encrenca. Seus membros estavam pesados de exaustão; não vinha dormindo bem. Tinha se convencido de que estava cansada o tempo todo porque trabalhava demais, pegando muitas tarefas extras.

Não suportava pensar na outra possibilidade.

A voz de Damien trovejou no sistema de alto-falantes, repetindo a mensagem. O sujeito era apaixonado pela própria voz. Althea nunca havia falado com ele, mas Rogelio, o único filipino que trabalhava como assistente do diretor, dizia que o chefe era um egoísta com coração de pedra. Rogelio... esse, sim, era um sujeito com quem ela deveria ter se casado. Bonito, trabalhador e sempre cortês. O oposto de Joshua.

A descarga do vaso chiou na cabine do Sr. Lineman e, segundos

depois, ele reapareceu, com uma pesada sacola de pano aninhada nos braços. Ela sorriu de novo, mas ele passou direto sem dizer uma palavra.

– *Putang ina mo* – falou ela baixinho.

Ele parou e deu meia-volta, com os olhos porcinos brilhando.

– O que foi isso?

*Merda.*

– Perdão?

– O que você acabou de dizer? Que língua era aquela?

– Tagalo, Sr. Lineman.

– O quê?

– Tagalo. É uma língua filipina. – *Seu porco sacana ignorante.* –

Eu só estava lhe desejando boa sorte – mentiu Althea.

– Por que não aprende a falar inglês? – murmurou ele.

Althea queria dizer àquele grã-fino imbecil que ela falava fluentemente inglês, espanhol e tagalo e que era capaz de xingar em cinco outras línguas, ao passo que ele mal falava uma. Porém perderia seu bônus se o hóspede lhe desse uma avaliação negativa.

– Sinto muitíssimo, Sr. Lineman. Não quis ofendê-lo.

Ele pareceu um pouco satisfeito. Dessa vez Althea o observou com atenção enquanto o sujeito se afastava. O navio estava adernando com mais violência, o bastante para afetar o equilíbrio dele. *Ótimo. Caia, filho da mãe, caia.*

Ela recolocou o cartão vermelho na porta e verificou a suíte compartilhada pelas duas idosas, Helen e Elise. Impecável – as duas camas estavam do jeito que ela as deixara ao arrumar a cabine mais cedo, naquela tarde. Esperava uma grande gorjeta delas. Althea havia trabalhado o suficiente em navios para reconhecer quem dava boas recompensas, e nunca eram os que exigiam mais água mineral a cada hora, reclamavam da temperatura do ar-condicionado ou choramingavam se ela não dobrava a toalha na forma da porra de um animal diferente a cada noite.

Passou para a última suíte – V27 –, a cabine da paranormal. Trabalho do diabo, como diria sua *mamita*. A Sra. Del Ray era uma vaca velha e rabugenta, sem dúvida, mas generosa. Althea já havia ganhado dinheiro extra fazendo vista grossa para as garrafas de

bebida alcoólica na cabine. No segundo em que inseriu sua chave mestra na fechadura, a porta foi escancarada e Maddie, a secretária magricela da médium, saltou até ela.

– Althea! Achei que era o médico.

– Você está passando mal?

– Eu, não: Celine. A Sra. Del Ray.

Althea a acompanhou para dentro do quarto, onde a médium estava sentada na cadeira de rodas, olhando para a tela apagada da TV com o rosto flácido. O quarto cheirava a álcool.

– Celine? Celine? Althea está aqui – disse Maddie numa voz cantarolada.

A Sra. Del Ray ergueu os olhos desfocados, com a cabeça oscilando. Deu um risinho e balançou a mão num cumprimento vago.

– O que há com ela? – perguntou Althea, fitando a garrafa vazia de uísque perto da televisão.

A mulher bebia demais; era a camareira que jogava os recipientes no triturador de vidro depois que a médium enchia a cara. Talvez por isso estivesse passando mal.

– Não sei. Ela está confusa. Eu chamei a porra do... Desculpe.

Althea assentiu, inabalável.

– Eu chamei o médico assim que o navio parou – continuou Maddie –, mas até agora ninguém veio.

– Tentou ligar de novo?

– Tentei. Não parei de tentar. Agora ninguém atende.

Althea pegou seu rádio e ligou para a supervisora.

– Maria? Atenda, Maria. – A estática sibilou de volta. Ela tentou de novo, com o mesmo resultado. *Susmaryosep*. – Posso usar seu telefone, Maddie?

– Claro.

Althea pegou o aparelho e digitou o número do centro médico, mas apenas tocou em vão. Em seguida, arriscou os serviços de arrumação e atendimento aos hóspedes, mas ambos deram sinal de ocupado.

– Vou pessoalmente ao centro médico pedir para mandarem o doutor.

- Obrigada.
- De nada – respondeu Althea de modo automático.

Não tinha problemas com Maddie. A assistente de Celine sempre fora cortês com ela, sem ser condescendente ou amigável em demasia. E estava de fato preocupada. Talvez houvesse mesmo algo errado com a velha.

Althea saiu às pressas da suíte, tentando comunicação pelo rádio outra vez. Outro fluxo de estática. Era só o que faltava. Verificou o corredor no lado de bombordo procurando por Electra, que cuidava das cabines naquela seção, mas não havia sinal dela. Seria mais rápido usar a escada dos passageiros para chegar à enfermaria no Convés Três, mas o pessoal da arrumação não tinha permissão de passar por aquela área. Ainda assim, iria se arriscar. A maior parte dos tripulantes estaria em seus pontos de encontro, conduzindo os hóspedes ou cuidando dos problemas na sala do gerador, por isso não haveria mal algum. Desceu correndo. Prendeu a respiração e baixou a cabeça quando chegou ao patamar do Seis, onde dois mecânicos ajudavam vários passageiros resmungões a sair dos elevadores parados.

Enquanto corria na direção da enfermaria, captou um cheiro de fumaça vindo pela cortina de tiras de plástico que cobria a entrada adjacente para o I-95. Apertou a campainha ao lado da porta e esperou. Nada. Tentou a maçaneta e, quando ela cedeu, entrou. A estreita área de espera, a farmácia e o balcão de recepção estavam vazios, mas vozes exaltadas soavam atrás de uma porta na extremidade oposta. Foi até lá, ficou nas pontas dos pés e olhou pela placa de vidro fosco. O novo médico colocava uma máscara de oxigênio no rosto de um tripulante histérico que usava um macacão azul imundo. Perto dele, um enfermeiro cuidava de um sujeito com uniforme branco de oficial, que também estava ligado a um balão de oxigênio. Mas foi o homem na maca mais perto dela que chamou sua atenção. Estava absolutamente imóvel, de lado, com o braço estendido. Tiras de pele pendiam do antebraço, lembrando uma renda obscena, revelando um trecho de carne amarela e vermelha que soltava pus. Como se pudesse sentir sua presença, o sujeito a encarou diretamente. Althea o fitou com uma expressão de

solidariedade, mas ele não reagiu; seus olhos estavam vazios, como se tivesse imergido dentro de si mesmo com o objetivo de enfrentar a dor. Ela já vira queimaduras feias – visitara a mãe em Binondo quando um incêndio devastara uma fábrica próxima –, mas aquela cena fez seu estômago se revirar. O médico correu para a vítima de queimadura e pôs a mão gentilmente em sua testa.

Trêmula, Althea recuou para a área de espera. Os gritos vindos da sala haviam se tornado murmúrios. O fogo devia ser pior do que tinham dito. E a temperatura ali embaixo aumentava depressa; o ar-condicionado continuava sem funcionar. Sem saber o que fazer, ela ficou andando de um lado para outro.

O médico anterior, um cubano com dentes malcuidados, supostamente fora demitido por assediar uma garçõete romena, mas o substituto tinha rosto gentil. Imaginou se poderia pedir ajuda a ele, depois se conteve. Nem pensar. Passou a mão na barriga. Se estivesse mesmo grávida, ainda era cedo demais para que isso ficasse evidente. Dois meses, no máximo. Talvez Joshua tivesse cumprido com a ameaça de mexer nas pílulas dela. *Filho da mãe.* Tinham brigado na última vez que Althea fora para casa, quando se recusara a cozinhar para ele e os irmãos. Como o marido ousava esperar que ela bancasse a empregada depois de trabalhar como uma condenada nos navios sustentando todos eles? Isso ainda fazia seu corpo queimar de fúria. Ele sabia que o maior temor de Althea era ficar igual à irmã, com a pele sem viço e desgastada, vivendo na miséria em Quezon, com cinco filhos. O que Joshua achava que aconteceria se ela engravidasse? Seria demitida, o dinheiro acabaria, e então todos estariam a um passo das favelas. Ele e toda a porra da família desgraçada. *Bom, adivinhe só: essa hora vai chegar antes do que você imagina.*

A culpa era dela. Deveria ter se casado com um americano cheio de dinheiro, e não com um filipino imbecil que fora idiota a ponto de ser demitido dos navios. Mas não, tinha se apaixonado (rá, se apaixonado!) pela porra de um ajudante de garçom com uma verruga sob o olho que lhe prometera que os dois subiriam na vida juntos. Talvez ela não conseguisse se divorciar – as famílias de ambos jamais aceitariam –, mas poderia abandoná-lo, economizar e

começar uma nova vida.

Era um bom plano, mas se estivesse grávida, de nada adiantaria. Era apenas o segundo mês do contrato de dez meses, logo não havia chance de esconder.

– O que você está fazendo aqui?

Althea se virou e viu surgir uma mulher grandalhona, com o cabelo tingido de laranja e o uniforme de enfermeira amarrotado.

– Está passando mal? – perguntou ela.

Althea explicou a situação da Sra. Del Ray. A mulher lhe deu um sorriso cansado.

– Ah... Bin deve ter recebido a ligação mais cedo, antes de ficarmos atolados.

– Os homens que se feriram no incêndio – disse Althea, indicando a porta – vão ficar bem?

A mulher franziu os lábios.

– Você entrou ali? Aquela área é só para os pacientes.

– Desculpe – murmurou Althea, assumindo de imediato uma atitude deferente. – Não havia ninguém aqui. Eu estava tentando achar o médico.

– Ah, tudo bem.

A enfermeira passou a mão pelo cabelo emaranhado. Tinha olheiras profundas e a pele do nariz e das bochechas era repleta de vasos aparentes. Devia beber muito. Althea conhecia os sinais.

– Minha supervisora disse que o incêndio não foi grave – comentou Althea, jogando verde.

– As coisas parecem piores do que são, não se preocupe. É melhor eu entrar. Obrigada por avisar. V27, não é?

Althea assentiu e, dispensada, passou pela cortina de tiras de plástico, seguindo pelo I-95. O posto de Trining ficava no Cinco, na popa – pelo menos cinco minutos de caminhada. Correu pela passagem, percebendo que o ar ficava mais pesado e o cheiro de fumaça se intensificava à medida que se aproximava das salas dos motores na popa do navio. Cumprimentou um grupo de garçons que passou rapidamente por ela, os braços abarrotados de bandejas cheias de garrafas d'água, mas eles não contaram mais do que ela já sabia sobre a situação. Enquanto disparava pelo setor de

governança, ouviu um grito de Maria:

– Althea!

A camareira ficou imóvel, depois se virou de olhos baixos.

– Estava tentando contatar você, Althea.

– Desculpe. – Ela deu um tapinha no rádio. – Não está funcionando de novo.

– Você verificou se ainda há alguém nas cabines do seu posto? Seguiu os procedimentos?

– Sim, Maria. Mas uma das minhas hóspedes está passando mal. Ligaram para o centro médico, mas ninguém atendeu.

Maria a olhou, irritada, como se a subordinada fosse responsável por engendrar a doença da passageira. Um dia, prometeu Althea a si mesma, humilharia aquela vadia. Faria com que ela comesse terra e se retorcesse no chão.

– Vou cuidar disso. Qual é a cabine?

– V27. É a hóspede que faz o show especial, a Sra. Del Ray. Já estive no centro médico e avisei a eles. Posso ir, por favor?

O pessoal da segurança devia estar verificando se todos os cartões vermelhos se encontravam no lugar e Trining iria culpá-la porque seu posto não teria sido checado.

– Por que não me contou que Trining estava doente? – perguntou Maria numa voz perigosamente suave.

*Trining, sua filha da puta.* Dessa vez Althea não ia protegê-la.

– Achei que ela já havia contado a você.

– Ela disse que você concordou em cobrir o posto dela hoje.

Althea fez sua melhor cara de inocente.

– Disse?

Maria arqueou as duas linhas riscadas a lápis que tinha no lugar das sobrancelhas. Elas jamais combinavam: uma estava sempre mais baixa ou mais alta do que a outra, e contrastavam com o cabelo platinado. *Aprenda a usar um espelho, sua vadia.*

– Por sorte não houve reclamações. Ela falou que nem começou a arrumação da tarde.

– Sinto muito, Maria. Deve ter havido alguma confusão.

– Paulo verificou se as cabines de Trining estão vazias, mas preciso que você garanta se ele viu tudo mesmo.

- A segurança não vai fazer isso?
- Está me questionando?
- Não, Maria.
- Depois você deve ir para o seu ponto de encontro e esperar instruções.
- Sim, Maria. Obrigada, Maria.

Como ela odiava se rebaixar! Mas precisava de uma boa avaliação para ter chance de ser promovida a um posto de supervisora. Não que houvesse muita esperança de isso acontecer. O sistema de guetos é que pesava: Maria só daria apoio a outros romenos. Assim era a vida no navio. Às vezes funcionava a seu favor; às vezes, não. E pouco importava que sua primeira língua fosse o inglês. A nacionalidade contava contra ela. Alguém precisava fazer o serviço sujo. Althea levava mais de dois anos para ascender desde o posto de camareira dos funcionários (os grã-finos podiam ser nojentos, mas não eram nada comparados a alguns oficiais) e garantir o desejado posto no convés VIP.

Passou pela porta de serviço que levava aos conveses inferiores, captando novamente um odor enfumaçado. Odiava essa escadaria: havia treze degraus para cada andar e ela os contava em voz alta para expurgar qualquer maldição. Sabia que isso era ridículo, mas não conseguia deixar de todo as superstições da infância – ainda movia seu prato sempre que alguém deixava a mesa em que estava no refeitório, para que o outro não sofresse um acidente.

Quando abriu a porta do posto de serviço de Trining, o vislumbre de algo se movendo na outra ponta do corredor escuro atraiu seu olhar. Alguém seguia em disparada na direção dela, uma figura pequena. A luz ali era muito pior do que em seu andar, mas parecia uma criança. Um menino. Como podia? Ela estivera em cruzeiros onde havia crianças americanas mimadas, correndo como se fossem donas do navio, os pais gritando com os funcionários sempre que um dos pequenos ranhentos se machucava ou se perdia, mas os de ano-novo eram só para maiores de 18 anos. As luzes de emergência piscaram, mergulhando-a na escuridão por um instante, antes de se acenderem sibilando outra vez. A criança de pele clara, cabelo escuro e descalça estava agora a 20 metros dela.

– Ei! – gritou Althea, encolhendo-se quando as luzes se apagaram de novo.

Lutou contra a ânsia de mergulhar de volta no corredor de serviço. As luzes se acenderam – dessa vez mais fortes –, porém a criança... a criança havia sumido.

Fez automaticamente o sinal da cruz e deu um salto quando uma figura alta dobrou a esquina no fim do corredor. Acalmou-se ao identificar a camisa branca e a calça preta de um segurança. Será que havia imaginado o menino? Será que sua mente estava lhe pregando peças? Vinha dormindo menos de quatro horas por noite, então não seria impossível.

O guarda veio em sua direção. Era da máfia indiana, o rosto todo anguloso. Ele se aproximou; era bem mais alto do que ela.

– Você viu algum hóspede aqui? – perguntou Althea, pasma com a calma que sentia.

Ele a encarou com ar inexpressivo.

– Não. – Ele indicou os cartões vermelhos enfiados nas fendas. – Já terminou?

– Não é o meu posto.

– Então por que está aqui? – A mão dele foi até o rádio preso no cinto. – Todos os tripulantes devem se apresentar nos pontos de encontro agora.

– Eu sei. Minha supervisora pediu que eu verificasse se tudo estava em ordem.

– E está?

– Não tenho certeza.

Ela não queria contar o que vira, para o caso de *ter sido* imaginação. A criança – se é que houvera uma – devia ter se escondido em uma das cabines seguintes, mas tinha certeza de que não ouvira o som de uma porta se abrindo e fechando.

– Você se importa se eu verificar de novo algumas cabines? O camareiro que foi mandado para fazer isso era novo.

Era mentira, mas parecia razoável. Esperou que o guarda argumentasse, mas ele apenas continuou a encará-la – talvez tivesse lido alguma coisa em seu rosto –, depois gesticulou como se dissesse “vá em frente”.

Havia três cabines em que o garoto poderia ter entrado quando as luzes se apagaram. Ela abriu a primeira, foi até o banheiro e examinou a área principal, checando o armário para garantir que a criança não se escondera ali. Não havia sinal do menino, mas o quarto estava uma bagunça, os lençóis embolados, a lixeira transbordando de latas de cerveja vazias. Trining nem se dera o trabalho de arrumar seu posto durante toda a manhã, e era provável que Paulo tivesse apenas batido às portas das cabines e, depois, colocado os cartões sem investigar direito. Trining devia estar com Deus e todos os anjos do seu lado – era um milagre ninguém ter reclamado.

Olhou para o guarda enquanto ia para a cabine seguinte, mas ele estava mexendo no rádio. No segundo em que abriu a porta, o cheiro ácido de vômito a atingiu. Althea hesitou, depois prendeu a porta no ímã da parede e entrou. O banheiro estava vazio e o resto do espaço parecia desocupado. Olhou em volta procurando a origem do fedor, percebendo que agora também detectava outro cheiro: urina. Era leve, mas inconfundível.

Esgueirou-se ao redor da cama desarrumada. A colcha estava jogada ao lado dela, junto à parede. Projetando-se da ponta, havia dois pés, as solas sujas e cinzentas. Ela gritou e recuou, batendo na penteadeira e fazendo uma nécessaire cair no chão.

O guarda entrou no quarto em segundos, franzindo o nariz.

– O que é isso?

– Venha aqui – sussurrou ela. – Olhe.

Observou com atenção o rosto do homem enquanto ele absorvia a cena. O indiano se retraiu e pegou o rádio atabalhoadamente.

– Controle, atenda. Controle.

Um chiado e um estalo. Ele bateu o rádio na mão.

Althea não conseguia afastar o olhar daqueles pés. Eram de uma mulher. Pegou-se pensando em algo que sua *lola* dizia quando ela era criança: os sapatos dos mortos deviam ser tirados o mais cedo possível, para não pesarem na viagem ao céu. Mal percebendo o que fazia, estendeu a mão para puxar a colcha, mas o guarda segurou seu braço. A palma dele ardia a ponto de queimar sua pele.

– Espere.

O homem subiu na cama, atravessou-a e, gentilmente, levantou a parte da colcha que cobria a cabeça da mulher, revelando um tufo de cabelos cor de palha. Ele se inclinou para verificar se havia pulsação, depois recolocou a colcha do jeito que estava antes.

– Ela está morta? – sussurrou Althea.

– Está.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo. O guarda pigarreou.

– Preciso ir lá fora ver se consigo um sinal melhor. Não toque em nada. – Então ele acrescentou, suavizando a voz: – Tudo bem se ficar aqui sozinha?

Ela assentiu.

– Por favor, não toque em nada – repetiu.

O guarda saiu rapidamente, deixando-a a sós com o corpo. Os pelos da nuca de Althea se arrepiaram. Ela fechou os olhos, fez outra vez o sinal da cruz e, pela primeira vez em muitos meses, rezou.

## AS IRMÃS SUICIDAS

Helen admitia que havia alguns benefícios no fato de estar entre os poucos com mais de 60 anos a bordo: ela e Elise tinham sido colocadas em espreguiçadeiras, ao passo que os demais no ponto de encontro precisavam se contentar com o chão. Estava bem confortável, mas dispensaria o barulho. Próximo dela e de Elise, um grupo de homens e mulheres flertava ostensivamente, tentando ser o centro das atenções. O mais barulhento de todos, um sujeito de 30 e poucos anos com corpo de jogador de rúgbi e um par de asas de anjo preso nas costas peludas, reclamava da suspensão do serviço de bar.

– É para isso que a gente viaja na porra de um cruzeiro, não é? – trovejou ele. – Para encher a cara e rir. E se o navio vai dar uma de *Titanic*, quero estar o mais chapado possível.

Ali perto, um casal americano, que lembrava gigantescos sapos carrancudos, bradava em alto e bom som, a quem quisesse ouvir, que jamais viajaria de novo pela Foveros. Helen os vira uma ou duas vezes no salão de jantar pedindo todas as entradas do cardápio, nunca agradecendo ao garçom.

E ali estava Jaco, “a banda de um homem só” do navio, que tocava marimba, além de rock e reggae (ou qualquer coisa que pedissem), executando uma versão desafinada de “By the Rivers of Babylon”. Tinha chegado vinte minutos antes, provavelmente mandado por Damien para distrair os passageiros de ideias de motim enquanto esperavam para ser dispensados do ponto de encontro. Não parecia incomodado por ninguém prestar atenção nele. Na verdade, ser universalmente ignorado parecia fazer parte de seu serviço, pelo que Helen podia perceber. Ela o vira em toda

parte do navio, apresentando a noite de tributo a Michael Jackson ou espreitando ao fundo durante o caraoquê. Helen e Elise se entreolharam e lhe deram uma pequena salva de palmas. Como se para castigá-las pela generosidade, ele partiu para uma versão desajeitada de "Jailhouse Rock".

– É uma pena não exigirem mais que os músicos afundem com o navio – disse Helen de modo incisivo, e Elise gargalhou.

Os tripulantes alocados para seu ponto de encontro – uma australiana gorda com olhar duro e um filipino com malares parecidos com os de uma supermodelo – já haviam desistido de pedir aos passageiros que não filmassem os procedimentos em seus celulares. Agora, conversavam entre si, ocasionalmente dizendo amenidades entediadas aos viajantes que os assediavam em busca de informações. Sem dúvida as pessoas que brandiam os iPhones esperavam vender as imagens a uma rede de TV caso o navio de fato "desse uma de *Titanic*". Algo improvável. Se *O Belo Sonhador* fosse afundar, sem dúvida isso já teria acontecido.

Quando o navio havia parado estremecendo e as luzes se apagaram, ela e Elise estavam no salão de jantar decidindo sobre o primeiro prato. Houvera alguns segundos de silêncio atônito, um único grito agudo e, então, num estardalhaço de talheres largados e vozes exaltadas, as outras pessoas que jantavam correram – quase ao mesmo tempo – para as saídas. As duas permaneceram sentadas e terminaram com calma suas taças de champanhe obscenamente caras enquanto os outros passageiros passavam perto de sua mesa, empurrando para fora do caminho os funcionários igualmente perplexos. Poucas pessoas pareciam ouvir os pedidos do diretor para voltar às cabines; a maioria correu direto ao convés Balneário, onde ficavam os botes salva-vidas. Mas agora, duas horas desde que tinham recebido instruções para ir aos pontos de encontro, o pânico inicial havia se transformado em tédio e irritação.

– Horas? – perguntou Elise.

– Onze e dez.

– Tão tarde assim, é?

As duas compartilharam um suspiro.

– Não podemos fazer aquilo agora que o navio parou de se

mover – disse Helen, declarando o óbvio. – Eles resgatariam a gente.

– Você acha que iriam se incomodar?

– Se alguém visse, é provável.

No primeiro dia do cruzeiro, elas haviam decidido onde fazer: no convés Tranquilidade, na popa do navio. A festa principal estava programada para acontecer no convés Balneário, e as duas tinham concordado que ninguém notaria duas velhas passando por cima da amurada à meia-noite. Só que, pelo jeito, não haveria festa, afinal de contas.

– Sempre há os comprimidos para dormir – comentou Elise.

– É arriscado demais.

Mas não era só isso. Helen estava determinada a executar tudo de acordo com os planos. Uma sepultura aquática. Pesquisara e sabia que o afogamento não era indolor – longe disso –, mas os comprimidos para dormir ajudariam. Isso significava que ninguém precisaria lidar com a lembrança de encontrar os corpos. Se fizessem do modo certo, simplesmente desapareceriam sem deixar traços.

– Bom, só acaba quando termina – disse Elise.

Helen fechou os olhos e tentou abafar o ruído de fundo. Agora que o plano fora atrapalhado, precisava se orientar. Presumira que, à medida que as horas passassem, a gravidade do que estavam tramando acabaria ficando evidente. Não ficou. Tinha consciência de que acabar com a própria vida era uma atitude anormal do ponto de vista psicológico, e ainda assim sentia um traço da euforia – não exatamente alegria, mas algo próximo – que a invadira desde que havia tomado a decisão, cinco meses antes.

Fora Elise que planejara fazer tudo num cruzeiro. Helen nunca estivera em um e se sentiu atraída pela ideia de passar os últimos dias numa embarcação de luxo com lençóis de algodão egípcio e refeições de cinco estrelas. Seria sua versão de Blanche DuBois, que ansiava por morrer depois de comer uvas contaminadas, segurando a mão de um belo médico de navio. Mas não seria assim. Elise reservara passagens num cruzeiro da Foveros – tinha lembranças felizes de uma viagem pela companhia nos anos 1980 – e, para alguém tão pouco afeita à internet quanto a amiga, o enorme

número de críticas com apenas uma estrela dadas ao *Belo Sonhador* no site CandidCruisers.com passara despercebido. Helen ficara pasma ao ler algumas delas, como a de um passageiro que havia descoberto urina vazando da torneira da banheira. Mas pensou: o que importava? Até que ponto poderia ser ruim?

Ruim, mas não medonho. E, para ser justa, os primeiros três dias do cruzeiro foram menos odiosos do que ela esperava, ainda que tivesse passado algumas horas sombrias quando pararam na ilha particular da Foveros no segundo dia.

– Não é linda? – dissera um casal, suspirando, sentado à frente delas enquanto os barcos os levavam ao porto.

Helen, porém, via apenas uma bagunça de mau gosto, uma ilha que já fora linda agora cancerosa, com lojas vendendo bugigangas produzidas em massa. Dois outros navios da Foveros estavam atracados perto do *Belo Sonhador* e Helen ficou pasma com o número de pessoas que afluíam das profundezas das embarcações e iam para as free-shops. Ela e Elise haviam encontrado um local com sombra perto do bar decorado com tema de piratas e, apesar de ter feito cara de corajosa, ficou apática o dia inteiro. De volta a bordo, mais do que nunca tinha consciência das pessoas ao redor enchendo a pança com comida vagabunda, engolindo drinques iridescentes e deixando refeições pela metade nas mesas, para outras pessoas limparem.

Então, no palco elevado do convés Balneário, vira uma mulher dançando sozinha, cantarolando, desinibida, uma música pop. Uma amiga havia trazido um prato de comida para a moça, que continuou a dançar, despreocupadamente enfiando batatas fritas na boca sem perder o passo. Helen e Elise se entreolharam e explodiram numa gargalhada. Ela ainda não sabia por que a cena a tirara da crise existencial, mas de repente não estava mais tão desesperada. Não queria morrer sentindo-se assim. Era uma contradição, mas não desejava ser apenas mais uma velha triste que comprara passagem num cruzeiro barato para se matar.

É, aquele fora o único momento em que ela podia dizer honestamente que se sentira para baixo. Havia adorado a ida a Cozumel no dia anterior. Tinham alugado um jipe velho numa

locadora de veículos vagabunda e as duas passearam pela ilha, parando num trecho de praia deserta, onde andaram pela areia molhada, em meio às ondinhas. Depois de duas margaritas para cada uma no Fat Tuesday, passaram dando risinhos pela free-shop obrigatória que levava ao navio, provocando-se para ver quem encontrava a curiosidade mais medonha. Após o jantar, haviam se divertido na galeria, tirando fotos. Era possível posar com uma dançarina cheia de frutas na cabeça ou na frente de um piano de cauda. As duas achavam ótimo que aquelas fotos ridículas fossem a última evidência de sua vida, prova de que estavam felizes até o fim.

Helen foi arrancada dos pensamentos pelo berro do sistema de som:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. Gostaríamos de agradecer pela sua paciência. Como devem ter percebido, ainda estamos trabalhando no problema técnico, mas ele deve ser resolvido em breve. O capitão decidiu que o serviço de bar será retomado enquanto fazemos a contagem regressiva para...

A voz de Damien foi abafada por gritos de comemoração capazes de furar os tímpanos e a área se esvaziou com o estouro da boiada na direção do bar.

– Quer alguma coisa? – perguntou a Elise.

– Não, obrigada. – A amiga bocejou. – Opa, estou ficando com sono. É a última coisa que imaginei que sentiria esta noite.

Helen olhou o relógio de novo. Onze e meia. Tinha certeza de que ainda haveria gente demais circulando pelo convés Tranquilidade para correrem o risco, e de qualquer modo não poderiam fazer nada antes de tomar os comprimidos para dormir e esperar meia hora para fazer efeito. O Zopiclone ainda estava na cabine, pois Elise tinha se esquecido de colocar o frasco na bolsa quando receberam instruções de irem para o ponto de encontro.

O anjo de costas peludas voltou ao grupo dele, carregando três baldes de cerveja como se fossem troféus, seguido de perto por uma mulher, com uma fina túnica vermelha, que trazia uma bandeja cheia de copos com líquido roxo. O Costas Peludas tomou dois *shots* de uma vez, agarrou a mulher e começou a falar baboseiras. Ela deu risadinhas e se comprimiu contra o homem. Ele grudou a boca na

dela e passou a mão por dentro da túnica, revelando um trecho de coxas bronzeadas e uma tatuagem borrada que se parecia com o Hortelino Troca-Letras.

– Algum dia você já sonhou em se comportar assim em público?  
– perguntou Elise com desprezo.

Agora os amigos do Costas Peludas o instigavam e a visão das investidas de sua língua grossa estava deixando Helen um pouco enjoada.

– Vamos voltar à cabine para decidir o que faremos.

– Eles ainda não disseram que podemos ir – retrucou Elise.

– Desde quando precisamos seguir as regras?

Elise gargalhou.

– Você está certíssima. Vamos. Pelo menos podemos tomar uma bebida. E não me importo em dizer: seria bom ir ao banheiro.

Helen se levantou, contraindo-se quando a dor desceu por suas pernas como agulhas. Circulação ruim. Fazia anos que sofria disso, mas esperava que não por muito mais tempo. Estendeu a mão para ajudar Elise a ficar de pé.

– Obrigada – bufou Elise.

Seu peso era o único assunto que costumavam evitar, a preocupação principal de Helen com relação ao plano. Não tinha certeza de como Elise iria passar por cima da amurada quando chegasse a hora.

– Olhe – disse Elise, cutucando-a.

Uma mulher magra, de cabelo escuro, atravessava a multidão, indo na direção dos tripulantes.

– Não é a mulher que estava com a paranormal antes? Celine não sei das quantas.

– Celine del Ray.

O nome mais falso que Helen já ouvira. As duas tinham visto as fotos retocadas da médium por todo o navio, promovendo seus eventos “Somente para Amigos”. E Celine fora de uma grosseira tremenda quando as duas a encontraram no corredor, indo para o salão de jantar.

Helen tentou entreouvir a conversa, mas as palavras da mulher eram abafadas pelos gritos das pessoas cada vez mais bêbadas ao

redor. O tripulante filipino de quem ela havia se aproximado tirou o rádio da cintura e falou algo. Franziu a testa, bateu no aparelho e balançou a cabeça, como se pedisse desculpas. Depois de uma troca de palavras acalorada, a assistente jogou as mãos para o alto e examinou a multidão, por fim fixando os olhos em Helen.

– Opa – murmurou a senhora para Elise. – Parece que ela vem para cá.

De fato, foi o que a mulher fez e as cumprimentou com um sorrisinho tenso.

– Desculpe incomodá-las, mas acho que já me encontrei com as senhoras. Estão no mesmo convés da minha chefe, certo?

Um traço de sotaque, da região central da Inglaterra, talvez, corrompido com uma ou outra vogal americana.

– Ah, sim – disse Elise. – A vidente.

– Na verdade, ela é médium.

– Há alguma diferença?

– Claro – interveio Helen. – Os médiuns falam com os mortos, os videntes enxergam o futuro.

A mulher deu outro sorriso tenso para Helen.

– É.

Ela soprou uma mecha de cabelo que caía sobre a testa. Helen podia ver cada músculo dos antebraços da assistente: ela era magra demais, beirando a anorexia, e também elétrica.

– Escutem... sei que Celine foi grosseira com as senhoras e peço desculpas. Às vezes ela fica assim. Só que... ela está passando mal.

– Sinto muito, querida – lamentou Elise.

– Eu estava imaginando... Olha, preciso fazer com que o médico venha vê-la. Mandaram um enfermeiro, mas ele só ficou cinco minutos e ainda estou preocupada. Será que vocês se importariam em ficar sentadas com ela enquanto vou procurar o médico?

– O que ela tem? – perguntou Helen.

– Não sei direito. Está diferente, falando coisas muito esquisitas. Já estou esperando há mais de três horas. Se ela teve um derrame ou algo assim, não quero deixá-la sozinha.

– Eu poderia chamar o médico para você – afirmou Helen.

– Acho que seria melhor se eu fosse. Não vou demorar, prometo.

Helen e Elise se entreolharam.

– Não estamos fazendo nada mesmo, não é?

– Agora, não – respondeu Elise.

O rosto da mulher relaxou.

– Agradeço de verdade. Meu nome é Maddie, aliás.

– Sou Helen. E esta é Elise.

Acompanharam a assistente pelo convés, desceram a rampa para o convés Varandas e passaram pela porta de vidro sujo que levava à escada e aos elevadores.

– Tem certeza de que quer fazer isso, Helen? – murmurou Elise, já sem fôlego.

A amiga lhe deu o braço.

– Talvez possamos pedir a Celine para dizer como vai ser nosso futuro.

Elise deu um risinho e Maddie, que estava caminhando depressa à frente, virou-se para olhá-las.

– Não ligue para nós, querida – disse Elise.

Maddie seguiu rapidamente pelo corredor VIP, destrancou uma cabine duas portas depois da delas e as chamou para dentro. O lugar cheirava igual a uma cervejaria, mas, fora isso, a suíte era uma cópia da que elas ocupavam – até o esquema de cor com base no turquesa e as aquarelas genéricas com temática de anjos. Celine estava sentada na cadeira de rodas perto da televisão, a cabeça inclinada para trás, a boca um pouco aberta. Mas Helen não deixou de notar que os olhos com pálpebras baixas acompanhavam as duas pelo cômodo.

Maddie tocou a mão da chefe.

– Celine, esta é Helen e esta é Elise. Vão ficar com você enquanto vou procurar o médico, está bem?

A médium grunhiu. Para Helen, ela parecia mais com uma esteticista idosa do que com uma paranormal. Uma torre de cabelo descolorido, garras vermelho-sangue e uma pele que denunciava décadas de plásticas e peeling.

– Você sabe aonde ir? – perguntou Elise a Maddie.

– Sei. Tenho a planta do convés. Agradeço de verdade o que vocês estão fazendo. – Com um último olhar agradecido, correu para

a porta. – Vou ser o mais rápida possível.

Elise se sentou na cama e articulou a pergunta: “E agora?”

Helen se aproximou da cadeira de rodas da médium.

– Olá, Celine. Como está se sentindo?

O olhar da Sra. Del Ray se afastou de Helen e ela moveu a boca como se estivesse mastigando alguma coisa.

– Acha que ela pode ter tido um derrame? – perguntou Helen.

A amiga deu de ombros e fez mímica de derramar o conteúdo de uma garrafa num copo e beber.

Helen segurou o pulso de Celine e sentiu as batidas, que eram fortes e firmes. De perto podia ver a grossa maquiagem que cobria as rugas finas das suas bochechas, as dobras de pele farinhenta sob o queixo, as mãos e o pescoço revelando a idade verdadeira, como sempre. Um trecho de um poema que ela sempre havia odiado surgiu em sua cabeça: *Ah, mulher branca e gorda que ninguém ama...*

A médium levantou a cabeça, umedeceu os lábios e olhou diretamente para ela.

– Celine? Está me ouvindo?

Helen teve certeza de que captou um clarão de algo nos olhos azuis aquosos da mulher.

– Você acha que eu posso usar o banheiro, Helen? – perguntou Elise.

– Claro.

Helen sorriu. Elise era uma daquelas pessoas que sempre anunciavam quando precisavam ir ao banheiro. A amiga achava isso mais bonitinho do que irritante.

– Helen? – chamou Elise, hesitando diante da porta do banheiro.

– Helen, acho que tem alguém aí dentro.

– Não pode ser.

Elise bateu à porta.

– Olá? – Em seguida, encostou o ouvido, depois sinalizou para Elise se juntar a ela. – Escute.

Elise estava certa. Vinha um som fraco lá de dentro, uma voz feminina, cantarolando um jazz. Al Jolson, algo do tipo. Helen conteve a tristeza antes que ela se alastrasse: Graham seria capaz

de identificar a música. Bateu à porta.

– Olá? Tem alguém aí dentro? – A música parou abruptamente. – Talvez seja na cabine ao lado.

– Você acha?

– O que mais poderia ser? Aqui, experimente a maçaneta.

– De jeito nenhum – disse Elise. – Experimente você.

Helen hesitou, depois abriu a porta. O cheiro de lavanda saiu do banheiro, mas ele estava vazio.

Elise estremeceu.

– Argh. Isso me deixou arrepiada.

Ela entrou e Helen voltou para perto de Celine. O ar dentro da cabine estava sufocante, então foi na direção da varanda para escancarar a porta. Prendeu a respiração quando um movimento rápido atraiu seu olhar. Havia alguém atrás dela – um homem –, dava para ver o reflexo no vidro da porta. Alto, de ombros largos, o rosto era um borrão. Lentamente, com o coração na boca, ela se virou.

O cômodo estava vazio.

Quase gritou quando a descarga do vaso foi acionada no banheiro. Elise saiu, sacudindo as mãos para secá-las.

– Helen, você está bem?

A amiga se obrigou a sorrir.

– Estou.

– Espero que Maddie seja rápida. Vou arranjar uma bebida para nós.

Enquanto Elise servia dois drinques duplos, Helen olhou de novo para a porta da varanda. Era estresse, só isso. Exaustão. A mente pregando peças.

– À nossa felicidade.

Elise piscou, entregando-lhe um copo. Helen não era muito de beber uísque, mas o engoliu, agradecida. A ardência na garganta a trouxe de volta a si mesma. As duas se sentaram na cama.

Um som de comemoração veio do convés Balneário, acima, e Elise bateu o copo no de Helen.

– Feliz ano-novo, querida.

– Feliz ano-novo.

– Feliz ano-novo, Celine – disse Elise.

A médium levantou a cabeça lentamente, então lhes deu um sorriso de quem sabia segredos, e com traços de algo que parecia malícia, pensou Helen.

– Vai ser feliz mesmo – falou ela. – Vocês vão ver.

## O ANJO DA MISERICÓRDIA

Jesse ainda não ousava respirar pelo nariz. Tinha visto (e cheirado) coisas muito piores – havia feito residência no Hospital Makiwane, porra –, mas o odor de ácido estomacal e decomposição naquele ambiente confinado estava de fato incomodando-o. Era a sua primeira morte a bordo, e bem no meio de todas as outras coisas de que precisava cuidar.

Ram, o mais antigo dos dois seguranças que esperavam do lado de fora, pigarreou.

– Quanto tempo ainda vai demorar, doutor?

– Já estou quase terminando.

Jesse odiava admitir, mas o pessoal da segurança do navio o fazia se borrar de medo, e nenhum provocava mais esse efeito do que Ram, uma espécie de lenda. Segundo Martha, a fonte de todas as fofocas do navio, o homem era um ex-gurkha, veterano do Afeganistão e uma pessoa com quem você não gostaria de mexer de jeito nenhum. Devi, o guarda que estava com ele, era mais misterioso: quase uma cabeça mais alto do que o chefe e, diferentemente dos outros seguranças, barbeado – os outros costumavam usar bigodes idênticos. Jesse não havia falado com ele antes, mas o tinha visto uma ou duas vezes no bar da tripulação.

– Consegue dizer a hora em que ela morreu?

Quem perguntou foi Devi. Seu chefe o olhou, irritado.

– Não sou patologista – respondeu Jesse, suspirando.

Ele havia medido a temperatura interna da mulher, levando em conta o ar-condicionado que devia estar no máximo quando o navio parou. O vermelho-arroxeadado da lividez era evidente nas coxas e na barriga dela, e o rigor ainda estava presente, mas ele não tinha

equipamento para fazer muita coisa além disso. Precisava ter cautela ao passar informações; não podia arriscar que isso se voltasse contra ele.

– Não diga que eu falei, mas acho que foi entre doze e vinte horas atrás.

– Ela morreu de manhã cedo? – perguntou Ram.

Jesse deu de ombros.

– *Ja*. Eu diria que sim, mas não dá para ter certeza.

– Podem ter movido o corpo?

– Duvido. Os sinais indicam que ela está aqui há um tempo. Por que o camareiro não a descobriu há horas?

Paulo, o camareiro de Jesse, arrumava a cabine dele duas vezes por dia.

– Vamos verificar isso – disse Ram. – Falaremos com a camareira da moça e com as outras do grupo dela.

– Grupo?

– Ela fazia parte de um grupo de solteiros a bordo – respondeu Devi. – Também vamos precisar de...

– A coberta que estava em cima dela – interrompeu Ram. – Ela pode ter puxado quando rolou da cama?

– Não, senhor – interveio Devi, antes que Jesse conseguisse falar. – Tirei fotos depois de verificar a situação. É óbvio que alguém quis esconder.

– Não podemos ter certeza – retrucou Ram.

Jesse notou os lábios de Devi se comprimindo, mas ele não contradisse o superior.

– Quem a encontrou? – perguntou Jesse.

Devi olhou para Ram, depois respondeu:

– Uma camareira e eu a descobrimos quando estávamos verificando se as cabines estavam desocupadas.

– Há algum sinal de interferência? – indagou Ram.

– Agressão sexual?

– É.

– A blusa está puxada para cima, mas, fora isso, as roupas permanecem intactas. Não há ferimentos óbvios. Só vamos saber quando for feita a autópsia. – Que não seria problema dele, graças a

Deus. – Ela terá que ser levada para o necrotério. Não podemos deixá-la aqui, neste calor.

Ele repassou o procedimento mentalmente, agradecido por ter estudado as diretrizes da agência. O capitão precisaria ser avisado e ele teria que instruir o departamento de engenharia para resfriar o necrotério. Se é que isso era possível, com o corte de energia. *Meu Deus.* A segurança cuidaria das autoridades em Miami e nas Bahamas, onde o navio era registrado, mas ele é que deveria informar à companhia de seguros, ao escritório central, à agência e à família da passageira, se bem que não fazia a menor ideia de como realizar isso, já que todo o sistema de comunicação por satélite e rádio estava inoperante. Tinha descoberto essa novidade em meio à tempestade de merda em que sua noite vinha se transformando rapidamente ao tentar contatar o Apoio de Terra para informar sobre as vítimas do incêndio.

Enxugou o rosto, tomado pela ansiedade. Nunca – nem mesmo quando estivera prestes a ser demitido – se sentira tão assoberbado. Não era bom em lidar com estresse. Sabia aonde isso poderia levar.

– E o senhor não pode especular qual é a causa da morte? – perguntou Devi.

– Posso especular quanto quiserem – respondeu Jesse, ganhando em troca uma expressão carrancuda de Ram. O nervosismo estava deixando-o abusado. – Pode ser que o vômito tenha obstruído as vias aéreas. É possível que isso a tenha matado.

– O senhor acha que houve uso de drogas?

– Sem um exame de sangue não poderia afirmar isso.

– Talvez um dos amigos tenha tentado escondê-la – disse Ram, encarando-o com uma intensidade inquietante. – Talvez todos estivessem bebendo juntos, talvez a moça tenha passado mal e eles ficaram preocupados imaginando que iriam se encrencar. É possível?

– Não sou detetive.

– Mas é possível que ela tenha morrido porque ingeriu álcool demais, talvez com alguma droga?

– É possível. Mas isso não esclarece quem colocou o edredom em cima...

– Obrigado, doutor – interrompeu Ram.

– Vou me certificar de que o corpo seja removido para o necrotério.

– É. É melhor fazer isso antes que os passageiros tenham autorização para voltar às cabines. Vamos isolar o local.

– Vocês precisam de mais alguma coisa?

– Por enquanto é só.

– Devo informar ao capitão?

– Isso já foi feito.

– Certo. Eu... Então vou indo.

Jesse se espremeu para passar pelos guardas. Abaixou-se, entrando pela porta de serviço, parou e bateu os punhos nas coxas. *Respire. Você consegue.* Ele não estava sozinho, precisava lembrar. Bin e Martha iriam apoiá-lo. Podia contar com eles. Os dois o haviam alertado de que os cruzeiros de ano-novo podiam ser barra-pesada, mas não esperavam nada mais sério do que problemas com álcool e as alergias alimentares de sempre – ele aprendera depressa que seu equipamento mais valioso no navio era um injetor de adrenalina.

Desceu ruidosamente os degraus em direção ao I-95, o ar ficando cada vez mais fétido à medida que seguia em frente. Dia ou noite, o corredor de serviço que atravessava toda a extensão do navio zumbia de atividade, mas naquela noite estava deserto – fora alguns garçons exaustos usando vaporizadores num nicho perto do escritório do comissário de bordo –, com as luzes de emergência irradiando sobre o piso arranhado. O chão parecia ondular sob seus pés, mas não sabia se devido aos estabilizadores não estarem funcionando (não entendia direito a mecânica do navio) ou porque estava exaurido. E havia pouca chance de folga. Bin lhe trouxera uma tigela de sopa de legumes mais cedo, porém a comida acabou congelando na sua mesa. Os dedos coçavam. *Não se deixe dominar, não ceda.* Porque ele sabia como era: *Ei, Jesse. Qual é, malandro. Só mais uma vez. Ninguém precisa saber. É para tirar a tensão, você merece.*

Não.

*Eles não vão sentir falta. Nunca vão saber.*

Não.

Obrigou-se a pensar nas vítimas do incêndio. O comissário

assistente e o mecânico que tinham inalado fumaça permaneciam estáveis, mas ele continuava preocupado com Alfonso, o engenheiro com queimaduras de segundo grau. Aplicara-lhe uma bandagem, mas o sujeito estava agitado, como se tivesse entrado em choque, o que surpreendeu Jesse. Não o conhecia bem – ele costumava confraternizar com os outros oficiais italianos –, mas o tratara de uma feia infecção do ouvido quinze dias antes, e Alfonso agira com tranquilidade, bancando o durão e fazendo piadas. E havia dois casos de vômito e diarreia – um passageiro e um camareiro. Rezou para que não fosse o princípio de uma infecção viral. Os surtos em cruzeiros sempre chegavam aos noticiários e, combinado com o incêndio, isso poderia significar o fim da pouca reputação que a Foveros ainda mantinha.

Empurrou com o ombro a porta da enfermaria, recebendo sorrisos idênticos e esgarçados de Bin e Martha, que estavam sentados de modo relaxado no sofá da sala de espera. Largou sua bolsa na mesa e Bin se levantou imediatamente para esterilizar o equipamento.

– Como eles estão? – perguntou a Martha, indicando a porta que levava ao ambulatório.

– Dormindo. Achei melhor mantê-los aqui pelo resto da noite.

– O queimado também?

– Sim. Eu dei um remédio para acalmá-lo e ele apagou.

– Ótimo.

Pelo menos era alguma coisa.

– E a moça? – perguntou Martha.

– Morta. Parece que há um bom tempo.

– Ai, não... Quanto tempo?

– Doze, dezoito horas.

Martha xingou, e até mesmo o geralmente inabalável Bin parou o que estava fazendo e sugou o ar entre os dentes.

– Ela estava na cabine? – perguntou ele.

– *Ja*. Foi encontrada ao lado da cama.

– Estranho. A camareira deveria ter descoberto há horas.

– Eu sei. É uma merda. Pode ter sido um crime.

Martha praguejou de novo.

– O que aconteceu?  
– Não sei bem. Pode ter sido uma agressão sexual que deu errado.

– Ela foi estuprada?  
– Não sei. Teremos que esperar a autópsia.  
– Coitada.

Martha lhe dissera que, no correr dos anos, ele precisaria lidar com vários casos de suspeita de estupro a bordo – havia kits para tratamento nos suprimentos –, mas, pelo que ela sabia, nenhum caso tinha resultado em condenação.

– Meu Deus... Espero ter feito tudo certo. Ram parecia ansioso para que eu dissesse que a morte foi acidental.

Martha se eriçou.

– A última coisa que eles querem é publicidade ruim.  
– Ainda não sei direito se fiz tudo o que poderia. Não sou patologista ou perito criminal.

– Não fique se censurando. – Martha deu um tapinha na mão dele. – Você está sendo *fantástico*. Vamos voltar para o porto amanhã.

– Acha mesmo? Preciso informar isso. O wi-fi já está funcionando?

– Não.

*Meu Deus.*

– Nada? E o rádio?

– Tudo fora do ar.

– O que o cara da informática disse?

– Todo mundo está abestalhado – respondeu Bin.

Abestalhado. Típica palavra dele.

– Então estamos isolados da civilização?

– Por enquanto. Mas não se preocupe – falou Martha sem parecer muito convicta. – Eles vão dar um jeito, com certeza.

– É o que espero. E a moça terá que ser levada para o necrotério.

– Vai ser divertido, sem os elevadores funcionando. – Martha suspirou. – Bin e eu podemos fazer isso. Sabemos como é.

Jesse lhe lançou um olhar agradecido.

– Mais alguma coisa que eu deva saber? Como estão os dois passageiros que reclamaram de vômito?

– Na mesma – respondeu Bin. – E fui ver a suspeita de AVC...

– A suspeita de *quê*? Por que eu não fiquei sabendo? – O enfermeiro se encolheu e Jesse levantou a mão. – Desculpe, Bin.

– Não precisa culpá-lo. A culpa é minha – interveio Martha. – Não contei porque você estava com coisas demais para resolver. É a vidente.

– Quem?

– A paranormal que veio se apresentar para um dos grupos especiais a bordo.

– E...? – perguntou ele a Bin.

– Só vi sinais de que ela estava bêbada.

– Nenhum sinal de alerta de AVC?

– Eu sei o que procurar, Jesse – retrucou Bin, sem parecer na defensiva. – Não havia flacidez no rosto nem perda de sensibilidade e as pupilas estavam normais. Ela fedia muito a álcool. Dei duas aspirinas.

– Que vão ajudar com a ressaca – completou Martha, suspirando de novo.

Jesse passou a mão no rosto.

– Que noite da porra.

– Relaxe, Jesse. Sério, você está se saindo muito bem.

– É?

– É.

– Obrigado.

Jesse não sabia o que faria sem Martha. Ela o apoiara desde o instante em que ele embarcara, mostrando pacientemente os procedimentos, o jargão, os atalhos, a cultura do navio. Bin também fora gentil, mas tendia a manter uma ligeira distância, e Jesse achava a ética profissional dele um pouco intimidante. Sabia que os dois enfermeiros tinham curiosidade sobre o motivo para um médico com uma clientela próspera ter optado por trabalhar na Foveros – o fundo do poço no ramo de cruzeiros – e, uma ou duas vezes, quase havia feito confidências a Martha. Quase pusera para fora toda a saga lamentável. Ela gostava de uma bebida; Jesse duvidava que

fosse julgá-lo. E todo mundo cometia erros, não era? Aquilo poderia ter acontecido com qualquer um. Vez ou outra, se pegava fantasiando sobre como seria se casar com alguém como ela – forte, confiável, calorosa, divertida, alguém que não julgava os outros. Mas Martha tinha um marido lá na Irlanda, dois filhos adultos e não fazia nem um pouco o seu tipo (se é que ele ao menos tinha um tipo ultimamente). Vivia encorajando-o a se envolver com uma das dançarinas inglesas ou com as esculturais funcionárias do Leste Europeu. Jesse achava que ela tivera um ou três casos no correr dos anos – afinal de contas, os relacionamentos casuais eram uma das vantagens da vida num navio.

Mas sexo era a última coisa que passava por sua mente. Ele só se importava em manter o nariz limpo. *Um passo de cada vez.*

– É melhor começar a cuidar da papelada.

A porta se abriu e uma mulher alta e magra, com uma vasta cabeleira preta, entrou. Ela apontou um dedo para Jesse.

– Você é o médico? – Antes que ele pudesse responder, ela prosseguiu: – Não dá a mínima para os seus passageiros? Estou esperando você ir olhar minha chefe há duas horas!

Sem saber o que fazer, Jesse deu um passo para trás.

– Eu...

– A suspeita de AVC, doutor – explicou Bin.

– Calma – interveio Martha, postando-se entre Jesse e a mulher.

– O médico irá assim que puder.

– Assim que puder? Está brincando comigo?

Seria uma grande *kak* se Bin estivesse errado com relação à paciente. Eles não estavam prontos para lidar com um AVC – uma solicitação de apoio externo em geral era mandada, no caso de algo tão sério –, mas não iria compartilhar essa informação.

– Vou agora.

– Ok... Está bem – respondeu a mulher, afastando o cabelo do rosto.

Era mais marcante do que bonita; com uma aparência não muito diferente de Farouka. *Não comece.*

Virou-se para os enfermeiros.

– Vocês podem cuidar dos outros casos?

Bin assentiu.

– Pode me dar informações sobre a paciente, senhora...?

– Maddie. Meu nome é Maddie. – Ela olhou irritada para Bin. – Esse enfermeiro tem todas as informações.

Martha articulou “desculpe” para ele enquanto Jesse pegava sua maleta e acompanhava Maddie para fora do centro médico. Ela foi à frente e subiu depressa a escada, obrigando-o a correr para acompanhá-la. Jesse achava que precisava usar a academia do navio, mas ainda não se dera o trabalho de ir lá. Agora que havia parado com a dieta de meperidina, estava começando a engordar; podia sentir o cóis de sua ridícula calça branca apertando a pança. *Se ao menos Farouka pudesse me ver agora! Voltaria num instante.* Imaginou o que ela estaria fazendo naquela noite. Morrendo de rir em Kalk Bay, talvez. Uma festa com amigos. Amigos dela, que antes eram amigos dos dois.

Um som distante de comemoração ecoou pelo navio.

– Feliz ano-novo – murmurou.

Maddie parou no topo do terceiro lance de escada e olhou por cima do ombro.

– É mesmo?

Esperou que ele a alcançasse bufando.

– Na verdade, não. Tem sido uma noite infernal. Quantos anos tem a paciente?

– Celine conta a todo mundo que tem 65, mas o passaporte diz que é dez anos mais velha.

Ela lhe lançou um sorriso fugaz.

– E tem histórico de doença? Derrames, ataque cardíaco, alguma coisa assim?

– Não. Ela tem problemas no quadril, por isso costuma usar cadeira de rodas para se locomover. Consegue andar, mas não muito.

– Bebe, fuma?

– Ela gosta de beber.

Maddie subiu rapidamente o lance seguinte e Jesse a acompanhou pelo corredor em direção a uma suíte VIP. Ela destrancou a porta e sinalizou impaciente para ele entrar.

O médico foi recebido por duas mulheres idosas (o Gordo e o Magro de saias, pensou sem piedade), que estavam sentadas na beira da cama, segurando copos de uísque vazios. Outra mulher – sem dúvida a paciente – estava numa cadeira de rodas perto da televisão, de olhos fechados.

– Ela está bem? – perguntou Maddie, ansiosa, às mulheres.

– Parece bem – respondeu a magra com um sotaque britânico típico.

Jesse supôs que ela tivesse uns 70 anos, a pele bronzeada por uma vida ao ar livre.

– Estava meio grogue quando você saiu, mas agora está falando – continuou a mulher.

– Nossa, e como está falando – disse a gorda, americana, mais ou menos da mesma idade, com olhos gentis e rosto vermelho por causa da hipertensão. – Está falando umas coisas bem esquisitas.

– Como o quê?

– Para começar, falou que não tinha certeza se daria certo.

– O que daria certo?

– A coisa. Foi só isso que ela disse.

– Celine? – chamou Maddie. – O médico está aqui.

– Olá, Celine – cumprimentou Jesse. – Vou examinar você, garantir que tudo esteja muito bem.

A médium emitiu um som entre um grunhido e uma gargalhada. Ele pegou sua lanterna em miniatura e examinou as íris. Ambas normais. Em seguida, enfiou a mão na bolsa para pegar o medidor de pressão e o colocou na parte de cima do braço dela.

– Vou verificar sua pressão, Celine.

– Não precisa falar como se eu fosse retardada, doutor.

– Celine, você está falando! – ofegou Maddie.

A Sra. Del Ray deu um risinho.

– Por que não estaria?

– Você esteve... fora do ar por um tempo. Fiquei preocupada.

– Não precisa se preocupar. – Ela balançou os dedos para as duas idosas. – Estive batendo um papo com minhas novas amigas, não é? Só nós, as meninas, nos conhecendo.

– Alguma dor de cabeça, fraqueza ou entorpecimento nos

membros, Celine? – perguntou Jesse.

– Não. Tudo perfeito, doutor.

Ele bombeou o medidor de pressão.

– Só vou fazer algumas perguntas, certo? Vamos começar com uma fácil: qual é seu nome completo?

Ela abriu um sorriso amplo, arreganhado.

– Celine del Ray, médium das estrelas. Qual é o seu nome?

– Dr. Zimri.

– Zimri. Incomum. Veio de Israel, certo? E seu primeiro nome, doutor?

– Jesse.

– Jesse. Como o fora da lei?

– *Ja*. Meu pai adorava faroestes.

– Dá para ver.

Ela certamente parecia bem.

– Pode dizer que dia é hoje, Celine?

– Depende do fuso horário em que você está, doutor.

– Quem é o presidente dos Estados Unidos?

– Por que todas essas perguntas? – Celine pressionou os dedos na testa. – Espere... estou captando... Alguém está vindo do outro lado. Quem é a jovem na sua vida que fez a travessia, doutor? Há uma tristeza nela. Algum tipo de traição. E dor. Dor física.

Jesse piscou e sentiu um hálito gelado fazendo cócegas em sua nuca.

– Não sei bem o que...

– Ela é médium – explicou Maddie.

– Eu vejo gente morta – completou Celine com uma piscadela exagerada. – Só que, como sempre digo, não existe morte. Não é, Maddie?

Jesse pigarreou.

– Alguma dor na cabeça ou no pescoço, Celine?

Ela soltou uma risada.

– Sem dor não há ganho. Sabe, doutor, eu sempre quis morrer segurando a mão de um belo médico de navio, depois de comer uma uva contaminada.

A inglesa ficou boquiaberta.

– Isso significa alguma coisa para a senhora? – perguntou Jesse a ela.

– É uma citação. Blanche DuBois. De *Um bonde chamado desejo*.

– Helen sabe um monte de merdas, não é? – bradou Celine numa voz de negro velho do interior que fez todos se encolherem. – Ah, ela sabe, sim!

– Celine! – Maddie olhou para Jesse com um ar de desculpa.

– Acho que é hora de sairmos – disse Helen.

As duas se levantaram. Maddie, que ainda encarava a chefe com uma mistura de exasperação e alívio, levantou-se para acompanhá-las até a saída.

– Obrigada por tudo.

– De nada, Maddie – respondeu Helen com certa rigidez. – Boa noite, Celine.

Quando as mulheres saíram, Jesse ouviu Celine murmurar. Pareceu algo absurdo como “Não durmam mal, não fiquem só no sexo oral”. Ela piscou de novo para ele.

– Estou saudável, doutor?

– Por enquanto. Volto amanhã.

– Maravilha. Mal posso esperar. – Celine gesticulou para Maddie.

– Pode pegar meu pente no banheiro, Madeleine?

– Claro.

Jesse pôs o medidor de pressão de volta na maleta.

– Acho que é só isso. Avise se...

A mão de Celine saltou e agarrou o pulso dele. Ela o puxou com uma força surpreendente.

– Você tem sido um garoto malvado, não é? É hora de consertar as coisas. Você vai ser testado de novo, doutor. Todos vão ser. A questão é: vocês vão passar no teste ou não?

## O GUARDIÃO DE SEGREDOS

A moça continuou a soluçar, a maquiagem escorrendo pelas bochechas em riscas lamacentas. Puxou o cabelo, tentando soltar os chifres de diabo presos na cabeça.

– Como isso aconteceu? Foi acidente? Ela caiu quando o navio parou ou algo assim?

– Não foi acidente, Srta. Williams – respondeu Devi, olhando para Ram em busca de aprovação.

Seu superior o havia instruído a revelar o mínimo possível dos fatos sobre a morte da mulher.

– Ai, meu Deus. Ah, não. Ela não se matou, certo? Ela *se matou*?

– Há algum motivo para essa conclusão, Srta. Williams?

– Emma. Meu nome é Emma. Não... Meu Deus. Mas ela fez isso?

– Não.

– Então o que foi? Foi... Ai, meu Deus... Ela foi assassinada? Que *porra* é essa?

– Ninguém disse que foi assassinato, Srta. Williams – interveio Ram. – É mais provável que a morte tenha sido acidental.

– Como assim?

– É possível que ela tenha bebido demais.

– O quê? O senhor quer dizer que ela morreu por intoxicação alcoólica?

– Não podemos ter certeza até que haja mais investigações.

– Meu Deus. Kelly. Coitada da Kelly. Ela era tão... Nunca conheci ninguém que tenha morrido. A não ser minha babá, mas ela era muito velha. Então... quando a gente voltar a Miami, vou ter que falar com a polícia? O FBI, coisa e tal?

Ram suspirou.

– Por enquanto não sabemos.

Ela ajeitou as alças do delicado vestido vermelho e umedeceu os lábios, esquecendo-se das lágrimas. Agora Devi podia perceber empolgação nos olhos de Emma e, a julgar pela expressão de nojo no rosto de Ram, ele também. Era óbvio que aquela mulher não sabia de nada. Depois que a identificara como a pessoa mais próxima da passageira falecida, Ram mandara Devi encontrá-la. Ele a localizou no convés Tranquilidade, empoleirada na borda de uma banheira de hidromassagem, o braço em volta de um homem sem camisa, os dois bebendo direto do gargalo de uma garrafa de suco – um dos métodos favoritos para contrabandear álcool a bordo.

Devi se espreguiçou disfarçadamente e esfregou os olhos, que ardiavam devido à falta de sono. Estava de serviço havia mais de vinte horas e só tinha conseguido comer um sanduíche e tomar um refrigerante desde a hora do almoço. Ram, como sempre, não demonstrava qualquer sinal de fadiga, apesar de já ter passado do seu segundo turno. Os dois já haviam falado com Trining Aquido, a camareira que cuidava da cabine da moça, mas ela não ajudara muito. Disse que passara mal no meio da manhã, o que explicava por que o corpo só fora encontrado tão tarde. Também insistira que Althea Trazona havia prometido substituí-la, mas segundo a supervisora das duas, ela negara. Qualquer que fosse a verdade, Devi tinha certeza de que a segunda camareira queria esconder algo. Estava convencido de que o choque no rosto dela ao descobrir o corpo era genuíno, por isso duvidava que estivesse encobrindo alguém. Mas, de todas as cabines do convés, era muita coincidência que ela optasse por verificar justo aquela. Por enquanto – ainda que não estivesse certo do motivo –, guardava isso para si mesmo, até conseguir uma chance de falar com Trazona outra vez.

Houve uma batida à porta e Ashgar, que deveria estar monitorando as câmeras de segurança, enfiou a cabeça para dentro do quarto e sinalizou para Ram.

– Posso falar com você, *sahib*?

Pela porta entreaberta, Devi percebeu Rogelio encostado na parede do corredor e os dois se entreolharam brevemente. Como auxiliar direto de Damien, o outro facilitava a maior parte das

atividades dos grupos de solteiros e Ram devia tê-lo chamado para ser interrogado enquanto Devi procurava a garota pelo navio.

Ram se levantou e sinalizou para o subordinado continuar.

– Quando viu Kelly Lewis pela última vez, Srta. Williams? – perguntou Devi, relaxando um pouco agora que Ram estava fora do cômodo.

– Ahn... ontem à noite. Quer dizer, anteontem.

– Por que não informou antes o desaparecimento dela?

Emma cruzou os braços, na defensiva.

– Eu não notei, está bem?

– Por quê? Vocês não eram amigas viajando juntas?

– É. Mas a gente não era, tipo, melhores amigas nem nada. Ela só veio comigo porque Zoe desistiu no último minuto. Kelly trabalha... trabalhava no nosso salão, na recepção, e quando Zoe desistiu, ela disse que viria no lugar.

– E vocês duas faziam parte do grupo de solteiros?

Ela fungou e limpou o nariz com as costas da mão.

– É.

– Onde você a viu pela última vez?

– No Lounge Sandman. Um grupo decidiu ir para lá depois de voltarmos de Cozumel. Kelly não estava muito a fim, mas acabou acompanhando a gente.

– Ela estava bebendo?

– Todo mundo estava, certo? Mas não tanto assim. Só uns drinques, coisa e tal.

– Ela não tinha colega de cabine?

– Não. Ela quis uma cabine particular, se bem que Zoe e eu tínhamos planejado dividir. Kelly pagou taxa extra e tudo o mais. Estou dividindo com outra garota do grupo, Donna. Ela é americana.

– Kelly estava gostando do cruzeiro?

– Acho que sim. Não sei. Ela estava superempolgada com a viagem, nunca tinha ido aos Estados Unidos, mas assim que a gente chegou ao navio, não pareceu tão animada. Disse que ficou meio enjoada algumas vezes. Nem sempre participava. Só pensei... A mãe dela sabe? Ela vivia falando da mãe.

Devi hesitou.

– A família será informada assim que possível.

Não fazia sentido espalhar a notícia de que o sistema de satélite não estava funcionando.

– Meu Deus. Eles vão ficar péssimos. O senhor acha que vão me culpar? Porque, tipo... ela só veio por minha causa.

– Alguém demonstrou alguma atenção especial a ela durante o cruzeiro?

– A Kelly? Não. Houve um cara de quem ela gostou no encontro rápido, mas ela não ficou com ninguém. – A jovem o encarou e fungou de novo. – Espere aí... por que o senhor está perguntando isso? Achei que o senhor tinha dito que ela morreu porque bebeu demais.

Devi manteve o rosto inexpressivo.

– Estou só querendo saber mais sobre ela.

– Ah. O que está acontecendo com o navio? Estão consertando ou o quê? Porque, tipo, eu tenho um voo amanhã. Até lá a gente já voltou?

– Os engenheiros estão trabalhando para resolver o problema – respondeu Devi de modo automático, mas só sabia que o incêndio havia danificado os cabos que iam do motor aos geradores.

*O Belo Sonhador* era um dos navios mais antigos, mas, ainda assim, isso não deveria ter acontecido, já que existia um sistema de reserva. Madan, seu colega de cabine, fazia parte da equipe de incêndio; ele certamente teria mais informações.

– Onde ela está agora? – perguntou Emma.

– Como assim?

– Kelly. Onde ela está?

Ram voltou, poupando-o de ter que responder.

– Devi, por favor, venha aqui fora. Preciso falar com você.

A moça se esparramou na cadeira enquanto Devi se juntava a Ram no corredor. Rogelio já tinha ido embora – Devi não sabia se ficava aliviado ou desapontado.

– Sim, senhor?

– O capitão pediu uma reunião de emergência de todos os chefes de departamento. Posso confiar em você nessa situação? Precisamos mostrar que seguimos todos os procedimentos.

– Sim, senhor. Devo falar com os outros solteiros do grupo agora?

– Podemos fazer isso amanhã, se for preciso.

Ram deixou a insinuação no ar. O navio deveria atracar às oito da manhã, dali a seis horas. Eles iam se atrasar de qualquer forma, logo haveria passageiros mal-humorados e serviço extra para todos os seguranças. Numa situação normal, o papel deles seria isolar o local do incidente e recolher depoimentos de qualquer possível testemunha; o resto seria deixado com as agências externas ao navio.

– O satélite já está funcionando, senhor?

Ram passou a mão sobre os olhos, pela primeira vez demonstrando sinais de exaustão.

– Não. Ainda não há acesso à internet nem comunicação por rádio.

– Como assim?

Ram deu de ombros.

– Eles mandaram sinais de emergência, portanto de manhã devemos receber apoio externo, se for necessário. Por enquanto, peço que você cuide dessa situação.

– Senhor, acho que seria melhor eu verificar as imagens das câmeras de segurança desta manhã. É possível identificarmos quem esteve na cabine dela.

– Você não está numa delegacia, Devi – disse Ram, baixinho.

Devi lutou para manter a expressão impassível. Frequentemente havia quanto Ram sabia sobre seu passado. O chefe nunca indagara por que um subinspetor com uma carreira promissora optara por trabalhar num navio, e às vezes Devi imaginava o que diria se a questão viesse à tona. Afinal de contas, era muito qualificado para o cargo. Todos os outros guardas eram treinados apenas para o serviço de segurança. Ashgar, por exemplo, tinha trabalhado em hotel; os outros haviam usado seus contatos para obter recomendações.

– É preciso que vejam que fizemos todo o possível – continuou Ram. – Mas não vou ficar satisfeito se começarem a correr boatos pelo navio de que há um predador a bordo. Estou contando com sua

discrição. – Ram fez uma pausa e olhou direto nos olhos de Devi. – Você, mais do que ninguém, tem prática nisso.

Devi tentou umedecer os lábios, mas sua boca estava seca.

– Entendido, senhor.

– Ótimo. Por favor, acompanhe a passageira de volta à cabine dela.

Ram se afastou, dando a Devi um minuto para respirar. *Você, mais do que ninguém, tem prática nisso.* Será que Ram estava insinuando que, como ex-membro da polícia notoriamente corrupta de Maharashtra, Devi teria prática em ficar quieto? Era a única explicação, já que ele havia tomado todas as precauções possíveis. Nem mesmo Madan sabia de sua ligação com Rogelio.

Devi retornou ao escritório da segurança e informou à jovem que ela podia voltar à cabine. Os dois se mantiveram em silêncio enquanto seguiam pelos corredores de serviço até sair ao convés principal no quinto andar. Sem o ar-condicionado funcionando, a atmosfera era pesada, mas isso não o incomodava – ele desprezava o frio artificial que soprava dos dutos. Era um dos motivos pelos quais não se importava em trabalhar na área de desembarque nos dias passados em portos. O trabalho era tão monótono que chegava a enlouquecer, mas o ar puro fazia com que valesse a pena.

A colega de cabine da Srta. Williams apareceu no instante em que a porta foi aberta.

– O que está acontecendo?

– É a Kelly – uivou Emma. – Ela *morreu*.

Devi as deixou sozinhas. Era inútil dizer para não espalharem a notícia.

Voltou pelo mesmo caminho, enfiou-se no corredor de serviço e foi para os escritórios de vigilância em vez de seguir para sua cabine. Ram não lhe proibira de olhar as imagens do circuito fechado e, como os monitores e as câmeras de captura de movimento eram ligadas diretamente aos sistemas de backup, eles ainda estariam funcionando com a energia de emergência.

A sala de segurança fedia a suor e mau hálito. Ashgar estava cochilando, a cabeça tombada no peito. Nas telas, passageiros ainda andavam pelo convés Balneário – um grupo sentado perto do palco,

outros balançando os pés na piscina. Um casal se agarrava numa banheira de hidromassagem no convés Tranquilidade, que devia ter sido fechado há mais de uma hora. Alguém devia pedir que saíssem daquela área, mas isso podia esperar. Puxou uma cadeira para perto de Ashgar e sentou-se. Seu cansaço de antes tinha passado e Devi sentia uma energia estranha, como costumava acontecer antes que sua mente ficasse enferrujada pela rotina a bordo. Era raro haver alguma empolgação nos cruzeiros mais curtos: apenas uma ou outra briga alimentada pela bebida ou pequenos incidentes com álcool ou drogas contrabandeadas, sobretudo maconha.

O médico dissera que a moça estava morta entre doze e dezoito horas. Isso significava que ele precisaria pegar as imagens registradas entre duas e seis da manhã. Por sorte, as câmeras nos convés dos passageiros eram sensíveis a movimento, o que iria poupá-lo de avançar por horas de tempo ocioso. Digitou o comando e se acomodou para rever a ação.

3h01: Um casal afro-americano passou cambaleante pelo corredor, rindo. A mulher deu um tapinha brincalhão no homem, que a apertou contra a parede do corredor. Os dois compartilharam um beijo apaixonado e, em seguida, ele a acompanhou até uma cabine ali perto.

3h32: Um garçom saiu pela porta de serviço que levava ao elevador dos funcionários, equilibrando uma bandeja cheia de potes com tampas plásticas. Bateu numa porta na metade do corredor, que foi aberta por um homem branco usando uma toalha, e desapareceu dentro. O garçom voltou dois minutos mais tarde, fez um gesto obsceno para a porta da cabine e desapareceu no elevador de serviço.

4h17: Uma mulher com o tipo físico e a cor de cabelo de Kelly Lewis virou a esquina vindo da direção da escada. Um homem com boné apareceu atrás dela trinta segundos depois. A mulher se movia com dificuldade, apoiando a mão na parede para se equilibrar.

Com suor escorrendo pelo couro cabeludo, Devi parou a imagem e deu zoom: era definitivamente a vítima. Ela deixou cair o cartão e o homem se apressou para ajudá-la. Ele abriu a porta e acompanhou-a para dentro da cabine.

4h38: O homem reapareceu, colocou o aviso de “não perturbe” na maçaneta e voltou correndo para a escada.

Então agora ele sabia com certeza que ela fora atacada. Devi fez menção de verificar as imagens do Lounge Sandman, sem dúvida o lugar onde o homem tinha encontrado sua presa. Repassou a gravação, esperando que o programa de reconhecimento facial identificasse o agressor de Kelly. Mas não havia pontos suficientes para o computador analisar. O rosto do homem estava escondido pelo boné e ele mantivera a cabeça baixa. Devi precisaria verificar quem, do grupo de solteiros, se parecia com a descrição do homem: branco, corpulento, aproximadamente 1,80 metro. Rogelio saberia quem combinava com essa descrição.

E quanto ao aviso de “não perturbe”? Ele não se lembrava de tê-lo visto. Talvez a camareira que fora mandada para verificar os quartos o tivesse retirado.

*Você não está na delegacia, Devi.*

Ram estava certo. Aquilo poderia ser deixado com as autoridades americanas, mas... talvez esse fosse o seu jeito de consertar as coisas. Um modo de compensar o que havia feito – ou o que não fizera. Ainda podia ver a jovem, o corpo frouxo, olhos vazios, não muito mais velha do que sua prima Misha. A mulher que a trouxera para a delegacia estava histérica, não podia entender por que ela sangrava. Devi poderia ter lutado pela moça. *Deveria* ter lutado. Mas optou pelas sensibilidades de sua família, e não pela justiça.

*Covarde.*

Mas não poderia ajudar ninguém se deixasse sua mente cutucar o passado como um pássaro comendo um cadáver.

Houvera duas agressões sexuais em seu último cruzeiro, ambas relacionadas à tripulação. Uma garçonete havia acusado um dos

engenheiros assistentes de atacá-la no convés de carga, e um tripulante fora detido por seguir uma adolescente até um elevador e fazer sugestões indecentes. O cara tinha sido mandado de volta para a Índia no porto seguinte – procedimento-padrão para não envolver as autoridades americanas e evitar que a imprensa divulgasse a história. A família da adolescente fora recompensada e esse havia sido o fim do assunto. Mas agora era diferente. O homem que seguira Kelly sabia exatamente o que estava fazendo.

Se não fosse impedido, faria de novo.

Devi repassou a gravação mais uma vez, depois digitou a hora aproximada em que ele e Althea Trazona tinham descoberto o corpo. A camareira estava tensa quando a encontrara no corredor. Ele deveria tê-la interrogado mais detalhadamente, porém faria isso no dia seguinte.

A tela piscou, mostrando uma imagem de Althea passando pela porta de serviço alguns minutos antes de Devi encontrá-la. Ela parou com a mão no pescoço, avançou e seus lábios se moveram dizendo alguma coisa. Confusão e depois medo surgiram no rosto dela. As luzes no corredor se apagaram e a visão em infravermelho foi acionada, mostrando os olhos da camareira como horrendas esferas negras. Houve um tremor de estática, preto e cinza, e então...

Devi deu um gritinho e saltou para trás na cadeira, perturbando Ashgar, que se sacudiu e murmurou “O quê?”, mas voltou a cair no sono.

Com os dedos trêmulos, Devi voltou a gravação e se preparou para repassá-la. O que tinha visto – ou pensou ter visto – era impossível.

Mas ali estava de novo: a palma de uma mão cobrindo a lente da câmera.

**5<sup>o</sup> DIA**

---

## **Blog do Curinga**

*Afrontando ferozmente as fraudes, para que você não precise fazer isso*

### **1<sup>o</sup> de janeiro**

Feliz ano-novo.

Só que não. Pelo menos para mim.

Primeiro: peço desculpas. Sei que prometi atualizações diárias sobre meu ataque à Predadora, mas aconteceu muita coisa.

Vou começar com a principal. O navio está fodido e, oficialmente, estamos à deriva em algum lugar no golfo do México. É, você leu direito, ou vai ler quando eu conseguir postar isto. O wi-fi pifou e não há cobertura de rede. Acho que pode ser intencional para evitar que as pessoas mandem tuítes furiosos contra a Foveros, mas veremos. Os tripulantes com quem falei parecem saber tão pouco quanto nós. O navio deveria atracar em Miami daqui a cinco horas (oito da manhã), mas isso não vai acontecer, já que estamos parados. Só podemos esperar mais informações, que serão passadas por Damien, o diretor do cruzeiro, que tem o próprio canal de TV. Ele é australiano e quer que todos saibamos disso por seu sotaque carregado. Não quero pegar no pé dos australianos... Para ser justo, é o único que eu já achei irritante; o cara provavelmente foi expulso do país por ser um pé no saco.

Outras merdas estão rolando. Depois de passar horas no ponto de encontro ontem à noite com vários estudantes riquinhos que fumavam bagulho usando vaporizadores (não fiquei tentado; vejam a seguir), voltei para minha cabine – uma caverna sombria no Convés Cinco, vulgo “Majestic” – e descobri que a terceira cabine após a minha tinha sido lacrada pela segurança, a porta coberta com

fita tipo a da polícia. Tirei uma foto, também vou postar assim que puder.

E o motivo para eu não ter feito contato? Passei mal. O tipo de mal do estômago que faz você implorar aos deuses para tirarem sua vida. Parecia que o corpo inteiro ia ser virado pelo avesso. Começou uma hora depois de o navio sair de Miami. Eu estava farejando por aí, procurando algum sinal da Predadora quando... Certo, vou poupar você dos detalhes. Pense em Jackson Pollock, só que pelas duas extremidades. É. Parabéns a Trining, a camareira da minha cabine. A mulher tem estômago de ferro. Uma enfermeira veio me ver no segundo dia e me cobrou 97 dólares para basicamente dizer que eu não podia fazer nada além de me manter hidratado. Ainda estou meio trêmulo.

Certo, vamos para o material que é a razão de você estar lendo isto:

Como você sabe, não tive chance de me inscrever como um dos Amigos da Predadora, já que as vagas foram reservadas minutos depois que o "Cruzeiro com Celine del Ray" foi mencionado no Facebook. Ontem à noite, pensando que era minha última chance de confrontá-la, arrastei o corpo dolorido para fora da cama e invadi o último evento dela sem a menor sutileza. Consegui entrar no Lounge Sonhador das Estrelas (que é tão cafona quanto o nome) e fui direto até a Predadora, que fazia seu show de bater carteiras. Ainda me sentindo uma merda e suspeitando que iria vomitar a qualquer segundo, questionei-a sobre Lillian Small. Não consegui filmar muito porque a natureza me chamou violentamente.

Mas o fato de que o navio parou não é negativo para mim. Vai me dar outra chance de confrontar a velha fraudulenta.

Volto a atualizar o blog quando souber de mais alguma coisa.

## **A ASSISTENTE DA BRUXA**

Maddie acordou sentando-se rápido demais, piscando quando a luz do sol se cravou nos seus olhos. O pescoço latejava por ter dormido no sofá da suíte de Celine e a camiseta estava grudada às costas. Não se lembrava de ter apagado – devia ter dormido enquanto esperava que a chefe caísse no sono. Mas agora a cama se encontrava vazia, a colcha praticamente intacta.

– Celine?

Não houve resposta. Ela devia estar no banheiro. O sistema de alto-falantes emitiu um bipe, dando-lhe um susto, então uma voz soou falsamente agradável:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. Só para atualizá-los sobre a situação. Como devem ter notado, ainda estamos com um problema elétrico, mas não há motivo para preocupação com a segurança e o bem-estar. Temos consciência de que alguns dos senhores precisam pegar voos esta manhã e gostaríamos de garantir que essa questão será abordada em pouco tempo. Pedimos respeitosamente que não tragam o assunto para o Atendimento aos Hóspedes neste momento. Também lamentamos informar que os restaurantes estão fechados. O café da manhã será servido no bufê Balneário, onde nossos funcionários estão fazendo o máximo para assegurar que os senhores estejam confortáveis e bem alimentados.

Maddie checkou a hora no celular: oito e dez. Ela e Celine tinham reservado um voo no início da tarde de volta para o La Guardia, de modo que ainda havia uma chance de conseguirem chegar, caso o navio partisse em menos de uma hora. Espreguiçou-se até sentir os músculos das costas estalarem, depois ficou de pé, cambaleando.

Meu Deus, agora o navio estava ligeiramente adernado para a esquerda – a situação ainda parecia fora de controle. Foi até a porta do banheiro.

– Celine? Você está aí?

Olhou dentro, e um leve traço de Poison, o perfume de Celine, veio até ela. Nada da chefe, mas sua nécessaire estava desarrumada – a caixa contendo os cílios postiços estava aberta ao lado da pia –, logo ela devia estar se sentindo melhor nesta manhã. Mesmo assim, era estranho a médium sair sozinha para qualquer lugar no navio: quem sabia quando um Amigo iria se aproximar e pedir um autógrafo ou uma leitura improvisada? Não podia ter ido longe, só até a piscina ou aos conveses principais, os únicos lugares do navio com rampas. A não ser que tivesse decidido andar, o que seria novidade. E isso não explicaria o sumiço da cadeira de rodas.

Maddie evitou se olhar no espelho – já tivera notícias ruins o bastante para um dia só –, jogou água fria no rosto e esfregou nos dentes um pouquinho de pasta. A dor de cabeça onipresente continuou a incomodar e ela procurou o analgésico extraforte na maleta da médium. Em seguida, ia tomar café. Encontrar Celine. Encontrar Ray, que estivera completamente ausente na noite anterior. Iria à sua cabine para tomar um banho e trocar de roupa. Depois verificar os Amigos, algo que já deveria ter feito.

Saiu para o corredor, por pouco não colidindo com um casal gordo que ia às pressas para a escada. Maddie murmurou um pedido de desculpas, ainda que não fosse culpa sua. Encontrara-os algumas vezes nos elevadores e nunca os vira sorrir.

– O que você acha disso, agora? – perguntou, carrancudo, o homem a Maddie. – Vou lhe dizer – continuou, antes que ela tivesse chance de responder –, é típico da Foveros. Ninguém atendeu no serviço de quarto. – Ele balançou seu cartão do café da manhã. – Seis da manhã. Anotei aqui. Ninguém apareceu para trazer.

Naquela manhã, numa postura passivo-agressiva que Maddie aprovou com relutância, eles usavam camisetas com os dizeres “Eu ♥ Cruzeiros da Foveros”.

– Se a eletricidade não está funcionando, eles devem estar com problemas na cozinha – comentou Maddie.

– Ahn... É inaceitável. Temos um voo de volta para Galveston à uma e meia.

– Uma e meia em ponto – reforçou a mulher.

Maddie presumiu que os dois eram casados, mas, com os cortes de cabelo curtos parecidos e os corpanzisz, podiam ser irmãos.

– Cabeças vão rolar se perdermos o voo – ameaçou a passageira.

Helen pôs a cabeça para fora de seu quarto, poupando Maddie de responder.

– Ah, é você, Maddie. Achei que poderia ser Althea.

Com um breve cumprimento de cabeça para as duas, o casal foi bamboleando para a escada.

– Celine está se sentindo melhor hoje? – perguntou Helen.

– Deve estar. Não está na cabine. Você não a viu, não é?

– Não. Elise e eu acabamos de acordar.

– Obrigada de novo pela ajuda ontem à noite. Não sei o que teria feito sem vocês.

– Não foi nada.

Elise apareceu junto ao ombro de Helen.

– Ah, oi, Maddie. Como Celine está hoje?

A assistente repetiu o que dissera à outra mulher.

– Que bom que ela está de pé. Maddie, posso perguntar uma coisa? Vai parecer estranho...

Maddie quase gargalhou.

– Eu trabalho para uma médium há três anos. Coisas estranhas para mim são fichinha.

– Ontem à noite... Helen e eu tivemos uma sensação forte de que havia mais alguém na cabine.

Helen cutucou Elise e falou para ela ficar quieta.

– Não faz mal dizer isso, Helen.

– Como assim? – perguntou Maddie, incerta se desejava mesmo saber.

– Bom, vai soar esquisito... mas nós ouvimos música. Alguém cantando. Helen achou que podia vir de outra cabine. Não consigo tirar isso da cabeça.

Ela cantarolou uma canção bem parecida com a que Celine havia murmurado logo depois que o navio parara – a que fizera Maddie se

lembrar de Lizzie Bean, a guia espiritual menos verborrágica da médium. Os guias da chefe formavam um tremendo par de estereótipos (Celine não era nem um pouco sutil): Archie era o trágico garoto de rua da Londres do século XIX e Lizzie, a trágica socialite da década de 1920 que podia ter saído das páginas de *O grande Gatsby*. E havia Papai Noakes, se bem que Maddie nunca tinha escutado a voz dele. “Ex-escravo do Mississippi”, abandonara o repertório de Celine anos antes.

A assistente só tomara conhecimento dele devido à primeira edição do livro de memórias da médium, pois fora erradicado dos e-books e das reedições. Maddie agradecia aos céus por ele ter sido retirado antes do boom da internet; podia imaginar a diversão que os detratores de Celine teriam. Porém, a chefe havia emitido aquela voz medonha na noite anterior, envergonhando todo mundo, em especial o médico, mas ela nunca fora politicamente correta. De vez em quando, Maddie se perguntava se Papai Noakes era o verdadeiro motivo para Celine tê-la contratado; uma assistente mestiça poderia afastar qualquer possível acusação de preconceito racial.

– Talvez Celine estivesse cantarolando – disse Maddie.

Ficou surpresa por elas não terem pensado nessa explicação. Helen deu de ombros.

– Talvez. Não importa. Tenho certeza de que foi só nossa imaginação fértil.

– Vocês estavam planejando pegar um avião para casa hoje? – perguntou Maddie, mudando de assunto.

Elise inspirou fundo e as duas se entreolharam, sem que Maddie entendesse. Na noite anterior, a assistente estivera estressada demais para pensar no relacionamento entre elas. Não podiam ser parentes – para começo de conversa, Helen era inglesa e Elise, americana. Talvez fossem amantes; havia definitivamente entre as duas um elo que ia além da amizade.

– Avise se houver mais alguma coisa que a gente possa fazer – disse Helen.

– Aviso. Mais uma vez, obrigada pela ajuda.

Maddie foi andando com cuidado até o fim do corredor, olhou da sacada de vidro para o átrio embaixo. Uma fila de pessoas

carrancudas serpenteava do balcão de Atendimento aos Hóspedes para os bares. Vários reclamantes ainda usavam fantasias – homens com barriga de cerveja enrolados em lençóis brancos, mulheres com sandálias douradas e perucas loiras, um ou outro diabo aqui e ali. Os irmãos gordos haviam entrado no fim da fila, acrescentando suas vozes ao coro.

A assistente podia ver que o Café Catalina estava fechado, logo precisaria tomar a bebida grátis horrorosa servida no bufê Balneário. Atravessou a galeria de fotos, onde placas espalhafatosas imploravam que ela lembrasse que “As recordações duram para sempre!”, e passou pela porta de vidro que levava ao convés da piscina, respirando o ar salgado com um toque de diesel. Desceu a escada em espiral e saiu no convés principal, muito mais movimentado do que o normal para aquela hora do dia. Todas as espreguiçadeiras estavam ocupadas e o pessoal da limpeza andava de um lado para outro catando lixo e distribuindo garrafas d’água. A maioria mantinha os olhos baixos para minimizar a interação com os passageiros, movendo-se como soldados esgueirando entre minas terrestres.

Ela passou pelos grupos reunidos em volta das banheiras de hidromassagem e do palco externo, examinando os rostos à procura de algum sinal de Celine. Costumava prender a respiração para evitar o cheiro hediondo de cachorro-quente e tomate cozido que vinha da área interna 24 horas por dia, sete dias por semana, mas não parecia haver nenhuma refeição quente sendo oferecida. Apenas um dos postos de bufê estava funcionando, com uma fila de cozinheiros suarentos montando sanduíches. As pessoas a olhavam ressentidas enquanto ela se espremia para ir até o local do café, cerrando as fileiras e apertando os pratos contra o peito. O café jorrou no copo. Maddie percebeu imediatamente que estava frio. Voltou para fora, passando por cima de garrafas d’água descartadas e pelo que parecia uma camisinha usada, e foi para o convés Tranquilidade. Era improvável que Celine tivesse chegado àquele andar, mas valia a pena dar uma olhada.

Aquela área estava ainda mais povoada, as banheiras de hidromassagem apinhadas com um bando de ingleses barulhentos.

Nada de Celine.

Já ia voltar quando um homem de cabelo escuro, sentado numa espreguiçadeira perto do posto de toalhas, atraiu seu olhar: era o blogueiro da noite anterior. Ele mexia no iPhone com a cabeça curvada. Impulsionada pelo ressentimento, em vez de continuar andando, ela se pegou dizendo:

– Está se sentindo melhor?

– Perdão?

Ele ergueu os olhos e Maddie fitou o próprio reflexo nas lentes do óculos de aviador retrô.

– Depois de ontem à noite. Do evento de Celine.

Ele a olhou de cima a baixo.

– Você estava lá?

– Sou a assistente de Celine. Espero que você esteja feliz.

Ele deu de ombros.

– Na verdade, não. Estou passando mal feito um desgraçado desde que subi a bordo. Ainda não me sinto tão bem.

– Ah, que pena!

– Assistente, é? Você escreve as desculpas para ela também?

Maddie estava procurando uma resposta quando houve um bipe sinalizando outra mensagem de Damien:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. Pode não ser o início de ano mais fantástico, portanto que tal afastar a tristeza com um jogo de bingo extra?

– Agradeço a Deus pelo Damien – disse o blogueiro. – O que a gente faria sem ele, porra? – Deu um sorriso irônico, pegando-a desprevenida. – Dá para acreditar nessa merda? – Ele balançou o celular. – Não tem sinal. Nem internet. Não dá para conectar.

Um gritinho soou e Maddie olhou por cima do ombro, vendo duas mulheres de biquíni pularem na banheira de hidromassagem em cima dos homens.

– Você não acha estranho não termos visto ninguém? – continuou o sujeito. – Tipo um helicóptero ou outro cruzeiro? Já deveriam ter mandado alguma coisa. Eu fiquei aqui em cima na maior parte da noite. O golfo está infestado de plataformas de petróleo, mas não há nenhuma luz. Nada. Nadinha. Está

acontecendo alguma coisa e eles não querem contar.

– A reputação da Foveros é muito ruim. Provavelmente estão tentando manter tudo na surdina. Evitando que saia nos noticiários.

– Você deve saber sobre esse tipo de coisa, não é?

– É, você me pegou.

Ela havia pedido por isso. Por que diabo estava conversando com aquele cara, afinal? Se ele se dera o trabalho de pagar uma passagem para o navio, devia ser um dos críticos tenazes que passavam horas tentando convencer Celine a responder no Facebook e no Twitter. Maddie, que tinha contas em todas as redes sociais, nunca se incomodava em participar da discussão, nem em refutar ou comentar qualquer dos blogs. Os Amigos cuidavam disso. Era hora de ir em frente.

– Ei! Ei, espere. Desculpe.

Ela hesitou e se virou de novo. O cara tirou os óculos. Olhos azul-escuros, cílios claros, o cabelo nitidamente tingido.

– Acho que uma entrevista está fora de cogitação, não é?

– Achou certo.

– Você é britânica.

– Você é esperto.

Outro sorriso maroto.

– Há quanto tempo trabalha para Celine?

– Eu disse: nada de entrevista.

– Extraoficialmente, então.

– Aham, claro.

– Olha, só estou fazendo o meu trabalho. Você precisa admitir que o que aconteceu com Lillian Small foi uma merda. Ficou provado, sem sombra de dúvida, que Lori e Bobby morreram na Quinta-Feira Negra e, no entanto, Celine...

– Como Celine diz, ela só transmite o que os espíritos lhe passam.

Ele fez uma careta e Maddie deu um passo atrás.

– Não se preocupe, não vou vomitar. Isso foi minha cara de “corta essa”. Não entendo... Por que você trabalha para ela?

*Porque ninguém com a cabeça no lugar me contrataria.*

– Não é da sua conta.

- Ela é uma predadora. Ela se aproveita de quem está sofrendo.
  - Ela traz esperança e uma sensação de conclusão para as pessoas – corrigiu Maddie de imediato.
  - É verdade, ela trouxe esperança para Lillian Small.
  - Não preciso ficar ouvindo isso.
  - Você está certa. Não precisa mesmo. Mas não acha que deveria? Celine acumulou uma tremenda fortuna se alimentando do sofrimento alheio.
  - As pessoas querem esperança. Precisam saber...
  - Que existe algo mais do que isto? Que há uma vida depois da morte?
  - É.
  - Isso eu consigo entender. Mas dizer a uma mãe que a filha e o neto ainda estão vivos depois de provas contrárias indiscutíveis? Qual é!
  - Não é infalível.
- Maddie se retraiu.
- Isso não é desculpa, você sabe muito bem. Admita. É uma baboseira.
  - Talvez eu acredite que ela tem um dom.
  - Não engulo isso nem por um segundo. Você é esperta demais. E não parece o tipo de pessoa que enganaria alguém por vontade própria.
  - Bela tentativa. – O apelo ao seu ego era uma jogada esperta. Ele não tinha como saber que o ego de Maddie fora para o mesmo lugar do amor-próprio, muito tempo antes. – Acho que terminamos.
  - Espere. Qual é o seu nome? – Ele sorriu, desarmando-a outra vez. – Só para eu saber quem estou ofendendo.
  - Você primeiro. Só para eu saber quem processar.
  - Me chamam de Xavier.
  - É alguma identidade secreta? Quantos anos você tem, 12?
- O sujeito gargalhou – um rosnado grave que ela não esperaria vir dele.
- Não acha legal? Tipo nome de stripper? É o meu nome mesmo, na verdade.
  - Claro que é. Divirta-se escrevendo sua matéria. Parece que

desta vez você pode ter uma de fato.

Ele gargalhou outra vez e ela se pegou sorrindo de volta. Maddie não era imbecil. Sabia que Xavier acabaria com ela na próxima postagem, mas a conversa a fizera sentir-se estranhamente leve.

– Vejo você mais tarde – disse ele.

– Não conte com isso.

Maddie voltou pela área interna do bufê. Celine devia estar em algum local daquele andar. A não ser... *Merda*. Por que não tinha pensado nisso antes? Ela podia ter deixado a suíte e passado mal outra vez – talvez tivesse sido levada para a enfermaria.

Ray. Já era hora de o filho da mãe fazer alguma coisa. Como Maddie, ele estava numa das cabines mais baratas nas profundezas do navio. Revirou a memória em busca do número do compartimento dele, depois desceu a escada, passou pela entrada do convés Passeio dos Sonhos, pelo cassino e pela galeria de arte. As luzes de néon tinham sido apagadas e, sem elas, o interior do cruzeiro parecia sem graça, como uma artista idosa de cara limpa. Desceu correndo vários lances de escada, tentando não respirar pelo nariz. O ar ali embaixo era úmido, impuro, com uma leve emanção desagradável. Seguiu pelo corredor que levava às cabines de número ímpar e bateu à porta que esperava que fosse de Ray.

– Oi? – gritou uma voz sonolenta. Parecia ser Ray.

– É a Maddie.

Ray só a abriu mais de um minuto depois.

– Ei, Maddie – disse ele, ajeitando a toalha na cintura e passando os dedos no peito nu. – Está quente, não é?

Um risinho veio de dentro da cabine e uma voz feminina falou:

– Depressa, Ray!

Ele virou a cabeça.

– Já vou daqui a um minuto, docinho.

Uma mulher rechonchuda com uma roupa íntima pequena demais apareceu atrás dele, envolveu-o com os braços, pousou o queixo no ombro de Ray e encarou Maddie descaradamente, exibindo marcas de óculos de bronzeamento artificial. A pele era uma colcha de retalhos de bronzeado, variando entre o vermelho e o branco.

– Olá.

– Olá.

– Esta é Maddie, docinho. – Ray deu um sorrisinho. – Nós trabalhamos juntos.

– Ah, é? – A mulher bocejou e o soltou. – Preciso de uma chuvaçada.

Ray piscou para Maddie.

– Vou me juntar a você num segundo – disse para a mulher, que riu de novo e desapareceu no banheiro.

Maddie lançou um olhar para Ray.

– Você andou ocupado.

Ray deu de ombros, ainda com o mesmo sorrisinho.

– Decidi ter a própria festa, já que você não quis aceitar meu convite. Nós nos conhecemos no ponto de encontro. Ei, onde você estava, afinal?

– Que bom você ter notado. – Por falar nisso, a Foveros não tinha dado falta dele também. Ela não se lembrava de terem conferido o número de pessoas. – Eu estava com Celine. Nossa chefe, lembra? Ela... Aconteceu alguma coisa com ela ontem à noite.

– Ah, é? O quê?

Ele coçou a barriga e mudou de posição, permitindo que Maddie visse o interior da cabine. O piso era um apocalipse de latas de cerveja e pratos sujos de um molho que lembrava sangue seco.

– Você viu Celine hoje?

– O que acha? Como você disse, andei ocupado.

– Preciso encontrá-la.

– Boa sorte.

– Você não vai me ajudar?

– Até que ponto isso é difícil? Você está num navio. Ela está numa cadeira de rodas.

– É o seu trabalho, Ray. Eu mal dormi esta noite.

– Somos dois.

– Ótimo. Sabe de uma coisa? Esqueça. Obrigada por nada.

– Escute, Maddie. Sabe de uma coisa? Pode enfiar suas babaquices naquele lugar.

– O quê?

– Estou de saco cheio de você me desprezar, ficar me olhando de cima a baixo.

Este era um lado de Ray que ela ainda não tinha visto.

– Ótimo. Tudo bem.

– Você se acha tão superior, não é? Bom, docinho, deixe-me dizer: você não passa de uma inglesa ressentida e metida a besta. Você sabe do que precisa, não é? Uma boa trep...

A fúria foi instantânea e avassaladora. Maddie o empurrou com as duas mãos.

– Vou dizer do que eu preciso, seu filho da mãe: que você fique longe de mim, *porra*.

Gotas de cuspe bateram no rosto dele. A expressão chocada de Ray se transformou em diversão, irritando-a mais ainda.

Ele levantou as mãos.

– Ei. Calma aí, tigresa. Eu só estava de brincadeira.

– Vá se foder.

Ela se virou e correu para a escada, trêmula, com um rugido nos ouvidos. Não iria para a cabine pegar suas coisas; não podia enfrentar isso agora. Agarrou-se ao corrimão. Ray, seu *desgraçado*. Não podia deixar que ele a tirasse do sério. Parou para se orientar – precisava voltar ao átrio para ir até a enfermaria. Mal havia subido um lance de escada quando um homem desceu correndo, a mão pressionando a boca como se fosse vomitar.

*Ai, meu Deus.* Maddie cruzou os braços e correu, desesperada para alcançar ar puro. Seu couro cabeludo estava coçando, as palmas da mão começavam a suar e ela sentia a garganta fechar. Foi atabalhoadamente até a varanda do átrio e tentou desacelerar o coração, que pelo jeito tentava sair pela boca. O piso balançou e suas entranhas se retorceram.

– Maddie? – Ela olhou para cima e viu Eleanor, uma Amiga, vindo até ela. – Você está bem?

A princípio, Maddie não conseguiu falar. *Meu Deus.*

– Venha, sente-se.

Eleanor esfregou suas costas.

– Estou bem. É só... Estou bem.

– Tem certeza?

Eleanor era uma das fanáticas por animais de estimação; desesperada para fazer contato com o espírito do seu cachorro. Maddie revirou a memória em busca do nome do animal: Denny, Dirk ou algo que lembrava um astro pornô.

– Quer que eu pegue uma água para você? Está muito abafado aqui, não é?

– Estou bem. – Articular as palavras parecia ajudar. A garganta não estava mais tão apertada. – Obrigada, Eleanor. Só fiquei meio tonta por um segundo.

– Não me surpreende. Você está magra demais, Maddie. Já tomou café da manhã?

– Não.

E ela não havia jantado na noite anterior – não tinha pedido aquele queijo-quente, no fim das contas.

– Estive procurando Celine.

– Bom, querida, ela está no Lounge Sonhador das Estrelas.

– Ahn? – Não podia ser. – Que diab... O que ela está fazendo lá?

– Bom, hoje acordei cedo, fui ao bufê para ver se conseguia um pouco de granola... Dormi muito mal esta noite, com tudo o que aconteceu, apesar de Damien ter dito que não há nada com que nos preocuparmos... Eu a vi no convés Balneário. Ela me pediu para reunir todos os Amigos.

– Celine fez *o quê*?

– Abençoada seja ela. Celine está conosco há duas horas, fazendo todo mundo se sentir tranquilo. Um bom número de Amigos estava preocupado de verdade, sobretudo os que têm voos marcados para hoje, mas Celine disse a eles que tudo ficaria ótimo. Eu estava voltando à minha cabine para tomar as vitaminas, mas isso pode esperar. Quer que eu leve você até ela?

– Consigo ir sozinha.

Eleanor fez um som de reprovação.

– Não vou deixar você sozinha nesse estado.

Ela passou um braço gorducho pelo de Maddie, banhando-a em seu perfume floral Lily of the Valley.

– Como Celine desceu até lá?

– Ora, andando, claro. Demorou, mas disse que estava com

vontade.

– E a cadeira de rodas?

– Ah, Jacob e Jimmy ajudaram.

Maddie deixou Eleanor conduzi-la pelo cassino deserto e pela passagem até a entrada do lounge. Um pequeno grupo de Amigos estava reunido do lado de fora e Jacob veio correndo até as duas, usando um colete lavanda, gravata rosa e camisa de risca de giz.

– Maddie não está se sentindo bem, Jacob – avisou Eleanor, soltando a assistente e dando um tapinha no braço dela.

– Ah, coitadinha... Bom, você veio ao lugar certo. Vamos cuidar de você.

Maddie se esforçou para sorrir. Costumava pensar nos Amigos como uns fracassados – quebra-cabeças humanos nos quais faltava uma peça crucial –, mas ali estavam, animando-a.

– Conte agora mesmo a Maddie como Celine está sendo maravilhosa conosco – comentou Eleanor.

Jacob assentiu, entusiasmado.

– Ah, é. Celine e Archie. Ele está falando bastante hoje. Segundo o espírito, precisamos aceitar isso tudo no nosso ritmo.

– Jacob – disse Eleanor –, conte a Maddie o que Archie falou a você sobre Kathy.

– Kathy? – perguntou a assistente.

– A irmã dele. Lembra, Maddie? Ela se manifestou ontem à noite, tinha desaparecido no dia de Ação de Graças.

Claro. Como Maddie podia ter esquecido? Ela é que passara os detalhes a Celine, depois de Jacob contá-los durante a primeira reunião. Outra pontada de vergonha.

Uma expressão distante surgiu nos olhos de Jacob.

– Desta vez, Kathy se manifestou com o Archie. Ele disse que ela estava usando o vestido branco predileto e queria que eu soubesse exatamente o que havia acontecido com minha irmã.

Os dedos de Maddie estavam pinicando outra vez e ela cravou as unhas nas palmas das mãos.

– Archie me contou toda a história. Kathy fugiu para São Francisco, morou lá durante um tempo, mas se juntou a más companhias. – Sua voz ficou embargada. – Ela morreu sozinha num

apartamento abandonado, um ano depois de nos deixar, de overdose.

– Lamento muito – disse Maddie.

Que diabo de brincadeira Celine estava fazendo? Ela trabalhava com esperança, não com desespero.

– Não lamente. Eu queria saber, *precisava* saber. Kathy está esperando por mim. Ela vai estar presente quando eu fizer a passagem.

– É uma inspiração tão grande! – ofegou Eleanor.

A porta dupla de vidro estava entreaberta apenas o suficiente para Eleanor passar espremendo-se – qualquer pessoa maior teria dificuldade – e Maddie a acompanhou para as profundezas escuras do salão. Annabeth e Jimmy, um dos poucos casais que haviam comprado passagem para o cruzeiro com Celine, tagarelavam perto dela. Maddie murmurou um cumprimento vago e se aproximou do palco, onde Celine estava numa conversa profunda com Leila.

A médium levantou a cabeça e olhou para ela.

– Obrigada, querida – disse a Leila. – Madeleine precisa de mim agora.

Sem um murmúrio sequer, com apenas um levíssimo sorriso na direção de Maddie, Leila se afastou como se fosse puxada por um cordão invisível. Maddie subiu no palco.

Celine inclinou a cabeça.

– Você parece cansada, Madeleine. Não dormiu bem? Estava dormindo que nem uma pedra quando saí hoje cedo.

– É, mais ou menos. Por que não me acordou?

– Você precisava descansar.

– Como você está, Celine? Precisava mesmo fazer isso?

O que quer que fosse aquilo. Não dava para entender: Celine havia passado o cruzeiro inteiro evitando os Amigos, e agora estava ali, como a nova melhor amiga deles.

– Estou me sentindo maravilhosa. Simplesmente maravilhosa. Como uma pessoa nova.

Maddie admitiu que ela parecia melhor do que nos últimos meses. A maquiagem não estava espalhafatosa como de costume, dando-lhe uma aparência mais jovem, menos acabada.

– Jacob e Eleanor disseram que você pediu para eles trazerem todos os Amigos para cá. O que você está fazendo?

– As pessoas estão preocupadas, Madeleine. Devemos fazer nossa parte.

– Certo. Será que a Celine de verdade pode voltar agora, por favor?

– Ah, ela está por aí. Vai aparecer daqui a pouco. Esteja certa: eu planejo ajudar o máximo de pessoas possível.

– O que você quer dizer com “ajudar”?

– As pessoas precisam que o caminho seja mostrado, Maddie. Necessitam de orientação. Estou aqui para dar uma mãozinha. Eu e os espíritos, claro.

– Diga que você está enchendo a cara, Celine.

A médium segurou a mão dela. Os dedos da chefe estavam gelados, ainda que o lounge, como o resto do navio, estivesse num calor sufocante.

– Cadê o Ray?

– Na cabine dele.

– Bom, ele vai aparecer logo. Todos vão aparecer, se souberem o que é bom para eles. – Celine deu uma piscadela. – Vá se sentar. Assista ao show. Acho que você vai gostar.

– Você não deveria fazer isso, Celine.

– Querida, foi para isso que eu nasci.

– Ontem à noite...

– Vá se sentar, Maddie – interrompeu Celine, a voz mudando de melosa para irritada, o que era tranquilizador. A assistente conseguia aceitá-la desse jeito. – Você não quer provocar uma cena, quer?

– Celine, por favor, diga o que você...

– Chega. Vá, agora.

A assistente não tinha forças para discutir. Celine devia ter seus motivos para fazer aquilo. Talvez fosse algo relacionado às acusações do blogueiro na noite anterior. Talvez esperasse que os Amigos a defendessem em bando quando Xavier – ou qualquer que fosse seu nome – espalhasse a gravação por todas as redes. Talvez algo houvesse estalado na mente dela, descobrindo um novo lado

altruísta.

Maddie foi até um camarote na borda do salão. Viu o técnico – o rapaz que Celine havia tratado mal na noite anterior – conversando distraído com Juanita, que deu um acenozinho conspiratório para Maddie. A assistente sentou-se relaxadamente na poltrona, com a dor de cabeça agora pulsando nas têmporas, e aguardou. Um silêncio baixou no Lounge Sonhador das Estrelas enquanto Celine atravessava o palco na cadeira de rodas. Maddie não conseguiu afastar a sensação de que iria assistir a uma profetisa destrambelhada dirigindo-se aos acólitos.

## O CONDENADO

Gary ficou o mais imóvel possível, observando o suor se acumular nos pelos da barriga. Marilyn tinha saído uma hora antes, reclamando de falta de ar. Ele planejava se entocar na cabine até consertarem o problema, mas, sem ar-condicionado, o lugar rapidamente se tornara uma sauna. O calor e o baixo nível de açúcar no sangue estavam deixando-o enjoado; ele não teria mais nenhum conforto ficando ali embaixo. E dormir estava fora de questão.

Incapaz de deter o diálogo que corria em sua mente, ele não fizera muito mais do que cochilar desde que tinha voltado com Marilyn do ponto de encontro na noite anterior. Pelo menos havia saído incólume. Estivera num alerta contínuo, estremeando a cada vez que um segurança ou tripulante passava por perto, mas Marilyn não comentou sobre seu comportamento. Ele podia agradecer aos colegas de cruzeiro que ela fizera. Eles haviam monopolizado a atenção da esposa, fornecendo um fluxo interminável de comentários não requisitados sobre a condição do mercado imobiliário de Minnesota, deixando-o livre para se esconder num canto escuro, tentando passar despercebido.

*Eles já teriam vindo buscar você se fossem fazer isso. Relaxe.*

*Mas e o aviso de "não perturbe"? E se eles o pegaram?*

*Mesmo se procurarem digitais, as suas não estão arquivadas em lugar nenhum.*

*Quando voltarmos ao porto, eles podem recolher as digitais de todo mundo.*

*E daí se fizerem isso? É uma prova puramente circunstancial. Eles têm outras coisas com que se preocupar. Você está livre. O pior já passou.*

*A gravação... Eles podem me reconhecer.  
Sem chance.*

*Sério? E ontem à noite? Como vou explicar que fui até a cabine dela?*

*Você estava em choque, desorientado com a parada súbita do navio.*

*E o DNA? Meu DNA vai estar espalhado pela cabine dela.*

*Eles não vão testar o DNA de todo mundo que está a bordo.*

*Você não tem certeza.*

*Eles vão querer ser discretos. Você sabe como é. Nesse momento já se convenceram de que ela morreu de intoxicação alcoólica. Senão estariam interrogando os tripulantes e os passageiros, certo?*

*Precisava acreditar nisso.*

Levantou-se e foi cambaleando até o banheiro, um pouco perplexo com o fato de que agora o navio estava inclinado para a esquerda. Equilibrou-se e tentou não olhar para as roupas que tinha deixado no cubículo na noite anterior e que Marilyn havia pendurado no boxe. Jogou água no rosto. Decidiu deixar a barba crescer – qualquer coisa que fizesse para mudar a aparência ajudaria. Colocou desodorante, vestiu uma camisa limpa e uma bermuda, saiu da cabine e foi para a escada. Um tripulante que polia os corrimões olhou-o cauteloso enquanto ele passava, oscilando por causa do piso adernado. Atravessou o átrio, passando por um agrupamento de pessoas raivosas que esperavam a vez de gritar com o pessoal do Atendimento aos Hóspedes. A mulher na frente da fila estava berrando:

– Meus cachorros estão em canis. Canis! Eu deveria pegá-los hoje!

Gary foi assolado pelo barulho quando saiu no convés Balneário. O lugar estava apinhado, todas as espreguiçadeiras ocupadas. A luz feriu seus olhos. Emoldurado pelos corrimões, o oceano ondulava preguiçoso.

– Eles virão logo – dizia um homem de meia-idade a um grupo de mulheres reunidas em volta, lambuzando-se mutuamente com creme bronzeador.

Gary passou por cima das pernas estendidas de um passageiro

que se abanava com um exemplar do boletim diário de Damien e examinou a área, procurando Marilyn.

– Gary! – Ele esticou o pescoço e a viu perto da entrada da área interna do bufê, balançando os braços acima da cabeça. – Gary! Aqui, querido!

Enquanto ia na direção dela, pessoas se viravam para olhá-lo. Ele ficou vermelho e manteve a cabeça baixa. Marilyn estava sentada a uma mesa com um casal mais espalhafatoso e mais jovem do que o da noite anterior. Gary não se surpreendeu nem um pouco.

– Oi, querido – disse ela. – Estes são Samantha e Mason Patchulik.

O homem assentiu para ele. Era bronzeado, tinha pouco menos de 30 anos, olhos duros, cabelo à escovinha.

– Tremendas férias, hein?

– É preciso encarar isso como uma aventura, querido – arrulhou a mulher, Samantha, cruzando as pernas e dando um sorriso calculado para Gary. Peitos falsos, cabelo falso, dentes com clareamento. Uma mulher fabricada. Não fazia o tipo de Gary. – Eu só gostaria de dizer aos meus pais o que está acontecendo. Vocês acham que a Foveros vai avisar todo mundo? Eles vão sair para pegar a gente no aeroporto daqui a uma hora.

Gary olhou ao redor procurando uma cadeira vazia, mas todas estavam ocupadas. Não teve opção a não ser ficar de pé, sem jeito, ao lado da mesa.

– Samantha e Mason são de Michigan – comentou Marilyn, sem perceber seu desconforto.

– Ah, é? Que bacana.

Mason balançou a cabeça como se Gary tivesse dito algo bastante idiota.

– Você acha? A gente estava congelando o rabo em casa. Pensamos em pegar um pouco de sol, marcamos a passagem no último minuto, fizemos um bom negócio, mas veja só o que conseguimos. Estamos à deriva. Vamos perder o voo. É melhor eles arranjam um lugar na classe executiva para compensar. Ou pelo menos dar um cruzeiro de brinde.

Os olhos de Marilyn se iluminaram.

– Ah, eu não tinha pensado nessa hipótese. Acha que eles vão fazer isso?

– Se não quiserem ser processados, vão. Também vou processá-los por perdas e danos.

*Boa sorte*, pensou Gary. Lera o contrato ao comprar a passagem; lia cuidadosamente todo ano e tinha consciência de que a Foveros sabia como tirar o seu da reta. A companhia podia até vender os passageiros aos piratas da Somália e o consumidor não teria como reclamar.

– Então, Gary – continuou Mason –, Marilyn disse que você é professor.

– Sou, sim.

– Do ensino médio?

– Fundamental avançado.

– Quem não sabe fazer, ensina, estou certo?

Gary conseguiu dar um sorriso rígido.

– Algo assim.

– Ei, não leve a mal. Só estou zombando da sua cara. Trabalho no ramo de construção.

– Ele é dono do próprio negócio. – Samantha se empertigou toda, esfregando a coxa dele.

– É. Abri minha empresa. Sou meu chefe. Posso fazer meu horário.

Mason era obviamente um daqueles caras que precisavam ficar por cima de todo mundo – Gary conhecia o tipo. Via futuros Masons no pátio da escola todo dia. Nunca fora um deles, nem uma vítima deles, por sinal. Sabia manter a cabeça baixa, desaparecer, fundir-se ao cenário. Era treinado em evitar os dramas da sala dos professores e os ocasionais ressentimentos dos pais. E sabia o que os alunos pensavam dele: Sr. Johansson, o professor mais chato do mundo. Era raro enfrentar problemas nas turmas; tinha a impressão de que os alunos não viam sentido em causá-los. Havia deduzido que ele funcionava no piloto automático.

Olhou em volta, procurando alguém do grupo de solteiros. Era possível que estivessem encolhidos embaixo de um dos lençóis que várias pessoas amarravam nos corrimões como proteção contra o

sol.

– Viu o que estão servindo no café da manhã? – perguntou Marilyn a ninguém em particular. – Sanduíches!

– Eu vi! – Samantha ofegou. – Perguntei a um dos caras que estão servindo e ele disse que não poderiam fazer nada porque não havia eletricidade.

Mason (que tipo de nome é Mason, afinal?) balançou a cabeça.

– Deveria existir um sistema de redundância.

– Redundância? – perguntou Marilyn.

– Um sistema que entrasse em funcionamento numa situação assim. É a regra. Vi no *Cruise Critics*. Todos os navios da Foveros deveriam ser equipados com isso depois do incidente com *O Belo Prodígio*.

– Que incrível você saber disso! – exclamou Marilyn, olhando Mason com admiração. Gary a odiou.

– O mínimo que poderiam fazer seria mandar um dos outros navios deles para ver como estamos. Um helicóptero, alguma coisa... Ei! – gritou ele para um tripulante que passava por uma pista de obstáculos feita de pessoas deitadas, recolhendo copos de refrigerante e garrafas d'água abandonadas. – Quando, afinal de contas, vamos saber o que está acontecendo?

– O capitão logo fará um anúncio, senhor – respondeu o homem numa voz desprovida de qualquer entonação.

– É o que estamos ouvindo a manhã inteira. Isso é papo furado.

– Querido – disse Samantha –, a culpa não é dele.

– Estou cansado dessa merda. Paguei caro para estar aqui.

– Eu sei, querido. Só estou dizendo...

– E não preciso que você me diga o que fazer.

– Não estou dizendo.

– É? Pois parece.

– Desculpe, querido – falou Samantha com um beicinho.

Os olhos de Marilyn estavam brilhando com aquela diversão inesperada. Mason estufou o peito como um galo e acenou dispensando o tripulante. O sujeito se afastou e logo foi encurralado por um grupo na mesa vizinha, que fez a mesma pergunta.

– Vai ser um dia quente – murmurou Samantha, mexendo nas

alças da blusa.

– Isso me lembra uma coisa... – disse Marilyn, virando-se para Gary. – Querido, deixei meu chapéu na cabine. Pode pegar para mim? Vou acabar torrando aqui fora sem ele. E é melhor você passar no Atendimento aos Hóspedes e descobrir o que está acontecendo.

– Claro.

No mínimo, isso lhe daria a chance de se afastar dos Patchuliks. Esperava que Marilyn logo se cansasse deles. Caso contrário, Gary fingiria de novo que estava passando mal e encontraria um lugar para se esconder que não estivesse tão abafado quanto a cabine.

– Talvez eu demore um pouco. A fila parecia...

Deteve-se quando um segurança passou pelo deque da piscina; Gary poderia jurar que o homem havia olhado diretamente para ele.

– Querido? – Marilyn e os Patchulik o encaravam com ar curioso.  
– Você está bem?

– Desculpe. Claro que estou. Já vou indo. Vejo vocês depois.

Gary abriu caminho pela multidão e entrou no coração do navio. A fila para o Atendimento aos Hóspedes havia quase dobrado de tamanho, assim como o clamor das vozes exaltadas. Pegou um atalho pela galeria de arte e desceu na direção do seu andar. Em contraste com o barulho do lado de fora e no átrio, os andares inferiores estavam num silêncio fantasmagórico.

Uma porta bateu, fazendo-o dar um pulo. Disse a si mesmo para não ser ridículo, pois tinha acabado de estar ali embaixo. Normalmente os tetos baixos e os corredores intermináveis não o incomodavam; na verdade, gostava da ideia de estar num subterrâneo, cercado por quilômetros de oceano, mas por algum motivo começou a ficar tenso. As luzes estavam mais fracas do que antes – ele tinha quase certeza disso – e os murais de serigrafia, mostrando anjos que lutavam entre si, eram agora um borrão de membros roliços e buracos no lugar dos olhos. O carpete espalhafatoso parecia respirar. Uma porta bateu de novo e ele ouviu um som de pancadas repetidamente. Um coração batendo aflito. Como se alguém estivesse correndo até ele.

Virou-se. Ninguém.

– Tem alguém aí?

Do nada, sentiu uma cólica. Procurou o cartão da cabine, deixou-o cair no carpete. Os pelos do braço e da nuca se eriçaram, o coração se acelerou. Gary não achava que tinha uma imaginação fértil, mas a sensação era de que estava sozinho ali embaixo, que era o único passageiro de um navio totalmente vazio. *Pum, pum, pum* – virou-se de novo, mas o corredor estava deserto. Não conseguia decidir de onde vinha aquilo: de sob seus pés ou de uma cabine? Enfiou o cartão na fenda e a porta se abriu. Prendeu-a no ímã da parede e acionou o interruptor. As luzes não funcionavam. Agora sua camisa estava toda encharcada de suor. Ele a tirou e pegou outra no armário. Sentia a urgência de sair dali, mas outra cólica não o deixou escolha a não ser correr para o banheiro. Mal conseguiu. O botão da descarga fez um som oco. Tentou de novo. Nada. Foda-se.

*Saia saia saia saia.*

Foi rapidamente para o corredor. Já ia se afastar em disparada quando percebeu que havia esquecido o chapéu de Marilyn. Com relutância, voltou. A cabine fedia a seus excrementos e ele teve uma ânsia. O chapéu de palha rosa que havia comprado com um ambulante em Cozumel estava pendurado na ponta da televisão. Correu até ele, quase o havia segurado quando ouviu a porta bater. Olhou ao redor em frenesi, parecendo perceber algum movimento em meio ao breu, com a impressão de duas formas mais escuras se mexendo no canto mais distante da cabine.

Gary recuou e bateu com a parte de trás dos joelhos na cama.

*Tudo bem, tudo bem, tudo bem. Ninguém vem pegar você, não tem ninguém aqui, você só está...*

Gritou e mordeu a língua quando um peso pousou em seu peito, tirando-lhe o ar dos pulmões. Tentou se soltar debatendo-se, mas os braços não queriam – ou não conseguiam – se mexer. Paralisado, não havia nada que pudesse fazer enquanto um hálito de gelo roçava em seu rosto e dedos frios subiam feito aranhas por sua coxa.

## A CRIADA DO DIABO

– Não pude colocar ninguém para cuidar das suas cabines esta manhã – disse Maria a Althea em vez de cumprimentá-la. – Trining ainda está doente e Joan disse que não pode trabalhar hoje.

Althea assentiu. Naquele dia as sobrancelhas no rosto de Maria eram apenas manchas. A impressão era de que as feições dela iam desaparecendo pouco a pouco. Talvez no dia seguinte o nariz sumisse, depois os olhos, em seguida a boca, então só restaria a pele lisa, vazia. Althea estremeceu mentalmente – que pensamentos eram esses?

Passou a língua pelos dentes. Na noite anterior, fora atormentada por pesadelos hiper-reais; um homem com um alicate enferrujado – ela não podia ver o rosto dele – arrancando seus dentes um por um. Ainda conseguia ouvir o som de cada raiz sendo puxada das gengivas. Sua *lola* acreditava firmemente no significado dos sonhos e Althea ouvira dizer, em algum lugar, que as grávidas tinham mais chance de ter pesadelos. E havia o garoto... Ele não assombrara seus sonhos, mas de algum modo isso era pior.

– Althea? Está me ouvindo?

– Desculpe, Maria. Pode repetir?

– Eu disse que a segurança quer falar com você assim que possível.

– Sim, Maria.

Althea estava esperando por isso. Precisava montar muito bem sua história. Não podia contar a eles que um garoto fantasma a levava àquela cabine. Ou admitir que estava ficando maluca. Depois de ser dispensada pelo segurança alto, que voltou ao quarto da moça acompanhado por um superior, Althea fugira para os próprios

aposentos. Mirasol, que dividia o espaço com ela, não estava lá. Grata pela ausência, ela se enrolara no cobertor e fechara os olhos com força, fingindo dormir. Era treinada nisso, era o que fazia em casa quando queria evitar Joshua. Algum tempo depois – podiam ter sido minutos ou horas –, caíra no sono. Tinha uma vaga lembrança de que Mirasol tentara acordá-la de manhã, mas quando enfim se arrastara para fora da cama, três horas atrasada, a cabine estava vazia. Seu cérebro parecia grudento, lento demais; precisava clarear a mente, o raciocínio.

Maria agora passou um dedo no local onde deveria estar sua sobrancelha esquerda.

– Sei o que aconteceu ontem à noite. Sei sobre a passageira morta.

– A segurança informou a você?

Althea ainda não havia contado a ninguém sobre a mulher, mas não ficou surpresa por Maria saber. A chefe fazia questão de se inteirar de tudo sobre seus subordinados, e fazia sentido a segurança ter conversado com ela.

– Informou. Eles precisavam falar com a Trining. Deve ter sido um choque. Você está em condições de trabalhar hoje?

Althea pensou em dizer que não se sentia bem para trabalhar, porém o que mais iria fazer? A única opção era sentar-se em sua cabine ou na cantina e ficar obcecada com o garoto, enquanto todos esperavam que os engenheiros resolvessem o problema ou que a Foveros mandasse um barco de resgate. Sentiu uma pontada na barriga. Uma dor rápida, aguda. Um lembrete do que mais a preocupava.

– Posso trabalhar.

– Ótimo.

Um pequeno sorriso. Althea ficou pasma porque nunca vira Maria sorrir.

– Você é a melhor da minha equipe.

Althea piscou, surpresa com o orgulho que sentiu diante desse elogio inesperado.

– Obrigada, Maria.

– Você já devia saber disso. E Trining terá que ser despedida. Vai

ser levada direto ao aeroporto quando voltarmos à terra firme.

– Mas... ela trabalha bem – replicou Althea, pois sabia que essa era a reação esperada; não ligava a mínima para a demissão de Trining.

Aquela puta idiota é que devia ter encontrado a mulher morta. Claro, ela sentiria falta do dinheiro extra que a colega lhe pagava para cobrir seu turno, mas havia muitos modos de ganhar um dinheiro extra – Althea não tinha medo de sujar as mãos.

– Você contou a ela?

– Não. Mas logo vou contar. E tem outra coisa: várias bombas de vácuo do sistema sanitário não estão funcionando.

– Em que áreas?

– Foram informados casos na maioria dos banheiros públicos e nas cabines do meio e da popa do navio.

– Não na seção VIP?

– Pelo que sei, não. Mas seus hóspedes precisam ser informados. Vai haver um anúncio daqui a pouco. Já avisei aos outros. Você conhece o procedimento.

Althea e os outros camareiros deveriam entregar sacos para dejetos aos passageiros, o que acrescentaria mais uma camada de sofrimento ao seu dia. Ela enfrentara uma situação assim no primeiro mês do contrato anterior, quando um problema de propulsão interrompera o funcionamento do sistema sanitário e fizera com que o navio ficasse parado vários dias em Cozumel. Mas naquele caso não havia passageiros: todos foram desembarcados enquanto o problema era resolvido. Althea brincou com a ideia de dizer a Maria que não poderia trabalhar, afinal de contas. Mas, caso se mostrasse digna de confiança, as chances daquela promoção poderiam aumentar. *Você é a melhor da minha equipe.*

– Maria... você sabe quando a ajuda vai chegar?

– Não. Não fui informada.

Althea tinha certeza de que Maria sabia mais do que dava a entender. Paulo, um camareiro dos tripulantes, dissera a ela que vira Maria entrar na cabine do segundo oficial em mais de uma ocasião.

– Os passageiros vão querer saber.

– Responda que haverá um anúncio assim que soubermos de

algo.

Althea duvidava que isso adiantasse. Era quase meio-dia, quatro horas depois do horário previsto para atracarem em Miami.

– Devo ir primeiro à segurança?

Althea não sabia o que era menos atraente: ser interrogada pela máfia indiana ou enfrentar a fúria dos passageiros ao saberem que precisariam fazer as necessidades em sacos plásticos.

– Não. Certifique-se de que seus hóspedes estejam confortáveis antes de ir à segurança. Direi a eles que você vai para lá assim que terminar o turno.

– Obrigada, Maria. Por favor, posso ir primeiro ao refeitório e comer alguma coisa?

Althea não estava com fome – a pontada que sentia na barriga não era por falta de comida –, mas queria pôr a cabeça no lugar antes de enfrentar o dia.

– Pode. Mas depressa. E, Althea...

– O quê?

– Se... se as coisas piorarem, posso contar com você, não posso?

Quem era essa nova Maria? Althea se esforçou para imaginar como a situação poderia ficar pior. Sem dúvida não demoraria muito até que a Foveros entrasse em ação e mandasse uma equipe de apoio.

– Claro.

Saiu do escritório da governança, quase colidindo com dois tripulantes que tiravam do depósito fardos de sacos vermelhos para dejetos. Mirasol estava ajudando a desempacotá-los e se retraiu ao ver a colega.

– Sinto muito, Althea! – disse rapidamente. – Tentei acordá-la hoje cedo, mas você não quis sair da cama.

– Eu sei. Não estou irritada.

Mirasol suspirou de alívio e ela achou engraçado.

– Althea... é verdade que uma hóspede do posto de Trining morreu?

– Quem contou isso?

– Angelo.

Claro. Angelo, um dos ajudantes de garçom e antigo colega de

jogo de Joshua, era capaz de farejar fofocas como um rato detectando carne podre.

– Não preste atenção em tudo que o Angelo diz. E fique longe dele, Mirasol.

– Por quê?

*Para não acabar como eu.*

– Ele gosta de se aproveitar das situações.

A garota era ingênua demais; fazia apenas um mês que estava no navio. Althea quisera colocá-la sob sua asa, mas ainda não tinha arranjado tempo. Lembrou-se de como havia ficado confusa quando começara a trabalhar nos navios, e esse fora um dos motivos para ter aceitado a colaboração de Joshua. As confidências dele a atraíram. Idiota. Não, precisava ficar de olho em Mirasol, especialmente com tudo o que estava acontecendo agora.

E não fazia mal ter pessoas que lhe devessem favores.

– Angelo soube pelo Paulo, Althea. Um dos seguranças estava perguntando sobre o aviso de “não perturbe” na porta da mulher. Estavam com raiva do Paulo porque ele disse que o colocou junto aos outros, no posto da Trining. Por que faziam isso?

*Porque acham que quem a matou encostou a mão no aviso.*

– Tenho certeza de que eles têm seus motivos.

– Angelo falou que Paulo pode se encrencar porque não verificou as cabines direito antes de...

– Angelo não deveria tagarelar tanto.

– Maria colocou você de sobreaviso por causa do atraso, Althea?

– Não. Tudo bem.

– Maria disse que eu preciso cuidar do posto da Trining depois de acabar o trabalho no meu. Não gosto de ir lá. A passageira que morreu... É verdade que ela foi assassinada?

*Angelo, seu filho da puta.*

– Não sabemos como ela morreu.

– Althea... e se o espírito dela ainda estiver preso lá embaixo? Além disso, Angelo disse que um cara da manutenção viu a Dama de Branco quando estava...

– Isso é papo de maluco.

Mas será que Althea não estava ficando doida? Afinal de contas,

vira um garoto imaginário – ou o fantasma de um. Nenhuma criança tinha morrido em qualquer navio em que ela havia trabalhado: isso acontecia com os idosos e os suicidas. Um ajudante de garçom se jogara no mar no primeiro cruzeiro de Althea, depois de uma briga com outro tripulante. Porém, como a Foveros fazia rotas mais curtas, em geral quase não havia mortes.

No entanto, isso não impedia que a superstição se espalhasse, e a Dama de Branco era a história de fantasma mais popular entre os funcionários. O espírito vingativo de uma passageira que usava um vestido vitoriano – sabe-se lá por quê, pois a maior parte dos navios da Foveros fora construído nos anos 1980 – estivera presente sempre. Era um espírito muito ocupado. Ela já estava farta dessa conversa.

– Você sabe o que fazer com os sacos, Mirasol?

A garota assentiu.

– Seja educada com os passageiros. Alguns vão ficar com raiva de você.

– Eu sei. Maria disse. Mas muitos devem ter saído dos conveses inferiores.

– E foram para onde?

– Para algum lugar aberto. – Mirasol franziu o nariz. – Estão dizendo que lá embaixo fede. Ora, eles deveriam ver isto aqui.

– Preciso correr. Vou ajudar você no posto da Trining mais tarde, quando terminar.

Isso lhe daria uma oportunidade de verificar o Convés Cinco de novo, onde tinha visto o menino.

– Obrigada, Althea.

O clima no refeitório era de desânimo. Várias pessoas estavam deitadas com a cabeça apoiada nos braços, cochilando. Althea empurrou a bandeja pelo balcão, passando por pratos de pão, queijo fatiado e azeitonas. Não havia comida cozida. Pegou uma tigela de arroz da véspera, frio e grudento, alguns tomates cortados e um pedaço de peixe seco. Perto da lixeira de reciclagem, Angelo estava fofocando com Pepe, um ajudante de cozinha. Ele tentou atrair seu olhar e acenou para ela, mas Althea fingiu que não viu. Não estava a fim de ouvi-lo. Dirigiu-se até Rogelio, sentado sozinho a uma mesa

de canto, apesar de ter o direito de usar o refeitório dos oficiais – ela gostava mais dele por continuar a comer com os peões.

Cumprimentou-o, mas mal obteve resposta.

– Você está bem, Rogelio?

Ele deu de ombros e não quis encará-la, o que não era do seu feitio. Em geral Rogelio era cheio de energia, sorridente e animado mesmo quando saía do serviço e podia ser ele mesmo. Com frequência, fazia festas com caraoquê de madrugada na sua cabine e era raro ouvir alguém falar mal dele.

– Você sabe mais alguma coisa sobre a situação? – perguntou Althea. Afinal de contas, ele era o braço direito de Damien.

– Estão trabalhando para resolver o problema.

– Qual é, Rogelio. Você sabe mais do que isso.

Ele balançou a cabeça.

– A gente deveria estar em Miami há várias horas – insistiu ela.

Quando o último navio em que Althea estivera passara por dificuldades, em poucas horas o Apoio de Terra chegara em bando para ajudar.

– Não sei de nada.

– O que Damien disse?

Rogelio contorceu o rosto.

– Ele está passando a maior parte do tempo no passadiço com o capitão.

Como se convocado por magia, veio um anúncio do próprio diretor. O barulho de talheres e os murmúrios no refeitório pararam à medida que todos ouviam a má notícia. Mas Althea e os outros camareiros é que estariam na linha de tiro.

Rogelio empurrou o prato para longe.

– Preciso ir. Vamos oferecer atividades extras para os passageiros.

Althea moveu num impulso o prato enquanto ele saía da mesa. Idiota. Já estava casada; não precisava de superstição para manter distante o espectro da solteirice. O arroz parecia uma bola dura na sua barriga.

Angelo se aproximou assim que Rogelio saiu do refeitório.

– O que o bonitinho disse a você, Althea? Ele não quis falar

comigo.

– Nada.

– Ah, qual é. – Sem ser convidado, Angelo sentou-se diante dela e se inclinou sobre a mesa. – Pepe disse que a equipe de cozinha foi avisada hoje cedo para redobrar o cuidado com os suprimentos.

Althea bufou.

– O que Pepe poderia saber? Ele trabalha na cozinha secundária.

– Ele disse que é para o caso de a gente ficar à deriva por muito tempo e precisarem mandar rebocadores. Falou que estão se preparando para a possibilidade de demorar até dois dias para voltarmos ao porto.

– Não vai chegar a esse ponto.

– Como você pode saber? É uma sorte estarmos com os suprimentos para o próximo cruzeiro.

– Mirasol disse que você andou fofocando de novo.

– O que mais há para fazer?

– Ela não precisa ouvir suas histórias de fantasma.

– Bobagem. – Angelo deu um sorrisinho. – Talvez Rogelio consiga mais informações com o namorado dele.

– Damien não é namorado dele.

Angelo franziu os lábios e inclinou a cabeça.

– acredite, se isso a deixa feliz. Mas alguém é.

– Não tenho tempo para isso, Angelo.

Ela se levantou, jogou o resto da comida na lixeira de reciclagem e voltou para a área de serviço. Não podendo usar o elevador, precisaria carregar os sacos pela escada. Pegou uma pilha e subiu para o seu posto.

Começaria com o Sr. Lineman, que seria de longe o pior. Prendendo a respiração, bateu à porta. Não houve resposta – os anjos estavam do seu lado naquela manhã. Abriu a porta e jogou os sacos no sofá. A suíte não era mais a pocilga de sempre, os pertences estavam guardados, a bagagem empilhada perto do armário. Ela ajeitou a cama, espanou um pelo púbico grisalho – não iria se incomodar em trocar os lençóis – e depois passou um pano no suporte da TV.

Ouviu-os antes de ver: a batida da porta do banheiro seguida

pelo som líquido de vômito e um gemido. A mulher do Sr. Lineman, uma criatura com cara de bolacha e olhinhos inquietos, nem reparou em Althea.

– Jonny? – dizia ela para a porta do banheiro. – Jonny, você está bem?

Althea estremeceu. Esperava que não houvesse uma virose. Talvez Trining estivesse mesmo doente, e não mentindo.

– Posso ajudar em alguma coisa? – perguntou à Sra. Lineman.

– Nós estávamos na fila quando ele comentou do enjoo. Não pode ser algo que ele tenha comido, já que nem tivemos chance de chegar ao bufê.

A descarga do vaso borbulhou. A mulher olhou para os sacos.

– O que é isso?

Lá vamos nós... Althea fez sua expressão mais inocente e explicou para que serviam. Enquanto a Sra. Lineman a encarava com um horror evidente, Althea abriu rapidamente um dos sacos e o enfiou na lata de lixo metálica.

– Eu não vou... eu não vou... *you know what* num saco. Não sou um animal.

– É só para o caso de ser necessário, Sra. Lineman. A senhora tem sorte: os sanitários deste andar ainda estão funcionando.

– Não é para menos. Nós estamos na seção VIP. Subimos de nível porque nossa cabine era menor do que saiu na propaganda.

– Sra. Lineman, como eu disse, até agora o seu andar não foi afetado...

– Isso não vai ficar assim, vocês vão ver.

Althea abriu seu melhor sorriso.

– A senhora precisa de mais alguma coisa?

– Só me dê mais água e toalhas.

– Obrigada, Sra. Lineman.

Althea passou depressa por ela. Quase havia conseguido sair quando a passageira a chamou de volta.

*Merda.*

A camareira se virou, preparando-se para uma saraivada de insultos, mas agora a Sra. Lineman parecia contrita.

– Não se incomode comigo. Desculpe ter gritado com você. Só

estou nervosa.

Por um segundo, Althea teve medo de que a mulher começasse a chorar. Não estava a fim de fazer seu número de simpatia.

– Não há com o que se preocupar, Sra. Lineman. Tudo vai ficar bem, a senhora vai ver. – A descarga do vaso soou de novo, fazendo as duas pularem. – Avise se precisar de mais alguma coisa.

A Sra. Lineman assentiu distraidamente e Althea escapou da cabine.

Suas duas idosas prediletas, Helen e Elise, estavam ausentes e ela ficou grata por ver as camas arrumadas como sempre. Deixou os sacos vermelhos na cabine, junto a uma garrafa extra de água. Não iria cobrar delas. Seu rádio zumbiu e a camareira ficou tentada a ignorá-lo – devia ser só Maria verificando como ela estava. Apertou o botão, esperando ouvir o fluxo usual de estática, mas a voz de Maria chegou límpida e forte.

– Althea, atenda, Althea.

– Estou aqui, Maria.

– Venha à minha sala agora, câmbio.

A voz de Maria estava um tanto trêmula. Althea tentou responder pelo rádio, mas descobriu que falava com o nada. Precisaria descer para descobrir o que a puta idiota queria.

Ensacou as toalhas sujas e levou-as pela escada de serviço, praguejando por causa da falta do elevador. Os músculos dos ombros estariam queimando ao final do dia. Vozes exaltadas chegavam até ela à medida que se aproximava da alcova no fundo, um local de encontro popular. Paulo e dois outros camareiros se amontoavam no corredor.

– O que está acontecendo? – perguntou Althea.

– É a Mirasol – respondeu Paulo. – Foi atacada por um passageiro.

– O quê? Quando?

– Não faz muito tempo. Foi aquele que...

– Onde ela está?

– Maria a levou para a sala dela.

Althea disparou pelo I-95 e entrou a todo vapor na sala da chefe, sem bater. Mirasol estava sentada diante da escrivaninha, com a

cabeça para trás, apertando uma bola de lenços de papel no nariz. Maria se encontrava parada junto a ela; em qualquer outra ocasião a camareira teria adorado a expressão desconcertada no rosto da supervisora geralmente presunçosa.

– É verdade? – perguntou Althea. – Um passageiro a atacou?

Maria levantou a cabeça.

– É. É verdade.

– Por que ela não está na enfermaria?

– Não há ninguém lá. Estão cuidando do passageiro.

– O que aconteceu?

– Ele começou a atacá-la quando ela entrou na cabine para fazer a limpeza.

– Estava fora de si – completou Mirasol, com a voz abafada. Respirou fundo e tirou a mão do rosto. – Está feio, Althea?

Fora o nariz sangrando, a camareira não podia ver mais nenhum ferimento.

– Não está feio. Você vai sobreviver.

– Pode cuidar dela, Althea? A segurança está resolvendo isso, mas preciso informar ao chefe da hotelaria, ao capitão e ao Atendimento aos Hóspedes.

– Claro.

Althea notou que as mãos de Maria tremiam. Ela estava numa baita crise. Isso era uma informação útil. A chefe abriu um sorriso raro, depois saiu da sala com óbvio alívio.

Althea se agachou perto de Mirasol. Os olhos da jovem estavam injetados.

– Onde isso aconteceu? No posto da Trining?

– Não. Foi no meu posto.

A jovem fungou de novo e Althea pegou a caixa de lenços de papel na mesa de Maria. Ela sempre a mantinha cheia, pois as pessoas choravam bastante naquela sala.

– Antes... antes de eu abrir a porta, algo já não parecia estar certo. Senti o tempo todo como se estivesse sendo vigiada.

– Conheço essa sensação, Mirasol. São as câmeras de segurança. A gente demora um tempo para se acostumar.

– Não. Não foi isso que eu quis dizer. Eu precisava ficar

verificando se ninguém vinha atrás de mim. Todas as minhas cabines estavam vazias e alguns colchões tinham sumido. As pessoas haviam saído por causa do fedor. Você já esteve lá embaixo, Althea? O negócio está piorando. Alguns carpetes molhados, e há entupimentos, logo os vasos têm transbordado. Deveriam mandar o pessoal da manutenção lá para baixo logo.

– E o homem que atacou você? – Althea tentou não demonstrar impaciência.

– Bati na cabine dele. Ninguém atendeu, por isso entrei e... Não vi o seu rosto, mas o homem estava gritando e chorando. Ele me acertou, mas acho que foi acidental, acho que nem me viu, então eu corri. Estava apavorado, Althea. Alguma coisa o tinha apavorado de verdade.

Marisol parou e enxugou os olhos. Ela era mesmo muito bonita. Althea precisaria ficar atenta para garantir que Angelo não destruísse a vida dela.

– Continue.

– Acho que sei o que foi. Eu vi uma coisa enquanto estava correndo para longe, Althea.

Mirasol fez o sinal da cruz.

– O que você viu? – Althea sentiu outra pontada forte no estômago. – Um menino?

– Um menino? – Mirasol balançou a cabeça. – Não. Eu vi a *Dama*, Althea. A Dama de Branco.

– Impossível.

– Eu vi, Althea. Ela sorriu para mim. Estava...

– Não existe nenhuma Dama de Branco, Mirasol – interrompeu Althea, com a voz mais áspera do que pretendia.

A jovem olhou para as próprias mãos.

– Desculpe. Mas é só a sua imaginação. Angelo colocou essa ideia na sua cabeça. E quando você ficou com medo, foi isso que pensou ter visto.

– Sério?

– É, sério. Não existe nenhuma Dama de Branco, Mirasol.

Assim como não existiam duendes, espíritos malignos nem bruxas.

Assim como não existiam meninos fantasmas.

## AS IRMÃS SUICIDAS

Os breves anúncios de Damien, o diretor do cruzeiro, agora vinham a todo instante, cada qual mais vazio do que o anterior.

– O chuveiro é uma boa opção se precisarem fazer o número um, e os sacos vermelhos vão servir para o número dois.

Helen suspeitou que ele estivesse se divertindo com a situação devido a algum motivo deturpado. Ela não havia deixado de notar a carência de informações úteis – nenhuma mensagem do capitão ou uma explicação para o motivo de ninguém da Foveros ter vindo resgatá-los ou rebocá-los de volta ao porto. Olhou a pilha de sacos plásticos vermelhos que tinha sido deixada enquanto ela e Elise estavam fora. Felizmente, o lavatório das duas ainda funcionava, mas a descarga provocara um alarmante ruído na última vez que a usara.

– Helen? – chamou Elise da cama. – Pode me arranjar um pouco d’água?

– Claro. Como você está?

Elise deu um sorriso corajoso.

– Melhor, obrigada. Foi só o calor que me pegou.

Quando estavam na fila do café da manhã no convés Balneário, Elise dissera que se sentia tonta. Helen ajudou-a a voltar à suíte e encorajou-a a se deitar um pouco. A amiga não parecia bem; o rosto estava vermelho e ela mal conseguia manter os olhos abertos.

– Tem certeza?

– Aham. Acho que vou cochilar por uns minutos. Tudo bem?

– Claro.

Helen serviu um copo d’água morna, já que o frigobar não funcionava mais, e o colocou ao lado da cama. Inquieta, arrumou o

quarto, depois levou seu notebook e o Kobo para a varanda. Ali estava uns 2 graus mais fresco do que na cabine; uma onda de calor as atingira ao voltarem do convés principal. Mesmo assim, eram sortudas. Pelo menos a suíte com varanda – ainda que com a vista em parte obscurecida por um bote salva-vidas – lhes dava algum ar fresco. O navio continuava adernado e não parecia se mover. O oceano estava absolutamente imóvel, a água coberta por uma pele oleosa que a fez se lembrar de um chá velho, deixado de lado.

Sentou-se e ligou o notebook. Seu bilhete suicida ainda estava na tela, esperando para ser copiado e colado no corpo de um e-mail. Ela havia levado semanas para escrever as três linhas, pretendendo mandá-las para as amigas e os sobrinhos de Graham, que a atualizavam de suas vidas pelo Facebook. Achava que sempre poderia mudar o status na rede social para “morta”.

Nada engraçado.

*Decidi que não quero mais viver. Estou com a mente sã. Por favor, não sintam culpa por minha decisão, ela não foi tomada com leviandade.*

Era mentira, claro. Helen não era uma pessoa que fizesse qualquer coisa com leviandade, mas aquela decisão havia sido – procurou uma palavra para descrevê-la... – quase frívola.

Fora num dia de umidade incomum em junho que a ideia lhe viera do nada. Estava cuidando do jardim, falando mentalmente com Graham, como sempre. Cortou um galho e pensou: por que me incomodar? Quem se importava se a cerca viva era podada ou não? O resto do dia se estendia, planejado com precisão militar, de modo que ela não tivesse muito tempo para pensamentos. Jardinagem das dez ao meio-dia, depois uma ida ao supermercado, um encontro com o grupo local da sociedade Salvem os Texugos, do qual era secretária, então lia das três às cinco da tarde, veria televisão por algumas horas, prepararia um jantar solitário, tomaria um comprimido para dormir e faria tudo de novo no dia seguinte. Estava cansada de viver à base de cronogramas, tentando preencher o vazio. Tinha amigos, claro, mas era bastante consciente de que não deveria ser um fardo, e eles eram ocupados com as próprias vidas e os netos.

Plena de um sentimento peculiar de empolgação, espanou a terra das mãos, correu para dentro de casa e ligou o notebook. Ficou pasma com a quantidade de informações disponíveis para suicidas em potencial. Havia o Exit International e o Dignitas, claro, uma enormidade de serviços de aconselhamento e centenas de sites citando os dez principais métodos infalíveis. Ficou na internet por vinte horas seguidas, por fim se detendo no Bettertogether.com, um fórum para quem “não quer morrer sozinho”. Uma mensagem da “Viúva Recente” atraiu seu olhar, um relato agridoce de como a pessoa tentava preencher os dias: encontrando novos modos de estender o tempo das compras, atuando como voluntária em todas as instituições de caridade próximas que pudesse encontrar, inscrevendo-se em cursos de espanhol e francês por correspondência. Sua alma gêmea. Helen levava três horas para pensar numa mensagem e ficara atualizando a página a cada trinta segundos com a esperança de receber uma resposta – que veio dez minutos mais tarde: “Que maravilhoso encontrar um cisne amigo!” Era como Elise chamava as duas: cisnes. Presas para sempre no limbo do luto pelas caras-metades.

Tinham conversado pela internet todos os dias durante semanas – falando de tudo, desde as minúcias da vida cotidiana até o motivo para terem chegado ao site. Curiosamente, apesar de agora terem uma à outra ao vivo, as duas sentiam falta da troca de mensagens. Havia na escrita uma intimidade que, de algum modo, estava ausente das interações pessoais, ainda que Helen não pudesse reclamar. Era estranho lembrar como ficara nervosa ao pensar em conhecer Elise. Tinham planejado passar alguns dias juntas num hotel modesto em South Beach antes do cruzeiro e, enquanto esperava no bar pela chegada dela, sentiu um frio na barriga como se estivesse para encontrar um amante. O que, de certa forma, Elise era. O que poderia ser mais íntimo do que morrer com alguém? Havia passado a contar com as conversas diárias pela internet e temia que, pessoalmente, a situação mudasse. Afinal de contas, no mundo real, elas não podiam ser mais diferentes. Elise: a dona de casa da Pensilvânia; Helen: a advogada aposentada. Helen: livresca e reservada (sabia que, na empresa, recebera o apelido de Rainha

do Gelo); Elise: aberta, calorosa e desavergonhadamente viciada em revistas de celebridades e novelas. Helen: ateia durante toda a vida; Elise: frequentadora assídua da igreja. Nenhuma das duas tinha filhos, mas, ao contrário da amiga, que se lamentava por isso, Helen jamais vira sentido em passar seus genes adiante. Na verdade, era um espanto terem o que conversar. Mas, no segundo em que se conheceram, imediatamente encontraram a amizade que compartilhavam pela internet – prova de que os opostos podiam se equilibrar.

Deixou o cursor pairar sobre o botão *apagar*. Na véspera – onze horas antes –, ela deveria morrer. Agora estava oficialmente vivendo um tempo extra.

*Quero morrer segurando a mão de um belo médico de navio, depois de comer uma uva contaminada.*

Como Celine poderia saber que Helen estivera pensando naquela citação mais cedo, na mesma noite? Ela não havia trazido um exemplar de *Um bonde chamado desejo* e sempre mantinha seu *e-reader* na bolsa. Aquela noite fora perturbadora. A música que tinham escutado no banheiro e as sombras que Helen vira no vidro da varanda. Tudo isso poderia ser explicado, mas o medo que ela experimentara – uma sensação primitiva, poderosa, de que deveria fugir – ainda a deixava inquieta. Fechou o computador, abanou-se e tentou se concentrar de novo em *Persuasão*. Talvez fosse sua última chance de lê-lo. Ficou penalizada por todos os livros em seu aparelho que jamais seriam lidos. Passou alguns minutos apagando os títulos mais constrangedores – em meio aos Graham Greenes, José Saramagos e David Mitchells, espreitava uma próspera biblioteca levemente erótica. Incapaz de se acomodar, voltou para o quarto.

Elise murmurou alguma coisa durante o sono, remexeu-se e abriu os olhos. Espiou ao redor, perplexa, como se tentasse descobrir onde estava.

- Tudo bem? – perguntou, sorrindo para ela.
- Helen... eu sonhei com ele. Ele estava falando comigo.
- Peter?

Elise assentiu e respirou fundo.

– Foi tão real, Helen!

– Eu sei.

Mas ela não sabia. Não sonhava com Graham, mas às vezes, apenas algumas vezes, pensava que sentia o cheiro dele em seu travesseiro de manhã.

– Peter disse que eu deveria parar de sentir culpa.

– Culpa? Com relação a quê?

– Por não estar lá quando ele morreu. Eu tinha saído.

Outra coisa em comum: Helen não estivera com Graham no seu último suspiro.

– A culpa não é sua.

– Eu sei, querida. Helen... você ainda quer fazer isso?

Ela queria? De novo Helen se questionou. Sua única outra opção era ir para casa. Havia desligado o aquecedor elétrico, esvaziado a geladeira e o freezer. Imaginou-se pegando um táxi no aeroporto de Heathrow, chegando à sua porta numa tarde de garoa, colocando as chaves no aparador do corredor, onde Graham costumava esconder os cigarros, indo até a cozinha fria, despida de qualquer toque pessoal – despida de qualquer traço da presença dele.

– É, ainda quero. E você?

– Sim, querida. Quero.

Elise estava numa situação muito pior do que ela, em muitos sentidos – as contas médicas de Peter a haviam deixado sem nada. Helen teria ajudado de boa vontade se ela pedisse, mas a amiga nunca fizera isso. E por que pediria? Elise não precisava se preocupar com a hipótese de se afundar ainda mais em dívidas. As duas tinham sido decididas com relação aos planos. Sem filhos ou parentes próximos, Helen pensara em deixar a poupança substancial para alguma instituição de caridade – um abrigo de gatos, talvez –, mas será que esse tipo de coisa ainda existia? Era em momentos assim que ela podia ouvir com clareza a voz de Graham, quase como se ele estivesse ali parado, lhe falando: *Não seja tão insensata, garota.*

– Vou dormir de novo, Helen – disse Elise, com as pálpebras já pesadas.

Helen segurou-lhe a mão até que a respiração dela se acalmou.

Amor. Era o que sentia por Elise. E sabia que era recíproco. Uma vez haviam conversado sobre a possibilidade de morar juntas, terminando os dias num condomínio na Flórida, talvez, ou num chalé em St. Ives. Mas isso seria apenas adiar o inevitável. Era preferível fazer aquilo enquanto estivessem em condições de se mover e totalmente conscientes.

Levantou-se e andou de um lado para outro. A claustrofobia a afligia. Não estava acostumada a ficar tão inativa. Não gostava da ideia de caminhar sozinha pelo navio, mas um passeio rápido não faria mal. Rabiscou um bilhete para Elise, que agora roncava baixinho, e saiu com cautela, mas já se acostumando à inclinação do navio. Foi até a sacada e olhou para o átrio. O balcão de Atendimento aos Hóspedes estava fechado e vários passageiros vagavam sem rumo por ali, como balões de gás soltos. Desceu a escadaria principal e passou pela sala do TI e pelas lojas, cujos interiores estavam escuros, as portas trancadas. Não encontrara nelas uma única coisa que desejasse ter. Já Elise se admirara com alguns badulaques, e depois riu dizendo que não precisaria de brincos de coral no lugar para onde iam.

Andou aleatoriamente e foi parar na biblioteca, decorada para lembrar uma sala de leitura vitoriana. Não chegava a ser desagradável; a iluminação reduzida combinava com a mobília antiga – falso, óbvio – e, de algum modo, ali dentro parecia mais fresco. Examinou os livros trancados em armários de vidro, na maioria velhas edições de bolso de Jeffrey Archer e Jodi Picoult. Já ia se sentar numa poltrona de couro quando percebeu que não estava sozinha. Havia um grupo de pessoas em volta de uma mesa num nicho, os olhos fechados, de mãos dadas. Era algum tipo de círculo de orações. Desconfortavelmente cônica da própria intromissão, pegou um exemplar de *As cinco pessoas que você encontra no céu*, abandonado numa mesinha de centro, e saiu do cômodo.

Em seguida, passou pelo cassino e pelo bar, ambos fechados, meneando a cabeça para Jaco, que se preparava para cantar no pequeno palco. Mais uma vez sentiu pena dele: o sujeito não tinha plateia, só uns dois tripulantes que poliam os metais. Continuou andando, contornando o Salão de Jantar Paisagens de Sonho,

repleto de avisos de “fechado”, e entrou num reservado do lado de fora da free-shop, perto de uma enorme janela panorâmica que emoldurava o oceano imóvel. Um casal bem-vestido, mais ou menos da sua idade, passou tagarelando. Helen sentiu que olhavam para ela e fingiu se concentrar no livro.

– Oi – cumprimentou a mulher.

– Olá.

Helen desejou com todas as forças que eles continuassem andando.

– Espero que não se incomode por eu dizer, mas a senhora parece meio perdida. Eu a vi no Salão de Jantar Paisagens de Sonho... Também janta tarde, não é?

Os olhos azuis da mulher pareciam quase radioativos em contraste com a pele bronzeada.

Helen sorriu e fitou o romance de forma acintosa, esperando que a desconhecida captasse a mensagem.

Não captou.

– Você não deveria ficar sozinha.

– Estou bem. Estou lendo.

– Ah! Você é da Inglaterra!

– Sou.

*Vão embora.*

A mulher deslizou para o reservado junto de Helen, e o companheiro – um sujeito de olhos caídos, presumivelmente seu marido – sentou-se do lado oposto. Ela pegou o celular e começou a passar o dedo na tela.

– Estive em Londres no ano passado. Adorei. Espere. Olhe isso!

A mulher enfiou o telefone na cara de Helen, que deparou com uma foto do homem posando sem sorrir ao lado de Lady Di.

– Como se chama esse lugar mesmo, Jimmy?

– Madame Tussauds.

– Isso mesmo. Madame Tussauds. Meu nome é Annabeth e este é meu marido, Jimmy.

– Helen.

– Helen! Nome lindo. Uma tia minha se chamava assim. Você se lembra dela, Jimmy? – O homem assentiu e ela perguntou: – Está

viajando sozinha, Helen?

– Não. Estou com uma amiga. Ela está tirando um cochilo na cabine.

– Aham, certo. Eu me lembro de ter visto você com alguém no salão de jantar, agora que parei para pensar. Não culpo sua amiga. Está um calor medonho, não é? Jimmy e eu moramos na Flórida, por isso não precisamos nos preocupar em perder o voo para casa, mas muita gente não está na mesma situação que nós. Ah, Jimmy, você ouviu o que acabei de dizer?

O marido lhe deu um sorriso sofrido.

– Você não deveria estar aqui sozinha, Helen. As pessoas estão ficando nervosas. E aquele negócio de os banheiros não funcionarem... Por que não vem conosco? Somos um belo grupo, estamos todos cuidando uns dos outros. A maioria é gente de mais idade, mas também há algumas pessoas mais novas.

Um garçom se aproximou e entregou silenciosamente uma garrafa d'água a cada um. Annabeth agarrou o braço do garçom; veias lembrando minhocas saltavam por baixo da pele bronzeada.

– Obrigada. Como você está? Como a tripulação está se sentindo?

– Estamos todos bem, obrigado, senhora.

– Somos gratos pelo que vocês têm feito por nós. Há alguma novidade?

– Não. Sinto muito, senhora.

Ela o soltou e lhe deu um tapinha no braço.

– Tenho certeza de que Damien vai avisar quando consertarem o navio.

O garçom assentiu e se afastou.

– Helen, vamos colocar você sob nossa asa. Venha conosco e conheça o resto da turma.

– Não. Estou bem. Mas obrigada.

– Não vou aceitar um "não" como resposta. Conheço vocês, ingleses, são educados demais. Venha conhecer todo mundo. Somos bem amigáveis. E você pode conhecer Celine.

– Celine del Ray?

– É! Você a conhece?

– Conheci ontem à noite.

– No seu ponto de encontro? – perguntou Jimmy, quase surpreso por ter conseguido enfiar uma palavra na conversa.

– Ah, isso é simplesmente maravilhoso. – Annabeth riu. – É por isso que eu e Jimmy estamos no cruzeiro. Uma amiga nossa, Leila, fez reserva para nós assim que viu no Facebook que Celine participaria. Celine nos ajudou demais, não é, Jimmy?

O marido assentiu.

– Nós perdemos nossa filha, veja bem – disse a mulher em tom casual.

– Sinto muito.

– Há sete anos, câncer no seio.

– Sinto muito. Que terrível.

– Ah, que gentil da sua parte! E eu pensei... se eu pudesse falar com ela mais uma vez e soubesse que não estava sofrendo, conseguiria seguir em frente. Na primeira vez que fui a uma vidente, Jimmy disse que eu estava louca. Não acreditava que era possível falar com as pessoas que fizeram a passagem. E sabe, acho que, no fundo, eu não acreditava de verdade. Os médiuns que procuramos... Dava para ver que não sabiam o que estavam fazendo. E tínhamos dúvidas com relação a Celine também, não é, Jimmy? – Annabeth se inclinou adiante. – Tínhamos ouvido as histórias.

O queixo do homem estremeceu. Annabeth estendeu a mão e apertou a dele, e os dois compartilharam um olhar de tamanha devoção que Helen não pôde deixar de ficar tocada.

– Mas o que Celine nos disse hoje de manhã... ela nos deu algo especial. Um verdadeiro presente. Foi como se Julia estivesse ali conosco. Tenho certeza de que ela lhe faria uma leitura, se você pedisse.

– Sério, estou bem.

– Deve haver alguém que você queira contatar.

– Não.

Mesmo se houvesse, a mulher grosseira e perturbadora com quem tinha passado um tempo na noite anterior seria a última pessoa a quem ela recorreria.

– Não acredita nos espíritos, Helen?

– Não sei bem no que acredito.

Era mentira. Ela só não estava com vontade de se submeter a proselitismo. Às vezes desejava ser capaz de acreditar em Deus e no Paraíso. Às vezes invejava Elise, que tinha certeza de que Peter a estaria esperando quando ela morresse. Helen não tinha essa confiança. E o que diria a Graham se o visse de novo? Tudo fora súbito demais. Um ataque cardíaco. Na academia de ginástica, imagine só. Uma baixa devida ao hábito que ele mantivera desde os 16 anos, fumando dois maços por dia. Depois do sofrimento viera a fúria por ele tê-la deixado. Graham sempre estivera presente, rindo dela, tornando sua vida mais leve. Era um clichê, mas ele era seu melhor amigo; os dois faziam tudo juntos, não precisavam de mais ninguém. Sem ele a vida era... cinzenta. Era isso. Chata.

Helen se levantou.

– Preciso mesmo ver minha amiga.

– Cinco minutos, Helen. Vamos mostrar onde nós estamos e você pode vir mais tarde.

Seria mais fácil simplesmente ir com eles. Não tinha nada a perder ou a ganhar. Assim que o navio começasse a se mover de novo, ela e Elise poderiam revisar as opções.

Helen permitiu que a levassem até a porta do Lounge Sonhador das Estrelas, onde foi recebida por um grupo animado de homens e mulheres de meia-idade. O salão estava razoavelmente cheio, com a maioria das poltronas ocupadas. No palco, um homem gorducho de 20 e poucos anos mexia num minigerador portátil. Helen viu Maddie sentada numa das laterais, de cabeça baixa.

– Eu a conheço – disse a Annabeth.

– Maddie? Ela é adorável. Também é inglesa. Celine não estava bem nos primeiros dias do cruzeiro e ela realmente cuidou de todos nós.

– Só vou dar uma palavrinha com ela. Com licença.

– Mas vai voltar, não vai? Quero apresentar você a todo mundo.

– Ah, vou – mentiu Helen.

Iria trocar uma palavra com Maddie e depois daria o fora dali antes que Celine aparecesse. Algumas pessoas sentadas nas poltronas estavam cochilando, porém a maioria lhe dava sorrisos

amigáveis enquanto ela passava. Aquilo parecia um oásis de paz. Luz reduzida, o ar menos pesado do que em sua suíte – o que era estranho, considerando o número de pessoas no salão. Maddie não levantou a cabeça quando ela se aproximou da mesa e Helen foi obrigada a tocar em seu braço.

Ela deu um pulo, fazendo sua garrafa d'água voar.

– Helen! O que está fazendo aqui?

Helen olhou para a mesa de onde Annabeth e Jimmy a observavam.

– Fui convidada.

– Os Amigos a encontraram, foi? Convocaram você.

– Os Amigos?

– Amigos de Celine. O grupo que pagou a mais para viajar com ela. – Maddie balançou a mão. – Não importa.

– Onde está Celine?

– Nos bastidores. Preparando-se. Deixei-a por conta própria.

– Preparando-se para quê?

– Ela vai fazer outra leitura. A terceira de hoje, por incrível que pareça.

– Então ela está mesmo se sentindo melhor.

– Ah, está. Na verdade, eu chegaria ao ponto de dizer...

Sem fanfarras ou anúncio, Celine saiu para o palco em sua cadeira de rodas.

– Então, como estamos nos sentindo?

Sua voz se espalhou pelo salão. Helen olhou para a porta, ansiando por sair. Decidiu esperar até que a plateia se distraísse.

– Primeiro gostaria de dar as boas-vindas a todos os nossos novos Amigos. Estou feliz por vocês se juntarem a nós. Vamos todos cuidar uns dos outros. Este é um lugar seguro. Enquanto estivermos juntos, vamos ficar bem. Estejam certos: cada um de vocês tem o próprio anjo da guarda e guia que o vigia. Talvez não consigam ver, mas podem senti-los, não é?

Uma profusão de concordâncias percorreu o salão. Helen olhou para Maddie, mas a assistente estava examinando as costas das mãos. Todas as outras pessoas permaneciam com o olhar fixo em Celine.

– Estejam certos: seus guardiões e guias e os espíritos dos que fizeram a passagem estão se manifestando. Estejam certos: não existe morte. – Celine fez uma pausa e Helen teve quase certeza de que a mulher estava olhando direto para ela. – Mas isso não significa que a vida não seja um bem precioso. – Um sorriso irônico. Helen se remexeu desconfortavelmente na cadeira. – Esperem... meus guias, Archie e Lizzie Bean, estão dizendo que há algumas mensagens e conexões urgentes que precisam ser feitas.

A plateia mal parecia respirar.

– Um homem... Um homem está se manifestando. É. Estejam certos: há alguém aqui com quem ele está tentando se conectar. A letra "G" significa algo para alguém? Esperem... Aaah. É um homem alto. Um homem bonito. Uma ligeira barriguinha, mas somos todos humanos, não é? Podemos perdoar esses detalhezinhos, não podemos, Amigos?

Todos gargalharam. Helen sentiu um calafrio. Sabia o que viria.

– E, estejam certos, o corpo físico não é uma coisa com a qual precisemos nos preocupar depois que fizermos a passagem. Agora... estou captando... Desculpem, mas acho que preciso cantar. Minha voz não é grande coisa, mas o homem se manifestando quer que eu cante: "*She was right next door and I'm such a strong persuader...*"

– Celine fez uma pausa. – Isso significa alguma coisa para alguém?

Helen sentiu um aperto no coração e, por um segundo, teve certeza de que ia vomitar. Calma, disse a si mesma. Esses paranormais e médiuns são espertos. Fazem leitura a frio e trambiques.

– Ninguém? Agora estou recebendo com muita força. E, sabe, estou sentindo vontade de tossir. – Um riso grave. – Parei de fumar há anos, mas vou dizer: neste momento estou sentindo uma tremenda necessidade.

Helen se levantou rigidamente.

– Vejo você mais tarde, Maddie – ouviu-se dizendo.

A assistente levantou a cabeça.

– Você está bem?

– Só preciso de um pouco de ar.

Saiu às pressas, batendo a canela numa mesa. Mal sentiu.

– Helen? Aonde você vai? – A voz de Annabeth acompanhou-a.

Enxugando as lágrimas – sem saber se eram de choque, fúria ou tristeza –, Helen correu. Passou pelo cassino e pelas portas dos fundos do Lounge Sandman, que estavam fechadas, e seu reflexo esquelético no vidro a espantou por um momento. Celine não poderia saber daquela música de jeito nenhum. Ela devia ter entrado na suíte das duas, talvez tivesse olhado no Facebook – havia uma foto de Robert Cray em seu perfil, da última vez que Helen o tinha visto tocar ao vivo em Londres, anos antes. Era isso. Começou a relaxar. Truques baratos.

Quando chegou ao convés Varandas, sua respiração voltara ao normal, mas ela se recompôs antes de entrar de novo na suíte. A última coisa que desejava era preocupar a amiga.

– Elise?

A cama dela estava vazia, os lençóis e travesseiros desarrumados.

– Elise?

Um grito estrangulado veio do banheiro. Helen abriu a porta. Elise estava caída no chão, a saia repuxada para cima.

– Não estou muito bem, Helen. Minha cabeça dói. Acho, acho que estou...

## O ANJO DA MISERICÓRDIA

Agora o sujeito estava apagado, mas Jesse sabia que precisava monitorá-lo de perto. Meu Deus, que cena! A adrenalina ainda percorria seu sangue desde o momento em que ele e Bin tinham sido chamados à cabine do homem para sedá-lo. Encontraram-no enroscado no canto, gritando cada vez que um deles chegava perto. Foram necessários dois seguranças para contê-lo enquanto esperavam que o sedativo fizesse efeito.

E não era só o recém-chegado que preocupava Jesse. Alfonso ainda estava meio catatônico, mal havia reagido quando o passageiro histérico fora trazido para o ambulatório. O médico não conseguira arrancar uma palavra dele. A bandagem para queimadura faria o serviço – Jesse precisaria apenas trocá-la no dia seguinte, e que Deus permitisse que já estivessem livres daquela situação –, mas Alfonso mal havia tocado o iogurte com banana que Martha lhe trouxera antes, nem usara a cadeira sanitária que tinham posto no pequeno banheiro. Se não trouxessem um psicólogo de helicóptero, Jesse não poderia fazer grande coisa.

Um passageiro psicótico, uma mulher morta, o norovírus e um engenheiro quase catatônico. *Quanta merda a mais podemos colocar na pilha?*

Martha entrou intempestivamente no ambulatório e jogou as luvas na lixeira, nervosa.

- Temos mais um, Jesse.
- Noro?
- Noro.
- Quantos, agora?
- Seis no total. Três tripulantes e três passageiros. Estou

preocupada com esta agora. Tem sobrepeso e é idosa. Está fraca. A amiga a encontrou caída no chão do banheiro.

– Quer trazê-la aqui para baixo?

– Não. É melhor manter qualquer caso nas cabines, de quarentena.

– Quer que eu vá olhá-la?

– Você já tem trabalho suficiente. – Ela gesticulou na direção do psicótico. – Como está o sujeito?

– O midazolam está funcionando, graças a Deus.

– O que provocou isso? Ele tem histórico de psicose?

– Ainda não sabemos. A segurança está tentando encontrar a mulher dele.

– Algum ferimento?

– Só tive chance de fazer um exame superficial. Hematomas na parte de cima das coxas e nos pulsos, contusão na testa. Provavelmente surgidos durante a luta. Foram necessários dois seguranças para contê-lo.

– Merda. E o Bin?

– Está cuidando da camareira que o homem atacou antes de o trazermos para cá. Não é nada sério, mas ela está traumatizada. É compreensível.

Martha o olhou de cima a baixo.

– Você arranjou tempo para descansar?

– Não. – Ele estava sobrevivendo à base de café frio e intermináveis latas de Coca-Cola; a onda da cafeína mal conseguia impedir a exaustão. – Digo ao capitão que deveríamos entrar em alerta vermelho?

Não havia casos suficientes de norovírus – ainda – para exigir isso, mas era melhor prevenir do que remediar, especialmente considerando a situação do sistema de propulsão. Ele havia pedido um encontro com o capitão na véspera, mas até agora fora ignorado.

Martha se encostou na maca.

– Isso iria cair muito bem ao lado de todo o resto. Mas acho que deveríamos sugerir. No mínimo, os passageiros têm que ser instruídos a higienizar as mãos.

É, certo, pensou Jesse. Em todo aquele tempo no navio, nunca vira alguém fazer isso.

– Por quanto tempo a situação pode continuar assim?

– Só Deus sabe.

– Ficou sabendo de mais alguma coisa?

– Não. Os meios de contato ainda estão fora do ar.

– Estou preocupado com o necrotério. Sem energia, podemos ter problema por lá.

– Não se preocupe. Ele fica abaixo da linha-d'água. Vai permanecer frio o suficiente.

*Por enquanto.*

Houve uma batida à porta e um homem com roupa branca de oficial entrou, hesitante. Como a maior parte dos tripulantes do passado, parecia um estereótipo do italiano bonito, de cabelo escuro e liso – atraente sem precisar se esforçar. Os oficiais costumavam fazer com que Jesse se sentisse bastante inadequado.

– Com licença? Posso visitar o Alfonso?

– Ele está dormindo. O senhor não deveria estar aqui.

– Desculpe. – O olhar do sujeito se dirigiu a Alfonso, deitado perfeitamente imóvel, de olhos fechados. – Bati à porta externa, mas ninguém atendeu.

Jesse trocou um olhar com Martha, que deu de ombros como se dissesse “você é que sabe”.

Que mal faria? Talvez o homem levasse Alfonso a falar.

– Vá em frente.

Martha deu um sorriso de apoio a Jesse e saiu da sala.

O oficial foi até o lado da cama de Alfonso e soltou uma algaravia. O italiano de Jesse se resumia a “Nessun dorma” e uma ou outra gíria que havia aprendido, por isso não fazia a mínima ideia do que o sujeito dizia, mas, o que quer que fosse, não parecia estar ajudando.

O oficial – Baci, segundo seu crachá – se virou para Jesse.

– Por que Alfonso não está acordado? O que há de errado com ele? Estou vendo o braço, mas há alguma outra coisa?

– Ele tem dormido na maior parte do tempo. É possível que esteja tendo alguma reação aos analgésicos. Ele é seu amigo?

– Ele me ajudou a trabalhar nos navios. Somos da mesma região. Ele é como um pai para mim. Mas estou preocupado. Precisamos que ele faça o serviço. Trabalhou na sala de controle durante cinco anos. Ninguém conhece o motor e os geradores como Alfonso.

– Você sabe qual é o problema?

Um dar de ombros exagerado.

– A redundância não funcionou como deveria. Agora o navio só está funcionando com os dois geradores de emergência. Não há eletricidade.

– Mas vocês podem consertar, não é?

Jesse não entendia por que não poderiam. Quando começara no serviço, tinha feito um tour pelo navio – apesar de não permitirem que fosse às profundezas latejantes da sala do motor – e vira as oficinas, as áreas cheias de peças de reserva.

– Talvez. Não sei. Eu trabalho no passadiço. Terceiro oficial. – Ele disse outra coisa a Alfonso, numa voz um pouco mais estridente, porém o engenheiro continuou sem reação. – Posso tentar acordá-lo?

– Pode.

– Alfonso!

Baci sacudiu o ombro do homem com mais força do que Jesse gostaria. Mas então os olhos de Alfonso se entreabriram e ele se sobressaltou, soltando um grito estrangulado. Havia puro medo em seus olhos.

– Diga que só queremos ajudá-lo – pediu Jesse. – Pergunte se está sentindo dor.

Baci suavizou a voz. Alfonso parecia olhar através dele, mas, por fim, pareceu enxergá-lo e perceber o ambiente. O oficial fez uma pergunta e o engenheiro respondeu em voz baixa e trêmula. Os dois conversaram durante vários minutos, o olhar de Alfonso vasculhando a sala. Baci parecia cada vez mais agitado com as respostas do amigo.

– O que ele está dizendo? – interveio Jesse.

Baci se virou para encará-lo.

– Não sei como explicar.

– Pode ao menos tentar?

- Ele disse que viu o diabo.
- O quê?
- Que ele estava lá quando o incêndio começou.
- O diabo estava na sala do gerador?

Um dar de ombros.

– *Sì*. Ele o chama de “homem escuro”.

– Certo. Ahn... isso é normal para ele?

– Não. Ele é religioso, mas não é... – Baci balançou a mão, tentando achar uma palavra.

– Delirante?

– *Sì*.

– Pode perguntar se ele está sentindo alguma dor?

– Ele fala inglês.

– *Ja*. Mas não está falando conosco.

Alfonso disse outra coisa.

– Ele falou que o homem escuro está conosco aqui, agora.

Jesse olhou ao redor.

– Acha que ele está falando do outro paciente?

– Não sei.

Abruptamente, Alfonso se virou de lado e fechou os olhos. Baci tentou arrancar uma reação nos dois minutos seguintes, mas o amigo ficou em silêncio.

– Você vai cuidar dele?

– Claro.

– Vou voltar para vê-lo quanto antes. – Baci alisou o cabelo com as duas mãos. – Isso não é bom. Preciso voltar.

Jesse o acompanhou para fora.

– Quando teremos alguma resposta?

– *Scusi?*

– Quando vamos ter comunicação de novo? No mínimo, preciso informar ao Apoio de Terra.

– Você falou com o capitão?

– Tentei falar.

– Ele está muito ocupado.

*Meu Deus.*

– Escute, você pode pedir para ele entrar em contato comigo

urgentemente?

– Farei o que puder. Sou apenas o terceiro oficial do passadiço, logo não tenho muita autoridade.

– Preciso me encontrar com ele.

– Farei o que puder – repetiu Baci.

Jesse percebeu que estava pegando no pé do pobre coitado – Martha, escrevendo relatórios à mesa, observava-o com interesse –, mas não sabia o que fazer, a não ser ir ao passadiço e bater à porta com estardalhaço.

– Vocês ao menos sabem onde nós estamos?

– *Scusi?*

– No mar. Nós estamos à deriva. Vocês sabem onde nós estamos?

– Podemos usar navegação manual.

– Saímos do curso? É por isso que ninguém nos encontrou?

– Estamos à deriva, mas podemos acompanhar a velocidade com que nos movemos.

– E...?

– Preciso voltar ao passadiço.

Jesse o deixou ir embora.

– Ele conseguiu que Alfonso falasse? – perguntou Martha.

– *Ja*. Um pouco.

– E o que ele disse?

– Só que o diabo está no navio.

– Isso eu poderia ter dito a ele. Mas, sério, o que Alfonso disse?

– Estou falando sério. Ele disse que foi o diabo que provocou o incêndio.

– Meu Deus.

Jesse engoliu o resto de sua última dose de cafeína e tentou não pensar na deliciosa válvula de escape escondida atrás da porta do armário de medicamentos. Ele devia estar com uma aparência de merda. Precisava fazer a barba. Precisava tomar banho. Sua roupa branca estava amarrotada, suja e manchada da sopa fria consumida às pressas na noite anterior.

Voltou ao ambulatório. Os olhos de Alfonso estavam fechados de novo, a respiração lenta e regular. O psicótico continuava apagado.

Jesse olhou a terceira cama, vazia. Parecia convidativa. Poderia se enrolar nela e, quando acordasse, talvez estivessem de volta a Miami e tudo teria acabado. Fechou os olhos com força e viu estrelas pipocando e dançando.

Vozes exaltadas vieram da área de recepção e, segundos depois, Martha enfiou a cabeça pela porta.

– A mulher de Gary Johansson está aqui. Ela quer vê-lo.

– Mulher de quem?

– Do sujeito aí.

Ouviu-se um uivo agudo.

– Cadê ele? Quero vê-lo!

Uma mulher de cabelo curto e escuro, short mais curto ainda e mau comportamento irrompeu na sala.

– Senhora, eu pedi para esperar lá fora – disse Martha.

– Cadê ele?

Um segurança de aparência cansada pairava atrás dela. Não era um dos sujeitos que Jesse havia encontrado quando fora chamado à cabine da moça morta. Aquele se chamava Pran, era jovem e tinha bigode falhado.

A mulher viu o marido.

– Gary! – Ela foi com o chinelo estalando até o lado da cama, depois se virou para encarar Jesse, furiosa. – Por que o soro?

– Precisamos mantê-lo sedado, senhora.

– Sedado? Por quê?

– Ele estava agitado.

– Uma camareira disse que foi atacada por ele – observou o segurança, de forma insensata.

– O quê? Atacada por ele? Ela está mentindo. Gary nunca faria isso. Ele é um cordeirinho.

– Calma – disse Martha. – Temos outro paciente com ele e não queremos incomodar ninguém, não é?

Ela sorriu para a mulher, que pareceu ficar menos agitada.

– Gary? Gary, está me ouvindo?

– Ele vai ficar apagado por um tempo – informou Jesse.

– O que há com ele?

– Não sabemos. Ele tem algum histórico de instabilidade mental?

- Não! Como assim?
- Só estou tentando ter uma visão mais clara do que enfrentamos aqui.
- Bom, ele não atacou ninguém. De jeito nenhum.
- Ele é alérgico a alguma coisa?
- O quê?
- Ele tem alguma alergia que devêssemos saber?
- Não. Não tem. Ah, espera. Ele não gosta de queijo.

Martha conseguiu conter o sorriso. A mulher lançou um olhar feroz para Jesse.

- Não tem nenhum médico americano a bordo?
  - O Dr. Zimri é totalmente capaz – replicou a enfermeira.
- A mulher não pareceu convencida.
- Você vai cuidar dele, não vai? – gemeu para Martha.
  - Sim, senhora. Agora vá. Vamos avisar quando ele tiver acordado, pode deixar.

– Eu não estou na minha cabine. Estou no convés Balneário com amigos.

- Vamos garantir que a senhora seja contatada.

Martha a conduziu para fora, seguidas pela segurança.

Dessa vez, Jesse realmente despencou na maca vazia. Cinco minutos, prometeu a si mesmo. Mal havia dormido na noite anterior. A velha paranormal o deixara agitado. E ele passara horas pensando em Farouka. Construindo monstruosidades a respeito dela na cabeça, imaginando-a com outros homens, mais feliz do que nunca, contando a todo mundo como estava agradecida por terminar o casamento. Talvez Jesse ficasse eternamente arrastando os destroços da vida antiga como se fosse um vestido de casamento esfarrapado.

Fraco. Ele era fraco.

- Pode vir aqui, doutor?

Dessa vez era Bin.

- É a camareira?
- Não. É o necrotério. O pessoal da lavanderia disse que ouviu um barulho vindo lá de dentro.
- Não seja ridículo.

– Doutor, só estou dizendo o que ouvi.

– Você verificou?

Bin balançou a cabeça.

– Não, doutor. – Jesse percebeu que era a primeira vez que não via Bin sereno nem controlado. – Acho que o senhor deveria vir.

– Sério?

Bin assentiu com um ar de desculpa.

Havia um grupo de homens do lado de fora da lavanderia falando entre si. Ficaram em silêncio quando Jesse e Bin se aproximaram. O necrotério propriamente dito, uma baia única, situava-se num depósito, atrás de uma porta de metal que lembrava uma torradeira gigante, ao lado da lavanderia.

Jesse sentiu o peso dos olhares de todos ao passar pela porta aberta do depósito. Espaço era algo precioso num navio, e o piso estava atulhado de latas de tomate e sacos vermelhos para dejetos que provavelmente tinham sido mantidos no necrotério até que este fosse de fato utilizado. Ao contrário das gavetas para cadáveres que havia na maioria dos lugares, aquela era encaixada num nicho, de lado. A porta estava fechada com firmeza.

– Para mim parece tudo bem. Eles têm certeza de que o barulho vinha daqui?

Mesmo que alguém esmurrasse a porta do depósito por dentro (mas quem faria isso?!), era improvável que o som chegasse longe.

Um dos homens, um sujeito de 40 e tantos anos e pança redonda, com dentes de fumante, murmurou algo para Bin.

– Ele disse que o som vinha com certeza de dentro do necrotério. Eles abriram a porta do depósito e ouviram.

– Bom, ele devia estar...

*Bam.*

Jesse estremeceu.

– Que porra é essa?

*Bam.* Uma pausa longa e, depois, um *bong* metálico. Todos pularam de susto.

– Deveríamos chamar a segurança – disse Bin, a voz falhando de medo.

– Não – retrucou Jesse. – É o calor aí dentro. Faz o metal se

expandir.

Ele segurou a maçaneta do necrotério, depois passou a mão pela placa frontal. Estava fresca, mas não fria. Ainda não haviam resfriado o necrotério – os engenheiros tinham esquecido, ou talvez não estivesse conectado à eletricidade de emergência.

– Não abra, Jesse – sussurrou Bin.

O fumante barrigudo estava murmurando o que parecia ser uma oração. Os outros tinham dado o fora.

A tampa deslizou facilmente para cima, revelando o saco de cadáver. Jesse olhou, meio esperando que ele estremecesse.

Loucura.

O que esperava encontrar? A mulher viva ali dentro? Baboseira, como diria Martha. Ele podia ser um sujeito fodido, mas não era tão estúpido assim.

– Falam que ela está assombrando o navio – sussurrou Bin. – Que é um espírito inquieto. Que está trazendo outros espíritos ruins para se juntar a ela. Dizem que está trazendo azar, e que é por causa dela que estamos à deriva.

– Meu Deus. Isso é uma tremenda besteira.

Mesmo contra a vontade, Jesse abriu o zíper do saco. O fedor de decomposição saltou sobre ele. O rosto da mulher estava flácido, os olhos brancos. A boca aberta, devido à rigidez, revelando uma fileira de obturações antiquadas e baratas nos molares inferiores. Ele recuou para deixar que Bin e os homens da lavanderia vissem pessoalmente.

– Estão vendo? Morta.

Completamente *morsdood*.

O sujeito barrigudo fechou a cara e recuou. Bin – o confiável e calmo Bin – parecia a ponto de desmaiar de alívio. Será que Jesse o julgara mal o tempo todo? Não. Ele estava apenas assustado. Jesse também, droga.

Fechou o zíper do saco, soltou as travas que impediam a tampa de cair e recuou para deixar que ela se fechasse com uma pancada.

– Podemos voltar e simplesmente...

*Bam.*

## O GUARDIÃO DE SEGREDOS

Devi olhou para a base metálica do beliche acima dele. Madan e Ashgar haviam coberto as paredes e as áreas acima das suas camas com fotos obscenas, mas ele não tinha nada para distraí-lo além de palavras rabiscadas: várias versões de "Foda-se", "Mônica trepa estilo cachorrinho" e um desenho do que parecia uma mulher seminua fundida a uma Ferrari.

Dormira durante três horas antes de acordar com um susto, convencido de que alguém havia sacudido seu ombro. Então, tinha cochilado e acordado várias vezes, tentando organizar os pensamentos e inalando o vapor que vinha da colcha de Madan largada na cama de baixo. O dia o esgotara; ele ainda não arrumara tempo para verificar mais uma vez as imagens de segurança da noite anterior. As horas foram consumidas por interrogatórios do grupo de solteiros e do camareiro que supostamente havia checado as cabines e pela patrulha do convés principal e do Balneário. Estava exausto de enfrentar reclamações sobre a falta de refeições quentes, a escassez de informações e a bronca mais popular de todas: o fato de os bares estarem fechados. Pela experiência de Devi, a maioria dos passageiros começava a se portar mal quando passava mais de uma hora sem comida ou bebida.

Ram havia mandado uma mensagem para Devi por Madan, algumas horas antes, insistindo que ele tirasse uma folga. Seu superior tinha passado boa parte do dia no passadiço, reunido com o capitão, e Devi ainda não lhe contara o que descobrira na gravação em vídeo. Uma coisa que não mencionaria nem colocaria no relatório era o que tinha visto a mais: a palma de uma pequena mão cobrindo a lente. Aquilo não era possível. As câmeras ficavam bem altas, no

teto. Só podia ser um truque da luz, interferência de outro aparelho no circuito fechado, talvez. Sempre havia uma explicação racional. E ele ainda não falara com aquela camareira, Althea Trazona.

Fechou os olhos e esfregou o rosto. Precisava tomar banho e comer algo antes de voltar ao serviço. Precisava de energia e...

A porta da cabine se abriu e Devi lutou para esconder a consternação quando Rogelio entrou.

Pôs as pernas para fora do beliche e ficou de pé.

– Rogelio, você não pode vir aqui. Ashgar ou Madan podem chegar a qualquer momento.

– Eles não estão por perto. Eu verifiquei. – Rogelio passou por cima do equipamento de Madan e grudou o corpo no de Devi. – Eu precisava ver você.

Devi desejava uma chuvaizada, sentia o cheiro azedo do próprio suor, mas Rogelio não parecia se incomodar. Nunca se incomodava.

– Por que não foi me procurar ontem à noite? Eu precisei de você.

Devi se afastou.

– Tive que trabalhar. Desculpe.

– Estou apavorado, Devi. A situação está muito ruim. Damien... Damien me fez prometer que não diria nada, mas ele contou que o capitão está muito preocupado. Ainda não há internet, Devi. Nem rádio. Nada vem dos navios que deveriam estar na área. Já era para terem nos procurado há horas, depois que o sinal de emergência foi enviado por rádio.

– Talvez o tempo esteja ruim no porto e eles não puderam vir.

Devi olhou ansioso para a porta outra vez. Precisava tirar Rogelio dali.

– Por favor, você precisa sair.

Rogelio fez beicinho.

– Por que você sempre me manda embora? Tem vergonha de mim?

– Não. Claro que não. – Se tinha vergonha de alguém, era de si mesmo. *Covarde*. Sabia o que Rogelio queria; sabia que jamais poderia dar. – Você conhece minha situação.

– E por que você não veio me procurar para contar sobre Kelly

Lewis ontem à noite? Precisei saber pelo Ram, aquele sujeito horrível. E ele falou comigo como se eu fosse um criminoso.

– Sinto muito. Isso estava fora do meu controle.

Rogelio suspirou audivelmente.

– Sinto muito pela Kelly. Deve ter sido apavorante, morrer sozinha assim.

– Ram contou como ela morreu?

– Só disse que ela bebeu demais. Os grupos de solteiros sempre bebem demais. – Deu de ombros. – É triste. Um desperdício. – Rogelio deslizou um dedo pelos botões da camisa de Devi. – Você deveria ter me contado.

– Eu sei. Como era Kelly Lewis?

– Legal. Quieta. Não era como certas pessoas. Você deveria ouvir as coisas de que me chamaram hoje, Devi. Você ficaria furioso.

Devi brincou com a ideia de lhe contar sobre como acreditava que Kelly havia morrido. Como membro da equipe de entretenimento, Rogelio interagiu diariamente com centenas de passageiros e era possível que reconhecesse o homem da gravação.

O rádio de Devi estalou e se ouviu a voz exausta de Ashgar, falhada pela estática:

– Venha... controle... Discussão... bar dos tripulantes... agora.

– Preciso ir.

Ele conseguiu tirar Rogelio da cabine. Em geral, os corredores eram movimentados, muitos tripulantes os usavam como pontos de encontro informais, porém naquela noite estavam desertos.

– Você pode me ver mais tarde?

– Vou tentar.

Outro beicinho.

Deixou-o andar à frente, o nervosismo se abrandando enquanto chegavam à escada que levava ao I-95. Rogelio lançou-lhe um beijo e foi em direção ao refeitório dos tripulantes.

Devi precisava acabar com aquilo. As fofocas iriam se espalhar depressa, especialmente pelo pessoal da máfia indiana, que tinha ligações em toda a indústria de cruzeiro. Era possível que a história chegasse à sua família; um primo seu trabalhava na cozinha do *Belo Prodígio*. E Ram mesmo lhe dissera... era mais seguro ser paranoico.

Acabaria com aquilo antes que os dois fossem pegos em flagrante. Fora assim que o haviam apanhado na última vez. Tinha baixado a guarda, corrido riscos. Eles o seguiram até a estação Matunga Road. Esperaram que desaparecesse dentro do banheiro. E, quando saiu com o garoto – um magricela de 22 anos cujo rosto Devi não conseguia mais lembrar com clareza –, atacaram. Deram-lhe um ultimato: desista de investigar o estupro da criança ou a família de Devi ficaria sabendo de suas tendências homossexuais. O jovem havia fugido, escapando por pouco de uma surra, e Devi abandonou a polícia e se candidatou para os navios, preferindo o exílio às outras alternativas.

Assumir-se não era opção. Nunca fora. Não temia um processo – havia uma próspera comunidade gay em Mumbai. A verdade é que não suportava pensar no nojo dos pais ao saberem. Eles eram profundamente conservadores; não entenderiam. Todos os seus irmãos estavam bem casados, gerando netos. Seus pais tinham ficado pasmos quando ele optara por entrar para a polícia em vez de se acomodar com uma esposa e seguir nos negócios. Mas nada se compararia à reação deles caso soubessem dessa parte secreta da vida de Devi.

O som de gritos o recebeu enquanto ele corria para as profundezas sombrias do bar dos tripulantes. Ashgar estava empurrando o peito de um cara branco e magricelo, que Devi reconheceu como sendo o assistente-chefe do departamento de TI. Jaco, o músico do navio, era contido por dois funcionários do bar. Nas poucas ocasiões em que visitara o local, achara Jaco agradável, amigável. A tensão dominava a todos. Uma crupiê do cassino soluçava no canto, com o cabelo encharcado de cerveja.

– Vá se foder! – gritou o técnico, tentando saltar para cima de Jaco.

– Você deveria fazer o seu trabalho e consertar a porra da internet! – berrou Jaco de volta.

– Eu já disse: não tem nada para consertar, porra!

Ashgar estava se esforçando para conter o sujeito, e Devi já ia intervir quando Ram se materializou e entrou no meio dos tripulantes furiosos. Só precisou fazer isso. Sem violência. Só uma

olhada.

- Vocês vão se acalmar? – perguntou sem levantar a voz.
- Quem começou foi ele – reclamou o cara da informática.
- Vocês vão parar com isso? Querem que eu feche o bar?

Um gerente da área de alimentação e bebida vaiou, caindo de bêbado, sentado com um grupo de garçonetes. Não havia cadeia naquele navio, por isso Ram instruiu Ashgar a levar o técnico para sua cabine. Em seguida, avaliou Jaco.

- Está calmo agora?
- Estou. Desculpe, ok?
- Ótimo. Não deixe isso acontecer de novo.

Com apenas um olhar para Devi, Ram foi para a porta. O segurança foi atrás.

- Senhor!
- O que é, Devi?
- Posso falar com o senhor?
- Você descansou?
- Sim, senhor.
- Ótimo. E comeu? Vai precisar de energia para esta noite.
- Senhor, com relação à noite passada, eu olhei a gravação de novo. Um homem acompanhou Kelly Lewis até a cabine dela.
- Preciso de você no convés principal, Devi. Madan e Pran são os únicos que estão lá em cima.
- Mas, *senhor*, a gravação.
- Não podemos nos preocupar com isso agora, Devi. Nós seguimos os procedimentos. Você viu o sujeito atacando a garota?
- Não. Mas está claro que ele criou um ardil para entrar na cabine dela.

– Então o FBI vai cuidar disso quando chegarmos ao porto. Não podemos correr o risco de que um boato assim se espalhe. Os passageiros já estão bem exaltados.

Ram se virou. Devi não pôde mais se conter:

- Senhor, há um assassino a bordo!

Ram parou e passou os dedos lentamente no bigode.

– Vou perdoar essa insubordinação uma vez, Devi, mas não faça disso um hábito. Suba até o convés principal. Depois você pode

substituir quem estiver na sala de controle.

- Senhor...
- Isso é tudo, Devi.
- Sim, senhor.

Tenso de adrenalina, observou o superior se afastar. Como Ram podia ser tão cabeça-dura? Será que estava apenas preocupado com a ideia de provocar um pânico desnecessário nos passageiros já apavorados ou seria esse o primeiro estágio de uma tentativa de acobertar o crime? Ainda inquieto, entrou na área dos passageiros e atravessou o átrio. O balcão de Atendimento aos Hóspedes estava fechado, assim como os bares que cercavam a área. Um passageiro o parou enquanto ele subia as escadas.

- Quando os bares vão abrir?
- Logo haverá um anúncio.
- É o que todo mundo diz!

No convés Passeio dos Sonhos, soaram aplausos dentro do Teatro Ouse Sonhar. Um sujeito gorducho parado do lado de fora assentiu para Devi enquanto ele passava. Um casal havia levado seu colchão para o corredor perto do elevador junto ao convés VIP. Não estavam bloqueando a escada, por isso resolveu deixá-los em paz.

O convés principal estava mais cheio do que no seu período de serviço. Passou pela piscina, dirigindo-se até Madan e Pran, que tentavam explicar a um passageiro por que ele não podia obstruir a entrada do ponto de encontro com espreguiçadeiras e travesseiros.

Madan o cumprimentou com um cansado sorriso de ironia e Pran ergueu a mão, como se fosse prestar continência e depois tivesse desistido. Devi sabia muito pouco sobre ele. Era um dos caras mais novos, tinha acabado de começar seu primeiro contrato e, oficialmente, ainda estava em treinamento. Com seu rosto afilado, um bigode esforçado e olhos eloquentes que deveriam pertencer a uma garota, Pran não parecia ter tutano para o serviço.

– *Gandu* – murmurou Madan baixinho às costas do acumulador de espreguiçadeiras. – Isso está medonho, Devi. Só tem maluco.

– Eu estive aqui de manhã.

– Pran e eu tivemos uma situação pesadíssima esta tarde. Precisamos conter um lunático.

– O quê?

– Um passageiro atacou uma camareira. Pran quase se cagou, não foi, garoto?

O rapaz olhou para baixo, sem graça.

– Como ele era? – perguntou Devi.

– Quem?

– Esse homem. Qual era a aparência dele?

– Por que está perguntando?

Após uma hesitação apenas momentânea, Devi o colocou a par do que tinha visto na gravação. Madan assobiou por entre os dentes.

– Não seria a primeira vez que um escroto teria batizado a bebida de uma mulher, não é? Mas não creio que o lunático seja o seu cara. Ele estava totalmente fora de si. O sujeito de quem você falou parece meticoloso.

Devi teve que admitir que Madan estava certo.

– Ram quer manter isso em sigilo.

– Não me surpreende.

Madan indicou um grupo de homens assediando um garçom que distribuía água perto do posto das toalhas.

– Pran, vá falar com eles.

O jovem assentiu e foi fazer isso.

– Vai ter encrenca logo – afirmou Madan para Devi.

Ele estava certo. Havia apenas cinco seguranças na embarcação, e Madan e Ram eram os únicos dois que, na opinião de Devi, seriam úteis numa crise. Eles contavam com um canhão sônico, mas não sabia nem mesmo se Ram possuía experiência com a arma. Em sua vida antiga, Devi enfrentara tumultos muitas vezes: um protesto por causa do assassinato de um empresário muçulmano em Dharavi; uma passeata antiestupro que se tornara violenta. Não era necessário muita coisa para a multidão enlouquecer e virar uma turba, e num navio não existia local para dispersá-la.

Outro passageiro se aproximou deles.

– Quando vão abrir os bares?

Madan deixou toda a emoção se esvaír do rosto.

– Logo haverá um anúncio, senhor.

– E minha mulher precisa carregar o iPhone.

– Logo haverá um anúncio, senhor.

– Quando?

– Circule, senhor – disse Devi.

O homem bufou, mas obedeceu.

Madan sinalizou para Devi segui-lo até o convés lateral que abrigava os pontos de encontro. Pegou um cigarro eletrônico e tragou fundo o vapor. Uma infração passível de demissão, caso Ram o flagrasse, mas Devi sabia que o colega gostava de se arriscar.

– Olha... A situação não está nada boa. O incêndio. Foi pequeno, nem um pouco parecido com os que precisamos enfrentar nos treinamentos. Acham que começou por causa de um vazamento de combustível, mas eu tenho contatos, Devi, e não foi isso. – Madan gesticulou em direção ao oceano do outro lado da amurada. – O golfo é movimentado, Devi. Sempre tem navios.

Ele tinha razão. Não havia luzes em lugar nenhum, nem ao longe.

– O que você quer dizer com isso?

– Acho que o navio saiu da rota. É a única explicação para ainda não terem nos achado.

Um casal discutindo saiu do convés lateral com os braços cheios de travesseiros e edredons. De repente, o céu explodiu em luz. Gritos e aplausos vieram do convés principal.

– Por que eles disparariam fogos de artifício? – gritou uma mulher.

Mas Devi sabia que eram sinalizadores.

## **Blog do Curinga**

*Afrontando ferozmente as fraudes, para que você não precise fazer isso*

Ainda à deriva. Ainda sem wi-fi. Ainda sem sinal.

O convés da piscina está lotado de passageiros de ressaca, que trouxeram colchões e cobertores, já que a falta de ar-condicionado transformou as cabines dos convés inferiores em saunas. O lugar está começando a parecer um campo de refugiados para americanos de classe média.

Até agora temos: uma passageira morta, voos perdidos, sinalizadores, um fedor tão ruim que dá vontade de chorar. E será que eu mencionei que o sistema de propulsão que controla os sanitários pifou e temos que fazer "o número 2" (o eufemismo predileto de Damien) em sacos?

Andei rabiscando anotações no verso dos panfletos de entretenimento, para economizar bateria. Só restam umas quatro horas. Tenho a de reserva, mas não vou me arriscar. Vou publicar isto assim que conseguir conexão, sem poupar nenhum podre. As pessoas precisam saber o que está acontecendo aqui. E vou ser o primeiro a contar.

Vou dividir a insanidade total do dia numa linha do tempo:

9h30: Acabei de ter um encontro com a assistente da Predadora. Géilda, mas acho que tivemos uma conexão. Pelo menos ela é gata ;) Possível aproximação de Celine???

Ainda estava me sentindo pegajoso, decidi tomar banho antes de começar a caçar a Predadora.

Cerca de 10h: Indo para a cabine, vi uma garota chorando,

histórica, a uma mesa dentro do bufê Balneário, com um grupo de pessoas em volta. Parei para xeretar. Ela e os colegas fazem parte de um grupo de solteiros e uma das garotas morreu ontem. A segurança diz que foi intoxicação alcoólica, mas o grupo não está convencido. Pode ser algo mais sinistro. Ainda não houve nenhum anúncio pelos alto-falantes, mas deve ser por isso que aquela cabine do meu andar está lacrada. Vou caçar Trining para conseguir mais informações. Não a vi hoje de manhã.

10h20: Minha cabine fede, já que o ar não circula. Tomei uma chuveirada sem água quente. Nada da Trining ainda, mas falei com Paulo, o camareiro atormentado que trabalha do lado oposto. Disse que não sabia nada sobre a passageira morta (estava na cara que era mentira) e que Trining está doente (espero de verdade que eu não a tenha infectado).

10h30: Merda. Literalmente. Mensagem do Damien. Problema de propulsão no navio. Sanitários não funcionam. "Usem o chuveiro para o número um e um saco vermelho para o número dois." Sacos vermelhos para "dejetos" serão distribuídos. Tentei dar descarga, mas fez um som gorgolejante. Aliviado porque o estômago não é mais um problema. Preciso arranjar um modo de conversar com um oficial, ou mesmo com Damien. Silêncio ensurdecido por parte do capitão. Talvez seja um acobertamento e algum tipo de conspiração com o escritório da Foveros para manter longe da imprensa a notícia de que o navio está quebrado. Essa história pode ser um verdadeiro furo para mim. Perguntei ao Paulo se ele conseguiria encontrar um local para eu carregar o notebook e o celular. Molhei a mão dele com uma nota de 50 dólares.

Tirei um cochilo, acordei com o som de um grito por volta das 11h30. Não descobri de onde veio.

11h45: Voltei ao convés Tranquilidade. (Mas ele estava tranquilo? Porra nenhuma.) Filas enormes para o bufê Balneário (sanduíches e

cachorro-quente – não, obrigado), por isso comi um saco de Cheetos que trouxe para a viagem. Permaneceu no estômago.

Meus dois principais objetivos são encontrar a Predadora e descobrir por que ninguém veio nos resgatar, porra. Deveria haver helicópteros, pelo menos um rebocador, talvez outro navio da Foveros. Todo mundo em volta de mim está reclamando de voos perdidos, da bosta da comida fria, da falta de café e de bebida.

12h: Decidi dar uma olhada no bingo. Damien está no palco. Pessoalmente, é menor, com pelos faciais terríveis. Ficava fazendo piadas sobre os sacos de cocô. Preciso admitir: o cara fez todo mundo comer na sua mão. Disse que, se não sairmos logo disto, haverá cabaré extra. Fantástico!

13h: Andei por aí, verifiquei o Lounge Sonhador das Estrelas. Um monte de pessoas com crachás de Amigos de Celine. Dava para ver que me reconheceram, por isso decidi deixá-los em paz. Fui ao campo de minigolfe. Fiquei de novo com o grupo de solteiros. A maioria está no convés abaixo do meu. Disseram que algumas cabines estão inundadas com esgoto.

Soube com uma solteira (Donna, de Providence) que Celine del Ray vai fazer um evento aberto às 14h. Perguntei como ficou sabendo e ela disse que dois velhos estavam circulando e contando a todo mundo. A garota que estava chorando (Emma, Amanda ou algo assim, uma inglesa) falou que quer tentar um contato com Kelly e descobrir como ela morreu e se tem uma mensagem para a mãe. Tentei explicar o conceito de leitura a frio. Eles não engoliram.

Vi um cara mijando por cima da amurada.

14h: Tentei entrar no Salão Sonhador das Estrelas para ver a Predadora realizando seu negócio, mas fui impedido por dois idosos na porta que me reconheceram da noite anterior. Pensei em discutir,

mas estava cansado demais. Vou tentar mais tarde. Olhei em volta procurando a assistente, não a vi. Dei um tempo, esperando pegar Celine saindo pela porta do palco. Não tive sorte.

16h: Filas enormes para a comida. Tentei pegar um sanduíche de tomate e presunto, e também uma banana.

17h: Certo. Isso está ficando bizarro. Não estamos na Antártida em 1917. Estamos na porra do golfo do México. Por que ninguém veio nos resgatar ainda?

Cerca de 18h30: Encrenca começando. As pessoas não estão só apavoradas (porque, ei, deveríamos ter voltado ao porto há quase doze horas), mas ficando irritadas umas com as outras. Dois caras quase partiram para a briga por causa da porra de uma espreguiçadeira.

Encontrei "meu" grupo de novo.

Cerca de 19h30: Pessoas apinhadas no convés Balneário, no convés da piscina e em volta da pista de corrida e dos tobogãs para assistir aos sinalizadores.

Os filhos da mãe imbecis ficavam aplaudindo.

Se eu precisava de alguma prova de que estamos fodidos, aí está. Conversei com um cara de aparência sensata, mais velho do que muitos passageiros, que disse que achava que o capitão fez a gente se perder ou que saímos da área de maior trânsito. Falou que, se esse for o caso, podemos facilmente ser empurrados pela corrente do golfo, já que ela é bem forte aqui e vai parar no Triângulo das Bermudas. Foi aí que a coisa ficou esquisita e ele veio para cima de mim com uma história de conspiração. Tentei explicar que o TB é só um mito, papo furado, mas ele ficava tagarelado sobre aqueles aviões da Segunda Guerra que desapareceram sem motivo.

Desisti.

Nunca se misture demais com gente pirada.

20h30: Na fila para a comida. Demorou uma hora.  
Eis as opções:

Pão com salsicha frio

*Wraps* e sanduíches de frios

Lagosta pré-cozida (e agora descongelada) e camarão. Baldes dessa porra. As pessoas estavam brigando para pegar tigelas cheias. Acho que a tripulação precisa que essa coisa seja comida. Não vou me arriscar com essa merda depois de ter passado mal.

Tomates fatiados

Salada de batata

Pão, azeitona e pimentão fatiado

Pilhas e pilhas de sobremesas. *Cheesecake* meio derretido e *petit gâteau* de chocolate vazando sangue de cereja. Acabaram em trinta segundos.

21h30: Me sentei com o grupo de solteiros, que decidiu dormir no convés. Acho que Donna tentou dar em cima de mim. Estavam passando uma garrafa de vodca barata. Não tomei.

Comecei a me sentir mal de novo, por isso voltei à cabine. Sou a única pessoa neste andar. Fede, mas estou cansado demais para me mexer por enquanto.

Noite.

**6<sup>o</sup> DIA**

---

## **A ASSISTENTE DA BRUXA**

O vaso sanitário da suíte de Celine havia pifado por volta das quatro da madrugada, sinalizando o falecimento com um gemido perturbadoramente humano. Maddie se segurou o máximo que pôde, mas acabou não tendo escolha além de se aliviar no boxe. Por sorte, a água ainda estava correndo e ela tirou a roupa e passou o sabonete líquido de Celine. O banho frio não serviu nem um pouco para clarear sua mente.

Seu sono fora intermitente; não conseguira cochilar mais de alguns minutos seguidos, apesar de ter tomado um comprimido para dormir. Estava obcecada pensando no que diabos sua chefe estaria aprontando.

Incapaz de continuar suportando o clima feliz no Lounge Sonhador das Estrelas, tinha voltado para a suíte de Celine por volta das seis da tarde. De jeito nenhum enfrentaria a própria cabine nas profundezas fétidas dos andares inferiores. Tentara descer para pegar suas coisas, mas só conseguira chegar à metade do corredor antes que o cheiro a mandasse correndo de volta para cima.

Maddie tentara falar com a chefe várias vezes durante o dia, mas Celine ficava lhe dando gelo, concentrando as energias em encorajar os Amigos a encontrar outros “que possam precisar do nosso apoio especial”. Pessoas como Helen, que obviamente fora muito afetada por qualquer merda perniciososa que Celine falara. A questão era que Maddie não tinha ideia de onde a médium conseguia as informações. Era possível que tivesse convencido Jacob, Juanita e o grupo a sair coletando fatos para ela, mas duvidava que a chefe assumiria um risco assim. Não podia ser pelo Facebook, já que a internet ainda estava fora do ar. Mas de algum modo Celine conseguia fazer uma

série de leituras acuradas para os estranhos aleatórios que os Amigos recolham nas suas buscas.

E o grupo só crescia – quando Maddie saía, havia quase dobrado de tamanho. Dentre os recém-chegados estava um casal do Kansas em lua de mel (“Estejam certos: sua avó, querida, perdoa vocês por não terem ido ao enterro”); uma mulher com obesidade mórbida, cuja petulante expressão do tipo “vá em frente, pode me entreter” tinha se transformado lentamente de choque em admiração (“Esteja certa: seu marido quer que você faça a cirurgia”); um cadeirante acompanhado por uma mulher que usava uma perpétua máscara de martírio (“Esteja certa: sua irmã não culpa você pelo acidente”). Uns poucos, dentre eles Helen, não ficaram muito tempo, mas a vasta maioria se acomodara para permanecer ali. Parte disso era devido ao clima do grupo. Os Amigos trabalhavam duro para fazer com que os recém-chegados se sentissem bem-vindos, distribuindo água e dividindo salgadinhos, e até mesmo dois garçons tinham continuado no local por um bom tempo após o fim do turno de serviço. Celine – a antiga Celine – sabia manipular uma plateia, mas aquilo estava alcançando um nível totalmente novo. Ela parecia interessada de verdade no que sempre havia professado fazer: ajudar pessoas.

Não se deu o trabalho de se enxugar; enrolou-se num roupão de Celine e saiu para a varanda. O sol se erguia devagar, a luz preguiçosa revelando um mar repleto de sacos plásticos vermelhos usados. *Um cardume de águas-vivas de merda. Lindo.* Deixou-se cair na poltrona de plástico da varanda, pôs os pés em cima da amurada. Precisava correr um pouco – ficava sempre mal-humorada quando não se exercitava todo dia –, mas não nutria nenhuma esperança, pois a pista se transformara em acampamento. O navio estava silencioso: os risos e gritos que vinham do convés Balneário, acima, haviam cessado por volta das três da madrugada.

Seus pensamentos voltaram a Celine. A chefe nunca fazia nada sem motivo ou sem a promessa de pagamento. E Maddie era suficientemente honesta consigo mesma para admitir que estava magoada. Por que Celine não lhe contara sobre os planos? Maddie era sua confidente havia três anos, mas por alguma razão a médium a estava deixando de fora.

Talvez fosse disso que ela precisasse: do empurrão final, da cutucada para abandonar a porcaria do emprego. É, ia entregar a carta de demissão quando enfim chegassem ao porto. Voltaria à Inglaterra. Não era obrigada a retornar a Nottingham, poderia morar em qualquer cidade que escolhesse; tinha economias suficientes para sobreviver alguns meses. E, com sorte, talvez seu próximo chefe não investigasse muito a fundo seu passado para descobrir aqueles dois anos de condicional que recebera basicamente por ser uma vaca imbecil – mais uma mulher que se foderá apaixonando-se pelo homem errado.

É, estava farta de ser lacaia de Celine. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Foi acordada pelo som de água jorrando. Sacudiu-se e abriu os olhos a tempo de ver um jato de líquido em arco por cima da varanda. Algum escroto estava urinando do convés Balneário, acima dela.

– Ei! – gritou. – Pare com isso!

Uma explosão de gargalhada cheia de escárnio.

Maddie teve uma ânsia de vômito e voltou para o quarto, batendo a porta da varanda. Nojento. Quanto tempo aquilo ainda poderia durar? As pessoas em terra firme deviam saber que algo estava errado; não tinha como a Foveros esconder por um período tão longo. Olhou a hora no celular – quase nove, mais tarde do que havia pensado – e tomou um gole de água morna da garrafa ao lado da cama.

Houve uma batida à porta, seguida por uma voz:

– Camareira!

Althea entrou na cabine. Maddie não se surpreendeu ao ver que ela estava mais desanimada do que o usual. Uma situação daquelas devia ser um inferno para os funcionários. Não conseguia imaginar quais seriam as condições nos alojamentos dos tripulantes. Devia estar insuportável.

Maddie tentou esboçar um sorriso.

– Bom dia.

– Sinto muito, não tenho como trazer toalhas novas, já que não

podemos usar a lavanderia.

Althea pôs uma garrafa d'água perto da mesa, junto com uma pilha de sacos vermelhos. Meu Deus. Maddie rezou para não precisar daquilo. Já fora revoltante demais mijar no boxe.

– Onde está a Sra. Del Ray?

– No Lounge Sonhador das Estrelas. Ficou lá a noite toda.

– Ela está se sentindo melhor?

*Não faço ideia do que ela está sentindo, porra.*

– Está. Obrigada.

– Ela dormiu lá?

– Não sei.

Pensando bem, Maddie nem tinha visto Celine beber nada além de água. Isso por si só faria o alarme soar, se já não estivesse berrando na sua cabeça. Seu estômago roncou. Não comia desde o dia anterior, a não ser por um pacote de biscoito que havia encontrado no fundo da mala da chefe.

– Sabe se vamos seguir em frente alguma hora?

– Sinto muito. Nenhuma novidade.

Maddie não questionou mais. Althea parecia além da exaustão, distraída e pálida. Ela começou a arrumar a cama.

– Não se incomode com isso, Althea.

– Tem certeza?

– Tenho. Você deve estar cheia do que fazer, com isso tudo acontecendo.

– É. – Um suspiro que parecia vir das profundezas da alma. – Há duas pessoas doentes neste andar.

Maddie engoliu em seco. Ai, meu Deus.

– Há algum vírus rondando por aí?

Xavier estivera doente durante vários dias. Era possível. E ela sabia, por suas leituras, com que rapidez uma coisa assim poderia se espalhar.

– Acho que sim. A senhora da V25 está muito doente.

– Helen ou Elise?

– A gorda. A americana.

Elise.

– O médico já foi vê-la?

– Acho que a enfermeira veio ontem.

Helen e Elise a haviam ajudado quando ela precisara. O mínimo que poderia fazer era ver se elas precisavam de algo. A última coisa que desejava era se expor ao vírus, mas poderia tomar precauções. Desde que não entrasse na cabine, devia ficar bem.

– Muitas pessoas estão passando mal – continuou Althea. – Mas é só a senhora tomar cuidado com o que tocar. Aconselho-a a manter uns talheres que mais ninguém use. E um prato. Só para garantir.

– Obrigada, Althea.

– Sem problema.

Ela começou a borrifar e passar pano na parte de cima do frigobar.

– Não precisa se incomodar em limpar aqui.

Maddie não estava sendo apenas altruísta: não gostava de pensar nos micróbios que poderiam espreitar nos trapos.

– É mesmo?

– É. E vou garantir que você seja reembolsada por seu trabalho duro.

*Meu Deus, como estou parecendo condescendente!*

– Obrigada.

Dando-lhe um sorriso caloroso, Althea saiu. Maddie sentou-se na cama. E agora? Verificar Helen e Elise era a prioridade, depois deveria arranjar alguma coisa para comer, se bem que a menção a um vírus a deixava enjoada. Não podia usar as roupas da véspera e ainda não se sentia em condições de pegar seus pertences na cabine. Então lembrou que não tinha visto Ray desde a discussão no dia anterior – ele certamente não estivera com o grupo assustador no Lounge Sonhador das Estrelas. Teria que sair dos seus aposentos cedo ou tarde. Sem ar-condicionado, devia estar sufocante lá dentro.

Depois de uma dúvida apenas momentânea, revirou o armário de Celine. Encontrou uma blusa lilás bordada com pedras na forma de um gato – seis números acima do seu, mas e daí? – e a vestiu. Os jeans teriam que servir por mais um dia, pois as calças e saias da chefe ficariam largas. Na gaveta, encontrou um par de luvas de couro pretas para quando voltassem ao tempo frio em casa. Enrolou

uma echarpe de Celine no pescoço: poderia usá-la para cobrir a boca. Os germes conseguiriam atravessar o tecido, mas pelo menos ela bloquearia o fedor do navio. Devia estar com uma aparência ridícula, igual a um homem invisível que tentasse se passar por uma pessoa normal. Mas era melhor isso do que ficar os próximos dias vomitando.

Saiu da suíte antes que perdesse a coragem e bateu à porta das duas senhoras.

Helen demorou um pouco para atender. No momento em que a porta foi aberta, Maddie precisou recuar e pôr a mão na boca. Podia detectar nitidamente o fedor de vômito na cabine.

– Sinto muito. Não sou boa com... você sabe, doença, cheiros. – Essa afirmação soou péssima. – Desculpe.

– Eu entendo.

Helen retorceu a boca ao perceber a roupa de Maddie.

– Althea disse que Elise está doente.

– É. Algum tipo de vírus.

Maddie ficou chocada com a aparência dela – parecia que a umidade e a cor haviam sido arrancadas de sua pele.

– Como ela está?

– Nada bem.

– Posso ajudar de alguma forma? Pegar algo para você comer, talvez?

Helen pôs a mão no pescoço.

– Não estou com muita fome.

– Você deveria manter as forças.

– Talvez só um sanduíche. Não vai dar trabalho?

– Nenhum.

Maddie hesitou, sem saber se deveria mencionar o encontro de Helen com Celine na véspera. Achou melhor não. Ela teria puxado o assunto se quisesse falar. Não parecia uma pessoa que tivesse medo de dizer o que pensava.

Apertando a echarpe na boca, Maddie subiu a escada e saiu para o convés principal, que agora era um amontoado de barracas improvisadas e enclaves de colchões, espalhando-se até a pista de corrida e o minigolfe. A fila para o bufê escasso – de novo só parecia

haver dois postos abertos – serpenteava para fora da área interna e chegava quase à piscina. Ela entrou no fim, tentando não pensar nos germes que circulavam por toda parte. As mãos enluvadas já estavam suadas.

As pessoas arrastaram os pés, movendo-se como zumbis. O homem à sua frente – um inglês com rosto largo e chato, o nariz queimado de sol – se virou e sorriu para ela.

– Belas luvas. Elegantes. É o vírus, certo?

– É.

– Minha namorada pegou. É horrível. O médico disse que a melhor coisa para ela é ficar na cabine. Temos sorte, porque a nossa é uma das suítes do convés superior. Sinto pena dos coitados que estão lá embaixo.

Maddie assentiu e, enquanto a fila avançava lentamente, ouviu em parte as teorias dele sobre o motivo de o navio ter quebrado.

Ela pegou dois pratos na pilha reduzida e se sobressaltou quando alguém deu um tapa no seu ombro.

– Você não pode fazer isso – disse a mulher rispidamente atrás dela.

– O quê?

– Acumular comida. Só pode pegar um prato.

Ela cruzou os braços e olhou furiosa para Maddie, que tentou dar um sorriso conciliatório.

– Não estou acumulando. Preciso levar comida para uma amiga. Ela não pode sair da cabine.

– Então vai ter que entrar na fila duas vezes.

*Meu Deus.*

– Não vou fazer isso. Olha, não comi nada ontem, por isso não estou...

– Problema seu. Você não pode acumular comida.

Um murmúrio de concordância veio das pessoas atrás dela. Maddie olhou para o sujeito amigável à sua frente, mas ele havia lhe dado as costas. De repente, sentiu vontade de chorar. *Não ceda.* Ela não teria durado muito tempo como assistente de Celine se fosse submissa. Maddie encarou a mulher.

– E o que minha amiga deve fazer? Ela não pode sair da cabine.

– Não é problema meu.

A raiva veio fervendo de súbito.

– O problema é de todo mundo, sua vaca imbecil.

Maddie estava chocada consigo mesma. Primeiro Ray, agora isso.

A mulher pestanejou.

– Você me chamou de quê?

– Você ouviu.

– Você... Você não pode...

– Você é que está pegando no meu pé. Por que não cuida da sua vida?

– Há um sistema aqui.

A mulher devia ser uns 20 quilos mais pesada do que ela, porém Maddie não esperava que a coisa chegasse àquele ponto. Olhou em volta procurando algum segurança, em vão.

– Você não pode simplesmente pegar as coisas assim quando todos nós temos que ficar na fila. Não é justo!

Um homem se interpôs na briga: era o blogueiro, Xavier. Ele tocou o ombro de Maddie e disse:

– Obrigado, querida. – Antes que a assistente pudesse responder, ele falou para a mulher incomodada: – Ela estava guardando o meu lugar.

A mulher não se aplacou.

– Ela tem dois pratos. Está acumulando. Não pode fazer isso. E não se pode guardar lugares.

– É. Desculpe. Eu estava... – ele deu um tapinha na barriga –... você sabe.

A mulher retorceu a boca.

– Não faça isso de novo.

– Ei, não vou fazer. Obrigado por ser tão compreensiva.

– Humpf.

A mulher a encarou mais um pouco, porém Maddie não desviou o olhar.

– Tem mais alguma coisa incomodando você?

A mulher baixou os olhos.

– Não.

O homem à frente de Maddie se virou e comentou:

– As pessoas estão exaltadas.

– É, obrigada pela sua ajuda, babaca – retrucou ela, surpreendendo-se de novo, e Xavier deu uma risada roncada.

O sujeito ficou vermelho e virou a cabeça.

– Obrigada – Maddie agradeceu a Xavier.

– Sem problema. Você está chique com essas luvas. Gostaria de ter pensado nisso. Parece que é possível pegar o norovírus mais de uma vez. Não seria uma maravilha, porra?

Por fim chegaram ao bufê. Um sanduíche de frios foi jogado em cada um dos pratos, mas pelo menos o pão parecia fresco. Ela agradeceu ao sujeito que servia, mas ele apenas a encarou, inexpressivo, com uma máscara.

– Você vai mesmo comer isso? – perguntou Xavier.

– Não como desde ontem.

Ele lhe lançou um olhar avaliador.

– Venha comigo. Quero mostrar uma coisa.

– O quê?

– É interessante.

Ela levantou os pratos, exibindo-os.

– Preciso levar isto para a minha amiga.

– Vou com você.

– Não. Espere aqui. Não vou demorar.

Maddie não o conhecia; não era uma boa ideia lhe mostrar exatamente onde ficava a cabine de Celine.

Ele abriu um sorriso irônico.

– Valeu.

Maddie voltou correndo ao átrio e atravessou o convés VIP. Um amontoado de sacos vermelhos sujos estava do lado de fora de uma suíte. Ela tentou não olhar.

Helen pegou a comida com um sorriso cansado e Maddie voltou à cabine de Celine. Deu uma mordida no sanduíche; o pão tinha gosto de carpete. Ela colocou o resto no frigobar, o que não adiantava nada, já que ele não estava funcionando.

Poderia apenas ficar ali. Queria mesmo se misturar com aquele blogueiro? Mas precisava admitir que parte dela estava curiosa em relação ao que ele queria mostrar. Dane-se. O que mais tinha para

fazer?

Xavier fez uma saudação petulante enquanto Maddie se aproximava.

- Achei que você tinha mudado de ideia.
- O que você quer mostrar?
- Venha comigo. Não vai demorar nem um segundo.

Ele a levou para a escada que dava na pista de corrida. Uma jovem de biquíni o cumprimentou e lançou um olhar curioso para Maddie enquanto eles ziguezagueavam por entre os colchões e as cadeiras. Várias pessoas fuzilaram os dois com os olhos, como se estivessem invadindo uma propriedade particular. Constrangida com sua roupa estranha, Maddie manteve o olhar grudado nas costas de Xavier enquanto ele ia até o convés de observação. Ela o alcançou e olhou para os passageiros e tripulantes abaixo, que apinhavam o convés Balneário e o principal, sentindo uma pontada de vertigem.

– Olhe.

Xavier se inclinou mais perto dela e apontou para a proa do navio. Do lado esquerdo, a distância, um pequeno grupo de tripulantes remexia num dos botes salva-vidas da tripulação.

- O que eles estão fazendo?
- Alguém vai até terra firme. Está planejando ver que porra está acontecendo. O que só pode significar que estamos mergulhados na merda.

– Eles vão colocar um bote na água?

– Um barco salva-vidas equipado com um motor maior. Sabe, do tipo que usaram para nos levar à ilha Foveros. Isso praticamente diz tudo o que a gente precisa saber sobre a situação. Se eles soubessem que a cavalaria está a caminho, por que iriam mandar um barco? Então não estamos onde deveríamos.

– Por que não pediram ajuda pelo rádio?

– O wi-fi não está funcionando, talvez o sistema de rádio também tenha pifado. Algo não está certo. Lembra-se de quando *O Belo Prodígio* ficou à deriva? – Maddie não se recordava, mas ainda assim assentiu. – Uma hora depois que o navio perdeu potência, o mundo inteiro ficou sabendo. Estamos no segundo dia desta confusão, e nada. Estamos por conta própria. Eles não vão conseguir

encobrir isso por muito tempo. Devem estar agradecendo aos deuses pelo norovírus. Você viu como a coisa estava naquela fila. É apenas questão de tempo até que haja um verdadeiro motim. Não há armas nos navios.

– Não vai chegar a esse ponto.

– É? Você acha?

Ouviu-se um bipe e, depois, uma mensagem:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. É só para avisar que o capitão falará em breve. Enquanto isso, nossa celebridade convidada a bordo, Celine del Ray, ofereceu-se generosamente para fazer uma apresentação para todos que desejem vê-la. Ela estará no Teatro Ouse Sonhar em trinta minutos.

Xavier olhou para Maddie.

– O Ouse Sonhar tem o triplo do tamanho do Lounge Sonhador das Estrelas do inferno. Ela deve estar esperando uma tremenda plateia. Tentei entrar lá ontem, mas fui impedido.

Maddie riu.

– Grande surpresa.

– O que ela está fazendo, iniciando uma seita?

– Não sei. Essa não é uma atitude típica dela. Celine teve uma mudança radical de personalidade da noite para o dia. Diz que está ajudando as pessoas.

– Ontem você falou que é isso que ela faz.

Merda. Mas o que importava o que dissesse a Xavier? Ela ia se demitir; tinha seu plano.

– É, mas Celine está ajudando as pessoas sem receber nada por isso. Não é do seu feitio.

– Ah.

– E não sei onde ela está conseguindo as informações.

– Em geral ela pesquisa as coisas, não é? E suponho que o resto seja leitura a frio.

Maddie deu de ombros. Ainda não estava preparada para ir tão longe.

– Talvez.

Será que Ray estaria fazendo o trabalho sujo dela? Maddie não o tinha visto em qualquer lugar perto do salão depois do embate com

ele na véspera, mas era possível que Celine tivesse mandado um dos Amigos buscá-lo.

No barco salva-vidas, um oficial de branco gesticulava para dois homens de macacão azul.

– Eu não me incomodaria se tivesse uma conversa com ela – comentou Xavier.

– Aposto que não.

– Você poderia me colocar lá dentro. Anda, você me deve um favor. Eu tirei você da encrenca naquela fila, não foi?

Ele sorriu de novo. Não era bem o que Maddie chamaria de bonito, e não fazia seu tipo (não que tivesse qualquer tipo nos últimos tempos), mas será que o blogueiro era “completamente vil”, como ela e suas amigas costumavam dizer na escola? Meu Deus, de onde isso tinha vindo? Maddie refletiu. Celine era mais do que páreo para Xavier, e talvez fosse interessante assistir.

– Por que não? Quer conhecer Celine? Levo você até ela.

– Fantástico.

Quando saíram do convés principal e foram na direção do local, Xavier continuou a pegar no seu pé com perguntas sobre os métodos de Celine, mas Maddie o manteve a distância. Não iria facilitar para ele.

Um fluxo pequeno mas constante de passageiros entrava no local. Não havia sinal de Jacob, Eleanor ou qualquer outro Amigo, mas enquanto o último grupo passava pela porta do teatro, ela viu Ray parado do lado de fora, os braços cruzados, as pernas ligeiramente separadas. Pose de leão de chácara.

– Deixe-me cuidar disso – murmurou para Xavier.

Ray recebeu-a com um dos seus sorrisos canastrões.

– Ei, tigresa. Celine disse que você ia aparecer. Que diabo você está usando?

– Achei que você não ligava a mínima para Celine. O que está fazendo aqui?

– Bom, docinho, não há o que fazer: sou obrigado a trabalhar. – Alguma coisa perpassou rapidamente seu rosto.

– Ela disse alguma coisa a você, Ray?

– Não.

Ele estava mentindo. Celine podia facilmente ter usado algum fato do dossiê que a agência de segurança lhe mandara. Fingiria não saber antes. Mas Maddie não engoliu isso; Ray sabia como a chefe atuava. Talvez ele fosse mesmo idiota. Ou talvez houvesse outra explicação para estar fazendo o serviço.

– Quanto ela está pagando de extra a você?

Um sorriso debochado.

– Ei. Um bônus é um bônus, certo? – Ele pareceu ver Xavier pela primeira vez. – Você é o cara que invadiu o salão naquela noite?

– Sou.

– O que você está fazendo com esse escroto, Maddie?

– Queremos ver Celine.

Maddie fez menção de passar por Ray.

– Desculpe, docinho. Celine não quer ver você.

– Do que está falando?

– Você não pode entrar. Até que ela diga que pode.

– Ela é minha chefe.

Ray deu de ombros.

– São ordens que eu recebi. Nem se incomode em tentar pela outra porta, Maddie: foi trancada. Celine disse que você ainda não está pronta.

– Pronta para quê?

– Só estou dando o recado, docinho.

– Deixe-me entrar.

– Não posso, Maddie.

– E se pagarmos a você? – propôs Xavier.

– Está me oferecendo dinheiro?

– Estou.

– Você é um garotinho rico?

– Eu me viro.

Ray assentiu.

– Saquei. Você acha que um ex-policial idiota feito eu aceitaria suborno.

– Não é o que estou dizendo.

– Escute, Ray – interveio Maddie. – Não há motivo para criar problemas. Eu trabalho para Celine há anos e você...

– É um espaço público, você não pode nos impedir – interrompeu Xavier.

– Tente.

Maddie percebeu que as pessoas estavam se aglomerando atrás deles. Queriam um show e agora assistiam a um. Tentou usar de charme.

– Qual é, Ray. Só uma olhadinha rápida. Não vamos ficar muito tempo. Pode dizer a Celine que passamos sem você ver.

Por que Maddie estava ao menos se incomodando? Só sabia que, de repente, era muito importante entrar.

Xavier pegou duas notas de 100 dólares na carteira e balançou-as na frente de Ray.

– Pegue.

– Não quero seu dinheiro.

– Pegue.

– Eu disse que *não* quero seu dinheiro.

– Qual é, cara, são 200 dólares. Onde um cara como você...

Ray saltou, agarrou a camisa do blogueiro, puxou-o e deu-lhe uma cabeçada no rosto. Xavier cambaleou para trás, pressionando as mãos contra o nariz. Maddie se imobilizou, mas logo se mexeu para ajudar Xavier a ficar de pé quando uma das mulheres atrás deles soltou um berro.

Ray se inclinou até ela.

– Saia daqui, porra. – Agora Maddie podia sentir o cheiro de álcool no hálito dele. – Saia daqui agora mesmo.

## O CONDENADO

Aconchegante. Quente. Onírico. Gary gostava dali, estava confortável e silencioso. Paredes brancas, ar morno, abafado, mas não insuportável. Virou-se de lado. Havia um homem na cama perto dele, com uma bandagem grossa no braço. O sujeito era moreno, como um pirata, e fitava um ponto bem em frente, de boca aberta. Gary esticou o pescoço para acompanhar o olhar dele.

Um negro grande de macacão com rosto enrugado estava junto à parede do lado oposto, a cabeça curvada, torcendo as mãos. Gary não podia ver os olhos dele, escondidos nas dobras da pele do rosto. Uma parte distante de sua mente registrou que isso deveria ser alarmante, mas de algum modo não era.

– Ei – disse Gary, com a voz rouca.

O homem de macacão pôs uma língua cinzenta para fora da boca e encostou um dedo nos lábios.

– Shhhhhh.

– Desculpe – sussurrou Gary. – Você trabalha aqui?

Onde quer que fosse “aqui”. O navio. Claro! Ele estava no navio. No cruzeiro. Aaahh. Sua mente... estava ondulando. Estava tudo embolado.

– Shhhhhh.

– Não vou dizer nada.

O grandalhão riu e Gary riu com ele. Gostava do sujeito. Poderiam ser amigos. Como diria a garotada da escola, ele era maneiro.

Seria noite? Dia? Que horas eram?

Quem se importa? E... hummmmm. Sentia-se bem, como se estivesse enrolado em algodão-doce; como se flutuasse numa

grande banheira de água quente. Aninhou-se mais no lençol que o cobria. Ai. Alguma coisa pinicava seu braço. Viu um tubo serpenteando para fora da dobra do cotovelo. Uma agulha. Eca, não. Tire. Puxou e puxou, mas ela não queria se soltar. Esparadrapo. Estava grudada. Arranque. Seus dedos não queriam funcionar, mas então ele entendeu. Não eram seus dedos! Não estavam ligados a ele. Eram de outra pessoa. Todos entorpecidos. Porém, podia fazê-los funcionar com a força da mente. Puxe, puxe, pegue a beirada e... arranque. Puxou a agulha, vendo um fio de sangue descer preguiçoso pelo braço. Era muito vermelho. Tudo bem. Assim estava melhor. Tentou levantar a cabeça para ver o sujeito com bandagem no braço, mas estava pesada. Cansado. Dormir. É, seria bom. Ia cochilar um pouco.

Uma cutucada no ombro. Abriu os olhos. Tinha dormido? Não sabia, mas a mente não parecia mais tão lenta.

Seu vizinho gemeu e murmurou alguma coisa numa língua que Gary não entendeu.

Gary piscou e olhou de novo ao redor. As paredes brancas. Claro. Agora compreendia. O homem enorme de macacão estava mais perto. Gary ainda não podia ver os olhos dele.

– Estou num hospital? Eu caí?

– Shhhhhhhh.

Então o homem estava próximo da porta, com o dedo nos lábios, chamando Gary para se juntar a ele.

– É hora de ir?

O homem não respondeu.

De pé. De pé. Levante-se. Chutou os lençóis, que se embolaram nas pernas. Já ia pedir para o homem ajudar, só que ele não estava mais ali. O sangue secava na parte interna de seu braço. Pingos cor de ferrugem. Limpou com o lençol. Devagar, devagar funciona. Ah. O chão sob os pés estava esponjoso. Tropeçou num saco meio escondido embaixo da cama. Roupas. E seus óculos, onde haviam colocado? Não importava. Não chegava a ficar cego sem eles, apenas tinha dor de cabeça.

– Estou indo – disse ao homem com bandagem no braço, agora enrodilhado feito uma criança. – Adeus.

Sua boca tinha um gosto esquisito, como se ele houvesse chupado giz. De que maneira chegara ali? Talvez tivesse caído. Tido um pequeno acidente. Opa.

Saiu do ambulatório arrastando os pés, desviou-se de uma mesa e se dirigiu até outra porta, pesada. Precisou tentar várias vezes para virar a maçaneta. Deu num corredor.

Duas pessoas turvas vieram na sua direção. Um homem e uma mulher. Preto e branca, ébano e marfim. Ele gostou da aparência da mulher, ela era...

*Não.*

O homem tinha o rosto sanguinolento.

– O médico está aqui? – perguntou a mulher.

Gary não podia falar e precisava continuar andando. O homem de macacão o estava esperando ao pé da escada. Ele curvou um dedo, chamando-o, e Gary foi atrás. Subiu a escada, com o piso movediço outra vez. Continuou caminhando como se levitasse. Não era desagradável. Seu amigo seguia instigando-o. Não queria perdê-lo de vista. Tinha a sensação de que conhecia o sujeito. De onde? Uma lacuna na memória.

Marilyn. Deveria encontrá-la. Qual era o caminho?

Virou uma esquina, passando por uma mulher que esfregava o carpete. Cheiro de vômito.

– O senhor está bem?

– Estou. Preciso encontrar Marilyn.

Havia duas mulheres à sua frente, falando empolgadas e bloqueando sua visão do amigo. Uma delas se virou para olhá-lo. A pele do rosto era como um vaso rachado – havia tantas rugas!

– Posso ajudá-lo? – perguntou ela.

– Estou subindo.

Gary riu. Seu amigo ia pela escada, na frente das duas. Ele passou por elas para alcançá-lo.

– Ei! – gritaram as mulheres.

Virou outra esquina, mas o homem havia sumido. Para onde, agora? Gary tinha uma cabine, talvez Marilyn estivesse nela, mas não poderia ir lá para baixo. Não suportava essa ideia. Algo acontecera, mas tudo o que lhe vinha à mente era a lembrança de

um cheiro ruim. Subiu e subiu até chegar ao átrio. Lembrava-se dessa área. Passou os dedos nos enfeites de Natal entrelaçados nas balaustradas. Humm. Bonito. Nunca havia parado para olhá-los. Natal. Gostava do Natal.

Então saiu ao ar livre, empurrando o vidro gorduroso. Mar – ele amava o mar. Foi até a amurada, tropeçando num par de pernas estendidas.

– Cuidado aí, cara! – exclamou rispidamente uma voz.

Gary a ignorou. Como conseguiria encontrar Marilyn naquela multidão? Seu peito se contraiu. Precisava do amigo para guiá-lo.

Ficou o mais imóvel possível, observando as ondas. Havia algo flutuando na água. Balançando e vagueando feito ele. Algo vermelho e brilhante. O sol batia na sua cabeça. Ele levantou o rosto e fechou os olhos. Humm.

– Gary!

– Ele é seu, querida?

– Gary! É você?

Ele abriu os olhos e se virou. Agora estava parado perto de uma fila de pessoas. Como chegara ali? Marilyn. Ali estava ela. Sua mulher. Meu Deus, ele a odiava. As coisas estavam turvas, mas conseguia se lembrar disso. Rosto queimado de sol, a boca parecendo uma cicatriz, os lábios finos demais. Não como...

*Não.*

– Gary, você ficou apagado mais de um dia. Querido, fiquei tão preocupada!

Ele espremeu as palavras para fora. Pareciam distantes. Como se as ouvisse por um tubo.

– O que aconteceu comigo? Eu caí?

Um homem de olhos azuis opacos havia se juntado a Marilyn. Gary conseguiu desenterrar o nome dele: Mason.

– Deixaram você sair, então, Gary?

Ele assentiu. Tinham deixado?

– O que aconteceu comigo? – Sua voz distante parecia lacrimosa, mas ele não sentia vontade de chorar.

– Você não lembra? – perguntou Marilyn.

– Não.

Marilyn olhou para Mason.

O vislumbre de uma lembrança no fundo da mente. *Dedos.*

– Querido... você... Não sei como dizer. Você apagou na cabine e, quando tentaram transportá-lo, começou a gritar. Eles deram algum tipo de sedativo.

Cutucando sua nuca. Dedos. Dedos e...

*Não.*

– Fiquei preocupada demais. Fui ver você, lembra? Levei roupas limpas ontem à noite. Querido, Mason tem sido muito bom. Ele foi à cabine comigo para pegar o resto das minhas coisas.

– Lá embaixo está fedendo – resmungou Mason. – Você não vai pirar de novo, vai?

– O que aconteceu, Gary? Alguém atacou você? Alguém batizou sua bebida com uma droga perigosa ou sei lá o quê? Nós podemos processar.

– É. A segurança é fundamental nessas porcarias. Eles precisam fazer mais. E houve aquela moça também.

– Moça? – perguntou Marilyn.

*Sua garota. Eles estavam falando da sua garota, mas ela...*

– Foi encontrada morta na cabine. Sam ouviu isso de uma das moças do grupo de solteiros, quando estava na fila para pegar cachorro-quente hoje de manhã.

Marilyn pôs a mão no pescoço.

– Ai, meu Deus. E se a pessoa que fez isso atacou você, Gary?

– Ei, o que você está usando, cara? Curtindo um visual *Miami Vice*?

Gary olhou para si mesmo. Não se lembrava de ter se vestido. A braguilha da bermuda estava aberta, um chumaço de pelos púbicos despontando. Sua camisa estava desabotoada.

– Eu...

Mason lhe deu um tapinha no ombro.

– Venha conosco. Estamos nos organizando. Temos um lugar seguro.

Marilyn pegou seu braço e o levou para uma escada de metal. Seu amigo... Onde estava seu amigo? Olhou em volta, mas ele havia sumido.

– Estamos usando o convés Tranquilidade, querido – disse Marilyn. – Mason tem garantido que não fique cheio demais.

Mason grunhiu. Ele tinha uma esposa, Gary se lembrava disso, que parecia de plástico, como uma boneca.

– Precisamos fazer cocô em sacos. Não é medonho? Mason vive tentando falar com o capitão, mas eles nunca autorizam.

– Ainda vou chegar lá. Eles não têm direito de manter a gente no escuro desse jeito. E estão mentindo. Um cara do nosso grupo é técnico de celular. Veio com equipamento de última geração. Não consegue fazer com que funcione. Diz que a coisa toda está fora do ar.

– Estamos à deriva, querido. Não podemos voltar às cabines, então a maioria está lá em cima no convés...

Gary parou de prestar atenção. O sol chamejava nos seus olhos.

–... achamos que vamos precisar ir ao passadiço atravessando o bar dos tripulantes. Há escadas que dão lá.

Alguém gritou:

– Olha!

Houve mais um bipe e uma mensagem:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. Tenho certeza de que estão realmente agradecidos a todos os nossos maravilhosos tripulantes... – Gary lutou para se concentrar nas palavras, mas era difícil. –... Obrigado pela paciência. O capitão do navio, Giuseppe Leonidas, falará agora. Como os senhores devem ter notado, uma das nossas lanchas auxiliares está prestes a ser posta na água.

Uma pausa longa, um estalo e, depois, uma voz com sotaque forte:

– Senhoras e senhores, lamento não ter me pronunciado antes. Estamos trabalhando muito duro para resolver a situação. Resumindo, temos um problema com o gerador. Um pequeno incêndio provocou uma ruptura na conexão. Até que isso seja consertado, não temos energia para nos movermos. Também tentamos muitas vezes, de diversos modos, ligar para o nosso controle pedindo ajuda, mas não obtivemos resposta. Temos certeza de que...

A visão de Gary oscilou. Ele queria se deitar, voltar a dormir.

A voz de Marilyn vinha e sumia.

– ... o quê, Mason?... é um bom sinal?

– Pelo menos eles estão fazendo alguma coisa... ei... muito bom... aqui embaixo se ele pegou o...

Gritos de comemoração.

– Lá está um barco!

Pessoas passaram empurrando Gary para ficar mais perto da amurada, roçando nele. Gary foi deixado sozinho perto da banheira de hidromassagem. Olhou para todos enfileirados. Seu amigo não estava com eles, mas...

Sua garota. Sua garota estava ali.

*Não não não não não não não não não.*

Loura. Sua garota era loura. Acima do peso. Estava parada ali, de costas para ele. Provocando-o. Foi disfarçadamente até lá. No fim das contas, ela estava viva. Ele sabia que estaria.

Agarrou-lhe o braço. Ela guinchou e se virou. Não era a sua garota. Não era ela.

– O que você pensa que está fazendo, porra? – gritou a mulher.

– Desculpe. Desculpe.

Gary recuou, as pernas se embolaram numa cadeira atrás dele. Sentiu-se caindo em câmera lenta, batendo com o cóccix. Olhou para cima, o sol transformando em fantasmas as pessoas que o fitavam. Podia ver os rostos, mas nenhum deles tinha olhos.

Marilyn disse:

– Ah, *Gary*.

E, então, um buraco dentro da sua cabeça se abriu e o arrastou para o fundo.

## A CRIADA DO DIABO

A lavanderia, em geral uma colmeia de atividade, cheiro de sabão, vozes e zumbido das máquinas gigantescas, estava deserta, escura e fedendo a mofo. Althea pegou as sacolas contendo os lençóis e toalhas imundos e largou num canto. *Agora é problema de outra pessoa.* A maioria pertencia aos Linemans. A mulher não levantara um dedo para ajudá-la e não parecia nem um pouco sem graça porque sua cabine era uma bagunça terrível de toalhas sujas, lençóis e fluidos corporais. Althea havia levado mais de uma hora para arrumá-la. Mesmo assim, a ideia de aquele filho da mãe imbecil ser obrigado a esvaziar as tripas num saco quase compensava o trabalho extra.

Por outro lado, Helen insistira em trocar ela mesma os lençóis e perguntara respeitosamente se Althea podia trazer um balde, cloro e panos para ela fazer a limpeza, caso fosse necessária. Precisava verificar Elise e Helen mais tarde, garantir que tivessem tudo de que precisassem.

Ficou surpresa porque o navio não entrara em alerta vermelho ainda; já passara por dois surtos de norovírus e esse era o procedimento-padrão. Althea não tinha intenção de pegar a doença. Era simples: lavar e desinfetar as mãos; não tocar em nenhuma superfície sem luvas e usar bastante cloro. Havia mais dois passageiros doentes no lado de estibordo – Electra não aparecera para cuidar de seu posto – e Althea se certificara de que não faltasse nada aos hóspedes.

Quando o navio enfim retornasse ao porto, o fato de terem ficado à deriva por tanto tempo daria o que falar. E seria de Althea que os passageiros iriam se lembrar. Não havia abandonado seu

posto nem uma vez. Mas estava pagando o preço. A exaustão parecia um ácido lento subindo pelas pernas. Ela não tinha dormido bem. Como poderia? O garoto aparecera em seus sonhos na noite anterior (pelo menos esperava que estivesse sonhando). Ele havia se encolhido ao pé da cama e Althea mal ousara respirar, com medo de incomodá-lo.

Então Mirasol retornara do banheiro, batendo a porta, e o garoto... tinha sumido. Talvez o menino que estava vendo fosse o seu. A criança na sua barriga. O bebê que ia ter. Dizendo que devia aceitar seu destino. Balançou a cabeça. Doida. Não havia histórico de loucura na sua família, no entanto a irmã já tivera um ataque de nervos e ficara melancólica, irracional e recolhida depois do terceiro filho. Mas isso era normal. Althea tinha presenciado muitas vezes. Não. Era só o estresse. Aquela situação toda era apavorante. Até os tripulantes antigos que trabalhavam nos navios durante anos estavam assustados. A internet continuava fora do ar e Angelo comentara que não demoraria muito até que os geradores de emergência ficassem sem combustível. Paulo tinha um rádio de ondas curtas na cabine e nem ele conseguia receber sinal. Muitos funcionários estavam fugindo das cabines devido ao fedor de esgoto e ao temor de espíritos, e optavam por dormir no convés da tripulação ou no de carga, mais arejados. As histórias circulavam por toda parte: o navio estava assombrado, a garota morta no necrotério tinha voltado à vida e ficava deitada, esperando para matar de medo os imprudentes. Ainda havia água corrente, logo era possível tomar banho, mas só isso. Ela ficou aliviada porque não era seu trabalho limpar os banheiros comunitários dos tripulantes.

Obrigou-se a se mexer e foi até a sala de Maria. A porta estava aberta e vozes exaltadas vinham do interior. Hesitou, pensando em não entrar e ficar xeretando, mas a supervisora a viu antes que ela pudesse se esconder.

– Entre, Althea.

Mirasol, que obviamente estivera chorando, sorriu aliviada ao vê-la. Havia apenas um hematoma levíssimo sob o olho esquerdo, resultado do ataque da véspera.

Maria entrelaçou as mãos na mesa à sua frente.

– Se você não quer fazer seu trabalho, não terei escolha a não ser demiti-la.

– Mas eu já falei que não posso ir lá para baixo!

– Sei que você sofreu um choque ontem, Mirasol. Perguntei se você estava bem para trabalhar. Você disse que sim. Agora muda de ideia. Afinal, qual é a verdade?

– Não tem nenhum passageiro lá. Os carpetes estão molhados. Os vasos transbordaram. E... E os espíritos estão rondando.

Maria suspirou.

– Eu posso substituí-la – interveio Althea. – Vou descer.

Não queria fazer o serviço extra, mas precisava tirar o garoto de vez da cabeça, certificar-se da sua inexistência. Ela o vira lá pela primeira vez.

– Althea, você não pode fazer isso – gemeu Mirasol. – A Dama está lá. Eu disse.

– Não tenho medo.

– Por favor, saia, Mirasol – ordenou Maria ríspidamente.

Com um olhar angustiado para Althea, ela deixou a sala correndo.

– Tem certeza de que está disposta a fazer isso?

– Tenho.

– Ótimo. Obrigada. – Um pequeno sorriso de gratidão. – Preciso que você tire a roupa de cama. Mirasol está certa: os vasos transbordaram. – Ela suspirou de novo. – O pessoal da manutenção se recusa a descer lá também. Que confusão...

Naquele dia, Maria não pintara as sobrancelhas. Por um instante, sua expressão de fachada se desfez, revelando a preocupação – uma expressão que Althea pagaria para ver apenas alguns dias antes. A chefe estava perdendo o controle. Muito bom. Já era hora de a puta sofrer uma queda. Mas Althea permaneceria forte.

– Posso fazer mais alguma coisa, Maria?

A chefe lhe lançou um olhar duro. Talvez Althea estivesse pegando um pouco pesado demais.

– Não, tudo bem. Pode ir.

Mirasol a esperava do lado de fora.

– Acha que vou perder o emprego, Althea?

– Não, claro que não. Maria está estressada, descontando em você. Ignore-a.

– Mas basta uma palavra dela e eu fico fora dos navios. Não posso perder o emprego. Devo todo aquele dinheiro à agência.

Althea suspirou por dentro. Essa garota estava virando um estorvo.

– Confie em mim. Tudo vai dar certo. Você não vai perder o emprego. Foi atacada por um passageiro. É compreensível que não queira ir lá embaixo.

Mirasol abriu a boca para falar algo, sem dúvida sobre a Dama, mas Althea a interrompeu.

– No treinamento disseram o que fazer se houvesse um vírus a bordo, certo?

– Certo.

– Certifique-se de seguir à risca.

– Ok. Obrigada. Como posso lhe recompensar?

Althea sorriu. Pensaria em alguma coisa.

Seguiu rapidamente pelo I-95. Ali embaixo havia certa lassidão. Alguns indonésios que trabalhavam na manutenção e no depósito do lixo estavam num grupinho compacto falando aos sussurros. Um dos oficiais, com a camisa branca manchada com o que parecia café, passou às pressas, quase trombando com ela. Não havia nem um pouco da objetividade usual para aquela hora do dia. Ela teria que pegar outra caixa de luvas de látex. Se a situação no convés inferior estivesse tão ruim quanto diziam, precisaria do máximo de proteção possível.

Enquanto ia para a sua cabine, notou que a porta do cômodo de Trining estava aberta, sem dúvida para fazer circular o pouco ar que havia ali embaixo. Althea não a via desde que a colega lhe pedira para assumir seu posto no dia em que o navio entrara em pane – pareciam já ter se passado séculos. Será que Maria já lhe falara sobre a demissão? Curiosa, Althea parou e olhou para dentro. Um forte cheiro de cloro saía do banheiro minúsculo. Ótimo, alguém tivera o bom senso de limpá-lo.

Trining estava deitada de lado, de costas para a porta.

– Olá, Trining.

- Vá embora, Althea.
- Por que está falando assim comigo?

Trining rolou na cama. Não parecia muito doente. Se não fossem o balde e os lenços de papel amassados perto dela, Althea acharia que ela estava fingindo.

- Sei que você mentiu.

*Caralho.*

- Não menti.
- Segundo Maria, você falou que eu não lhe tinha pedido para cuidar do meu posto.

Althea arregalou os olhos.

- Sério? Não sei por que ela diria isso. Alguma vez deixei você na mão, Trining?

- Não.

- É só um mal-entendido. Só isso. Vou falar com Maria.

A colega não era idiota. Não retribuiu o sorriso de Althea.

- Estou indo cuidar do seu posto agora, Trining.

- Não vou pagar a você por isso.

- Claro que não. – Althea manteve o sorriso. – Trining... No seu posto... você viu alguma coisa estranha?

Um vislumbre de interesse.

- Tipo o quê?

- Alguma vez você teve a sensação de que alguém a observava?

- Não. Você andou ouvindo histórias de fantasmas, Althea?

Angelo me disse o que aqueles caipiras idiotas estão falando sobre a passageira morta.

*Espera até eu lhe contar sobre os meninos fantasmas.*

- Fui eu que encontrei a moça, Trining.

- Sério?

- Sério. Foi bem chocante. Você tem sorte porque estava doente e não precisou ver o que eu vi.

Divertindo-se, Althea notou que a curiosidade mórbida de Trining havia suplantado o ressentimento.

- O que você viu?

Althea fingiu estremecer.

- Não posso falar.

Um breve desapontamento.

– Entendo. Eu gostava dela. Da passageira que morreu. Era uma das mais legais do meu posto.

Althea deu de ombros. Sendo bom ou mau, todo mundo morreria um dia. O garoto é que a preocupava.

– Estou preocupada com você, Trining. Venha me procurar se precisar de alguma coisa. E não espero que você pague por isso. – *Aham, claro.*

– Obrigada. Desculpe se fui grosseira com você.

Althea saiu, fazendo desaparecer o sorriso no instante em que se virou de costas para Trining. Essa havia sido quase fácil demais.

Foi à sua cabine, enfiou outro punhado de luvas roxas nos bolsos do uniforme e voltou para o I-95. Parou ao chegar ao fim do corredor. O segurança que estivera com ela quando havia encontrado o corpo da moça estava parado num nicho perto da sala de Maria, balançando a cabeça como se tivesse uma conversa séria com alguém. Ele ainda não a tinha procurado, mas isso não a surpreendia: os departamentos de segurança e faxina estavam lidando com o pior da situação. Esperou até que o homem se afastasse, então foi na direção oposta, quase trombando em Rogelio, que saiu do nicho.

Cumprimentou-o, mas ele mal respondeu. Estava cabisbaixo e parecia à beira de um colapso. Praticamente entrou correndo no refeitório da tripulação. Por que o segurança iria querer falar com Rogelio?

Então ela entendeu. Não havia reparado antes porque não quisera. Angelo acertara com relação a Rogelio, afinal de contas. Só que não era com Damien que ele estava envolvido. Guardou essa informação; poderia ser útil algum dia. Gostava de Rogelio, mas o mundo era duro e, na situação em que se encontrava, precisava usar qualquer munição que pudesse obter.

O fedor que a recebeu quando passou pela porta de serviço, adentrando o posto de Trining, foi pior do que havia previsto; a falta de ar-condicionado agravava a situação. E a luz ali embaixo estava mais fraca do que ela recordava. Agora os pertences dos passageiros se espalhavam pelo chão. Um chinelo rosa, um travesseiro, asas de

anjo de plástico. Mirasol tinha razão: não havia hóspedes ali. Lentamente, foi até a cabine da morta, lacrada com fita. Se o garoto estivesse em algum lugar, suspeitava que seria ali. Mas havia câmeras naqueles andares e ela não ousaria violar o lacre – seria uma infração passível de demissão.

– Você está aqui? – sussurrou. – Apareça.

Uma pancada veio de algum lugar no coração do navio. Ela avançou com cautela. Na metade do corredor, uma porta estava escancarada. Isso não deveria acontecer. As portas se fechavam sozinhas com o seu peso, a não ser que estivessem encostadas nos ímãs das paredes. Prendendo a respiração, entrou, esperando que os olhos se acostumassem à luz fraca. Foi tomada pelo medo quando o viu. Estava sentado no canto, os joelhos encolhidos junto ao peito. O rosto banhado em lágrimas, e ela não conseguia ver seus olhos. A única iluminação provinha das luzes verdes de emergência, que não eram suficientes para que pudesse distinguir detalhes.

– Olá.

O medo se esvaiu, substituído por alívio. Não estava louca. Ele estava ali. Era real. Aproximou-se devagar.

– Como você chegou aqui? Onde está sua mãe?

Do nada, ele se sacudiu, estendeu os membros e partiu até ela de quatro, como uma aranha. Rápido demais – ninguém conseguiria ser tão veloz assim. Althea gritou e saltou para a porta, desembestando pelo corredor. Uma risadinha veio de trás. Ela se virou. Ele estava parado a alguns metros, quase do lado de fora da cabine da moça morta.

Impossível.

O menino fungou. Agora que ele estava parado sob a luz, Althea podia identificar as roupas: uma camisa de botões esgarçada e calças que terminavam logo acima dos tornozelos. Havia sujeira nos pés e nos braços nus.

Andou na direção do garoto, com uma das mãos estendida, cautelosa, como se lidasse com um animal perigoso. Esperou que ele corresse, mas não foi o que aconteceu. Ela baixou a mão para tocar seu braço, meio convencida de que depararia com o ar. Mas

não. Ele era real. De carne e osso.

O menino riu outra vez e se afastou, correndo para a saída de serviço.

– Espere!

Ele hesitou, depois desapareceu pela porta.

– Espere! – tentou ela de novo, então foi atrás do garoto.

Podia ouvir o som dos pés se movendo mais abaixo, descendo a escada, mas o perdera de vista. O menino a esperava na conexão do I-95; ele sorriu, cobriu a boca com uma das mãos e disparou pelo corredor. Dois engenheiros da manutenção olharam-na com curiosidade enquanto Althea passava correndo. Ela seguia o som dos passos do garoto, mal percebendo aonde ia, até que chegou a um corredor baixo ladeado por canos brancos. Não sabia onde estava. Na verdade, Althea só conhecia bem a área da tripulação e o convés Varandas – não tinha permissão para ir às áreas dos passageiros nem motivo para se aventurar naquela parte do navio.

Um risinho, e o viu de novo. Estava ao lado dela. Althea sentiu uma pressão fria na mão e olhou para baixo, vendo-o segurá-la. Ele a conduziu por um corredor de cabines de tripulantes. Uma porta estava aberta e a camareira passou como se aquilo fosse sonho, mal olhando o casal que se agarrava na cama. O garoto levou-a até um espaço amplo e escuro. Cortinas se erguiam diante dela, grandes caixas pretas com bordas de aço empilhavam-se junto às paredes. Então ela entendeu: estavam na parte de trás do palco.

Enfim conseguiu falar:

– O que estamos fazendo aqui?

O garoto limpou o nariz. Soltou-se dela e desapareceu descendo alguns degraus. Althea o seguiu aos tropeços e saiu numa área de teto baixo, o brilho das luzes de emergência se refletindo nas lantejoulas e pedrarias das araras de roupas enfileiradas do outro lado da sala. Muito raramente, o pessoal do entretenimento fazia um show para os funcionários, mas ela nunca havia assistido. Aquela era uma parte do navio que desconhecia. Althea estava sempre trabalhando.

Onde estava o garoto? Foi em direção aos figurinos para verificar se ele se escondera ali, quando um riso grave veio de trás dela. Não

estava sozinha. Althea se virou e viu algo se mexer no canto escuro perto da porta. A Sra. Del Ray. Sentada na cadeira de rodas. Olhando-a. Ela avançou na cadeira.

– Althea, que bom você ter vindo.

O garoto reapareceu, pegou a mão da camareira e encostou a cabeça na lateral do seu corpo. Deveria sentir-se repelida, mas na verdade foi tomada por uma onda de calor.

– Ele gosta de você, Althea. E é um bom avaliador de caráter. Você deveria ver o que ele faz com as pessoas de quem não gosta.

A garganta de Althea estava seca, mas ela se obrigou a falar:

– A senhora o trouxe a bordo?

– Celine o trouxe. De certa forma.

– Não entendo.

A Sra. Del Ray deu um tapinha na própria nuca e sorriu. Havia dentes demais em sua boca. Tufos louros se destacavam do capacete de cabelos que Althea pensava ser sólido como um bloco de madeira.

– Tenho uma proposta, Althea. Você pode me ajudar e eu posso ajudá-la.

– Como?

– Posso ajudar você a conseguir o que quer. Às vezes nós fazemos isso, damos o que as pessoas querem. Outras, o que as pessoas merecem.

– Não estou entendendo.

A mulher só falava de forma enigmática.

– Sei que você tem um segredo. Um segredo que não quer que seja revelado. Mas eles vão saber, em cerca de sete meses.

O estômago de Althea despencou feito um tijolo. Garotos fantasmas. Agora isso.

– Como sabe que estou grávida? Nem eu mesma tenho certeza.

– Estava orgulhosa por conseguir enunciar as palavras com calma.

Uma piscadela.

– Não há muita coisa que eu, esta coisa velha, não saiba. A situação vai piorar muito antes de melhorar. Sou a única que posso levá-la aonde você quer ir.

– Para onde?

– Para longe disso tudo. Para longe de Joshua.

– Como a senhora sabe dele?

Será que Angelo tinha fofocado sobre ela com Celine? Não. A mulher era paranormal. Talvez pudesse mesmo ver dentro da sua cabeça. Althea fez o sinal da cruz. Uma *bruha*, uma feiticeira. Como aquelas de quem sua *lola* costumava falar, que mandava insetos se enfiarem embaixo da pele das pessoas, que comia bebês vivos no útero.

– Não. Não consigo ver dentro da sua cabeça, querida. Mas chego perto disso. Então, está interessada em negociar?

O garoto enfiou um polegar na boca e a olhou. A mulher era o demônio. Althea podia sentir. Dava para perceber. Mas não era um dos demônios com os quais havia crescido; era de um tipo distinto. Um tipo exótico. A Sra. Del Ray não era o Mal propriamente dito – Althea já havia se encontrado com ele, e aquela mulher era diferente –, mas alguma coisa não estava certa. Quase gargalhou. *Alguma coisa não estava certa!* Ela segurava a mão de um garoto fantasma e só conseguia pensar que *alguma coisa não estava certa*.

– Todos precisamos ajustar a mente, querida – disse Celine. – É necessário um salto para absorver tudo. Todos tivemos que passar por isso num estágio ou em outro. Até eu.

– E o que a senhora quer que eu faça?

– Ah, uma coisinha ou outra. Nada que esteja longe demais de sua capacidade. Você tem três coisas de que eu preciso, querida: é inteligente e tem contatos.

– Falta uma coisa.

– A terceira virá na hora certa. – A Sra. Del Ray umedeceu os lábios. – E eu posso pagar, Althea. Talvez devesse ter dito isso no início, não é?

O garoto se aninhou mais perto ainda da camareira.

– De novo: o que eu preciso fazer?

– Chegue mais perto e eu explico.

Movendo-se desajeitadamente, com a criança grudada feito uma craca ao seu lado, Althea obedeceu.

– Agora escute.

E foi o que ela fez.

## AS IRMÃS SUICIDAS

Helen embolou as toalhas sujas que estivera usando para proteger o colchão e a roupa de cama de Elise e levou-as para o chuveiro. Espremeu o resto do xampu em cima da pilha e deixou a água correr. Não queria incomodar Althea pedindo mais uma troca de lençóis limpos; a coitada parecia exausta na última vez que a vira.

As mãos de Helen tremeram enquanto colocava uma toalha de rosto embaixo da torneira. Por várias vezes, na noite anterior, havia se convencido de que Elise tinha partido. Morrído. Feito a passagem, ou qualquer outro eufemismo que as pessoas costumavam utilizar. Ouvira todos eles depois da morte de Graham, além de *lamento muito sua perda; a dor vai passar; se eu puder fazer alguma coisa...* Frases clichês que ela mesma usara muitas vezes. *Sinto muito, você sente muito, todos sentimos muito, porra.* Respirou fundo e se apoiou na pia com força. Havia uma dor constante logo abaixo do plexo solar. Se Elise morresse, Helen ficaria totalmente solitária naquele maldito navio. Ela se sentiu como se oscilasse na beira de um prédio alto, olhando para baixo. Tinha os comprimidos para dormir, mas sabia, por suas pesquisas, que talvez não resolvessem a situação. Talvez não bastassem. E ela não queria fazer aquilo sozinha.

*É melhor juntas.*

Não achava que teria coragem para fazer sozinha.

As lágrimas queriam vir, mas seriam apenas de autopiedade, e ela não podia se dar ao luxo de descer a esse nível. *Isso mesmo. Levante a cabeça, garota,* a voz de Graham lhe veio à mente. *Você é forte, pode superar isso. É mais forte do que pensa.* A dor no peito ficou mais intensa e ela foi tomada por uma súbita, inesperada

saudade de casa.

*Não há casa para onde voltar.*

Juntar as provas da vida com Graham foi uma das tarefas que havia completado na semana antes de partir para Miami. A princípio, não suportara jogar fora qualquer coisa que ele tivesse tocado – precisara de toda a sua determinação só para examinar a mesa dele ou tirar algo que pudesse reter um mínimo do seu cheiro –, mas o encaixotamento das camisas para a instituição de caridade fora o ponto-chave (Helen chorara durante uma tarde inteira) e ela acabara se livrando do restante com um total desapego. Melhor isso do que deixar para os sobrinhos de Graham, que herdariam depois a casa.

Reprimiu as emoções, lavou as mãos e o rosto e voltou para o quarto. Sabia que corria um risco real de se contagiar. A enfermeira que viera ver Elise de manhã – uma ruiva cansada e enérgica que cheirava levemente a álcool rançoso – lhe falara sobre a facilidade de transmissão do norovírus. Helen havia sido cuidadosa, mas duvidava que não fosse contraí-lo logo. Tinha insistido que a amiga fosse levada para o ambulatório, onde poderia ser monitorada de perto, mas a enfermeira replicara que seria melhor permanecer na suíte. Pelo menos ali, com a varanda, havia a possibilidade de ar puro.

– Helen – chamou Elise com a voz rouca, tentando pegar sua mão. A pele dela estava quente e úmida, a camisola encharcada de suor.

– Precisa ir ao banheiro?

– Não-ão. Sede.

Helen segurou o copo junto aos lábios de Elise. Ela conseguiu tomar três goles pequenos, o que era melhor do que nada. Deveria realmente trocar a camisola da amiga. Na primeira vez que fizera isso, ficara chocada ao ver quanto de sua vida Elise escondera. Nu, o corpo revelava segredos. A cicatriz da mastectomia, uma marca cruel protuberante, a abalara. Ela nunca havia falado disso e Helen nunca tinha notado – ou estivera absorvida demais em suas coisas para notar – que a amiga usava uma prótese. Mas o corpo de Elise era belo a seu modo, as coxas e a barriga lisas, volumosas, porém sem a celulite que atormentava Helen, não importando quantas

horas caminhasse.

O sistema de alto-falantes emitiu um bipe, sinalizando outra das mensagens intermináveis de Damien. Houvera uma antes, do capitão (já não era sem tempo, pensara), dizendo que, como a comunicação continuava inoperante, uma lancha auxiliar havia sido despachada para alertar a guarda costeira sobre a posição deles. Estava claro que o problema era muito mais sério do que a tripulação dava a entender. Tentou não dar ouvidos às desculpas e trivialidades costumeiras de Damien, mas então uma coisa chamou sua atenção:

–... para que os senhores não fiquem frustrados, nossa celebridade convidada, a maravilhosa Celine del Ray, estará generosamente se apresentando de novo no Teatro Ouse Sonhar, dentro de apenas meia hora. Todos são bem-vindos!

Helen estremeceu. Só de pensar na médium, ficou nauseada. A mulher era uma fraude. Uma trambiqueira doente, manipuladora.

Alguém bateu à porta; talvez fosse Maddie outra vez, verificando como estavam. Celine podia ser um monstro, mas a assistente tinha sido gentil. Espiou pelo olho mágico e viu o médico – o que fora ver Celine na véspera do ano-novo – parado um pouco para o lado. Finalmente.

– Posso dar uma olhada na passageira? – perguntou ele quando ela acenou para que entrasse. Seus olhos estavam amarelados, estriados com veias, e uma máscara cirúrgica pendia frouxa em volta do pescoço. – Ela foi vista por uma enfermeira ontem à noite, certo?

– Isso mesmo.

– Como ela tem passado? – Ele conteve um bocejo.

– Nada bem.

– Vômito? Diarreia?

– Sim. Mas não na última hora. Isso é um bom sinal, não é?

Ele emitiu um som descompromissado.

– Qual é o nome dela? Desculpe, sei que a senhora me disse ontem à noite... anteontem. Perdi a noção do tempo, também.

Ele tentou sorrir, em vão. Helen quase sentiu pena. Quase.

– O nome dela é Elise. Elise Mayberry.

– Desculpe.

– Por favor, só dê uma olhada nela, doutor.

Ansiosa, Helen observou-o auscultar o peito da amiga e medir sua pressão.

– E então?

Outro grunhido evasivo.

– Doutor, eu preciso saber. É possível que... que ela morra disso?  
*Não me deixe, Elise. Não me deixe.*

– É muito improvável. O pulso dela está bastante forte. Não estou muito preocupado com a pressão sanguínea, mas a senhora deve garantir que ela tome líquido suficiente. Se ela não melhorar, talvez eu a coloque no soro.

– Quando tudo isto vai acabar?

Ele suspirou e se levantou.

– Eu gostaria de saber. Deve ser muito difícil para a senhora. Está descansando o bastante?

– Estou bem.

Não era verdade. Helen mal havia dormido desde que Elise adoecera. Mas o problema não era ela.

Despediu-se do médico e se deitou na cama. Seria fácil demais fazer aquilo. Os comprimidos para dormir estavam na bolsa de Elise, pendurada na cadeira. Mas elas não poderiam pular na água agora, mesmo que a amiga tivesse condições. Mesmo assegurando que ninguém fosse resgatá-las. A água ao redor do navio parecia um poço estagnado, a superfície suja com sacos plásticos vermelhos. Se ela pulasse, engoliria os dejetos de outra pessoa. Não. Precisava ser corajosa. Não podia ser muito...

Havia alguém – um homem – na varanda. Ela soltou um gritinho, lembrando-se da figura escura que tinha visto no quarto de Celine na véspera do ano-novo. Estreitou os olhos para reduzir a claridade do sol e espiou. Parecia familiar... Ah, era Jaco, o músico. Foi rapidamente à porta e fechou-a com força, justo quando o homem se virava e estendia a mão para uma loura que subia pela escada de metal que ia até o bote salva-vidas bem à frente da suíte. Nunca ocorrera a Helen como era fácil chegar à cabine vindo do convés abaixo.

Jaco bateu no vidro e deu um sorriso largo.

– Ei, podemos entrar?

– O que... Por que vocês estão aqui?

– Está um inferno no convés. Só precisamos de um lugar calmo para esfriar a cabeça um pouco. Sou Jaco e esta é Lulia, dançarina.

– Olá. Prazer em conhecê-la – disse a mulher.

Cabelo comprido descolorido e maquiagem completa. Tinha o que Graham chamaria de “olhos dissimulados”. Ele vivia julgando as pessoas pela aparência. E, que Helen soubesse, nunca errava.

– Vocês não deveriam estar aqui. Minha amiga está doente. Precisa descansar.

A mulher se retraiu ligeiramente, mas Jaco segurou o pulso dela.

– Estávamos pensando se poderíamos ficar sentados um tempo na sua varanda. Talvez beber alguma coisa.

– Como eu disse, minha amiga está muito mal.

– Não vamos ficar muito tempo.

– Por favor – interveio Lulia. – As pessoas estão adoecendo por toda parte. Só queremos um lugar calmo para esperar que isso acabe.

– Deve haver outro lugar aonde possam ir.

– Não. A área da tripulação está péssima. O ar está nocivo.

As entranhas de Helen diziam para se livrar deles, mas que tipo de pessoa ela seria se não oferecesse ao menos uma bebida? Relutante, destrancou a porta.

– Entrem. Mas só por um minuto.

– Obrigado. – Jaco sorriu para ela. – De verdade.

– Está fedendo – comentou Lulia, balançando a mão diante do rosto. – Nós deveríamos ter tentado entrar na suíte do diretor.

– Eu disse que minha amiga está doente. E é contagioso.

– Vamos ter cuidado – prometeu Jaco.

– Qual é o seu nome? – perguntou a dançarina.

– Helen.

Lulia sentou-se no sofá e cruzou as pernas, que eram bronzeadas com spray e cheias de pelos crescendo. Estava descalça, os polegares de um tamanho quase anormal.

– Você viu os shows?

– Vi.

Era mentira. Ela odiava cabaré com todas as suas forças. Na primeira noite, Elise fora assistir à *Daydream Fantastique Extravaganza*, ou qualquer que fosse o nome, e disse que era “interessante”, a pior crítica que a amiga já fizera.

– Nós precisamos cantar e dançar.

– Vocês foram muito bons.

– Obrigada. Ela é sua amante?

– Não. Somos só amigas.

– Por que estão neste cruzeiro? É para gente jovem.

– Chega de perguntas. – Jaco riu. – Mais uma vez, agradeço de verdade, Helen. As pessoas estão pirando em tudo que é lugar. Vendo fantasmas.

Helen empalideceu.

– Fantasmas?

– É. Tem um monte de gente supersticiosa nos navios.

– E fede demais – completou Lulia. – Tem gente fazendo cocô em todo canto. São sujos, parecem porcos.

Jaco indicou o frigobar.

– Podemos pegar uma água? Eu saio e arranjo mais para você.

– Sirva-se.

Ele se agachou e olhou dentro.

– Champanhe. Não chegou a beber na virada do ano, é?

– Não.

– Então vamos fazer o seguinte: você nos ajuda e nós ajudamos você. Parece um bom plano?

– Não sei se é uma boa ideia.

Ele virou a cabeça e sorriu.

– Ei, pode confiar em mim. Sou músico.

## O ANJO DA MISERICÓRDIA

Martha estava esperando quando ele se arrastou de volta para a enfermaria depois da ronda. De cabelo preso num coque malfeito, puxava uma pele seca do lábio inferior.

– E agora?

Ele não sabia se conseguiria suportar qualquer novidade. Além dos casos de norovírus, havia dois, bastante sérios, de ataque cardíaco e uma suspeita de polegar quebrado. Precisava de uma injeção de cafeína. Precisava de uma chuva de chuva. Precisava dormir mais do que duas horas, porra.

– Ah, Jesse. Tivemos um problema. É o novo paciente. O cara que chegou ontem.

– O que tem ele?

– Sumiu, Jesse.

Ele teve que se esforçar para absorver o que ela dizia.

– Você lhe deu alta?

– Não. Voltei depois de comer alguma coisa, sabe? Não fiquei muito tempo fora. E ele não estava na cama.

– Mas ele estava dopado pra cacete.

Jesse havia tomado a decisão de aumentar a dose de midazolam na noite anterior, depois que o sujeito tinha acordado e começado a agir de modo errático. Não sabia de outro modo para contê-lo além de trancá-lo na cabine, onde ele poderia facilmente fazer mal a si mesmo. Aquilo era um navio, não uma porcária de ala psiquiátrica.

– Eu sei. Não consigo explicar.

– Cadê o Bin?

– Mandei-o dormir umas duas horas. Ele ficou de serviço a noite toda, coitado. Você sabe como ele é: precisei arrastá-lo para fora do

posto. – Ela puxou a pele seca de novo. – E não é só isso, Jesse.

Ele sentiu um nó nas tripas.

– Diga.

– Alfonso também sumiu.

– Sério? Para onde ele foi?

– Não sei. Verifiquei a cabine dele e fui até as salas do gerador e do controle, mas ninguém o viu.

– Então perdemos dois pacientes?

– É o que parece. Desculpe, Jesse.

– A culpa não é sua. Como esperam que a gente cuide de tudo isso, porra?

Eles não estavam preparados. Na verdade, deveria haver dois médicos a bordo, mas Martha dissera que os cruzeiros mais curtos tendiam a ignorar essa regra.

– Você parece desesperado, Jesse. Tem certeza de que não está ficando doente?

Ele balançou a cabeça. Estava exausto, só isso. Claro, sentia-se enjoado, mas vinha sobrevivendo à base de Coca e Pringles nos últimos três dias. E deveria agradecer porque o navio inteiro não estava tomado pelo vírus, que costumava se espalhar depressa. Considerando as condições, era um milagre não estarem todos contaminados. Na noite anterior, havia usado um saco vermelho, furtivamente, na cabine. Não querendo deixar para Paulo limpar, carregara-o para a sala do incinerador. Não imaginava por que deveria estar tão constrangido com uma coisa assim. *Você é médico.*

– Estou preocupado com a paciente idosa, Elise Mayberry – disse ele. – A pulsação dela está irregular. Ela tem histórico de doença cardíaca?

– Não que eu saiba.

Jesse deveria ter perguntado à amiga dela, a magrela, mas o paciente que ele vira logo antes de Elise – um homem de meia-idade do mesmo andar – tinha sido abusivo e irritante, incomodando-o mais do que ele gostaria de admitir.

– Quer trazê-la aqui para baixo agora? – perguntou Martha.

– Talvez. Há outros três casos só naquele andar. Quantos tripulantes contraíram a doença?

– Sete no total. Talvez mais. O problema é que a maioria não quer ficar nas cabines.

– A coisa vai se espalhar feito um incêndio na mata, se não ficarem.

Foram interrompidos por uma mensagem de Damien informando que Celine del Ray faria mais uma performance (ou o que fosse que ela fazia) no Teatro Ouse Sonhar.

Loucura. Encorajar pessoas a se amontoar em grandes grupos enquanto o norovírus devastava o navio era uma postura incrivelmente míope. Ele suspirou.

– É isso aí. Vou insistir para entrarmos em alerta vermelho. Há alguma previsão para a chegada da porra da cavalaria?

– Não, Jesse. Ainda não temos wi-fi. Mandaram uma lancha auxiliar hoje de manhã, mas só sei disso.

O médico não conseguia entender por que alguém pensaria que isso era um bom sinal. Nada fazia sentido. No mínimo, a Foveros deveria ter enviado um dos navios irmãos do *Belo Sonhador* para verificar como eles estavam.

– Meu Deus – sussurrou.

– Ele seria bem útil neste momento.

– Foda-se tudo. Vou falar com o capitão. Não vou aceitar um “não” como resposta.

– O que você quer que eu faça?

– É melhor ficar aqui. Volto num instante.

– Boa sorte.

Jesse borrifou a camisa com uma farta dose de desodorante – chuveiro enlatado, o melhor que podia fazer naquela situação – e saiu. Perdeu-se por um momento, pois estava com a cabeça nas nuvens, e precisou voltar, atravessando o bar da tripulação. O lugar estava cheio, dava para sentir o cheiro de cerveja e ouvir as vozes exaltadas. Outra garantia de que a infecção se espalharia por todo o navio. O local teria que ser fechado. Os postos de alimentação precisariam ser desinfetados de cima a baixo, e qualquer pessoa que mostrasse sintomas deveria ser isolada. Jesse sabia que os serviços extras estavam sendo um pesadelo para os tripulantes e os funcionários, mas o fato é que não tinham escolha.

Ram estava parado diante da porta que levava ao passadiço, com a máscara implacável no rosto.

– Posso ajudar, doutor?

– Preciso ver o capitão imediatamente.

Havia apenas uma leve hesitação em sua voz. Ótimo.

Ram continuou inexpressivo.

– Ele está numa reunião.

– É uma emergência.

O segurança o encarou por vários segundos, depois deu um curto meneio de cabeça.

– Espere aqui.

– Certo, mas eu...

Ram já havia saído, batendo a pesada porta na cara de Jesse antes que ele pudesse se intrometer. O médico enxugou as palmas suadas na calça.

Dois minutos depois, a porta se abriu de novo e o segurança sinalizou para ele entrar. Jesse só estivera no passadiço duas vezes desde que havia ingressado no navio. Era uma área enorme com janelas do chão ao teto. O ar parecia mais puro ali dentro, ainda que o médico tivesse certeza de que era apenas sua imaginação. O capitão – um homem gorducho com quase 70 anos e cabelo branco e vistoso – estava de pé, de costas para ele, perto do console de navegação, gesticulando para um grupo de oficiais. Jesse reconheceu o diretor de hotelaria exaltado – um grego metido a besta que parecia incapaz de sorrir – e um dos caras da informática, que tinha um hematoma espetacular no olho e um corte na bochecha direita, que parecia estar infeccionando. Damien também estava lá, um sujeitinho emproado que sempre entrava no bar dos tripulantes como se esperasse que todo mundo aplaudisse. Jesse não havia se relacionado muito com ele, por opção, e Martha o descrevia como “um merda completo”.

Baci, que visitara Alfonso, cumprimentou-o com um gesto de cabeça. Estava com o resto dos oficiais, reunido discretamente perto da janela. Jesse demorou um segundo absorvendo a vista. Nada além do oceano amplo, interminável. Nenhum navio. Nenhuma plataforma de petróleo. Nem mesmo o rastro etéreo de um avião

passando no céu.

Por fim, o capitão se dirigiu a ele.

– Como está o Alfonso, *dottore*? Ele já pode trabalhar?

Pego de surpresa, Jesse pestanejou.

– Ele saiu do ambulatório hoje de manhã.

O capitão rosou algo em italiano para Baci, que balançou a cabeça, depois olhou acusadoramente para o médico.

– Ele não está na sala de controle.

Jesse respirou fundo. Não podia permitir que o desviassem do assunto. Não era por causa de Alfonso que estava ali.

– Venho pedindo para falar com o senhor desde o primeiro dia desta confusão, capitão. O senhor deve ficar a par do que acontece. Há mais casos de infecção pelo vírus a cada dia.

– Quantos? – perguntou o grego.

– Pelo menos vinte, talvez mais.

Damien sugou o ar audivelmente. Jesse deixou que se passasse um segundo antes de falar de novo.

– Preciso que o senhor coloque o navio em alerta vermelho.

– Não. Isso não é possível – retrucou o capitão.

– Senhor, com todo o respeito, se não fizer isso, vamos nos ver diante de uma enorme...

– Os funcionários estão sendo forçados até o limite – interveio o grego. – Não podemos dar tarefas extras a eles.

– Então o senhor quer que todo o navio se contagie? – continuou Jesse, ignorando o diretor de hotelaria. – Como a situação vai parecer quando voltarmos ao porto?

– Não levante a voz para o capitão – rebateu Damien.

O médico percebeu que Ram o observava atentamente. Porra, ele não havia esperado essa reação.

– Não estou levantando a voz, mas apenas dizendo que precisamos...

O grego o interrompeu de novo:

– O ânimo está muito ruim. Se dermos tarefas extras ao meu pessoal e restringi-los às cabines, eles...

Foi a vez de Jesse cortá-lo:

– Quanto tempo vocês esperam que esta situação dure?

O capitão fungou.

– Não muito.

– Um dia? Dois? Uma semana? O quê? Alguém ao menos sabe que estamos aqui à deriva?

– A situação está sob controle, *dottore*.

*Mentira*. A Coca-Cola que estava sustentando Jesse virava ácido em seu estômago.

– Estamos perdidos? É isso?

Os olhos do capitão endureceram.

– Não estamos perdidos.

– Então por que ninguém veio nos procurar?

Devia haver algum modo de rastreamento do navio, mesmo com os sistemas de energia e comunicação inoperantes. *O Belo Sonhador* não era uma embarcação de última geração, de jeito nenhum, mas devia estar equipada com transponders e sinalizadores de rádio.

– O tempo está ruim no porto. Eles virão logo.

– Então o senhor esteve em contato com o Apoio de Terra?

– Não vai demorar muito até que a ajuda chegue.

Meu Deus. Jesse engoliu em seco. Não sabia se o capitão o estava enrolando ou não.

– Olhe, só estou pedindo que os passageiros sejam informados sobre o vírus e encorajados a se livrar dos sacos de dejetos de modo higiênico. E que a preparação da comida seja monitorada e restringida. E que quem apresente os primeiros sinais do vírus seja confinado às cabines. Isso é vital.

– Onde o senhor sugere que os coloquemos, doutor? – questionou o grego, irritado. – As cabines inferiores estão inabitáveis.

O cara da informática deu uma risada.

– É, e a maior parte dos tripulantes está vendo fantasmas em toda a porcaria do navio.

Ram lançou um olhar de alerta para o sujeito.

– Muitos tripulantes são supersticiosos. Isso é de se esperar – disse o capitão. – Não há embasamento para esse... fenômeno incomum.

*Como mulheres mortas batendo na parede pelo lado de dentro*

*do necrotério? Ou talvez pacientes com quadro de derrame que leem mentes.*

– Podemos ao menos pedir para os passageiros não se reunirem em grupos grandes? – perguntou Jesse a Damien. – A apresentação no teatro deveria ser cancelada imediatamente.

O diretor do cruzeiro balançou a cabeça.

– Não, não, não. Isso está mantendo as pessoas ocupadas. Não podemos interromper.

– Elas vão ficar bem ocupadas quando estiverem vomitando as tripas.

Damien balançou a cabeça de novo. Um bode. Um bode pequeno. *Ja*, era isso que ele o lembrava. Cascos fendidos e olhos saltados e maldosos.

– Está absolutamente fora de questão. Não podemos cancelar nenhuma das apresentações de Celine del Ray. Nem nossos outros eventos. Os passageiros estão contando com eles.

O capitão ergueu a mão.

– Chega. *Dottore*, claro que apreciamos sua preocupação. Vamos dizer ao pessoal da cozinha para ficarem atentos. Vamos aumentar os níveis de cloro no... ahn... no líquido de limpeza. Vamos distribuir mais álcool em gel.

O rosto de Jesse ardia cada vez mais e um fio de suor pinicou a parte de trás de sua orelha.

– Capitão, devo insistir que...

– É só isso que podemos fazer por enquanto. Obrigado pelo seu tempo.

O capitão se virou e Jesse foi deixado olhando para suas costas. Ram deu um passo em sua direção e, sem saber o que fazer, o médico saiu do passadiço, a porta batendo com força atrás.

Ele mal havia chegado à entrada do I-95 quando houve um bipe e a voz de Damien escorreu pelos alto-falantes:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. É só para avisar que continuamos a garantir que se sintam o mais seguros e confortáveis possível neste momento, e valorizamos de fato sua paciência. Quero fazer um pequeno lembrete, por favor: sempre que possível, usem o álcool em gel da

entrada de todas as áreas sociais. E não se esqueçam de que Celine del Ray vai se apresentar no Teatro Ouse Sonhar dentro de cinco minutos. Cinco minutos, pessoal.

*Filho da mãe.* Era quase como se o escroto quisesse que as pessoas adoecessem.

Isso não bastava. Se eles não iam fazer nada, ele faria. No mínimo, poderia trocar uma palavra com Celine del Ray, ou quem estivesse encarregado do evento, e ver se teriam bom senso. Nem o capitão nem o Bode poderiam impedi-lo.

Sem parar para contar a Martha sobre o encontro com o capitão, correu pelo I-95 e subiu a escada até o átrio, acelerando o passo sempre que um passageiro aparecia e fazendo sua cara de "emergência médica". As portas inferiores do teatro estavam trancadas, por isso ele subiu ao andar seguinte. Só uma porta lateral estava aberta, com vários idosos reunidos diante dela. Duas mulheres e um homem vestido com um fantástico terno de tweed e gravata violeta receberam-no com ar amigável.

– Olá, doutor. – O sujeito garboso sorriu. – Veio assistir à apresentação?

– Não.

Jesse explicou suas preocupações com a hipótese de o vírus se espalhar pelo teatro.

– Ah, não precisa se importar conosco, doutor – disse o homem.

– Ninguém do grupo de Celine está doente. Estamos tendo muito cuidado. Os banheiros que usamos são lavados duas vezes por dia com solução de cloro e todos usamos o álcool em gel.

– Sabemos o que fazer – interveio uma mulher hispânica, de 50 e poucos anos. – Já estive num cruzeiro em que houve surto de vírus, doutor. Temos até lixeiras extras para os sacos.

Jesse já tivera pacientes como aquela mulher. Gente sabe-tudo. Convencida de que conhecia seu trabalho melhor do que ele.

– Isso é maravilhoso, mas eu gostaria mesmo de falar com a Sra. Del Ray.

– Neste momento ela está se comunicando com os espíritos.

– Só vou entrar e dar uma olhada, está bem?

Jesse sorriu e passou por ela. Levou um segundo para se

acostumar com as profundezas escuras do teatro. A atmosfera estava tão pesada e sombria que era como entrar numa catedral. Andou lentamente pelo corredor entre as poltronas. O lugar estava quase cheio, passageiros e vários funcionários de nível inferior ocupando os camarotes e as poltronas, sussurrando entre si e olhando com expectativa para o palco. Imaginava como o vírus poderia se espalhar ali. Então alguém familiar chamou sua atenção e ele parou. Alfonso estava sentado de modo apático numa poltrona do meio de uma fileira. A mulher idosa ao lado dele segurava seu pulso e sussurrava algo no seu ouvido, mas ele olhava direto em frente e não reagia.

O médico pensou em se aproximar, porém não era para isso que estava ali. Informaria a Baci onde encontrar sua figura paterna desaparecida depois de falar com a tal Del Ray. Alfonso não era um prisioneiro: Jesse não podia obrigá-lo a voltar para o trabalho e consertar a porcaria do navio, podia? Várias pessoas sentadas nas extremidades das fileiras deram-lhe sorrisos de boas-vindas, e Paulo, seu camareiro, acenou para ele, de pé junto a um caixote de garrafas d'água e uma caixa de bananas.

Meu Deus, tinham se estabelecido mesmo ali.

Houve um estalo; em seguida, luzes brotaram no palco. Enquanto se aproximava, Jesse identificou o que parecia um complexo arranjo de baterias de carro – provavelmente das empilhadeiras da área de carga – conectadas a luzes halógenas presas em suportes. Muito inteligente.

Sem qualquer cerimônia, Celine del Ray foi em sua cadeira de rodas até o meio do palco. Pigarreou, sorriu para a plateia e disse:

– Só estava me cuidando um pouco. Gostaria de dar as boas-vindas a todos os nossos novos Amigos, especialmente os que estão trabalhando duro para manter nosso espaço limpo e confortável. Vamos ajudá-los fazendo a nossa parte. – Jesse ficou pasmo ao ver como a voz dela se propagava bem sem microfone. – Agora, enquanto estamos todos enfrentando esta situação estressante, gostaria de perguntar a vocês, velhos e novos Amigos: eu os decepcionei?

Em uníssono, a plateia murmurou um longo “nããããã”. Irritado,

Jesse se esgueirou até a lateral do teatro.

– Eu menti para vocês?

– Não.

– Não. Não menti. Alguns de vocês disseram que têm visto coisas estranhas no navio e estão com medo. Não precisam ter medo. Estejam certos: os espíritos estão simplesmente atraindo-os para mim, para que eu possa ajudá-los a se unir e superar esta situação. Alguns querem saber de onde vem meu dom e como posso me conectar com os espíritos. Estejam certos: o que eu faço não é maligno. Estou tão afinada com Deus... quaisquer que sejam as suas concepções... quanto vocês. Cada um aqui tem uma crença e eu insisto que se apoiem nela agora. Olhem dentro de seus corações, peçam ajuda aos seus guias e aos seus entes queridos que já fizeram a passagem.

Celine parou para respirar, inclinou a cabeça, e Jesse teve a impressão arrepiante de que ela o encarava diretamente.

– Esperem... preciso me deter, já que Archie está vindo, dizendo que há uma mensagem para uma pessoa aqui. Estou captando... É, uma jovem está se manifestando. Está chorando. – Celine pôs a mão no pescoço. – Aah. Ela está dizendo: estou com uma dor na barriga. Uma dor ruim. Estou captando... Ela está usando algum tipo de uniforme. Um uniforme escolar. Azul. Isso faz sentido para alguém?

Agora Jesse tinha certeza de que Celine o olhava.

– Ela está contando... está contando sobre sua morte, fala que podia ter sido evitada. Diz que não foi acidente.

O arrepio se intensificou. Por um segundo, apenas um segundo, uma imagem do rosto da jovem saltou em sua mente. Viera vê-lo logo depois da escola. Tinha jurado que não era sexualmente ativa, mas como Jesse saberia que ela estava mentindo? Poderia ter pedido à mãe dela para ficar com ele no consultório, ou instruído a enfermeira a acompanhar. Não pensara com clareza; na época, estava imerso no vício em meperidina.

Jesse voltou rapidamente pelo corredor, quase colidindo com um sujeito corpulento que agora estava de pé, de braços cruzados, do lado de fora da porta.

– Ei, cuidado aí, camarada.

Com o rosto ardendo, voltou às cegas para a escada, livrando-se dos passageiros que tentavam tagarelar com ele no caminho. Quando chegou ao átrio, agarrou-se ao corrimão e inspirou fundo pelo nariz.

*Fique frio, porra.* Mas só havia uma coisa que o acalmava, não era?

*Não.*

Só estava deixando o festival de merdas do dia dominá-lo. Celine podia ter visto a história na internet. Só que não havia internet funcionando, certo? Talvez tivesse feito uma pesquisa sobre ele antes mesmo de entrar no navio, investigado o máximo de tripulantes e passageiros possível. Desenterrara suas histórias.

Improvável – mas ele precisava se agarrar a alguma coisa. Era mais viável que ela estivesse jogando verde para conseguir informações, lançando o anzol até pegar um peixe. *Ja.* Só podia ser isso. Todo médico tinha alguma mancha no passado, um erro de diagnóstico, um paciente que havia morrido inesperadamente. E Celine não dera muitos detalhes. Um uniforme escolar... Grande coisa.

Ou talvez ele estivesse procurando uma desculpa para desmoronar, de modo a ceder à atração da Dama Demerol. Não. Ele simplesmente tinha se assustado e caído no truque de uma velha trambiqueira.

Quando ele voltou à enfermaria, Martha não estava, mas havia uma lata de Coca, um sanduíche e um bilhete na mesa da recepção: “Mais um.”

*Fantástico.*

Abriu a lata de refrigerante e pôs os pés sobre a mesa. Deveria mesmo retornar ao teatro e tirar Alfonso de lá. Aquela cena toda o fizera pensar nas atividades de alguma seita. No mínimo precisaria mandar um recado para Baci. Se o amigo dele estava bem o suficiente para sair do ambulatório e chegar às garras daquela velha assustadora e seus acólitos, estava bem para mover o rabo até o gerador e consertar a porra do navio. Tirar todos daquela situação.

– Doutor?

O médico se virou e viu Bin parado junto à porta. A pele dele

estava retesada sobre os ossos, os olhos fundos. Meu Deus, Jesse esperava que ele não tivesse contraído o vírus.

– Estamos com um problema, doutor.

Quantas vezes tinha ouvido isso naquele dia?

– O que é agora?

– A moça do necrotério. Eles...

*Ah, pelo amor de Deus, porra.*

– Isso de novo, não. Era só o metal se expandindo no calor.

– Doutor... Jesse, eles estão dizendo que vão jogar o corpo no mar.

## O GUARDIÃO DE SEGREDOS

Como Ashgar estava doente e confinado à cabine, Devi era o único segurança presente no convés principal, e o ressentimento e o medo dos passageiros fervilhavam ao redor dele. Os hóspedes se recusavam a olhar na sua direção ou o encaravam com hostilidade explícita, e os outros funcionários eram tratados praticamente da mesma forma. Havia menos pessoal da limpeza do que o normal e a imundície e o lixo se acumulavam. Alguns trabalhavam vigilantes, pegando os copos de plástico e os pratos sujos, mas não recebiam agradecimento e aturavam perguntas intermináveis sobre a abertura dos bares ou o momento em que os passageiros poderiam ser tirados do navio pelo ar.

Felizmente, não houvera grandes discussões nas últimas duas horas, se bem que Devi precisara advertir um grupo de rapazes a não fumarem maconha no convés de exercícios – eles faziam parte do grupo de solteiros com quem o segurança falara depois da morte da moça. Agora, vários passageiros usavam o playground como lavatório improvisado, e Devi tivera que pedir a vários hóspedes para não urinarem pela amurada do navio. Ram havia instruído os seguranças a só intervirem em incidentes sérios; nas condições atuais, eles não podiam mandar os perpetradores para as cabines e separar gente para vigiá-los.

Passou por um grupo agachado em volta de uma mesa de plástico, de mãos dadas, cabeças baixas, e foi em direção à área do bufê. A piscina estava ficando de um verde doentio, mas, ainda assim, os passageiros continuavam a usá-la. Na banheira de hidromassagem – que deveria ter sido isolada, já que não havia eletricidade para circular a água –, uma mulher dormia de boca

aberta; o sutiã do biquíni tinha deslizado, revelando um mamilo. Ela acordou bruscamente quando o sistema de som emitiu um bipe:

– Bom dia, senhoras e senhores. Aqui é Damien, o diretor do seu cruzeiro. Gostaria de agradecer mais uma vez por sua paciência enquanto resolvemos os problemas. O capitão falará com os senhores de novo em breve. Aproveito a oportunidade para lembrá-los de usar o álcool em gel sempre que possível e, por favor, de avisar a algum tripulante se suas barriguinhas estiverem estranhas, a qualquer momento. Mudando para um assunto mais animado, Keri e Jason, dois dos nossos astros mais brilhantes, mostrarão como dançar a rumba no palco do convés Balneário daqui a alguns minutos, e a maravilhosa Celine del Ray fará outra apresentação esta noite no Teatro Ouse Sonhar, se os senhores quiserem se juntar a ela.

Enquanto patrulhava, Devi se mantinha de olhos abertos a qualquer pessoa cujo físico lembrasse o do agressor de Kelly. Já decidira visitar a enfermaria quando seu turno acabasse, para checar se o passageiro que havia atacado a camareira poderia ser o criminoso.

– Ei! Aqui!

Um homem de pé no topo da escada que descia ao convés Tranquilidade lhe acenava, como se ele fosse um serviçal. Devi suspirou. O sujeito era um daqueles americanos com excesso de confiança, sempre abundantes nos navios. Carrancudos se havia uma longa fila na rampa de embarque. Transbordando de indignação. Do tipo que tratava os seguranças como se fossem invisíveis, a não ser que precisassem esperar mais de cinco segundos para ter permissão de voltar ao navio depois dos passeios.

Devi demorou um pouco para ir até ele, aproveitando a oportunidade para se inclinar por cima do corrimão e analisar um grupo reunido no convés abaixo. Avaliou que seriam umas cinquenta pessoas, e pareciam bem organizadas, com colchões bem enfileirados. Examinou os homens que podia ver – não conseguia olhar por baixo da marquise –, mas nenhum tinha o perfil do agressor de Kelly.

– Ei! – gritou o homem de novo. – Ei, estou falando com você!

- Em que posso ajudá-lo, senhor?
- Preciso falar com o capitão.
- Senhor, eu não tenho autoridade para levá-lo até ele.
- Bom, quem tem, afinal? Paguei um bom dinheiro para estar neste navio e vocês tratam a gente desse modo?

Devi deixou as palavras entrarem por um ouvido e saírem pelo outro. Do lado oposto do convés, uma mulher magra, com manchas de bronzeado, estava agachada perto de um balde. A mulher ao lado dela passava a mão nas suas costas e segurava seu cabelo para trás enquanto ela vomitava.

O homem terminou seu discurso.

– E então?

– Logo haverá um anúncio, senhor.

O sujeito fez uma expressão enojada e xingou baixinho. Devi retornou para a área interna. Na frente da fila do bufê, um passageiro gritava que a alface estava marrom. Com os olhos baixos, o encarregado de servir pedia desculpas repetidamente numa voz desprovida de tom. Devi se preparou para se envolver, mas o passageiro recuou com um irritado “Deixa pra lá”.

Seu rádio estalou e Pran disse bruscamente, numa voz trêmula:

– Preciso de ajuda... tripulante... Lavanderia.

Devi esperou que outra pessoa respondesse, pois estava relutante em sair do convés principal, mas não houve nada além de silêncio e estática. Precisaria verificar. Passou pelo corredor de serviço ao lado da cozinha do bufê e desceu para os conveses da tripulação.

Um grupo de cerca de vinte homens – na maior parte, indonésios, com alguns nativos do Leste Europeu – se empurrava no corredor do lado de fora da lavanderia. Pran tentava abrir caminho entre eles, mas estava sendo totalmente ignorado. Devi viu o médico próximo ao grupo, gritando para os homens darem o fora dali.

Uma porta bateu, um grito soou e a turba deu um passo atrás. Pela abertura que surgiu, Devi percebeu que dois homens tiravam um grande saco preto de dentro do depósito.

Um saco de cadáver.

Pran abriu caminho pelo grupo até chegar perto dele, o rosto

tomado pelo alívio.

– Eles querem jogar o corpo no mar. Dizem que é a morta que está assombrando o navio.

Devi tinha visto e ouvido muita superstição nos meses passados em navios; isso não o surpreendia, mas estava com raiva da falta de respeito que demonstravam pela mulher. Ela já havia passado por muita coisa.

– Ei! – gritou, impostando a voz. – Ei!

Os homens ergueram os olhos e vários se separaram do grupo, tentando não ficar em destaque. Os dois que arrastavam o corpo eram obviamente os principais instigadores. Ele fitou o sujeito que supôs que fosse o líder – um homem de barriga arredondada, em cujo crachá estava escrito “Benyamin”.

– Afaste-se.

Benyamin murmurou algo e sinalizou para seus seguidores continuarem, ainda que relutantes.

– Quem puser a mão no saco será retirado do navio – disse Devi, mantendo a voz baixa e autoritária. Na situação atual, era uma ameaça vazia. – Se não desistirem, vou garantir pessoalmente que nunca mais trabalhem em qualquer navio.

Vários homens baixaram a cabeça e logo se afastaram. Não podiam se arriscar a perder o emprego. A maioria com certeza sustentava famílias grandes.

– Não podemos parar! – gritou Benyamin. – Ela está fazendo isso! Nunca vamos voltar ao porto se ela ficar aqui!

– Não é a mulher – retrucou Devi. – O navio parou antes de ela morrer. Não foi, doutor?

Devi lançou um olhar penetrante para o médico e, felizmente, ele entrou no jogo.

– Isso mesmo.

Mais alguns homens se dispersaram.

Devi tentou uma abordagem diferente.

– Como você se sentiria se fosse sua mãe, sua mulher ou sua irmã?

– Todos nós vimos. O que ela está fazendo...

Mas Devi percebeu que havia ganhado. Benyamin estava

perdendo apoio.

– Isso vai acabar logo. Se continuarem, vão ficar sem emprego. Terão que voltar para as famílias de mãos abanando. Vocês sabem o que a agência vai fazer. Ainda devem dinheiro a ela?

– Devemos. Mas... ninguém está vindo resgatar a gente.

– Eles virão.

Benyamin o encarou por alguns segundos, ressentido, depois seus ombros desabaram. Sem dizer uma palavra, afastou-se, seguido pelos outros.

– Obrigado – disse o médico.

O enfermeiro ao lado dele, que Devi não havia notado antes, agradeceu com um meneio de cabeça.

– Como podemos impedir que eles voltem aqui? – perguntou o médico.

– Eles vão voltar. Não podemos impedir. Não podemos colocar um guarda aqui.

– Por quê?

– Não temos gente suficiente.

O médico assentiu, cansado.

– Venha, Bin. Vamos colocá-la de volta.

Seguraram as extremidades do saco e foram arrastando os pés para dentro do depósito.

Pran encarava os próprios sapatos.

– Eu não lidei bem com isso. – Ele repuxou o bigode falhado. – Estava na sala de vigilância, mas ninguém veio quando pedi ajuda.

O jovem deu um pulo com o baque da porta do necrotério se fechando.

O médico passou a mão na boca e se aproximou de Devi.

– Escute... temos outro problema.

Devi esperou que ele continuasse.

– O paciente que atacou a camareira... Ele saiu da enfermaria sem receber alta.

– Quando?

– Em algum momento hoje de manhã.

– Doutor, na sua opinião... ele poderia ser o mesmo homem que matou a mulher?

O médico arregalou os olhos e Devi se xingou internamente. Ram ficaria furioso se descobrisse que o subordinado estava espalhando boatos de que havia um predador a bordo. Mas ele percebeu que não se importava mais.

– Então agora vocês acham mesmo que ela foi assassinada?

– Estamos avaliando todas as opções.

– Meu Deus.

– Eu verifiquei isso, Devi – interveio Pran, ainda cofiando o bigode. – Falei com a mulher do passageiro, que disse que ele ficou a noite inteira com ela.

– Ram pediu para você fazer isso?

Pran olhou para os pés.

– Não, senhor. Mas, como o passageiro atacou a camareira, me pareceu uma pergunta lógica a fazer.

Talvez Pran não fosse tão inútil, afinal de contas.

– Bom trabalho. Bem pensado. – Mas sabia-se que as pessoas mentiam para proteger os entes queridos. – Você acreditou nela?

Pran deu de ombros.

– Acho que ela estava dizendo a verdade. Parecia achar que o marido era a vítima nessa história toda.

Devi pensou a respeito, depois se virou de volta para o médico.

– Vou ver se consigo localizar o passageiro, doutor. O senhor pode descrevê-lo?

– O nome dele é Gary Johansson. Cerca de 40 anos. Branco. Ligeiramente acima do peso. Cabelo ficando ralo.

A descrição poderia servir para setenta por cento dos passageiros do sexo masculino a bordo, mas também não era muito diferente do homem que ele vira na gravação.

O médico agradeceu de novo a Devi e se dirigiu para a escada.

– Quais são suas ordens agora, Pran?

– Eu deveria tirar folga, senhor, mas o Madan...

– Madan?

– Não veio me render.

– Está doente?

– Não... na última vez que o vi, ele estava no bar.

– Vou falar com ele. Fique na sala de vigilância até eu chegar lá.

- Sim, senhor.
- Você é um bom sujeito.

Devi também pensou em pedir a Pran que olhasse a gravação da manhã do ataque. A imagem do perseguidor da garota não era nítida, mas talvez o jovem captasse alguma característica que confirmasse ou inocentasse o paciente desaparecido da enfermaria.

Devi subiu para o bar dos tripulantes. Como sempre, o interior era uma névoa de fumaça de vaporizador. Um ajudante de garçom estava deitado perto da mesa de totó. Trabalhadores do cassino e algumas Steiners – as mulheres que trabalhavam no spa – reuniam-se em volta das mesas conversando furtivamente. No canto, sentado sozinho, estava Madan, com uma torre de latas vazias de Heineken empilhadas ao seu redor.

Ele acenou para Devi.

- Devi. Devi. Beba alguma coisa.
- Você sabe que eu não bebo, Madan.
- Para tudo há uma primeira vez, cara.
- Pran disse que você deveria rendê-lo.
- Mande o Ashgar.
- Ashgar está doente.
- Eu também. Trabalhei dezoito horas seguidas. Preciso de uma folga.
- Se Ram o vir aqui, você será punido. – Ele seria demitido.

Madan gargalhou.

– Ele não vai fazer isso. Eu sou o braço direito dele. Nós temos uma história.

Devi não sabia disso.

– E, de qualquer modo – continuou Madan –, ele está com o capitão. Está sempre com o capitão. Você não notou? Nosso amado e diligente – Madan se inclinou para cuspir no chão – capitão está paranoico com a possibilidade de os passageiros se amotinarem e invadirem as cozinhas e as áreas da tripulação. Deixe que façam isso. Aqui embaixo está uma merda. E por que viriam para cá? O que poderiam fazer?

- Eles só querem respostas.
- Não existem respostas. Preciso sair deste navio, Devi. Este é

um barco malévolos. Está doente.

– Eles mandaram a lancha auxiliar. Logo virá alguém.

Madan arrotou.

– Você é tão ingênuo, Devi! Gosto disso. É bom ser assim. Eu não sou. Eu... não sou. Você é uma pessoa boa. Tem honra, é um homem honrado. – Ele arrotou de novo e limpou a boca com as costas da mão. – Não vou voltar ao meu posto. Foda-se. Você acha que vamos ganhar hora extra por causa desta confusão? Foda-se tudo, Devi. O capitão fez merda, fez a gente se perder. A gente pode estar em qualquer lugar.

– O golfo do México não é tão grande assim.

– Mas o navio pode ser carregado pela corrente do Golfo, Devi, até o fim, e ir parar... – Ele balançou a mão. – Parar sabe-se lá onde, porra.

– Nem parece que estamos nos movendo tanto assim.

– Nós fomos para longe, cara. Estamos perdidos.

– Impossível.

– Como eu disse, estamos fodidos. Anda, beba uma comigo.

– Não. Madan, você precisa...

Ele estendeu a mão para dar um tapinha no ombro de Devi, errou e mandou a pilha de latas para o chão com estardalhaço. Ninguém ergueu os olhos para ver de onde vinha o barulho.

– E há outras coisas acontecendo também. Você viu, Devi. Certamente viu. Isso não está certo. O navio está doente – repetiu ele.

Devi nunca consideraria Madan supersticioso. Na verdade, diria que era o contrário. Era raro ele mencionar algo sobre religião ou questões espirituais. Estava nos navios por mais tempo do que todos os outros: no mínimo sete anos, e nesse tempo havia cultivado um lado profundamente cínico.

– Preciso sair deste navio, Devi. E vou sair.

– O que você viu?

– Na verdade, eu senti. Todos estão sentindo.

A mão que havia coberto a lente da câmera. Os tripulantes convencidos de que a mulher morta estava assombrando o navio. Os relatos de alguns funcionários indonésios e filipinos sobre a Dama de

Branco flutuando nas profundezas do navio, provocando passageiros e tripulantes.

Havia uma explicação racional para tudo aquilo. Tinha que haver.

– Estamos fodidos, Devi – continuou Madan. – Fodidos. – Ele gargalhou sem humor. – E há a questão do gerador. Dizem que o dano não foi significativo. Que não há motivo para os motores do navio não funcionarem.

– Então por que o navio está com defeito?

Madan se inclinou para ele.

– Não está.

Nada do que ele estava dizendo fazia sentido. Mas, qualquer que fosse o problema do gerador ou da energia do navio, estava fora do controle de Devi. Descobrir o homem que matara Kelly, não.

– Alguém quer falar com você, Devi.

O segurança se virou e viu Rogelio parado perto da entrada do bar. Madan deu um sorrisinho e ergueu as sobrancelhas. Devi sentiu um aperto no peito: o colega sabia. Isso era péssimo. Não havia nada que pudesse fazer além de lhe implorar que guardasse segredo.

Devi se aproximou de Rogelio antes que ele pudesse fazer uma cena. Tivera esperanças de evitar dar de cara com ele. Rogelio o encurralara de manhã numa área pública, onde qualquer pessoa poderia tê-los visto, reclamando que Devi não havia arranjado tempo para se encontrar com ele na noite anterior. Mas como conseguiria? Mal tivera tempo de voltar à sua cabine e dormir. Não precisava da carência de Rogelio além de tudo isso, mas só poderia culpar a si mesmo. Antes que o amante conseguisse falar, Devi levou-o para a sala de informática, que estava deserta.

– Estou ocupado, Rogelio. De serviço.

– Você tem tempo para ir ao bar, mas não para me ver?

– Rogelio, por favor. Eu não preciso disso.

– Por que não quer falar comigo, Devi?

– Você viu como a coisa está aí fora, Rogelio. Os passageiros precisam de apoio.

– *Eu* preciso de apoio, Devi. E se isto não acabar nunca? E se ficarmos aqui até a comida acabar e... – Ele se afrouxou. –

Desculpe. Sei que estou sendo difícil. – Rogelio ergueu os olhos, espiando por entre os cílios. – Você deve me odiar.

A raiva que viera contaminando Devi desde que ele descobrira o corpo de Kelly explodiu.

– Rogelio, você precisa entender: tenho que fazer uma coisa e não dá para você ficar me rondando desse jeito.

Ele se encolheu e Devi se preparou para uma sequência de recriminações. Em vez disso, Rogelio perguntou:

– O que você precisa fazer?

Devi hesitou, depois colocou tudo para fora. Nem tentou impedir. Contou sobre a garota, Merinda – que fora estuprada pelo tio –, e como permitira que a família e os superiores encobrissem o caso para proteger a própria pele. Contou sobre o homem que tinha visto na gravação, o monstro que havia seguido Kelly Lewis até a cabine. Contou sobre o medo de o homem se livrar daquilo, de que a morte dela submergisse na tempestade de notícias pós-resgate.

Rogelio ouviu, depois simplesmente disse:

– Vá. Faça o que precisa fazer.

Ele saiu da sala.

Devi retornou à sala de vigilância. Sentia o peito mais leve – como se tivesse se livrado de um fardo. Talvez devesse ter se aberto com Rogelio desde o início. Talvez o tivesse subestimado. Sempre achara que o amante fosse tão superficial e vazio quanto os entretenimentos que oferecia – as noites de caraoquê, os trezinhos de dança, os eventos para solteiros. Pouco mais do que um rostinho bonito.

– Devi.

Ergueu os olhos e viu Ram parado do lado de fora do escritório da segurança, as mãos cruzadas às costas.

– O que está fazendo fora do seu posto, Devi?

– Houve um incidente no depósito, perto da lavanderia, senhor. – Agora era sua chance de fazer com que Ram ouvisse. – Preciso falar com o senhor.

– Sobre o quê?

– O homem que assassinou Kelly Lewis.

– Não há assassino, Devi. Eu já disse isso muitas vezes. A garota

bebeu demais.

– Senhor, eu tenho uma prova. A gravação do circuito fechado...

– Você está aqui para garantir que os passageiros e tripulantes não saiam da linha – interrompeu Ram, sem levantar a voz. – Só isso. Já disse uma vez que não vou admitir insubordinação. Está claro? Haverá repercussões se você não agir de acordo com o que eu ordenei.

Era inútil. Agora ele podia ver isso.

– Sim, *sahib*.

– Ótimo. Espero que estejamos entendidos.

Devi observou seu superior se afastar na direção do passadiço. Mas não iria desistir, não importava o que Ram dissesse. Não podia desistir.

Pran estava olhando os monitores quando ele entrou na área de vigilância, e Devi teve certeza de que ele escutara a conversa.

– Devi... tem... Olha. Tela 7.

Devi olhou por cima do ombro de Pran. A tela mostrava o corredor do Convés Cinco.

Absolutamente todas as portas das cabines estavam escancaradas.

## **Blog do Curinga**

*Afrontando ferozmente as fraudes, para que você não precise fazer isso*

### **2 de janeiro**

Nada de helicópteros ainda nem barcos de resgate, nada de nada.

Grande novidade do dia: fui atacado pelo guarda-costas de Celine. Vou processar a Predadora e o macaco dela sem piedade. Ela não sabe com quem está mexendo. O cara simplesmente me atacou, não tive chance de me defender. Sinto como se minha cara tivesse explodido.

Estou me recuperando na cabine da Predadora, se é que dá para acreditar nessa merda. Vou sondar Maddie em busca de qualquer informação.

O Capitão Inútil mandou uma lancha auxiliar para a água hoje de manhã e todos esperamos que ela retorne com uma frota de barcos de resgate e helicópteros. Os motivos para não termos sido resgatados são óbvios: o capitão fez merda, estamos perdidos e sendo levados para um lugar onde não esperam que estejamos (não, não é para o Triângulo das Bermudas) OU alguma coisa maior ainda aconteceu em terra firme e eles não podem vir até nós. Uma tempestade, talvez.

Maddie disse que posso dormir no sofá da suíte da Predadora se as coisas continuarem assim.

Será que posso enfatizar quanto minha cara dói? A enfermeira falou que meu nariz pode estar quebrado. Não me incomodei em procurar a segurança. A polícia pode cuidar disso se algum dia voltarmos para casa.

Aqui vai o resumo do dia:

15h: Tirei um cochilo (os analgésicos me fizeram apagar).

16h: Mensagem do Damien: a Predadora está fazendo outra apresentação. E haverá cachorro-quente disponível no bufê Balneário.

Voltei à minha cabine para pegar a bateria de reserva. Nenhum sinal de Paulo ou Trining. Lá embaixo está fedendo, os vasos ainda transbordando. Meu Deus. Ouvei um boato de que há banheiros funcionando perto do spa. Fui dar uma olhada. Má ideia. Merda e papel transbordando do vaso e se espalhando pelo chão. Senti pena de verdade de quem vai limpar aquilo. Vi um cagalhão no carpete do lado de fora da galeria de arte. O que está acontecendo com as pessoas, porra? Quase vomitei.

18h: Estou pirando. Maddie não está a fim de conversar. Não quer sair porque está paranoica com a possibilidade de adoecer. Vou dar uma volta.

22h: Acabo de voltar à cabine da Predadora.

Quando saí daqui, me juntei ao grupo de solteiros acampado no minigolfe. Agora as pessoas formaram grupinhos sólidos. Tem o grupo da Bíblia que reza o tempo todo; o grupo dos doidões que fuma maconha o tempo todo; o grupo do Tranquilidade que impede pessoas de entrar em seu território o tempo todo. Você saca como é. O grupo dos solteiros não é tão ruim – pelo menos cuidam mesmo uns dos outros. Donna e Emma (a amiga da garota que morreu) garantiram que eles se revezassem para pegar comida e água.

Por volta das 21h, Dane e Carl, do “meu” grupo, voltaram depois de pegar o suprimento de bagulho na cabine deles (Convés Cinco) e pareciam assustados. Disseram que viram uma mulher e um

garotinho olhando para eles e que então as luzes se apagaram. Estavam genuinamente abalados, convencidos de que viram fantasmas.

Falei que ia dar uma olhada. Não estava um breu como eles haviam comentado – as luzes de emergência estavam acesas quando cheguei. O lugar fedia a morte. Todas as portas do andar estavam abertas, algo que devia parecer assustador. Precisei dar crédito a Dane e Carl: não sei como bolaram aquela história. Eles negaram ser inventada, claro.

Não havia fantasmas, mas encontrei um segurança quando estava saindo. Ele perguntou se eu tinha visto mais alguém ali embaixo. Respondi que não. Ele foi enérgico.

O nariz está me matando, por isso vou apagar.  
Noite.

**7<sup>o</sup> DIA**

---

## **A ASSISTENTE DA BRUXA**

Na noite anterior, na suíte de Celine, Maddie tinha conseguido se convencer de que havia contraído o vírus. Ela começou a suar frio, as entranhas fervilhavam e não conseguia parar de engolir em seco convulsivamente. Pouco a pouco se controlou. A ideia de usar o saco vermelho é que a tirara do sério.

Celine ainda não voltara à suíte. Será que deveria lhe levar uma muda de roupas? Não. Ela não era mais a porcaria da sua chefe. Precisava parar de pensar assim. Ainda a irritava o fato de Celine lhe dar gelo. As duas haviam passado por muita coisa juntas; tinham uma história. As consequências ruins do programa de Eric Kavanaugh, pioradas pelo fato de que a médium continuou a insistir, para quem quisesse escutar, que Bobby e Lori Small haviam sobrevivido a um dos quatro acidentes aéreos da Quinta-Feira Negra. O assediador que aparecera do lado de fora da casa de Celine todas as noites durante uma semana, implorando-lhe que o colocasse em contato com o espírito de Johnny Carson. O jornalista que gravou uma das leituras dela e depois a desmascarou, frase por frase, no YouTube. Aquelas horrendas comédias românticas. As mensagens intermináveis dos Amigos que Maddie respondia e os desesperados no Facebook.

Durante três anos, fora leal, e em troca de quê? Não, aquilo não era justo, Celine havia lhe oferecido uma saída de uma situação ruim. Uma saída daquele bar de merda em Long Island, o único lugar que quisera contratá-la depois que Neil destruíra sua vida. Celine e sua assistente na época, uma garota de rosto fino que raramente falava, iam ao estabelecimento mais ou menos uma vez por semana, e Maddie tinha ouvido os outros funcionários dizerem

que ela era uma espécie de paranormal. Achou Celine divertida, com seu cabelo armado, as unhas vermelhas compridas e os cílios postiços. Pensava nela como a mulher esquisita da cadeira de rodas. Todo tipo de gente frequentava o bar: operários; empresários em busca de uma transa; músicos sem trabalho. Mas Celine se destacava.

Uma noite, enquanto Maddie limpava as mesas, a médium agarrou o pulso dela e disse:

– Esteja certa: a vida vai ficar mais fácil para você, querida.

Perplexa, ela puxou a mão, mas depois, sem aviso, e antes que pudesse se conter, as lágrimas vieram. Ela soluçou, ali mesmo no bar, enquanto os otários comiam asas de frango e engoliam drinques de tequila. Celine instruiu a assistente a pegar algumas toalhas de papel no banheiro, para Maddie, então falou:

– Essa garota é uma idiota. Não sabe conversar. Não tem charme. Preciso de alguém que saiba conversar. Que tenha autoconfiança. Alguém em quem eu possa confiar. – Celine pôs um cartão em sua mão. – Ligue para mim amanhã.

Naquela noite, Maddie pesquisou sobre a médium na internet. Os livros, as entrevistas. Um antigo programa de TV, *Celine del Ray, Caçadora de Mentes*, que não havia durado mais do que uma temporada. Ligou para ela. Claro que ligou. Celine a convidou à sua casa. Esperando uma velha construção colonial ou uma mansão reluzente, ficou surpresa ao estacionar perto de uma casa suburbana comum, em East Meadow. Sentada junto à bancada da cozinha sem graça, Maddie foi sincera. Contou tudo sobre seu passado, sobre Neil. Que o havia conhecido num pub em Hackney (tinha pensado que era amor à primeira vista e continuou presa à lembrança idealizada do momento em que o vira pela primeira vez, mesmo quando tudo virou uma merda). Que abandonara o emprego, mudando-se para os Estados Unidos, e tivera um casamento luxuoso, nunca pago. Os intermináveis esquemas para ganhar dinheiro que Neil criava e nunca davam em nada. Sua empresa de investimentos, que era fachada. O dia em que finalmente acordou e viu quem ele era de verdade. Sua decisão de não ir embora. Como havia arrancado toda a poupança da irmã, pedido dinheiro aos

amigos, tudo com a promessa de um pagamento que jamais viria. Contou a Celine como Neil pulou fora logo antes de a bomba explodir. Os dois anos de condicional que ela havia recebido por ser cúmplice.

Celine ouviu tudo, depois ofereceu o emprego a Maddie, com a condição de que ela assinasse um acordo de sigilo. A médium vira alguma coisa nela. Uma falta de moralidade, talvez. Um desespero que sabia que poderia explorar. Maddie quase se demitiu várias vezes no primeiro mês. A mulher simpática que a escutara naquele dia na cozinha havia logo se transformado numa autocrata exigente. Mas ela ficara.

Idiota.

Levantou-se e se espreguiçou. Xavier dormia profundamente no sofá, de boca aberta, o notebook no chão, perto dele. O hematoma no nariz estava ficando amarelo. Maddie quase não deixara que ele dormisse ali, na noite anterior, mas não queria ficar sozinha. E era bom, era tranquilizador ter alguém com ela, mesmo alguém que mal conhecia e em quem sem dúvida não confiava. Tinha remexido nas suas coisas antes, sem descobrir nada mais incriminador do que uma carteira de motorista com uma foto dele de cabelos louros e um endereço em South Beach, Miami.

Um bipe, depois outra mensagem idiota de Damien:

– Bom dia, senhoras e senhores. Parece que o tempo ruim no porto está atrasando qualquer operação de resgate neste momento...

Ela se desligou do aviso. Podia detectar a falta de sinceridade na voz do sujeito. Celine havia lhe ensinado essa habilidade.

Precisava de um banho. Sua pele estava pegajosa depois do ataque de pânico, e seria capaz de matar por uma roupa limpa. Podia pedir para Xavier trazer sua mala do andar inferior, mas talvez não fosse uma boa ideia. Era possível que o fedor tivesse infestado as roupas. Ele estivera lá embaixo na noite anterior e, quando voltou à suíte, seus sapatos fediam a esgoto. Ela o fizera colocá-los na varanda.

Entrou no banheiro e fechou a porta.

A princípio, não conseguiu fazer com que seu cérebro aceitasse.

Havia uma mulher na banheira.

Havia uma mulher deitada na banheira usando um vestido leve – estilo *O grande Gatsby* – bordado com pérolas minúsculas. A pele era branca como a roupa, os poros cheios de uma coisa escura, como cabeças de alfinete pretas.

– Como você entrou aqui?

Será que Celine dera seu cartão da porta a alguém? Mas não... Depois que Xavier entrara, Maddie tinha passado o trinco.

A mulher arregalou os olhos – meu Deus, ai, meu Deus, eles também eram brancos – e mostrou os dentes. Eram minúsculos, pontudos e bem escuros. Ela fechou a boca com um estalo claramente audível e depois começou a cantarolar, baixinho a princípio, depois mais e mais alto, até que Maddie só conseguia ouvir aquilo.

*Uma mulher com roupa da década de 1920 – como a Lizzie Bean de Celine – estava deitada na banheira.*

Maddie soube que estava tendo um colapso nervoso. Sempre havia se perguntado como seria, e agora sabia. Estendeu a mão para a porta mais atrás, tateando em busca da maçaneta, e recuou. A cantoria parou de súbito. Todo o corpo de Maddie tremia. Uma parte distante de sua mente notou que o terror genuíno era de fato gélido.

Correu até o sofá e sacudiu o ombro de Xavier. Ele acordou com um susto, a boca se fechando bruscamente.

– Xavier, tem alguém no banheiro.

Ele se sentou, olhou o rosto dela e se pôs de pé num salto.

– Ahn? Tem alguém aí?

– No banheiro.

– Quem?

Maddie o empurrou para lá, com força. Xavier a encarou, avançou e escancarou a porta.

– Está vazio.

– O quê?

– Não tem ninguém aí, Maddie. Anda. Dê uma olhada.

Cravando as unhas nas palmas das mãos, ela olhou. A banheira estava mesmo vazia.

– Olhe atrás da cortina do chuveiro.

Ele obedeceu. Nada.

– Ela estava aí. Deitada na banheira. Uma mulher. Uma... Uma mulher morta.

Ninguém vivo poderia ter a pele daquela cor.

Xavier deu uma risada.

– Está me sacaneando?

– Pareço estar sacaneando você? Eu sei o que vi.

– Uma morta na banheira? Que nem no *Iluminado*?

– Era... Acho que era Lizzie Bean.

– Hein?

– Você sabe, um dos guias espirituais de Celine.

– Maddie... sério. Você bateu com a cabeça ou algo assim?

A histeria brotou, mas ela a reprimiu.

– Talvez Archie e Papai Noakes também apareçam.

– Quem é Papai Noakes, porra?

Maddie hesitou, a antiga lealdade se intrometendo. Mas que Celine se danasse.

– O guia espiritual número três. Ele costumava aparecer nas décadas de 1970 e 1980.

– Então me fale sobre esse... Qual é mesmo o nome dele?

– Papai Noakes. É um ex-escravo do Mississippi.

Ele gargalhou.

– Ai, meu Deus. Sério?

– Escute... sei o que parece, mas eu a vi, Xavier. Sei o que vi. E você disse que as pessoas estavam vendo coisas nos andares de baixo.

– Eu descí lá, Maddie. É só um punhado de caras sacaneando todo mundo. Tudo o que havia lá embaixo era um fedor muito, muito ruim.

– Mas...

– Escute, Maddie. Você não tem dormido bem. Ninguém tem dormido bem. Já ouviu falar em sonhos lúcidos?

– Não seja condescendente comigo.

– Não estou sendo. Mas o que você está dizendo... Qual é a explicação mais lógica? Que a guia espiritual de Celine estava

deitada na banheira ou que você teve um pesadelo que pareceu tão real a ponto de se convencer de que viu mesmo um fantasma?

– Foi tão *real*!

– Maddie. Escute. Foi só a sua imaginação. Você, mais do que ninguém, deveria saber disso.

– Talvez eu devesse falar com Celine. Talvez... Talvez ela estivesse me mandando uma mensagem.

– Alô? Terra para Maddie. Você sabe que ela é uma fraude. Como pode dizer isso?

Maddie andou de um lado para outro, evitando olhar para a porta do banheiro. Helen e Elise não tinham comentado que ouviram alguém cantando também? É. Ela estava pirando.

– Só quero vê-la.

– Depois do que o capanga fez comigo?

Xavier parecia indignado de um modo quase infantil.

– Eu só... Acho que devia falar com ela. Não sou a única que...

– Péssima ideia. Escute, eu sei o que está acontecendo aqui. Você foi afetada pelo estresse atual e Celine está se aproveitando disso. Estou falando de histeria coletiva. Doença psicogênica em massa. A única explicação para as pessoas estarem vendo coisas é que Celine tem alimentado algum tipo de delírio compartilhado.

Maddie continuou andando.

– Eu conheço Celine – insistiu a assistente. – Sei como ela faz tudo isso. É papo furado. Mas algumas coisas que disse no dia em que o navio parou... ela não tinha como saber.

– E aquele outro cara, o tal de Ray? Não podia ter contado a ela? É tudo leitura a frio, Maddie. As pessoas acreditam no que querem acreditar. Elas estão com medo. Toda esta situação é esquisita. Estão procurando alguém que pareça saber o que faz. – Xavier respirou fundo. – Ela está se aproveitando da situação, Maddie. Depois que tudo isto acabar, ela quer ser vista como a grande heroína.

– Quero falar com ela.

– Sério, Maddie... Você acha que o capanga vai deixar você entrar para vê-la?

– Posso convencê-lo.

– E depois?

*É, e depois?*

– Não sei, Xavier. Ok? – Ela se arriscou a olhar para a porta do banheiro. – Mas, não importa o que aconteça, preciso sair desta cabine.

– Maddie, não há para onde ir. Lá fora está um horror.

– Deve haver um lugar aonde a gente possa ir. A academia de ginástica, talvez. O spa.

– Não. Já estive lá. Está uma sujeira só.

– Não me importa! Preciso sair daqui.

Xavier avaliou-a durante alguns segundos.

– Certo, certo. Se você quer ver Celine, precisamos fazer isso com cuidado.

– “Precisamos”?

– É. Nós.

Ela foi tomada pelo alívio. Não confiava nele, mas pelo menos não ficaria sozinha.

– O que você sugere?

– Não podemos simplesmente entrar lá atirando para todos os lados. – Ele tocou de leve a parte de cima do nariz. – Seria bom não levar uma porrada na cara outra vez; hematomas não caem bem em mim. Fico pensando: que tal tentar chegar à área dos tripulantes por uma das portas de serviço?

– Você acha que dá?

– Podemos tentar.

Enquanto Xavier pegava os sapatos, Maddie enrolou a echarpe no pescoço e calçou as luvas. Sua mente devia estar mesmo pregando peças nela. Só podia ser isso. O medo provocava coisas estranhas no cérebro.

Mas tinha parecido tão *real*!

Saíram para o corredor. Ela ficara na suíte durante horas; o mínimo que poderia fazer era dar uma olhada em Helen e Elise de novo. Prometeu a si mesma que faria isso mais tarde. Talvez. Xavier tentou abrir a porta de serviço de Althea, mas estava trancada.

– Não adianta. Ei... talvez a gente pudesse tentar pelo meu andar.

– Não está fedendo lá embaixo?

– Está. Muito. Mas isso significa que ninguém vai nos impedir. Quando eu estive lá ontem à noite, o lugar estava deserto. Bom, eu vi um segurança, mas ele não ficou por lá.

– Certo.

Um homem e uma mulher cochilavam num colchão sem lençol perto dos elevadores, com pratos sujos e copos de refrigerante amontoados em volta. Meu Deus. Pelo menos ela não tivera que passar por aquilo. Desceu a escada atrás de Xavier, seguindo até o convés Passeio dos Sonhos, e foi atacada pelo enjoo quando o cheiro de vômito veio na sua direção.

*Converse. Fale, afaste o pensamento disso.*

– Por que essa sua obsessão com Celine, Xavier? Você tem algum tipo de história profissional com ela, ou algo assim?

Ele lhe deu um meio sorriso.

– Não. Só não gosto do que ela faz. Não gosto do que ela fez com Lillian Small.

– É. Aquilo foi... Aquilo também não foi típico de Celine. Em geral ela fica distante de tudo o que possa ser provado.

– Então por que você acha que ela fez aquilo?

Maddie deu de ombros.

– Publicidade, talvez. Notoriedade. Talvez só quisesse participar do circo da Quinta-Feira Negra.

– Faz sentido. Por sinal, não é só Celine. Não gosto do que nenhum deles faz. São abutres. Predadores. Dizendo aos pais de crianças desaparecidas que os filhos ainda estão vivos. Isso me irrita.

– Como começou? Quero dizer, seu interesse por tudo isso.

Ele hesitou.

– Quando era criança, eu queria ser mágico.

– Sério?

– Sério. – Ele deu um sorriso amarelo. – Não tive a paciência necessária. Mas curti tábuas de Ouija, mexi com o arcano. Você sabe. Foi um estágio. E vi como era fácil enganar as pessoas.

Agora haviam chegado ao Convés Seis. O cheiro de tapete mofado invadiu seu nariz.

– E o que você faz para ganhar dinheiro?

– Tenho meu blog.

– Não quero ofender, mas imagino que isso não lhe renda champanhe e caviar.

– Meu avô me deixou um pouco de dinheiro.

– Você é uma espécie de filhinho de papai?

Não era de espantar que passasse tanto tempo perseguindo Celine.

– Odeio essa expressão.

– Você é rico?

– Não sou rico. Tenho o suficiente para viver.

O fedor na chegada do Convés Cinco era tão ruim quanto ela esperava, e as entradas dos corredores para as cabines estavam mergulhadas nas trevas. Maddie hesitou no degrau de baixo. Não tinha percebido como o interior do navio podia ficar escuro. Um negrume aveludado... Não, isso era besteira. Não havia nada de suave naquilo.

– Espere aqui. Vou ver se alguma porta está destrancada.

– Como você vai enxergar aí embaixo?

Ele abriu um sorriso torto e levantou uma minilanterna presa num chaveiro.

– Deixe comigo.

Segurando o corrimão com a mão enluvada, ela o viu ser engolido pelas sombras. O medo estava se dissipando.

Uma guia espiritual que voltara à vida... Ridículo. Agora, fora da suíte, tinha algum distanciamento, podia perceber isso. Estava até se acostumando ao fedor de merda ali embaixo. A luz veio rapidamente em sua direção.

– Tudo bem. Tem uma aberta ali adiante.

Ela o acompanhou pelo corredor, mantendo o olhar no fecho da lanterna e uma das mãos sobre a boca. Meu Deus, o carpete estava molhado, chapinhavam. Seus pés pareciam afundar nele, como se o navio tentasse sugá-la. Xavier segurou a porta aberta para ela e Maddie passou, atravessando um pequeno patamar, seguindo para uma escada estreita. Ficou de lado para ele passar se espremendo. Paredes brancas e sujas pareciam comprimi-los; as luzes

fluorescentes de emergência no teto piscavam. Era um mundo diferente das áreas dos passageiros: utilitário, apenas o esqueleto da embarcação, e o ar parecia duplamente pesado.

Xavier parou de súbito e ela quase trombou nas costas dele. Passos vinham na sua direção. Um pequeno filipino subia a escada correndo e parou ao vê-los.

– Os senhores não deveriam estar aqui embaixo. Passageiros não podem vir aqui.

– Precisamos de ajuda – disse Xavier.

– Precisam de um médico? Vocês devem voltar.

Maddie espiou o crachá do homem: Angelo.

– Não precisamos de médico. Precisamos chegar ao palco. Do Teatro Ouse Sonhar.

O filipino franziu a testa.

– Por que não vão pela frente?

– Temos... motivos.

– É aquela mulher? A Sra. Del Rio?

– Del Ray. É.

– Você a conhece? – perguntou Maddie.

– Não. Mas sei sobre ela. Como ela faz o que faz? É um truque?

– É – respondeu Xavier.

– Então por que vocês querem ir até ela?

– Vou lhe dizer uma coisa: se você mostrar à gente como chegar lá, eu faço com que valha a pena.

– Quanto?

Xavier pegou uma nota de 100 dólares e o cara a fez desaparecer.

– Vou mostrar. Mas, se virmos algum segurança, vocês vão dizer que eu não tentei ajudar.

– Obrigado. Combinado. Não vamos colocar você em encrenca. Prometo.

O homem recuou e sinalizou para o acompanharem descendo mais dois lances de escada. Levou-os por uma pesada porta de metal e saíram num corredor de teto baixo que fedia a tinta, fumaça de cigarro e coisas piores. O piso era arranhado, a tinta vermelha já estava gasta.

Maddie se sobressaltou ao escutar vozes. Angelo ia caminhando à frente e ela e Xavier precisavam correr para segui-lo. O ar ficava cada vez mais quente; todo o seu corpo estava pegajoso de suor. Som de metal batendo em metal, uma pancada forte. Passaram por várias salas pequenas e ladrilhadas. Numa, dois homens de rosto carrancudo e luvas plásticas fatiavam pimentões verdes e descartavam os pedaços viscosos. Olharam para ela com pouco interesse.

– Quanta comida ainda tem? – perguntou Xavier a Angelo.

O homem deu de ombros.

– Algumas geladeiras ainda estão frias. Ainda tem cereais. Coisas congeladas. Precisamos da eletricidade para cozinhar, mas há alguns *cooktops* que podem ser usados.

Atravessaram outro corredor, e agora ela estava completamente desorientada. O ar não penetrava muito nos pulmões.

*Ai, meu Deus.*

Maddie não conseguia respirar.

Angelo abriu outra porta branca de metal e levou-os para um corredor mais largo, sem características especiais, que parecia se estender para sempre. Ele apontou para a esquerda.

– O que vocês precisam fazer é...

Ele se deteve. Depois correu.

Uma figura atarracada vinha na direção deles, rosnando num rádio.

– Parado!

– Ah, merda – murmurou Xavier quando um segurança se aproximou às pressas, com a mão no cassetete preso ao cinto.

– Vocês não podem ficar aqui embaixo. Como chegaram aqui?

– Desculpe, nos perdemos – mentiu Maddie.

O sujeito – Ram, segundo o crachá – tinha os olhos mais sombrios e duros que ela já vira.

– Como chegaram aqui embaixo?

– Fique frio – disse Xavier. – Nós só estamos...

– Vocês não podem ficar aqui.

– Olha, vocês não revelam nada para nós. Temos o direito de saber...

– Se não baixar a voz, eu serei obrigado a dominá-lo.

Xavier fechou a boca. Estava claro que Ram falava sério.

– Vou acompanhá-los para fora – continuou o segurança. – Se forem encontrados aqui outra vez, vou assegurar que sejam trancados em suas cabines.

Ele sinalizou para caminharem à sua frente.

– Merda – murmurou Xavier.

Passaram por mais uma série de corredores, subiram outra escada estreita de metal e, por fim, o homem abriu uma porta e os empurrou por ela. Maddie se situou: estavam no convés Passeio dos Sonhos. Depois das profundezas do navio, o ar lembrava uma campina fresca.

Ram bateu a porta atrás deles.

– E agora? – Maddie tirou as luvas e enxugou as mãos suadas na calça.

– Podemos subir ao convés de exercícios, conheço umas pessoas que estão lá.

Ela pensou nisso, lembrando-se da mulher na fila do bufê Balneário, da multidão empurrando e tentando passar. Pessoas mijando por cima da amurada. Não. Não suportaria. Passaram pelo cassino, onde um pequeno grupo havia montado uma espécie de cercado de colchões perto das máquinas caça-níqueis. Uma mulher de rosto abatido segurava um balde, dirigindo-se para as portas escurecidas do salão de jantar.

Rodearam o átrio e Maddie viu a entrada do teatro. Ray estava no posto de sempre e ficou de lado para deixar que um homem baixinho de cabelo preto com topete e uma mulher com uniforme de camareira entrassem. Com um tremor, Maddie reconheceu Althea. E percebeu que o homem que estava com ela era um dos assistentes de Damien. Havia conversado com ele algumas vezes sobre os detalhes técnicos das apresentações de Celine. Tinha ficado encantada com a postura animada do sujeito.

– Não vá lá, Maddie – disse Xavier.

– Preciso saber.

– O quê?

– Por que Celine está me isolando. Por que ela...

– Vamos sair daqui, Maddie. Vamos voltar à suíte de Celine.

Maddie não podia fazer isso. A música que Lizzie Bean havia cantado passou por sua mente. Ela estremeceu.

– Espere aqui.

Ray lhe deu um sorriso largo quando ela se aproximou.

– Ei, Maddie. Segunda rodada? Ou vai tentar me subornar com outra coisa? – Então sua expressão ficou séria e ele se inclinou para ela, pegando-a desprevenida. – Escute, é melhor você sair, confie em mim. Você não vai querer fazer parte dessa coisa. Eles a estão tratando como Jesus Cristo, porra.

O olhar de Ray se fixou em alguma coisa atrás de Maddie e seu rosto se fechou.

Maddie se virou e viu Jacob vindo até os dois com um frasco de produto de limpeza enfiado embaixo do braço. As luvas cirúrgicas roxas que ele usava combinavam com a gravata.

Jacob lhe abriu um sorriso que parecia genuíno.

– Maddie! Não vejo você há séculos. Espero que enfim tenha decidido se juntar a nós.

O olhar dele foi rapidamente até Xavier, que estava encostado numa coluna, a uma distância segura de Ray. Maddie não fazia ideia se Jacob o reconheceu da leitura na véspera de ano-novo. Era provável. A aparência descolada do blogueiro não o ajudava exatamente a se misturar ao público do navio.

– Jacob, escute... Celine disse alguma coisa sobre mim a você?

– Não. Por que diria?

– Sabe por que ela não quer me ver?

– Nós estamos recebendo todo mundo, Maddie. Precisamos ficar juntos. – Ele se inclinou à frente com ar conspirador. – Celine disse que a situação atual não vai se estender muito. Vamos sair logo desta confusão. E já não era sem tempo. – Ele tirou as luvas com um estalo. – Cá entre nós, estou ficando enjoado de sanduíches de tomate e conversa fiada.

– Como estão os outros? Quero dizer, os outros Amigos?

– Estamos todos maravilhosamente bem. É um grande estímulo compartilhar o dom de Celine com tanta gente. Alguns tripulantes têm se juntado a nós, Maddie. Eles vêm trabalhando demais no

navio e estamos fazendo todo o possível para tranquilizá-los. Os espíritos vão cuidar de nós.

*Meu Deus.* Ela se virou para Ray, mas ele estava com o olhar perdido ao longe.

– Escute, Jacob... eu lhe devo um pedido de desculpas.

– Desculpas por quê?

– Eu contei a Celine sobre sua irmã. – Maddie tentou recordar o nome, mas não conseguiu. – Você se lembra? Você me contou sobre ela na primeira reunião. Celine usa as informações assim, retorce para fazer as pessoas acreditarem que está falando com os mortos. É um embuste.

Jacob lhe deu um sorriso triste.

– Você vai mudar de ideia, Maddie.

Ele entrou no teatro. Ela tentou atrair o olhar de Ray outra vez, mas o segurança claramente a evitava.

– E então? – perguntou Xavier quando Maddie se aproximou de novo.

Ela balançou a cabeça.

– De volta à suíte?

– É.

Xavier estava certo: não havia mais nenhum lugar aonde ir.

## O CONDENADO

Gary fizera para si um abrigo numa área sombreada embaixo da marquise, perto do posto das toalhas. Depois de ter caído no dia anterior, alguém lhe dera dois comprimidos e uma garrafa, e ele havia passado boa parte da noite e da manhã entre a vigília e a inconsciência. Não quisera tomar os remédios nem beber a água, mas Marilyn insistira. A curiosa nuvem que mantinha os pensamentos sombrios a distância estava se dissipando lentamente. Não queria que ela fosse embora. Esperando do outro lado, havia coisas em que preferiria não pensar. Ainda sentia-se fraco e todo o corpo doía, mas a dor física ajudava a impedir que a mente se ligasse à obscuridade. E tinha sonhos estranhos, hiper-reais. Na noite anterior, sonhara que acordava e via Marilyn – com certeza era ela – nua e gritando, os braços em volta de alguém na banheira de hidromassagem.

Puxou os joelhos junto ao peito e envolveu a cabeça com os braços. O tempo passava mais rápido se ele dormisse.

Quando acordou, seu amigo da enfermaria, o negro grande com macacão puído, estava encostado na amurada. Ele sorriu para Gary, depois pressionou um dedo contra os lábios. *Shhhh, não diga nada.*

*Não vou dizer,* articulou Gary.

Não dizer o quê?

Uma pedra ardendo em suas entranhas.

Claro.

A moça. Sua garota. Será que o homem sabia o que ele tinha feito?

Teve um calafrio. O medo era real. Outra coisa havia acontecido

e o fizera parar na enfermaria, mas era algo escorregadio, que não conseguia reter.

Ótimo. Não queria segurar aquilo mesmo. Deixe nadar para longe. Nadar, nadar.

Uma sombra assomou. Gary olhou para cima e viu Mason.

– Como está hoje, cara?

– Bem.

– É? Você não parece bem. Vi você falando sozinho. – Mason se inclinou para mais perto. – Se você pirar de novo, vou jogá-lo no mar, ouviu?

Gary engoliu em seco.

– Estou bem. Não estou doente. Nada aconteceu comigo. Estou bem.

Sua boca estava pegajosa e fétida, como se ele tivesse bebido uma garrafa de cola.

– Que bom. Então você se aguenta em pé. Vá para a fila da comida. Todo mundo tem que se revezar.

Marilyn veio para perto dos dois com um chapéu rosa meio inclinado na cabeça. Alguma coisa cutucava sua mente. Lembrava-se daquele chapéu. Aquele chapéu era...

*Não.*

– Gary! Você está acordado.

Mason cruzou os braços e flexionou os músculos dos antebraços.

– Gary vai ajudar a gente hoje.

– Ah, que bom.

– Não gosto do seu chapéu – sussurrou Gary para Marilyn.

Ela gargalhou.

– O quê? Você estava comigo quando eu o comprei. – Gary viu os dedos dela irem até o ombro de Mason, depois pararem no meio de uma carícia. – Você se lembra de mais alguma coisa daquela manhã antes de ser levado à enfermaria, querido?

– Não.

Mason fungou.

– Memória seletiva. Já vi isso antes.

Ele deu um tapinha na cabeça.

– Samantha disse que você deveria tomar isto. – Marilyn lhe

entregou dois comprimidos azuis. – É bondade dela, já que não tem muitos. Eles ajudaram você ontem à noite, querido. Você... – ela e Mason se entreolharam –... não parecia você.

Gary balançou a cabeça.

– Não quero.

– Vai ajudar, querido. Você teve uma experiência ruim. Ande. Faça isso por mim, está bem?

Ele colocou os comprimidos na língua e tomou água morna, tentando não engasgar. Mas não conseguiu engolir; ficaram presos na garganta. Precisou cuspi-los na palma da mão – Mason olhava-o, enojado – e tentar de novo. Foi bem-sucedido na segunda vez.

– Bom, vamos lá, camarada – disse Mason, dando-lhe um tapa no ombro. – É hora de trabalhar.

Gary ficou de pé, olhando para além de Marilyn, querendo ver se seu amigo ainda estava ali. Não estava.

Mason empurrou-o escada acima.

– Faça questão de conseguir uma porção grande. Não deixe que eles o sacaneiem.

Os dois homens parados no topo da escada deram um passo para o lado a fim de deixá-los passar. A princípio, tudo era apenas um borrão de ruídos, rostos, cheiro de cloro e outras coisas piores. Uma multidão estava ao redor da área do bufê. Três cozinheiros com roupa branca suja e expressões endurecidas suavam atrás do balcão.

– Fim da fila – disse um rosto que surgiu na cara dele.

– Certo.

Ele se virou e foi para trás. A fila se estendia até a piscina. Algumas pessoas conversavam rindo, porém a maioria estava carrancuda. Quando chegou ao fim, pisou numa poça de água e derrapou, mas conseguiu se equilibrar. Conseguiria fazer aquilo. Era fácil.

Olhou para a água verde da piscina, tentando captar seu reflexo. Duas garrafas de plástico ondulavam perto de um saco vermelho. Pareciam felizes juntos. A mulher à frente dele se virou e sorriu. Seus óculos escuros a faziam parecer um inseto.

– Papo furado de novo. Mas nem tudo é ruim. Ouvi dizer que

estão mandando um navio para reabastecer a gente hoje. Isso tem que ser bom, não é?

Blá-blá-blá. O sol na cabeça. Ele deveria ter ido com um chapéu. Seu boné... Gary tinha um boné, mas não se lembrava do que havia feito com ele. Estava tonto.

Ao ouvir um berro mais atrás, Gary se virou e viu um homem cair em câmera lenta na piscina, espalhando o trio de plástico. Ele logo voltou à tona e sacudiu a cabeça. Estava gargalhando.

– Vá se foder! – gritou o homem.

Então Gary o viu. Seu amigo. Estava parado perto das portas de vidro que levavam ao interior do navio. Esperou que ele o chamasse, em vão.

Arrastar de pés. A fila avançou centímetro a centímetro, a mulher-inseto havia desistido de conversar com ele. Ótimo. O ar tremulava. Gary se perdeu em pensamentos, depois sentiu uma cutucada nas costas. Um espaço tinha se aberto entre ele e a mulher-inseto. Alcançou-a.

Então, gritos. A passageira à frente se moveu para trás, toda a fila se desorganizou e se rompeu. Gary deu um passo para ver o que estava acontecendo. Dois homens brigavam perto do palco elevado. Puxando, empurrando e grunhindo. Algumas pessoas na fila olhavam, outras aplaudiam. Um homem de camisa azul tentou apartá-los. Dois de camisa branca e calça preta estavam correndo até eles. Um tremor de pânico. Opa. Seguranças. Os uniformes. Gary se lembrou. O tempo desacelerou, o som desapareceu. Um dos seguranças cutucou o outro e apontou para ele.

Sentiu toda a pouca força que tinha se esvaír.

*Vávávávávává.*

Seu amigo. Tinha que alcançar o amigo. Abaixou-se e correu, empurrando as pessoas enfileiradas atrás, abrindo caminho.

Chegou às portas e atravessou-as, quase caindo.

– Parado! – gritou alguém.

Mas Gary não obedeceu. Seu amigo estava no topo da escadaria principal, sorrindo e chamando. Disparou, querendo chegar até ele. Depois desceu e desceu – seu amigo iria mostrar o caminho. Virou uma esquina, chegando ao fundo do átrio. Seu amigo havia sumido

outra vez. Olhou os cubos de vidro dos elevadores imobilizados acima de sua cabeça. Para onde, agora?

Voltou-se. Ali! O amigo estava parado perto de uma coluna dourada, com uma fileira de portas escuras atrás. Gary conhecia aquele lugar. Marilyn o havia levado ali uma vez. O teatro. Piscou. Seu amigo havia sumido.

Gary parou. Será que deveria entrar ali?

– Ei, vai entrar ou não?

Um homem grande, com os mesmos olhos vazios de Mason, o encarava. Gary não se lembrava de ter subido a escada que ia dar na porta.

– Vou.

– Tem alguma arma escondida?

– Não.

– Ei, fique frio. Estou brincando. Descalço, é?

Gary olhou para baixo. Não tinha notado. Seus pés estavam cobertos de pequenos cortes, a unha do dedão quase arrancada. Como isso havia acontecido?

– É.

O homem riu.

– Você vai se encaixar direitinho aí dentro, cara.

Em seguida, abriu a porta e fez Gary entrar.

Estava escuro. Luzes na frente do palco. Uma mulher falava com a voz trovejante. Ele não ouvia as palavras: não conseguia, o sangue ainda latejava nos ouvidos. Desorientado, desceu correndo os degraus do corredor entre as poltronas e depois retrocedeu. Sem saber o que fazer, foi até um lugar na última fila. A mulher ao lado dele se virou e sorriu.

– Bem-vindo – sussurrou ela.

Gary cravou os dedos nas palmas. Fechou os olhos.

Um som, como chuva. Não. Aplausos. As pessoas em volta estavam aplaudindo. A mulher no palco falava de novo:

–... vai haver pânico. Vai haver caos. Quero que todos que estão aqui comigo saibam que vou cuidar de vocês.

Ele não deveria estar ali. Todos os instintos lhe diziam para sair. Mas seu amigo lhe havia indicado aquele lugar. E agora o que

considerava seu eu de verdade estava retornando, afastando o maravilhoso calor felpudo que tinha cultivado. Não. Não deixaria. Não queria lembrar.

A garota. Sua garota.

– Como sempre, gostaria de dar as boas-vindas aos rostos novos. A princípio, vai parecer estranho para vocês, portanto apenas imaginem como foi para mim na primeira vez que vi os espíritos se manifestando!

As pessoas ao redor dele riram. Alguém lhe entregou uma banana. Estava mole e com a casca meio preta, mas ele comeu assim mesmo. Recostou-se na poltrona. Melhor. Sentia-se melhor. Mais calmo. As palavras da mulher passaram direto por ele, então começou a ouvir de verdade. Ela estava contando uma história sobre uma gata que tivera, chamada Francine, e como o animal também podia sentir os espíritos.

– Todos os animais são seres espirituais. A capacidade para isso está dentro de todos nós.

Gary não era fã de animais, especialmente de gatos. Marilyn quisera ter um, anos antes, mas ele rejeitou a ideia. Tudo o que os animais faziam era sugar a gente. O que davam em troca?

–... até os animais sabem disso. A morte não é o fim, pessoal. Nunca morremos de verdade. Só andamos em círculos. Entramos no reino espiritual e voltamos. Estejam certos: não existe nada além de uma finíssima camada de vibração entre as dimensões. Luz e energia, meus amigos. É isso que somos. E alguns de nós têm a capacidade de escolher como querem... Esperem... meus guias estão se manifestando.

Gary sentiu uma onda de ansiedade percorrer a plateia. Não gostou disso.

–... me dizendo uma coisa... Uma mulher está se manifestando. É jovem. Ah, ela faleceu recentemente. Muito recentemente. Ainda está confusa. Esperem... está pedindo... Seu nome. Estou captando um K. Isso significa alguma coisa para alguém? Morreu muito recentemente. Na verdade... estou captando que ela morreu neste navio mesmo.

Alguém guinchou:

– É a Kelly! Ai, meu Deus.

Gary esticou o pescoço. Numa das fileiras mais abaixo, uma mulher havia se levantado.

A médium encostou a mão no pescoço.

– Estou captando... Ela... está com dificuldade para respirar. Está sufocando. Sufocando. E está triste. Com muita tristeza. E dor. E solidão. É um espírito inquieto, infelizmente, querida.

Gary sentiu cólicas e um pinicar no couro cabeludo. *Saia daqui.*

– A mãe dela... – começou a mulher na plateia. – Será que ela quer dizer alguma coisa para...

– Desculpe interromper, querida, mas a Kelly tem uma mensagem para a pessoa que estava com ela no momento da sua morte. Está dizendo que...

*Saia saia saia saia saia.*

Frio, frio, medo. Preenchia cada veia, cada artéria – o medo pulsava através dele. Saltou da cadeira e foi cambaleando pelo corredor. Não queria ouvir, não queria ouvir.

## A CRIADA DO DIABO

O homem quase a derrubou quando saiu pela porta, dando-lhe uma cotovelada na lateral do corpo. Uma mulher grandalhona, de rosto largo e gentil, veio depressa até ela.

– Você está bem, querida? – sussurrou audivelmente.

Althea pegou de volta a caixa de lenços umedecidos que o homem havia derrubado.

– Estou bem. Obrigada.

– Às vezes isso pode ser demais para algumas pessoas.

Isso era verdade. Nem todo mundo gostava do que a Sra. Del Ray tinha a dizer. Naquele momento, ela estava falando algo sobre curar e aceitar a “extinção do corpo físico”.

– Mas precisamos ficar juntos, não é? – continuou a grandalhona.

Todas as pessoas ali estavam loucas. Piradas de vez.

– É.

Althea abriu um sorriso profissional. A mulher lhe deu um tapinha no braço e voltou pelo corredor entre as poltronas. A camareira levou a caixa até um camarote no canto mais distante. Pepe tinha trabalhado bem. Agora havia vários salames, uma caixa de fatias de queijo e um caixote de tomates frescos, pimentões e bananas. Ficara sabendo por ele que o chefe de cozinha abandonara o posto e que os subchefes precisavam racionar o que restava. Não devia haver muita comida. Logo estariam pescando por cima da amurada. Ela esperava que não chegassem a esse ponto. A água ao redor do navio estava nojenta.

Serviu-se de uma garrafa d’água e uma fatia de salame e se encostou na mesa. O teatro, que tinha dois andares, não estava

lotado, mas não ia demorar muito até encher. A maioria dos passageiros decidira não retornar às cabines e montava redutos com edredons e cobertores. Alguns funcionários faziam o mesmo.

Fora mais fácil do que Althea imaginara. Na verdade, não poderia ter sido mais fácil. Celine lhe pedira que trouxesse tripulantes para o Teatro Ouse Sonhar a fim de “juntar-se à turma”, e ninguém com quem ela havia falado até agora recusara. E por que recusariam? O lugar era confortável, não fedia. O grupo de idosos de Celine assegurava que os banheiros do andar de cima ficassem limpos. Tinham até um sistema para se livrar dos sacos. Tudo o que Celine solicitava era que os funcionários ajudassem a coletar suprimentos e água na cozinha. Paulo e Pepe haviam sido os primeiros alvos de Althea. Só relutaram porque sentiam medo de ser punidos por ir às áreas dos passageiros, mas a camareira não precisou de muito tempo para convencê-los. A segurança estava ocupada demais cuidando da turba no convés principal para se preocupar com empregados que abandonassem o posto. E eles vinham ajudando a manter os hóspedes felizes, não era?

A notícia se espalhou. Ali estavam em segurança. Não havia Dama de Branco. Nem demônios nem mulheres tentando se arrastar para fora do necrotério. Nem passageiros raivosos abusando deles. Angelo fora mais cético, porém isso não era uma surpresa. Althea lhe garantiu que a Sra. Del Ray pagaria bem por qualquer auxílio, sabendo que ele iria aonde o dinheiro estivesse.

Saiu para ver Mirasol, que deveria estar desinfetando os dois banheiros do lado de fora do teatro. Como temia, trocava risinhos com Ray, um dos homens que vigiavam a entrada. Pelo menos conseguia decifrar bem Angelo. Althea era cautelosa com o segurança. Ele não a havia incomodado, mas ela não gostava de como seus olhos seguiam algumas mulheres. Fazia-a se lembrar de Joshua.

– Mirasol – disse rispidamente, fazendo-a dar um pulo, culpada.

Notou, com nojo, que a blusa dela apresentava manchas. Althea se esforçara para manter a aparência. A água era escassa, mas não tivera problema em lavar a roupa num balde, e seu guarda-pó – ao contrário de muitos que tinha visto – ainda estava arrumado e limpo.

– Por favor, diga a Paulo que precisaremos trazer mais água para cá.

– Sim, Althea.

Mirasol se afastou rapidamente. Ray tomou um gole da garrafinha que mantinha no bolso de trás e encarou Althea. Ela retribuiu o olhar. Talvez devesse contar à Sra. Del Ray que ele andava bebendo. Bobagem. Ela já sabia. Ela sabia de tudo.

– Algum problema? – perguntou Ray.

– Não. – Mentira, ela estava com muitos problemas e o maior de todos se encontrava na sua barriga. – E você?

Ele deu uma risadinha.

– Mulher maluca.

Althea não sabia se o segurança estava falando dela ou da Sra. Del Ray. Sentia que ele não havia engolido a apresentação da médium. Quase o respeitava por isso. Passou por Ray e desceu pelo corredor entre as poltronas, procurando Rogelio. Estava curiosa para ver como ele reagia ao desempenho de Celine. Encontrara-o na cantina dos funcionários de manhã. Podia ver que ele estava abalado. Distraído, preocupado. Agora percebia que estivera errada, que na verdade sua aparência alegre não passava de fachada. Percebeu que Rogelio queria conversar com alguém, e ela sabia ouvir. Anos lidando com filhos da puta imbecis lhe haviam ensinado essa habilidade.

Avistou-o na primeira fila, sentado entre Annabeth e Jimmy, dois idosos que faziam parte do que ela considerava o núcleo do grupo da Sra. Del Ray.

A médium se aproximou da frente do palco.

– Tantos segredos aqui... Tanta tristeza e questões não resolvidas! Estejam certos: vocês que estão aqui, que tiveram a coragem e a previdência de se juntar a nós, serão recompensados...

Althea não fazia ideia de onde a Sra. Del Ray arranjava toda a sua energia. Não a vira dormir nenhuma vez. Nem usar o banheiro, por sinal.

– Meus guias estão avisando que alguém quer se manifestar. Uma mulher pequenina. Cabelo escuro. Cabelo escuro e comprido. Estou captando que ela tem orgulho do cabelo. E... esperem. Ela

está pondo a mão na testa. Tem uma cicatriz na testa, talvez? Isso significa alguma coisa para alguém? Não sejam tímidos.

Althea viu Rogelio se levantar. Estranho, porque ela não havia contado à Sra. Del Ray sobre uma cicatriz, só que ele tinha perdido a mãe e estava sustentando os irmãos. Mas a mulher era inteligente e a camareira suspeitou que não fosse a única mandada para fazer a colheita de informações.

– Estou captando... Ela diz que há uma nuvem em seu estômago. Pode ser câncer.

– Tem certeza de que é ela? – perguntou Rogelio. – Minha mãe não falava inglês.

Althea escondeu um sorriso atrás da mão.

– Todos falamos a mesma língua depois da passagem, querido – disse a Sra. Del Ray com uma leve irritação. – Estou sentindo que foi uma doença longa.

– Foi.

– Querido, sei como deve ter sido difícil para você. Esteja certo: sua mãe quer que você tenha consciência de que ela está sempre ao seu lado, sempre estará. Esteja certo: sua mãe o perdoa e entende as decisões de vida que você tomou.

Rogelio cobriu o rosto com as mãos.

– *Inay*. Mamãe.

Ele se sentou e Jimmy e Annabeth se viraram solícitos em sua direção.

Agora seria uma boa hora para sair. Precisava verificar o garoto. Ver se a estava esperando em sua cabine. Ele havia se aninhado com ela outra vez na noite anterior, como um gato. Fora reconfortante. Mas talvez devesse primeiro ver Maria. Não tinha intenção de abandonar seu posto completamente só porque a Sra. Del Ray a havia recrutado. Seria burrice. Quando a ajuda chegasse, quando a tempestade no porto passasse, ela estaria entre os poucos que teriam cumprido com seu trabalho. Até mesmo distribuía sacos novos e água de manhã, deixando-os fora das cabines, se bem que se permitira ignorar os sacos de dejetos largados no corredor. Encontraria tempo para cuidar direito do posto mais tarde – exceto dos Linemans. Eles ficariam por conta própria. Não importava o que

fizesse, seriam ingratos. Podiam apodrecer na cabine.

Outra pontada na barriga. Ainda não tivera enjoo, mas agora não havia dúvida de que estava grávida. Podia sentir. Mas eles não poderiam demiti-la se ela tivesse sido diligente, não é? Se fosse uma das poucas que se mantiveram fortes. E, se a despedissem, existia um plano de reserva. Também provaria seu valor para a Sra. Del Ray. Talvez ela concordasse em mantê-la como assistente. Althea não tinha visto Maddie em nenhum lugar do teatro, portanto talvez ela não trabalhasse mais com a médium. Seria um emprego bom; poderia até mesmo ajudá-la a conseguir um visto de permanência, livrando-se de uma vez por todas das garras de Joshua. Não confiava na velha, mas Celine só estava se aproveitando da situação por motivos pessoais.

Esgueirou-se pela porta lateral que dava nas coxias e passou pelas cortinas pretas. O contrarregra – Althea não sabia o nome dele – estava cochilando, a cabeça apoiada numa das mãos. A voz abafada da Sra. Del Ray atravessava o tecido.

A camareira foi depressa até o I-95 e seguiu para a sala de Maria. Bateu à porta. Não houve resposta. Tentou a maçaneta; estava destrancada. Com um olhar rápido para garantir que ninguém a visse, entrou. Althea nunca estivera ali sem supervisão. Esgueirou-se até a mesa e testou as gavetas, sem sucesso. O resto dos andares dos tripulantes ficava abaixo da linha-d'água, mas aquela sala era iluminada e arejada. Espiou pela janela. Ainda estavam à deriva, o navio arrastando na esteira a película oleosa com sacos plásticos imundos, como uma noiva com um vestido sangrento. Como ela. Seu casamento tinha sido grandioso. Sua mãe havia feito um empréstimo. Idiota. Um desperdício.

Sobressaltou-se quando a porta se abriu e Maria entrou, vestindo uma calça de moletom e uma camiseta larga.

– O que está fazendo aqui, Althea?

– Procurando você.

Maria cambaleou e parecia com dificuldade para enxergar. Bêbada. Outro sinal de fraqueza. Ela oscilou indo até a mesa, deixou-se cair na cadeira das visitas e tirou um maço amassado do bolso da calça. Era proibido fumar nos navios. Talvez ela fosse

demitida. Maria acendeu o cigarro e soltou a fumaça pelo canto da boca. Althea tentou não inspirar. Joshua fumava; ela esperava que um dia isso o matasse.

– Terminei o serviço no meu posto, Maria.

– Bom para você. – Maria tossiu, ainda sem sobrancelhas, o cabelo oleoso. – Era isso que queria me dizer? Que é uma trabalhadorazinha boa?

– Não abandonei o meu posto.

– Então é mais idiota do que parece.

Althea foi golpeada pelo formigamento que sempre sentia no peito logo antes de uma briga com Joshua.

– Estou fazendo o meu serviço.

– Não existe mais serviço, Althea.

– Você está me demitindo?

Maria riu em meio à fumaça.

– Não, não é isso. Quis dizer que não tem por que continuar a fazer seu serviço.

– Como assim?

– O que você acha? Você não é idiota, Althea. – Ela balançou o cigarro no ar. – O navio está fodido.

– Há alguma novidade?

– Novidade sobre o quê?

– O navio. A tempestade em terra firme. O resgate. O rádio.

– Não.

Ela estava mentindo. Dava para ver.

Althea deu um sorriso doce.

– Você não pode perguntar ao seu namorado? Ele não é oficial?

Aqueles oficiais se aproveitavam das mulheres, das imbecis que achavam que se beneficiariam.

Houve um segundo de raiva – uma fagulha da antiga Maria.

– Não existe comunicação com o exterior. Nenhum navio. Nenhum avião no céu. – Maria tragou outra nuvem e tossiu. – Aconteceu alguma coisa com o mundo.

Althea tinha ouvido essa teoria também. Tipo o quê? O mundo não podia se desfazer em quatro dias. Talvez ela devesse levar Maria à Sra. Del Ray. Mas não. Não tinha certeza de que queria se dar o

trabalho, e desejava encontrar o menino.

– Preciso verificar meu posto.

Saiu de trás da mesa e se dirigiu para a porta.

– Althea... espere.

– O quê?

– Esteja preparada.

– Para o quê?

– Apenas esteja preparada.

Althea assentiu. Estava sempre preparada.

Saiu da sala e foi para a entrada do convés da tripulação. Trining estava encostada na parede do lado de fora de sua cabine. *Merda.* Althea não estava a fim de mais conversa.

– Está melhor, Trining?

– Ainda estou doente. Althea, ouvi você falando sozinha ontem à noite.

– E daí?

Trining deu uma tossida que parecia falsa.

– Aquela mulher é o diabo. Ouvi dizer o que ela pode fazer.

– Que mulher?

– A do teatro, Angelo falou que...

– Ele não sabe de nada. – *Angelo escroto.* – Lá é melhor do que aqui embaixo. Ninguém está doente.

– Tenha cuidado, Althea.

Trining lhe deu as costas.

Althea deu de ombros. Talvez ela estivesse certa. Talvez Celine fosse o diabo. Era uma explicação. Não se importava. Deixou-a e foi ver se o menino a esperava na cabine.

## AS IRMÃS SUICIDAS

Helen não podia ver o rosto da mulher; ela estava de quatro na outra cama, o cabelo pendendo sobre os olhos, os dedos agarrando o travesseiro. Mas Jaco olhava direto para ela. Metendo e sorrindo. Metendo e sorrindo. Helen virou a cabeça para o outro lado.

Ouviu-o gargalhar.

Elise estava ardendo, podia sentir o calor se irradiando através da camisola da amiga. Rezou para que ela estivesse dormindo e não acordasse enquanto aquele espetáculo nauseabundo estivesse acontecendo.

Agora Jaco soltava grunhidos e a garota gritava junto, no mesmo ritmo.

Helen poderia agir agora, pular da cama e acertar na cabeça dele com o notebook. *Paf.* Atingir a mandíbula do desgraçado com um estalo satisfatório. Tinha pensado nisso muitas vezes. Mas os dois eram mais fortes, iriam dominá-la num instante. Ficara sofrendo durante horas, em dúvida se deveria sair da suíte. Não ousava deixar Elise sozinha. Eles poderiam fazer uma barricada, e se Helen não conseguisse alguém para ajudar? A situação lá fora devia estar ficando mais desesperadora.

Sua própria cabine tinha se transformado numa prisão.

Contudo, o que mais poderia fazer? Elise não tinha forças para ser removida. Na noite anterior, Helen tentara ajudá-la a ir ao banheiro, mas Elise mal conseguira sair da cama antes que suas pernas desmoronassem. Com relutância, Jaco e Lulia a auxiliaram, mas tinham sido grosseiros e ela não queria correr o risco de que isso acontecesse outra vez.

Helen os odiava. Abominava-os com uma intensidade que

desconhecia.

Eles haviam sido espertos, a enganaram. A princípio, sentira-se agradecida. É, agradecida! Jaco tinha descido ao refeitório da tripulação para lhe trazer um sanduíche e garrafas d'água extras, poupando-a de deixar Elise sozinha e entrar na fila do bufê Balneário. Lulia limpou o boxe e o banheiro e, ainda que Helen tivesse se cansado rapidamente de sua descrição detalhada de cada espetáculo do qual havia participado, apreciou a ajuda. Era difícil cuidar de Elise sozinha, até mesmo exaustivo.

E fora uma catarse discutir os possíveis motivos para o auxílio de terra ainda não ter chegado. Jaco insistia, teimoso, que uma tempestade assolava o porto, por isso a guarda costeira não pudera mandar rebocadores; Lulia ouvira dizer que o navio se desviara das águas comerciais e seria apenas questão de tempo até que fossem alcançados pelo radar de outra embarcação. Ela até mesmo prometera cuidar de Elise quando Helen dormisse. A princípio relutante, a idosa cedeu. Dormiu durante horas, um sono profundo e sem sonhos. Depois de acordar é que as coisas começaram a ficar azedas. Enquanto estava adormecida, Jaco e Lulia tinham tomado as duas garrafas de champanhe que Elise e Helen haviam trazido a bordo – o champanhe que pretendiam beber antes de se jogar na esteira do navio.

Helen dissera alguma coisa do tipo “pelo menos vocês poderiam ter pedido” e, numa voz chapada e venenosa, Jaco respondera: “Eu poderia chutar vocês para fora agora mesmo, sua vaca velha.” Fora chocante e súbito como um tapa no rosto.

Helen ordenara-lhe que fosse embora. Ele a desafiara a “obrigá-lo a sair”. Virou-se para Lulia em busca de ajuda, mas ela gargalhara.

Desistira de tentar implorar. Era eloquente, conseguia se livrar de qualquer coisa falando, mas obviamente os dois não cederiam, e estavam bêbados. Mudara-se para a cama de Elise, para ficar mais perto dela, decidindo que, se eles tentassem expulsar sua amiga do quarto, lutaria até a morte. E achou que tinham visto essa determinação em seu rosto. Rezara para que Althea, Maddie ou o médico aparecesse. Durante toda a manhã, ficara aflita esperando

uma batida à porta. Jaco havia colocado o aviso de “não perturbe”, mas ela continuava furiosa com as pessoas por deixarem que aquilo acontecesse.

Por que ninguém tinha vindo verificar a situação delas? Sua amiga estava morrendo e merecia paz e dignidade, não ficar enfiada num quarto com dois bandidos. Pensara em dizer a eles que quase nada a afetaria, não importasse o que fizessem. Que havia chegado ao ponto mais baixo possível. Que tinha enfrentado a morte cara a cara e vencido, mas isso era mentira: não tomara os comprimidos nem subira na amurada do convés Tranquilidade. Lera em algum lugar que as poucas pessoas que haviam pulado da Golden Gate e sobrevivido lamentaram a decisão no meio da queda.

– Arggggggaaaaaagh. – Jaco terminou. – Ei, Helen, gostou do show?

Lulia gargalhou.

– Ei, Helen, estou falando com você.

Mesmo contra a vontade, ela se virou para encará-lo. Ele estava se limpando no lençol dando um sorrisinho, se achando. Na opinião de Helen, não tinha um corpo bom. Graham era o único homem com quem ela havia dormido, mas foram uma vez a uma praia de nudismo onde existia todo tipo de comparações à mostra. A barriga de Jaco era redonda demais, as pernas finas demais. Ele foi para o banheiro e ela tentou bloquear o som de líquido enquanto o músico se aliviava.

*Você está com invasores, garota,* ouviu Graham dizer, em voz clara como o dia.

Foi tão inesperado que ela gargalhou.

– O que há de engraçado? – questionou Lulia rispidamente. – Está rindo de mim?

– Não.

– Acho que agora você deve sair daqui. A velha vai morrer de qualquer modo, não é?

– Lulia, você sabe que Elise não pode ser removida.

– Não quero ela mijando e cagando aqui de novo.

– Isso não vai acontecer.

– Se acontecer, eu vou...

Lulia fechou a boca com força. Arregalou os olhos e soltou um pequeno ganido, não muito diferente dos sons que estivera fazendo pouco antes. Helen acompanhou seu olhar. Um homem alto estava de pé no canto do quarto, perto da televisão, com o rosto na sombra, torcendo as mãos. Helen não sabia se aquele era um gesto de consternação ou agressividade. Percebeu que não se importava.

E que não estava com medo.

– Jaco! – berrou Lulia, a voz aterrorizada enchendo Helen de júbilo.

Ótimo, pensou, ótimo.

Jaco saiu correndo do banheiro, o pênis balançando ridiculamente.

– O que foi?

– Olha!

Ela apontou para a figura na sombra. Jaco deu um pulo.

– Ah! – Foi quase cômico. – Como ele entrou aqui, porra?

O homem deu um passo adiante.

– Helen – sussurrou Elise, e o coração da amiga saltou no peito. Ela estava falando. Graças a Deus. – Tem alguém cantarolando. Você ouviu?

– Não.

Mas então ouviu. Era a mesma música que tinham escutado antes, no banheiro de Celine.

O armário se entreabriu rangendo. Um risinho gutural.

– Você deixou ele entrar? – perguntou Jaco a Lulia.

– Não.

O homem sem rosto deu mais um passo arrastado.

– Não vou ficar aqui! – berrou Lulia. – Jaco...

Alguma coisa do tamanho de um cachorro grande andou pelo carpete na direção da dançarina.

– Helen – sussurrou Elise. – Helen.

A amiga deu as costas para o que estava acontecendo no quarto, abraçou Elise e enterrou o rosto em seu cabelo. Ela estava mesmo queimando; um suor ardente brotava da pele.

Agora Lulia soluçava e murmurava alguma coisa em sua língua.

Alguém gritou – Helen esperava que fosse Jaco –, e então ele

disse:

– Nós vamos embora! Nós vamos, está bem?

*Bam, bam.*

A porta se fechou com estrondo.

A cantoria parou, e só então Helen ergueu os olhos.

O quarto estava vazio.

## O ANJO DA MISERICÓRDIA

Ele havia jogado a toalha depois que o passageiro tentara acertá-lo no rosto.

A manhã fora uma sequência interminável de passageiros apavorados gritando com ele para dar um jeito em namoradas/maridos/esposas. Todos tinham histórias sobre as injustiças que haviam sofrido; todos iam abrir um processo. Dentre outras coisas, lidara com uma mão quebrada que provavelmente precisaria de cirurgia no futuro; uma alergia alimentar (obrigado, adrenalina); uma mulher com dor de estômago que achava ser um aborto (tudo o que ela estava incubando eram os primeiros sinais do norovírus); um homem de 30 e poucos anos com dor no peito, convencido de que ia morrer (sério ataque de pânico). Todos aterrorizados, todos enfurecidos. Pareciam considerar Jesse responsável pela situação do navio. A última mensagem de Damien era uma versão da baboseira de “tempestade em terra firme” que o capitão tinha dito. Isso não tranquilizara os passageiros que ele havia encontrado. No mínimo, piorara os ânimos.

“Estamos perdidos?” *Não sei.*

“Nós saímos do curso?” *Não sei.*

“E se a tempestade vier para cá? Vai haver um furacão?” *Não sei.*

“Pode-se morrer de norovírus?” *Não.*

No fim, ele havia mandado Bin requisitar a presença de um segurança, mas nenhum apareceu. Todos os guardas eram necessários no convés principal, onde, ouvira dizer, estavam acontecendo brigas o tempo todo. E precisava cuidar das consequências: vários rostos ensanguentados e duas possíveis concussões.

Aquilo não podia continuar.

Quando as visitas à enfermaria enfim cessaram – Martha e Bin estavam atolados com as reclamações dos tripulantes –, Jesse foi verificar os passageiros mantidos nas cabines. Os infectados que tinham sido obrigados a abandonar os aposentos dos andares inferiores foram postos em quarentena no Salão de Jantar Paisagens de Sonho; algumas partes do lugar pareciam uma pintura da Guerra da Crimeia.

Ele havia supervisionado a limpeza dos dois banheiros lá, que pareciam infestados por uma gosma alienígena. Jesse achou que tinha ficado imune à imundície: os sacos vermelhos sujos largados em qualquer lugar – às vezes no piso ao lado de uma lixeira –, as garrafas plásticas, os lenços de papel, os preservativos e sabe Deus o quê, mas aquilo deixou até ele mesmo chocado. Os funcionários eram escassos; a maioria parecia ter abandonado os postos. Jesse fora ríspido com um tripulante – um ajudante de garçom que obviamente estava fazendo mais do que sua obrigação ao se aventurar no restaurante – e se odiou por isso.

Quando chegou às suítes VIP, já passava do meio-dia. E foi então que aquilo aconteceu. A mulher o encurralou no momento em que ele ia bater à porta de Elise Mayberry. Seu coração se encolheu. Reconheceu-a como mulher do homem que o havia agredido na véspera. Ela insistiu para que o marido fosse retirado do navio por helicóptero imediatamente. Jesse explicou, paciente, por que isso não era possível. Ela o acusou de ser mentiroso. Ele disse que o marido apenas estava com um vírus e que aquilo iria passar. A mulher falou que queria ver o capitão. E então deu-lhe um tapa. Logo pediu desculpas e ficou histérica. Tinha estourado, fora levada ao limite. Jesse sabia como ela se sentia. Também queria desmoronar e chorar. Voltou correndo à enfermaria para pegar um pouco de Xanax – a passageira não duraria um dia sem ajuda –, e foi então que fez aquilo. Foi fácil demais.

As ampolas o esperavam em suas fileiras de soldadinhos. *E aí, Jesse, sabíamos que você ia acabar aparecendo. Venha para a festa.*

*Paf, paf, encontrar a veia, é só uma espetadinha, vai passar num segundo, acredite, eu sou médico.* Uma leve sensação de náusea, e

depois... invadiu-o uma suave onda de calor, calma e paz completa, absoluta. Tudo foi embora: a preocupação com o vírus, com a situação deles, o arrependimento com relação a Farouka, que lhe revirava as entranhas. A meperidina correu pelas veias, acalmou, acariciou e fez sua magia. Ele deveria ter cedido séculos antes.

Aquilo entorpecia até a culpa.

Depois da primeira dose, retornara à cabine – agradecido porque estava hospedado num convés de passageiros, e não num inferior – e, pela primeira vez desde que tudo tinha começado, dormiu, acordando por volta das quatro da tarde, revigorado e quase... quase feliz. Esfregou pasta nos dentes, notando que as gengivas estavam entorpecidas, um efeito colateral que recordava dos velhos tempos. Encheu a boca com água mineral e decidiu: foda-se, não iria se dar o trabalho de fazer a barba.

A voz de Damien estalou nos alto-falantes:

– Bom dia, senhoras e senhores. Agradecemos pela sua paciência.

Jesse gargalhou. O diretor parecia quase entediado. Como se não ligasse a mínima. Como se tivesse desistido. Como se finalmente encontrasse alguma consciência própria e estivesse cansado das trivialidades, das baboseiras e do som da própria voz.

–... e, só para avisar, nós decidimos, para sua conveniência, abrir os bares e vamos servir bebidas grátis de agora em diante.

Bebidas grátis! Brilhante ideia. Acrescentar álcool a uma situação explosiva: isso ia ajudar.

Jesse foi até a porta. Precisava de um pouco de cafeína para contrabalançar parte do embotamento. Ou poderia simplesmente ficar na cabine até que a ajuda chegasse (*não iria chegar, ninguém viria ajudá-los, já estariam aqui se fossem vir mesmo*) e vaguear. Mas isso implicaria deixar Martha e Bin cuidando dos horrores da tarde. Podia ser um viciado, mas não era tão escroto assim. Desceu ao refeitório dos oficiais. Dois homens de calça branca estavam tendo uma conversa áspera e sussurrada com outro oficial – um dos comissários de bordo, pensou. Eles mal o olharam. O pão estava rançoso e Jesse pegou algumas fatias de tomate, um punhado de azeitonas e uma lata de Coca quente. Podia se dar ao luxo das

calorias, agora que voltara à velha dieta de meperidina. A tripulante que servia comida parecia ter chorado. Quando tentava formular algo reconfortante para lhe dizer (*Tipo o quê, camarada? Na dúvida, se droga?*), o chão se inclinou e ele cambaleou. O movimento do navio, ao qual havia se acostumado, estava mais forte. Não era ruim, mas Jesse definitivamente o percebia. Mau tempo. Será que uma tempestade se avizinhava? Talvez o papo de “mau tempo em terra firme” do capitão não fosse balela, afinal de contas. Talvez a tempestade tivesse atravessado o oceano até eles.

Mas Jesse podia enfrentar isso. Agora podia enfrentar qualquer coisa. As pessoas falavam o tempo todo sobre como as drogas eram ruins e fodiam a vida, mas ninguém dizia que, em alguns casos, podiam tornar você uma pessoa melhor. Martha era um bom argumento: uma alcoólatra que funcionava bem. A bebida a colocava em equilíbrio.

Jesse abriu a lata de refrigerante e foi em direção à enfermaria, hesitando quando chegou à entrada do corredor que levava à lavanderia. Não sabia se queria mesmo descobrir se os escrotos *malletje* tinham voltado, mas estava com o escudo de meperidina para protegê-lo, por isso decidiu fazer um rápido desvio até o necrotério. Não havia sinal de arrombamento. Parecia que o circo tinha ido para outro local.

Mas não era verdade. Podia estar calmo ali, mas sem dúvida Celine del Ray ainda estava fazendo seu show, não era?

Não. Ele não iria até lá.

Abriu a porta do depósito para se certificar de novo que tudo estava bem. O necrotério estava bem fechado e as profundezas escuras do resto do aposento pareciam estranhamente convidativas. Ele poderia se esconder ali. Injetar-se e dormir para sempre. Ninguém iria encontrá-lo.

Não. Bin e Martha precisavam dele. Fechou a porta com uma pancada e foi andando.

Baci o esperava do lado de fora da enfermaria. Jesse xingou baixinho. Pretendera contar a ele que vira Alfonso no Teatro Ouse Sonhar, mas aquele negócio no necrotério tinha apagado a ideia da sua mente. A impecável aparência de modelo estava maculada:

meias-luas de suor amarelado manchavam sua camisa, a barba de dois dias sombreava as bochechas.

- Estive procurando o senhor, doutor.
- Em que posso ajudar?
- Alfonso voltou ao posto de serviço.
- Ah. Que bom, não é? Ele já consertou o navio? – *Que piada.*
- Não. Só está sentado no posto dele, doutor.
- Está falando?
- Não.
- Nada sobre o homem escuro?
- Não. Estou preocupado com ele. Não sei o que fazer.

*Bom, você poderia tomar uma bela dose de meperidina e não iria ligar para mais nada.* Não era verdade: Jesse ligava para Bin e Martha.

- Pode ir vê-lo, doutor?
- Agora?
- *Sì.*

Jesse pensou a respeito. Seria um modo de matar dois coelhos com uma cajadada só. A bandagem de queimadura de Alfonso precisava ser trocada. Ele teria que fazer isso em algum momento. A sala do motor não era o lugar perfeito, mas qual seria? O navio inteiro era uma pilha de cocô.

- Deixe-me pegar minha maleta. Espere aqui.
- Obrigado.

Jesse foi depressa ao armário de medicamentos. Uma bandagem de queimadura nova, fórceps e mais o quê? Pergunta idiota. Enfiou mais três ampolas e outra seringa de adrenalina no bolso, só para garantir. E talvez só um pouquinho de morfina também. Por que não, porra? Normalmente precisaria assinar para tirá-las, ser responsável por cada item usado, mas, ei, ele daria conta de tudo. *Vai direto para a porra da minha corrente sanguínea.*

- Jesse.

Ele deu um pulo, culpado, ao escutar a voz de Martha. Fazia quanto tempo que ela estava ali? Não a ouvira entrar. Será que o vira pegar as coisas?

- Bin está doente, Jesse.

*Merda.*

– Onde ele está?

– Na cabine. Dei um pouco... um pouco de soro para reidratar.

As palavras dela eram hesitantes e seus olhos pareciam injetados. Estava bêbada. Mas quem era Jesse para julgar? De certa forma, sentiu-se aliviado. Martha era inteligente, intuitiva e, se não estivesse alterada, certamente perceberia que ele estava em outra dimensão. Ou talvez não: os outros médicos de seu antigo serviço haviam demorado seis meses para descobrir.

– Vou vê-lo quando terminar.

Os olhos dela estavam com as pálpebras baixas e inchados. Martha parecia mesmo estar caindo pelas tabelas, como ela própria dizia.

– Jesse, tem alguma coisa acontecendo. Andei ouvindo coisas.

Ele não precisava saber sobre mais uma rodada de bosta supersticiosa naquele momento – os tripulantes queimando uma estátua no cassino ou sei lá o quê.

– *Ja?* Me conte daqui a pouco. Já volto. Alfonso retornou ao posto dele.

– Sério?

– *Ja.* Mas parece que ainda está fora de si. Vou lá embaixo trocar o curativo dele.

Antes que Martha pudesse impedi-lo, Jesse se juntou a Baci no corredor e o acompanhou até a entrada dos andares inferiores. Passaram pelo depósito de lixo e pelas áreas do navio que Martha chamava de senzalas. Os tetos de metal pareciam comprimi-lo e o cheiro ali embaixo era mais profundo, mais denso, como inspirar uma sopa de merda e diesel. O piso se inclinou de novo. Opa! Seu estômago se contorceu.

Desceu mais um andar, virou uma esquina, passou por uma oficina deserta, depois entrou na sala de controle do motor. Parecia exatamente como ele esperava. Uma mesa larga cheia de botões e interruptores, telas nas paredes, relógios, mostradores, gráficos, uma planta da parte inferior do navio. Quem sabia o que aquilo tudo significava? Não ele.

Alfonso estava sentado numa cadeira atrás da mesa, o olhar fixo

à frente, a boca entreaberta, crostas nos cantos dos lábios. Jesse torcia para que ele não estivesse desidratado.

– Está vendo, doutor? – disse Baci. – Ele não se mexeu ainda.

– E não falou?

– Não.

– Você se lembra de mim, Alfonso?

Jesse foi para trás da mesa, para perto dele. Não houve resposta. O médico pegou sua minilanterna e apontou para os olhos de Alfonso, ainda que não tivesse visto qualquer sinal de dilatação anormal quando o oficial fora levado ao centro médico. Tinha certeza de que não era um ferimento na cabeça que estava causando a catatonía. O navio adernou de novo. *Meu Deus.*

– Cuidado, doutor – disse Baci. Ele se equilibrava com facilidade, transferindo o peso de um pé para o outro como um dançarino. – Tempo ruim. Não é bom para nós, sem os estabilizadores.

– Estamos correndo perigo?

– Se houver uma onda grande desgarrada, *si*, claro.

*Obrigado por me informar.* Jesse se concentrou no oficial em choque.

– Vou trocar sua bandagem agora, Alfonso, está bem?

Ele não se mexeu enquanto o médico tirava cuidadosamente o curativo e examinava o ferimento sem tocar nele – estava progredindo bem e não soltava mais líquido. Depois de lidar com outro balanço brusco do navio, Jesse colocou uma nova bandagem.

– O que mais podemos fazer por ele, doutor? – perguntou Baci.

– Só isso.

O navio adernou outra vez, pareceu pairar, depois despencou. Jesse precisou se segurar à mesa. Rezou para que a meperidina o ajudasse a não enjoar, mas, se ficasse ali embaixo muito tempo, nem mesmo um caminhão de Dramamine bastaria.

– Alfonso? Estou indo.

– Estou esperando – respondeu o oficial em voz alta e clara.

– Esperando o quê?

Com um sibilo agonizante, as luzes fluorescentes se apagaram.

## O GUARDIÃO DE SEGREDOS

Estava se espalhando. O pânico estava se espalhando.

Os empregados haviam abandonado o bar perto da piscina, e um grupo de passageiros passava por cima do balcão, estapeando-se, e o balanço cada vez mais violento do navio pouco servia para contê-los. Um funcionário conduzindo um carrinho cheio de sacos vermelhos novos avaliou o caos, empurrou-o para longe e correu para a entrada de serviço mais próxima. Dois hóspedes tentaram segui-lo, mas o homem atravessou a tempo e teve o bom senso de trancar a porta.

Embaixo, no convés Passeio dos Sonhos, as lojas estavam sendo saqueadas e um passageiro usava a estátua de um querubim para despedaçar as portas de vidro da Discoteca Sandman. Um pequeno grupo (um dos homens parecia familiar) tentava abrir a escotilha de serviço atrás do balcão de Atendimento aos Hóspedes. O único oásis de paz era o Teatro Ouse Sonhar. As portas estavam trancadas, com várias figuras escurecidas, imóveis do lado de fora.

Devi clicou, voltando às telas que mostravam o convés principal. Uma mulher de cabelo molhado grudado nas bochechas acenava freneticamente para a câmera, balançando-se enquanto o navio oscilava de um lado para outro. Sem dúvida o vento estava se intensificando. Tempestades súbitas eram comuns no golfo e o mau tempo havia chegado sem aviso. Devi tinha conhecimento suficiente para saber que, sem energia para manobrar a embarcação, uma onda desgarrada poderia virar o navio como se ele fosse feito de palitos de fósforo. Se a situação piorasse muito, era quase certo que o capitão ordenaria uma evacuação.

Se queria encontrar sua presa, não tinha muito tempo.

Tentou mais uma vez pedir ajuda pelo rádio.

– Atenda, controle. Atenda. Pran? Madan? Ram? Atendam, por favor.

Era um gesto impotente. Ele não via o superior desde a discussão da noite anterior, Madan estava bebendo até morrer, Ashgar continuava doente e Ram tinha instruído Pran a se juntar a ele no passadiço. O jovem disse que o chefe flagrara dois passageiros andando pela área de tripulantes atrás do palco, e o capitão ordenara que as portas de serviço ficassem trancadas o tempo todo.

Devi não poderia subir sozinho ao convés principal. Seria capaz de dominar no máximo quatro homens. A única opção seria usar o canhão sônico, mas provavelmente precisaria de reforço para manter os passageiros a distância enquanto chegava à caixa onde ele estava guardado.

Seria suicídio.

E Devi precisava dar atenção às prioridades. Gary Johansson tinha que estar em algum local do navio. Havia escapado dele na véspera, depois que Pran o apontara, mas Devi tinha quase certeza de que o agressor de Kelly e o passageiro violento que escapara da enfermaria eram o mesmo homem. Na noite anterior, havia revirado cada cabine dos andares inferiores, depois que Pran o alertara sobre as portas abertas, mas não vira nada estranho. Nenhuma mão cobrindo lentes de câmeras, nenhuma Dama de Branco. E nenhum estuprador e assassino. Tinha verificado as áreas comuns duas vezes, inclusive os banheiros e os nichos, e de manhã cedo havia analisado os passageiros entocados no Teatro Ouse Sonhar. A organização ali o deixara impressionado. O espaço estava tranquilo, limpo, com um fedor mínimo, devido à limpeza frequente.

Clicou para olhar os conveses inferiores outra vez. Será que Johansson podia ter se jogado no mar? Recostou-se na cadeira e esfregou as têmporas. Não demoraria muito até que os geradores ficassem sem energia. As luzes de emergência iriam se apagar, assim como as telas.

Não pôde conter o bocejo – estava acordado havia 48 horas.

Um bafo em sua bochecha. Encolheu-se, esticou o pescoço, viu Rogelio parado atrás dele. Não ficou nervoso pensando na hipótese

de serem apanhados juntos – só se importava porque tinha sido idiota a ponto de cochilar; havia perdido um tempo precioso que poderia usar para encontrar o predador.

– Que horas são?

– Devi, preciso dizer uma coisa.

– Espere.

Examinou as telas de novo. Os passageiros tinham saído do bar e agora estavam em grupos perto da área interna do bufê, agarrando-se uns aos outros enquanto o navio oscilava. O balanço estava piorando. Devi engoliu em seco. Não podia se permitir enjoar agora.

Rogelio segurou o encosto da cadeira.

– Devi, eu posso ajudar você.

– A fazer o quê?

– Encontrar o homem. O homem que você está procurando. O que matou Kelly.

Uma faísca de esperança.

– Você o viu? Sabe onde ele está?

– Não. Mas, Devi, por favor, você precisa ir comigo ao teatro. Ela sabe de coisas, Devi. Ela pode ajudar. Eu falei com ela. Ela quer ver você. Diz que sabe o que você deseja e que vai lhe dar.

– De quem você está falando, Rogelio?

Um movimento súbito na câmera que filmava o I-95 atraiu seu olhar. Três tripulantes corriam, usando a parede como apoio. Vestiam coletes salva-vidas – será que a evacuação já fora ordenada? Não. Ele teria escutado o alerta. Talvez só estivessem sendo cautelosos, antecipando a decisão do capitão.

– Ela pode ajudar, Devi. Você quer encontrar o homem que matou Kelly, não é? Ela pode ajudar.

– Rogelio, vá para o seu ponto de encontro.

– O capitão não ordenou...

– Apenas faça isso.

– Não vou deixar você, Devi.

– Vá!

Rogelio se encolheu.

– Vou me juntar a você logo – garantiu Devi, suavizando a voz. – Primeiro preciso fazer uma coisa.

– Devi, vamos ficar seguros no teatro. Você precisa confiar em mim. E Celine pode ajudá-lo.

O segurança examinou as telas de novo. No convés de exercícios, pessoas lutavam para descer as escadas, provavelmente para entrar no interior do navio. Na popa, a água espirrou para cima num arco.

– Rogelio, eu vou encontrar você.

– Promete?

– Prometo.

Devi tentou falar pelo rádio outra vez. Nada. Examinou de novo os conveses inferiores. Estava dando zoom na porta da cabine de Kelly Lewis quando a tela piscou e se apagou. Um segundo depois, foi a vez das luzes, deixando-o no escuro. Ele tirou a lanterna do cinto. Agora o navio se sacudia de verdade.

Levantou-se, pretendendo ir para o passadiço, quando viu duas luzes bamboleando até ele. Focalizou o facho na direção delas. Pran e Madan se aproximaram, retraindo-se e piscando por causa da luz que incidia nos seus olhos.

– Devi, o que está fazendo aqui? – perguntou Pran. Ele parecia ansioso, à beira do pânico.

– Vocês me ouviram falando pelo rádio?

– Devi... você precisa sair daqui. A tripulação está evacuando o navio.

– Não escutei o alerta.

Uma pausa.

– Não... não houve sinal. Talvez esteja quebrado.

– Os passageiros foram alertados?

– Primeiro precisamos fazer uma coisa – disse Madan.

– O quê?

Madan lhe deu um sorriso selvagem e disparou seu *taser* na direção do HD de backup. Fagulhas saltaram enquanto o disco rígido estalava e sibilava. Devi pulou para cima dele.

– O que... Por quê?

Madan deu um tapa em sua mão.

– Vamos sair do navio, Devi. Recebi ordens para fazer isso.

Ele não parecia embriagado, mas completamente lúcido.

– Quem ordenou?

– Ram, claro.

– Você não pode destruir o equipamento, Madan, é crime! – vociferou Devi. – E há provas de que um assassinato foi cometido.

– A tripulação está desertando, Devi. Eu disse que preciso sair do navio. Achei que você tivesse entendido. Sem energia, ele não vai sobreviver a essa tempestade. Pode afundar a qualquer momento.

Então ele compreendeu.

– Vocês não estão planejando evacuar os passageiros. Só querem ir embora.

E se a embarcação resistisse ao temporal e fosse recuperada, não queriam provas do que tinham feito.

– Você viu os passageiros. Viu como eles estão se comportando. Não poderíamos organizá-los a tempo...

– Vocês não podem fazer isso, Madan. Não podem abandonar essas pessoas.

Devi olhou para Pran, mas o rapaz tinha virado a cabeça para outro lado.

– Os passageiros podem sair se quiserem. Eles sabem onde ficam os botes salva-vidas.

– Mas não sabem operá-los!

– Não podemos fazer nada. Venha com a gente, Devi.

– Vocês não podem deixar essas pessoas no navio!

– Elas são uns merdas, Devi. Tratam a gente feito lixo, por que você se importa?

– Não vou deixar vocês irem. – Devi pôs a mão na pistola de eletrochoque à cintura. – Vocês não podem fazer isso.

– Devi, não faça isso, cara.

Agora não via Pran em lugar nenhum. O rapaz devia ter fugido.

– Sinto muito, Devi – disse uma voz atrás dele.

Era Ram. Do nada, os músculos de Devi se contraíram, a agonia chiando e estalando nos terminais nervosos. Incapaz de controlar o corpo, ele caiu, batendo com a cabeça no chão duro, o pânico lançando fagulhas em seu crânio. E então ele soube o que havia acontecido: Ram o acertara com o *taser*. Sua lanterna rolou pelo chão enquanto o navio adernava.

– Sinto muito, Devi – falou alguém; ele não sabia mais se era

Ram ou Madan.

Devi tentou se mexer, lutou desesperadamente para falar. *Não façam isso, eu preciso fazer uma coisa.* E então...

## **Blog do Curinga**

*Afrontando ferozmente as fraudes, para que você não precise fazer isso*

### **3 de janeiro**

O grupo da Predadora está crescendo. Até agora só conheci duas ou três pessoas que estiveram numa das apresentações e não foram dominadas pelo papo furado. Até Emma e Donna, do grupo de solteiros, estão convencidas de que sua amiga morta, Kelly, falou com elas "através de Celine". Disseram o de sempre, que a paranormal sabia de coisas que não poderia saber. Fiz com que explicassem fato por fato, e nenhum era tão específico assim, ou algo que ela não conseguiria descobrir com base em fofocas.

As pessoas vão em bando ao teatro porque o lugar está limpo, elas estão sendo alimentadas e ninguém tem pirado. Puro comportamento de seita: fazer os recém-chegados se sentirem especiais.

Não sei direito como Celine está influenciando o resto do navio. Autossugestão? Deve ser. É isso ou uma reação histérica a uma situação estressante, alucinações causadas por impulsos elétricos, som de baixa frequência ou sugestionabilidade. Até Maddie, que não tem dúvidas de que Celine é uma fraude, andou vendo coisas. (NOTA PARA MIM MESMO: Se um dia sairmos daqui, preciso verificar o guia espiritual negro mágico de Celine. Descobri que a mulher tinha um. Esqueci o nome... Papai Norris??) Maddie diz que ouviu alguém cantarolando antes de alucinar. Manifestação de espíritos cantores no navio?

16h: Agora as pessoas estão pirando de verdade. A qualidade da comida caiu depressa. Nada no Balneário a não ser bananas e

tomate em pão de cachorro-quente. Ouvi dizer que os bares vão ser abertos. PÉSSIMA IDEIA.

O capitão sacaneou a gente de verdade. Acho que ele saiu do curso. A teoria mais popular é de que o tempo está tremendamente ruim em terra firme impedindo que alguém venha até aqui. A única outra explicação é de que algo catastrófico aconteceu. Tipo o 11 de Setembro ou a Quinta-Feira Negra. Ou coisa pior. Guerra nuclear. A Rebelião das Máquinas, um ataque alienígena. Zumbis. Rá, rá, porra.

17h: Estou me sentindo meio mal porque o oceano está mais agitado. Talvez o navio afunde, tire todo mundo deste sofrimento.

Preciso me deitar. Termino isto mais tarde.

## A ASSISTENTE DA BRUXA

As luzes haviam se apagado dez minutos antes e Maddie ainda estava esperando que voltassem a se acender milagrosamente. O navio se debatia e estalava. Mesmo com a porta da varanda fechada, os gritos do convés acima chegavam até ela.

Xavier gemeu, então Maddie ouviu a tosse líquida quando ele vomitou outra vez. Ela lhe dera um pouco do seu remédio contra enjoo, mas não adiantou. E parecia que *O Belo Sonhador* a havia curado de seu excesso de pruridos. Agora, no escuro, onde qualquer coisa poderia estar à espreita (*tipo Lizzie Bean, talvez?*), Maddie tinha outras coisas a temer além de ficar doente.

O navio despencou bruscamente, deixando uma sensação de vazio em sua barriga. Ar, ar fresco ajudaria. Andou feito um caranguejo até a janela e saiu à varanda, lançando-se contra o corrimão para se firmar. A chuva bateu em seu rosto; o oceano arfava embaixo. E outra coisa: luzes. Havia luzes na água. Ela estreitou os olhos, enxugando-os. Barcos, havia barcos lá fora.

Ela correu para a porta.

– Xavier! Tem barcos na água. Eles estão aqui!

– Hein?

– Tem barcos na água! Alguém veio resgatar a gente!

Maddie o ouviu gemer e cambalear até a janela. Cautelosamente, ele se arrastou para perto dela. O oceano se elevou e agora ela identificava uma silhueta triangular – algum tipo de bote inflável? –, que então sumiu entre as ondas.

Xavier agarrou o ombro dela.

– Maddie, não são barcos de resgate. São botes salva-vidas.

Um pânico frio a envolveu.

– Mas... mas eu não ouvi o sinal de evacuação!

Ele agarrou o pulso dela.

– Venha.

Juntos correram cambaleando até a porta, atravessaram a suíte e saíram atabalhoadamente no corredor. A única luz vinha das faixas de emergência no piso e no teto. Maddie se agarrou à parede enquanto o navio adernava outra vez. Formas vinham na direção dos dois, da outra ponta do corredor. Os irmãos que vira dois dias antes passaram por eles, agarrados um ao outro.

– Vocês precisam sair daqui! – berrou a mulher. – Ai, meu Deus! Abandonem o navio!

Maddie bateu com força à porta das amigas idosas.

– Helen! Helen!

Não houve resposta.

– Venha! – gritou Xavier.

Ela se virou para ele.

– Onde é o seu ponto de encontro?

– Foda-se. Vamos ao convés principal, onde estão as porras dos botes salva-vidas.

Usando a parede como apoio, foram tropeçando pela área dos elevadores e chegaram ao átrio. A princípio, a porta do convés principal não queria abrir, o vento fazia força contra ela, mas então a pressão se aliviou e Maddie passou, quase caindo ao derrapar.

Caos. Puro caos. Colchões haviam escorregado para a piscina, a água ao redor deles se agitava violentamente. Uma espreguiçadeira dava um estranho abraço na amurada e o convés brilhava com cacos de vidro. À esquerda, passageiros reviravam as caixas de coletes salva-vidas, empurrando-se e estapeando-se. Ela viu os irmãos perto do bar. O homem parecia ter escorregado e caído, e a mulher estava agachada junto dele, aninhando sua cabeça no peito. Será que deveria ajudá-los? Merda, não sabia que porra fazer. Olhou em volta procurando Xavier, mas não conseguiu vê-lo em lugar nenhum. A água ardia em seus olhos.

Um apito lancinante soou e o céu explodiu com uma luz vermelha (*sinalizadores, deviam ter disparado sinalizadores*). Durante vários segundos, tudo ficou claro como o dia. Pessoas

lutavam para chegar aos conveses laterais, onde ficavam os botes salva-vidas; os rostos eram máscaras distorcidas de pânico e de dor. O navio adernou de novo e várias pessoas não conseguiram se segurar, caindo umas sobre as outras.

Alguém trombou em Maddie, então ela se virou e viu Ray, segurando a mão de uma mulher miúda.

– Maddie! Venha! Precisamos pegar... os botes salva-vidas.

Um segurança passou esbarrando neles e gritando:

– Esperem! Vocês não podem operar os turcos do... – Sua voz foi levada pelo vento.

Procurou Xavier mais uma vez. O amontoado de passageiros em pânico atulhando a área dos coletes se desfez e ela o viu. Estava de joelhos, esforçando-se para continuar segurando dois coletes.

– Maddie! – gritou Ray outra vez.

– Celine sabe? – berrou ela.

– Maddie, você precisa... tripulação... o navio.

– E Celine?

– Foda-se ela, Maddie.

– E os Amigos?

Jacob e Eleanor, Leila e Jimmy, Annabeth e...

A mulher estava puxando a mão de Ray.

– Venha com a gente! – berrou para Maddie.

Mas ela não podia. Não podia simplesmente abandonar os Amigos. No mínimo se certificaria de que sabiam que precisavam ir para os botes. Virou-se e deslizou de volta para a porta de vidro, lutando contra a maré de pessoas que tentavam sair do navio.

Tinha chegado à escadaria principal quando a embarcação deu outro mergulho íngreme, tão violento que ela sentiu como se os pés quisessem se enfiar nos joelhos. Um chiado nos ouvidos. Um som raspado e, depois, um berro metálico. Usando o corrimão como apoio, meio correu, meio tropeçou escada abaixo até o convés Passeio dos Sonhos, agradecendo pelo brilho verde das placas de saída de emergência.

A porta dupla do teatro ficava se abrindo e fechando com estrondo, mas a escada diante dela estava deserta. Arrastou-se até a entrada, abriu a porta com um chute e engatinhou para dentro.

Houve uma diminuição no barulho forte em seus ouvidos e ela ouviu Celine gritar:

– Se vocês saírem, vão morrer. A escolha é de vocês!

“Não existe morte”, pensou Maddie. Ou talvez tivesse dito em voz alta, não sabia. Então o piso desapareceu sob ela.

## O CONDENADO

Ele gostava do esconderijo. Estava como pinto no lixo. Um barco dentro de um barco! Apreciava o movimento do navio, sentir o balanço do mar. O vento se intensificava, algo de que também gostava, e estava chovendo. O *plec-plec-plec* no teto de lona era tranquilizador. Abafava o som dos gritos.

Estava seguro ali dentro. Aqueles seguranças nunca iriam encontrá-lo. Fora uma inspiração. Tinha consciência de que ainda não era o mesmo de antes. Tudo continuava meio fora de foco, distanciado de verdade. Gostava disso também. O banco em que estava deitado não era confortável, mas aquele era um preço pequeno a pagar, certo?

O antigo Gary cauteloso – o que não tinha amigos para ajudá-lo – ficaria paranoico com a ideia de ser apanhado. Sabia que os botes salva-vidas eram todos monitorados para impedir que os passageiros transassem dentro deles, mas isso não o impedia de permanecer ali. Confiava em seu amigo. Tentara conversar com ele sobre a garota, mas o sujeito ia e vinha, e às vezes Gary descobria que estava falando sozinho. O grandalhão ficava quieto na maior parte do tempo, mas ele não achava que o estivesse julgando. Gary havia explicado que não era doente. Na verdade, não estava machucando ninguém. Era só uma coisa que ele fazia. As garotas não se lembravam de nada, e todo mundo sabia que, em segredo, queriam aquilo. Era um imperativo biológico. As pessoas eram assim. Os homens eram os caçadores e as mulheres, a caça. Não adiantava tentar explicar de outro modo.

Ele não odiava as mulheres. Não tinha “questões de raiva não resolvidas”. Fazia isso porque estava na sua natureza.

E não, não queria pensar nas outras coisas, sombrias, ainda que sua mente tentasse escavar a memória como uma língua que se enfiava automaticamente numa cavidade dentária. Ele estava ficando bom em bloqueio. Era uma habilidade. Podia construir uma parede e esconder algo atrás. Fazia isso durante anos sem pensar a respeito.

*Ela tem um recado para você...*

Nananinanão. Não estou ouvindo.

*Ela diz que vai fazer você sofrer. Diz que vai fazer você sofrer, e sofrer, e sofrer de novo, e que isso nunca vai parar.*

Ela não disse isso. Não existia recado.

*Shhhhhhh.*

O barco se sacudiu violentamente. A lona ao redor ondulou, mãos e braços se estenderam para ele e Gary ouviu-se gritando. Havia pessoas entrando em seu esconderijo. Estavam passando umas por cima das outras e ele foi espremido contra a lateral – não conseguia respirar.

Precisava sair dali. Fez força contra elas, fechou os olhos e lutou. Alguém puxou seu cabelo, seu malar colidiu com violência, mas Gary continuou, ignorando os gritos de protesto. Algo acertou a lateral da sua cabeça e ele viu estrelas, arrotou bile e, depois, como uma rolha saltando de uma garrafa, caiu de quatro no convés, com o vento e a chuva golpeando-lhe o rosto. Alguém pisou na sua mão, ele se encolheu e rolou até chegar ao outro lado.

Ergueu os olhos, pensou ver Marilyn na multidão, mas então ela sumiu. Usando o corrimão para se apoiar, levantou-se e fitou o convés abaixo. Um homem havia caído na piscina. Ele se debateu, depois desapareceu embaixo de um dos colchões na água. Então, *uuuush*, o céu explodiu em luz vermelha e ele o viu. Seu amigo. Esperando-o perto das portas de vidro que levavam para dentro do navio. O piso se sacudiu e corcoveou sob seus pés, mas Gary manteve o olhar grudado no amigo enquanto se espremia entre as pessoas que jorravam escada acima.

Quando chegou ao convés principal, uma pessoa se chocou contra ele e gritou em seu ouvido, mas Gary a empurrou de lado e continuou indo até a porta. Passou por ela, empurrando uma mulher

que tentava sair do seu caminho. Não podia perder o amigo de vista. Mas estava escuro dentro da embarcação e Gary precisava se esforçar para enxergar. De repente, uma mão deslizou para a palma da sua mão esquerda, e outra menor na sua direita. Por um momento, sentiu uma repulsa pura, primitiva – *isso era familiar, ele se lembrava de que isso era familiar* –, então as mãos o puxaram para a frente.

## **A CRIADA DO DIABO**

A Sra. Del Ray parou de gritar para as pessoas. Agora simplesmente estava sentada no palco, espreitando em sua cadeira de rodas. Ela tombaria logo. Althea não tinha dúvida. Não conseguia ver o rosto dela. Estava escuro demais para ter certeza, mas sentia que a mulher a observava.

A única luz vinha dos celulares que ainda tinham bateria e do brilho fraco e doentio das placas de saída. Ela estivera ajudando Pepe a distribuir água quando ouviu um homem descer atrapalhado pelo corredor entre as poltronas gritando que a tripulação estava abandonando o navio e que todo mundo “deveria, por favor, ir calmamente para seus pontos de encontro”. Era um dos seguranças – não o inescrutável que ela vira na cabine da moça morta e, sim, um mais novo, com bigode falhado. O pânico não durou muito. Os que iam sair já tinham saído. Os que permaneciam estavam sentados em silêncio, encolhidos em grupos. A maioria estava ficando enjoada.

O navio oscilou com força e Althea se apoiou no encosto de uma poltrona até que aquilo passasse. Não deveria estar ali, mas não poderia culpar ninguém, a não ser ela própria. Maria a alertara, na véspera, de que havia algo assim no horizonte. Althea deveria ter deduzido que a tripulação planejava abandonar o navio.

Encontraria o menino e, depois, iria embora. Subiu até o palco, quase caindo na escada lateral. Evitando olhar a mulher na cadeira de rodas, passou pela cortina. Orientou-se de memória, achando o caminho cautelosamente em volta dos obstáculos nos bastidores até encontrar a porta que dava no corredor. O menino estivera com ela algumas horas antes em sua cabine, quando Althea havia tirado um

cochilo. Estar com ele... dava-lhe energia. Estava farta de todo mundo querer algo. Joshua queria sugá-la até a última gota e roubar seu dinheiro; os gerentes dos camareiros e aquela puta da Maria queriam que ela ficasse grata pelo emprego e aceitasse as péssimas condições de trabalho e o salário baixo; Mirasol queria que ela lhe dissesse o que fazer; a Sra. Del Ray queria que ela trouxesse outras pessoas para o teatro. Seus hóspedes queriam que ela sorrisse, dobrasse as porras das toalhas como bichinhos e não os fizessem sentir culpa por causa dos banheiros sujos de merda e as gorjetas ruins. O menino nada queria além de estar em sua companhia.

Mantendo os olhos grudados nas faixas de emergência no chão – em alguns lugares elas tinham sido arrancadas – e usando a parede para se firmar, lentamente, com cuidado, e sem se permitir entrar em pânico, Althea chegou ao I-95.

O facho de uma lanterna veio oscilando até ela. Althea franziu os olhos, depois identificou Rogelio, volumoso com um colete salva-vidas, o rosto alterado pelo terror.

- Você viu o Devi?
- Quem?
- Devi. Um dos seguranças.

Althea se agarrou a ele por um segundo enquanto o navio adernava.

- Não.

Ele a empurrou e foi andando. Um balanço espetacular a jogou no outro lado do corredor, mas ela encontrou o equilíbrio e foi em frente. Não iria vomitar. Não podia se dar ao luxo de ficar nauseada. Agora usando as duas mãos para se firmar, foi devagar até a escada do seu andar. Ali embaixo não havia faixas de luz. Nada para guiá-la. Estava desorientada e precisou de todo o autocontrole para não entrar em pânico. Dessa vez orientou-se pelo tato e, quando virou a esquina, viu uma luz fraca se irradiando de uma cabine.

Uma forma escura se atirou em seus braços, desequilibrando-a. Encheu-se de esperança de que fosse o menino, mas então escutou Trining exclamar aos soluços:

- Althea! O que está acontecendo, Althea?
- Todo mundo está abandonando o navio.

– Não houve sinal. Por que não vieram me buscar?

*Porque eles não se importam. Ninguém se importa mais.*

– Por favor, me dê sua lanterna.

– Não! Por quê? Não me deixe, Althea.

– Me dê sua lanterna e eu levo você ao seu ponto de encontro.

Preciso pegar uma coisa na minha cabine.

Trining entregou-a. Althea correu para sua cabine e apontou o facho sobre as camas, embaixo delas e pelo banheiro minúsculo. Nada. Ele não estava ali. Estaria no Cinco, onde ela o vira pela primeira vez?

– Althea!

– Vá, Trining. Vá para os pontos de encontro.

– Você não vem comigo? Por favor, Althea. Ainda estou fraca. E com medo.

*Porra, Trining.*

– Venha.

Pegou a mão dela e puxou-a pelo corredor dos funcionários, usando a colega para se equilibrar agora que não podia mais se apoiar na parede. O navio adernou e ela se chocou contra o ombro de Trining.

– Ele vai afundar! – berrou ela.

– Não vai.

Passaram pelo bar e saíram no convés de reunião, onde um grupo de tripulantes esperava para entrar no tubo que descia até os barcos infláveis. Althea só tinha visto isso ser feito em águas calmas; não ousava olhar para baixo, por cima da amurada. Alguém enfiou um colete salva-vidas por sua cabeça, o vento soprou um borrifo salgado em seu rosto. O navio gemeu, o oceano saltava enfurecido.

Uma mão empurrou-a para a frente.

– Althea!

Uma mão acenando. Maria. Ela estava na parte da frente do grupo, ajudando pessoas a subir na boca do tubo.

– Preciso achar o garoto – disse Althea a Trining.

– O quê? Não estou ouvindo.

*O garoto não é real.*

Ele era real.

– Não fique com medo! – gritou Maria. – Althea, venha! É sua única opção.

## AS IRMÃS SUICIDAS

Ela podia ouvir gritos.

O movimento do navio era muito mais pronunciado – para cima, para baixo, de um lado para outro –, adernando e mergulhando, adernando e mergulhando.

Após a saída dos visitantes indesejados, Helen havia fechado as cortinas e trancado a porta da varanda. Uma ou duas vezes pensara ter ouvido sons vindo do corredor. Os comprimidos para dormir a mantiveram apagada. Tinha tomado apenas dois (*por enquanto*), mas eles haviam feito o serviço e bloqueado praticamente tudo. Sentou-se, incapaz de olhar para Elise, para o caso de ela ter dormido e se juntado a Peter. *Pelo amor de Deus! Morrer. Não "dormir". Morrer.* A cabine estava escura, mas não se lembrava de ter apagado as luzes.

Preparando-se para outro movimento do navio, foi cautelosamente até a janela e, com um floreio – como um mágico puxando a toalha de uma mesa –, abriu a cortina. Deu um pulo: havia formas escuras arrastando-se a apenas alguns metros dela.

*Eles voltaram.*

Mas não. Eram apenas pessoas se arrastando por cima do bote salva-vidas diante de sua varanda. Uma luz vermelha explodiu acima dela, transformando em rubis os salpicos de espuma que encimavam as ondas enormes, e por vários segundos a cena que se desdobrava diante da varanda ficou claramente visível. Um homem e uma mulher, com as roupas grudadas no corpo, bombeavam, em frenesi, o sarilho que movia os turcos do barco. Uma figura grande (não, não era ele, seu salvador) estava equilibrada em cima do bote, tentando soltar uma corda. O navio se inclinou, o homem perdeu o equilíbrio,

escorregou e desapareceu.

Ela recuou e fechou a cortina.

– Helen?

O alívio ao escutar a voz de Elise quase a derrubou.

– Eles estão abandonando o navio. As pessoas estão abandonando o navio.

– Ah.

Realmente não havia o que dizer.

Helen se esgueirou até onde esperava que ficasse a cama de Elise. Depois da luz vermelha e forte – deviam ser sinalizadores –, estava tendo dificuldade para se acostumar à escuridão.

– Há uma tempestade? – Entre as palavras, Elise chiava feito uma gaita de foles com um buraco.

– O mar está ficando agitado. – Na verdade, pior do que agitado.

Helen resistiu à tentação de acender a luz (se é que ainda estava funcionando). Não queria ver a palidez da amiga. Não queria ver como ela estava perto do fim.

– Obrigada... *uff, puff, arff...* por cuidar de mim, Helen.

– Você faria o mesmo por mim.

– O na... O navio está com problema?

– O quê, mais do que antes?

Elise tentou rir, mas isso provocou um ataque de tosse chiada. Água nos pulmões, pensou Helen, mas não fazia ideia do que isso significava.

– Vá. Me deixe. Vá e fique em segurança.

*Não existe segurança.* O navio se inclinou de novo e ela se sentiu numa montanha-russa, o estômago dando cambalhotas. Era empolgante.

– Não vou deixar você. – Ela se recostou e procurou a mão da amiga. – Acha que vai ser igual à cena do *Titanic*?

Outro chiado.

– Estou morrendo, Helen. Dá para sentir.

– Você não está morrendo.

– Não estou com medo. Achei... Achei que ficaria com medo, mas não estou.

Outro movimento adernando, arfando, guinando, ou como quer

que se chamasse. Helen ouviu uma pancada no banheiro e o som do que devia ser o notebook com sua mensagem final despencando de perto da televisão e batendo no carpete.

## O ANJO DA MISERICÓRDIA

A porta do depósito se abriu, deixando entrar uma nesga de luz esverdeada da placa de saída no corredor lá fora.

*Opa, pensou Jesse. Os alienígenas estão aqui.*

A silhueta de um homem estava junto à porta. O médico observou-o entrar arrastando os pés e olhar em volta. Havia algo familiar nele – Jesse não tinha certeza, mas a julgar pela forma do corpo, parecia o paciente desaparecido. O que saíra sem autorização. O que Devi acreditava ser o assassino da moça.

Ficou em silêncio e o homem não pareceu sentir que ele estava ali. Na verdade, era risível que alguém aparecesse e invadisse seu esconderijo. Permanecera no depósito para se concentrar e ter algum tempo a sós depois que as luzes se apagaram. E com “se concentrar” ele queria dizer encher as veias de Demerol, rá, rá, porra – e não vamos esquecer o complemento de morfina. Jesse se aconchegara perto de uma pilha de caixas de papelão vazias onde antes havia latas de tomate. Planejara ficar lá até que a tempestade passasse ou o navio afundasse. E, para sua sorte, a meperidina parecia manter o enjoo longe dele.

O homem disse algo a alguém e segurou a porta do necrotério.

Jesse abriu a boca para dizer “Já está ocupado” de forma petulante, tentando ser engraçado. O que mais havia para dizer? O cara parecia saber o que fazia. E Jesse lembrava muito bem como ele agira depois de atacar a camareira. Maluco. *Befok*. Era melhor deixá-lo em paz. Não estava em condições de se defender caso o sujeito viesse para cima dele.

O paciente seguiu em sua conversa imaginária, escancarou a porta do necrotério – Jesse se encolheu diante do fedor putrefato –

e, então, sem hesitar um instante, arrastou-se para dentro, bem em cima do cadáver da passageira. Inclinou-se para fora, tentando fechar a porta, mas não conseguiu alcançá-la.

O navio deu um mergulho íngreme, pareceu pairar um momento, depois subiu de novo, deixando as entranhas de Jesse em algum lugar no teto do depósito. O movimento deslocou a trava da porta e fechou-a.

Jesse pestanejou. Porra. E agora? Tinha sido escolha do passageiro enfiar-se ali dentro. Era o melhor lugar para ele. O homem era perigoso, ninguém queria uma pessoa assim à solta pelo navio, causando tumulto. Já havia merda suficiente.

Procurou outra ampola, mas o estoque acabara. Será que tinha largado as outras enquanto perambulava pelo coração escuro do navio? Só podia ser. Se tivesse tomado todas, já estaria morto.

O navio subiu de novo, depois pareceu mudar de ideia e tombou de lado.

Hora de voltar à enfermaria. Preferiria morrer muito chapado do que num depósito-necrotério perto de um maluco. Procurou a minilanterna no bolso e se arrastou de joelhos até a porta. Só após várias tentativas é que conseguiu abri-la. No segundo em que ficou de pé, o navio jogou-o para o outro lado do corredor, mas tudo bem, ele não podia sentir porra nenhuma. Usando a lanterna para se orientar – a luz era ridícula, mas era tudo o que tinha –, subiu a escada até o I-95.

Ande, ande, você consegue. E então, instantaneamente (ele devia ter se desligado), estava junto à porta da enfermaria. Passe, ande, ande, é fácil, até o armário de medicamentos. Luz nos olhos. Piscou. Uma lanterna. Não estava sozinho.

Uma mão agarrou seu braço.

– Ah, obrigada, meu Deus. Jesse, Jesse, precisamos ir.

Martha. Estava usando um colete salva-vidas. Ele apontou a lanterna para o rosto dela. Martha chorava, com manchas coloridas nas bochechas.

– O que você andou fazendo?

– Eu matei uma garota, Martha.

De onde veio isso? Tinha acabado de sair de sua boca, por

vontade própria.

– Jesse, precisamos sair agora. Eu estava esperando você, mas eles não vão se deter por muito tempo.

– Para onde a gente vai?

Ele caiu em cima dela quando o navio adernou de novo.

– Para fora do navio. – Ela quase largou a lanterna e xingou baixinho. – Não posso segurar você, Jesse.

– E o Bin?

– Ele está doente, Jesse.

– Não podemos deixá-lo.

– Não temos escolha. – Agora Martha o arrastava. – Acha que eu queria fazer isso? Não vão deixá-lo entrar no bote se ele estiver doente.

– Também estou doente.

– Você está é bêbado. – Agora ela soluçava. – Por favor, Jesse. Venha.

– Vou buscar o Bin. Alcanço você.

Ele ficou feliz porque Martha não conseguia ver seu rosto.

– Não, Jesse.

– Sério... vou buscá-lo. Fazer com que eles o levem.

– Tem certeza?

– Tenho.

Ela soltou seu braço, a luz dançou até a porta, parou e, depois, foi embora.

Agora aos negócios. Partiu para o armário de medicamentos, outro balanço do navio pegando-o desprevenido. O tempo ficou vagaroso, suas pernas deslizaram e ele caiu de cóccix. Um choque entorpecido, indolor.

O médico escutou vidro quebrando e algo deslizando no chão. A porta bateu. Ele procurou a minilanterna. Alguém estava parado bem na frente do armário. Ergueu o feixe de luz. O homem pôs os dedos nos lábios.

Jesse percebeu que sabia quem ele era.

O homem escuro. O homem escuro de Alfonso tinha vindo para uma visitinha.

E Jesse começou a gargalhar.

## O GUARDIÃO DE SEGREDOS

Devi cuspiu um bocado de sangue e bile e rolou de costas; sentiu uma dor agonizante na parte de trás do crânio. Devagar, cuidadosamente, avaliou a situação. Todos os músculos estavam queimando. As mãos e os pés pareciam mergulhados em gelo. Os ouvidos rugiam – ele não sabia se o som vinha de dentro da cabeça ou não. E então houve um estalo e um guincho de estourar os tímpanos, como se unhas estivessem sendo raspadas nos costados do navio.

Ram. Ram tinha feito aquilo com ele.

Algo macio roçou sua testa. Uma luz se cravou em seus olhos.

Uma voz:

– Devi. Você está acordado.

– Onde estou?

– Na sala de controle. Não pude deixar você. Vim encontrá-lo.

Não podia abandoná-lo, Devi.

O segurança tentou se sentar, mas os músculos não queriam obedecer.

– Eles abandonaram o navio? – Falar lhe dava a sensação de que o queixo ia se partir. – Ele foi evacuado?

Rogelio não respondeu.

– Muitos passageiros saíram, acho.

Com um esforço monumental, Devi fez o braço se mover e tocou o rosto. Estava molhado. Pegajoso.

– Me ajude a ficar de pé.

– Não. Você não deve se mexer.

Mas precisava. Ele ainda podia estar no navio. O assassino. O homem que havia matado Kelly Lewis. O HD fora destruído por

ordem de Ram – ou do capitão – e a prova do que ele tinha feito sumira.

No entanto, Devi ainda não conseguia obrigar o corpo a fazer o que deveria. Fagulhas dançaram diante dos seus olhos quando ele levantou a cabeça.

O navio pareceu se lançar para cima. Depois despencou.

De qualquer modo que encarasse a situação, havia fracassado.

**Blog do Curinga**

*Afrontando ferozmente as fraudes, para que você não precise fazer isso*

puta que pariu tempestade maluca sinistra

esse é o meu testment. to ejoado demaiss deixo tudo pra fundação james randi meu deus nao cosigo escrever mais espefo q alguem leia isso

## A ASSISTENTE DA BRUXA

O navio estava muito inclinado para a esquerda outra vez, mas as sacudidas violentas haviam parado. Maddie não se lembrava de isso ter acontecido gradualmente; parecia ter cessado em minutos. Seus ouvidos doíam, mas os rangidos, uivos e o que parecia metal sendo partido também tinham se dissipado. Nenhuma vez, nem mesmo quando o movimento do navio era mais extremo, ouvira alguém no teatro berrar. Não havia gritos, pedidos de misericórdia ou orações. As pessoas tinham enjoado. Claro que tinham. O cheiro de vômito era denso, mas Maddie lutava para ignorá-lo. Foi golpeada por uma súbita euforia. Ainda estava ferrada. Ainda estava num navio à deriva, mas continuava viva, e isso já era alguma coisa. Escolhera não sair – *se vocês saírem, vão morrer* – e agora descobriria se fora a opção certa.

– Alguém está ferido?

Uma voz trêmula. Parecia pertencer a Eleanor.

Um gemido à sua esquerda.

Maddie se levantou com dificuldade – durante o pior da tempestade, ficara embaixo de uma fileira de poltronas – e se concentrou no palco. Estava escuro, mas havia uma forma mais escura no centro. Deveria ajudar os Amigos, mas primeiro precisava enxergar. Esgueirou-se para a escada que levava até lá, passando pelo meio dos detritos – sacos, garrafas d'água e, de modo bizarro, um salame inteiro –, e se encolheu quando o pé escorregou em algo molhado.

Uma mulher gemia em algum lugar, porém Maddie a ignorou e continuou subindo ao palco. Celine ainda estava na cadeira de rodas (como ela não havia tombado durante a tempestade?) e sua cabeça

pendia para a frente, a mesma pose da noite em que o navio dera pane.

– Celine.

Nenhuma resposta.

– Celine.

E então, como uma boneca voltando à vida, a cabeça dela se levantou bruscamente.

– Madeleine. Você achou que ia morrer?

– Achei.

– Foi de dar medo, não foi? – A voz dela era fria.

– Celine, o que está acontecendo, porra? Quem... é você?

– Sou Celine del Ray, médium das estrelas.

– A Celine que eu conhecia teria mandado todo mundo se danar há muito tempo. Não se incomodaria em juntar essas pessoas todas. De jeito nenhum. A Celine que eu conhecia seria a primeira a abandonar o maldito navio.

– Você me pegou. Pode me chamar como quiser. Jessie, Stacy ou Tommy. Ou Nonanthla, Hiroko, Jeremiah. O que preferir. Sua alma, minha alma, são apenas nossas antigas almas juntas. O que importa a sua matéria?

– Ai, meu Deus.

– Ele também. Dano cerebral. Pode mudar a personalidade. Não é isso que você acha?

– Celine... eu vi... eu vi... – *Eu vi Lizzie Bean sentada na sua banheira.*

– Fantasmas? Espíritos? Monstros? – Ela gargalhou. – Foi divertido. Gostei dessa parte. Se bem que não sei se entendi direito o Papai Noakes. Celine não me deu muita coisa com que trabalhar. – A mulher passou a mão no cabelo, recolocando no lugar alguns fios desgrenhados. – O que você quer da vida, Maddie? Estive pensando em você, tentando deduzir.

– Para começo de conversa, quero sair deste navio.

– Você vai realizar esse desejo logo.

– Como?

Surpreendendo-a, Celine bocejou. Um enorme bocejo de estalar o maxilar.

– Corra agora, Maddie. É hora de se mexer. Você ainda não viu nada. Isso foi só o aperitivo. O prato principal vai ferrar com a porra da sua cabeça.

## O CONDENADO

A escuridão era tão densa que ele não sabia se seus olhos estavam abertos ou fechados. Inspirou. Fungou. Sentira um fedor quando seu amigo o levava até ali, mas se acostumara rapidamente. Tivera ânsia de vômito durante um tempinho, mas isso também passara.

Mexeu os dedos dos pés, ouvindo o estalo do colchão encalombado sob seu corpo. Às vezes chapinhava. Mole e duro em lugares diferentes. Gary precisava se contorcer para ficar confortável.

Um som sacudido, ribombado. Estendeu a mão; as paredes aconchegantes de seu esconderijo vibravam. Seria isso que o havia acordado? Não conseguia sentir o braço esquerdo – estava deitado sobre ele, ficara dormente. Flexionou os dedos, sentindo o formigar do sangue circulando outra vez.

Fez uma oração de agradecimento silenciosa ao seu amigo por tê-lo levado até ali. Até um armário grande. É, era isso. Era só isso.

Seus dedos deram com a parede outra vez. Um latejar grave, como se estivesse conectado a um coração que batia. Suavemente, empurrou a porta. Apenas verificando se abria. Estava seguro ali dentro e não desejava ir embora; só queria garantir que ela cederia caso tivesse que fugir de novo.

Ela não se moveu. Mas tudo bem, ele não estava empurrando com muita força. Mudou de posição para conseguir mais apoio, o colchão estalando sob ele.

*Não é um colchão.*

Shhhhhh.

*Não é um colchão, Gary. Você sabe onde está.*

Shhhhhh!

Dessa vez, empurrou com o ombro. Nada. O pé. É, ele podia chutar.

*Sairsairsairsairsair.*

Gary se remexeu, mas não havia espaço. Golpeou com a perna esquerda, fazendo um som oco, mas a porta continuou imóvel.

*Sairsairsairsairsairsairsairsairsair.*

Ele só precisava...

O colchão ondulou sob ele.

## A CRIADA DO DIABO

Althea tinha esperado na cabine. E o menino não viera.

Trining lhe entregara a lanterna logo antes de escorregar pelo tubo até o bote inflável e Althea sentiu-se grata por isso, agora. Quem teria pensado que isso aconteceria? Seus pulsos estavam vermelhos porque Maria tentara arrastá-la para o tubo de escape, mas ela não ficara enjoada. Tonta, sim, mas só isso.

Os corredores da tripulação estavam desertos e tudo o que ela podia ouvir era o som dos pés chapinhando na água que havia se empoçado nos pisos de metal. Seus sapatos estavam encharcados; os dedos dos pés, dormentes. Passou por cima de um colete caído, uma mala molhada e as entranhas emboladas de um rádio quebrado.

A Sra. Del Ray saberia para onde ele tinha ido. Se não tivesse decidido abandonar o navio também. Talvez Althea fosse a única pessoa que restava no *Belo Sonhador*. Viajando sozinha para sempre, até morrer de fome.

Agora o navio estava muito inclinado, vacilando feito um bêbado. Ela passou pelas cabines da equipe de entretenimento e pela porta nos fundos do palco. Vozes. Atravessou a cortina, viu lanternas dançando acima das poltronas e dos corredores escuros do teatro. Luminárias quebradas, um pano de fundo embolado que havia caído.

E ali estava a Sra. Del Ray. Sentada na cadeira de rodas no centro do palco, como se nada tivesse acontecido. Lá embaixo, as pessoas ajudavam umas às outras a ficar de pé. Althea sentia cheiro de vômito; a tempestade tinha sido péssima, claro que as pessoas estariam enjoadas. Foi rapidamente até a médium e se ajoelhou.

– Não consigo encontrá-lo. O menino. Não consigo encontrá-lo.

– Shhh. Escute.

A Sra. Del Ray inclinou a cabeça de lado. Houve um gemido baixo, como se o navio suspirasse em desespero, as luzes piscaram, morreram, depois voltaram à vida. Althea detectou uma ligeira vibração sob os pés, que parou, então recomeçou. A médium lhe deu um sorriso largo, faminto.

– Lá vamos nós.

## **AS IRMÃS SUICIDAS**

A tempestade havia se exaurido. O navio não estava mais sendo jogado de um lado para outro como o brinquedo de uma criança pequena.

Helen ficou feliz com a escuridão. Não queria enxergar. Não queria saber. Elise não tinha feito nenhum som desde que o movimento do navio havia cessado. Evitando olhar muito para ela, sentou-se e saiu da cama, movendo-se com cuidado até o armário da TV. Um caco de vidro se cravou no seu pé. As pernas protestaram quando Helen ficou de quatro, procurando a bolsa de Elise no chão. Seus dedos a encontraram e ela remexeu dentro até achar o que procurava.

Mantendo os olhos longe da amiga, pôs o Zopiclone no bolso, levou a última garrafa d'água até sua cama e se deitou.

O navio estremeceu, então as luzes se acenderam.

Ela não se incomodou. Era tarde demais.

Melhor juntas.

## O ANJO DA MISERICÓRDIA

– Acorde. Acorde, doutor.

Jesse cobriu o rosto com o braço quando a luz perfurou seus olhos.

– Vá embora.

– Jesse.

Estava deitado de costas, com alguma coisa se comprimindo contra a coluna. Havia uma silhueta acima dele. O piso ondulou. Argh. Engoliu em seco. Sua boca tinha gosto de bile.

– Quem é?

*O homem escuro.*

– Sou eu. Bin.

Um zumbido grave, em seguida as luzes se acenderam, piscaram e brilharam em força máxima. Um rimbombar veio de algum lugar. O piso vibrava.

– Está machucado, doutor? Achei que tinha ido embora com os outros.

A náusea se intensificou quando Jesse levantou a cabeça, mas não havia nada em seu estômago para ser vomitado.

– E Martha?

– Não sei, doutor.

– Há eletricidade?

Bin assentiu e fez uma careta.

– Estamos em movimento outra vez?

– Não. Mas logo vamos seguir.

– Como você sabe?

Bin fez outra careta.

– Há tripulantes lá embaixo. Eu vi quando vim para cá. Nem todo

mundo abandonou o navio.

– Eles podem fazer com que funcione de novo? Dirigir o navio?

A palavra certa era “dirigir”? Ele não sabia. Meu Deus, sua cabeça...

Bin ajudou-o a se levantar. O lugar estava uma bagunça. Pastas e frascos por toda parte. Uma confusão de suportes de soro. O pânico o envolveu quando ele olhou a porta do armário de medicamentos. Parecia intacta. Obrigado, porra.

– As pessoas estão machucadas, doutor.

– Onde?

– No átrio, no convés principal. Estão sendo levadas ao Teatro Ouse Sonhar.

– Alguma coisa séria?

– Nada fatal. Talvez algumas fraturas. Fiz o que pude. Acho que uma delas tem uma concussão.

Bin fez outra careta, ergueu a mão, depois se afastou para vomitar numa bacia. Jesse notou que o enfermeiro parecia fazer até mesmo isso com graça e precisão. Entregou um pano a ele.

– Bin, suba. Você não está em condições de ajudar ninguém. Eu levo o que achar que podemos precisar.

– Tem certeza?

– Tenho.

Jesse prendeu a respiração enquanto Bin saía. Com dedos trêmulos, foi depressa até o armário.

Então se deu conta. Tinha acabado de sobreviver relativamente incólume a uma enorme tempestade no mar. Será que desejava mesmo continuar naquele caminho?

Foda-se.

Enfiou o resto das ampolas nos bolsos e tirou o invólucro plástico de uma seringa com os dentes. Em minutos, teria a armadura de volta.

As pessoas estavam reunidas no saguão do teatro, deitadas nas escadas e no carpete diante da porta. O interior do navio não ficara tão destruído: Jesse tinha pisado em cacos de vidro e a água se

empoçara em alguns lugares, principalmente nos conveses da tripulação, mas não era tão ruim como ele imaginara. A tempestade refrescara o navio, que agora tinha um cheiro salgado e úmido, como o interior de uma estação de tratamento de esgoto. E o vento devia ter levado para longe a praga de sacos vermelhos que viera seguindo na esteira da embarcação.

Tripulantes distribuía água – retomando os velhos hábitos – e os que podiam andar ajudavam os outros a sair do teatro. Muito bem aconchegado no abraço de meperidina, Jesse examinou os passageiros, procurando os mais necessitados dos seus serviços. Bin tinha razão: não parecia haver nada grave. Várias pessoas tinham uma aparência esverdeada – mas não dava para saber se devido ao enjoo ou aos efeitos do norovírus – e havia umas poucas contusões pequenas.

Uma mulher grande, sentada perto de um cara com bandagem no braço, deu-lhe um hesitante sorriso de reconhecimento. Ele sorriu de volta automaticamente, tentando se lembrar de onde a vira. Então se recordou: era a passageira histórica do convés VIP. Ela batera nele e Jesse pensara em lhe dar Xanax. Se a mulher não tivesse sido agressiva, será que ele cairia na tentação de retornar ao velho vício? Mas ele sabia a resposta. *Ja*, cairia. Teria encontrado uma desculpa cedo ou tarde.

O ronco dos motores parou, houve um momento de silêncio enquanto todo mundo parecia prender a respiração, e em seguida recomeçou. Os que podiam comemoraram sem muito ânimo.

Jesse achava que deveria fazer algo em vez de ser um inútil. Estava se dirigindo para a passageira VIP quando alguém gritou: “Doutor!” Um filipino bonito parado no topo da escada acenava para ele. O médico passou entre as pessoas espalhadas e foi até uma coluna, na qual se recostava um cara de camisa branca encharcada de sangue. Meu Deus. Percebeu que era Devi, o segurança que o ajudara a resolver aquela *kak* no necrotério. O lado esquerdo do queixo dele estava inchado e o corte atrás da orelha precisaria de pontos. Ele mal se encolheu quando Jesse examinou o ferimento; seu olhar saltava ao redor, examinando e avaliando todo mundo.

– Está procurando alguém?

– Aquele homem. Gary Johansson.

O homem que tinha invadido seu esconderijo na noite anterior. Jesse não havia pensado nele até aquele momento. Tivera preocupações mais importantes.

– Bom, com *isso* eu posso ajudar.

## O GUARDIÃO DE SEGREDOS

Devi segurou o corrimão escorregadio de umidade, desceu a escada e saiu cambaleando no corredor onde ficavam a lavanderia e o necrotério. Todos os músculos latejavam. Cada vez que ele movia o cotovelo, a dor se irradiava até os dedos e sua cabeça era um borrão escuro de dor. Tocou o lábio com a língua – parecia do tamanho de uma bola de críquete.

A embarcação tremia. Rogelio estivera no passadiço e contara que Baci, um dos poucos oficiais que não haviam abandonado o navio, estava se esforçando para avaliar a que porto deveriam ir. A tempestade podia ter levado o navio para longe do último ponto de navegação conhecido.

Rogelio o apoiava por trás e Devi sentia-se grato por tudo o que ele já fizera, ficando sempre ao seu lado. Prometeu a si mesmo que, quando aquilo terminasse, iria recompensá-lo.

Por fim chegaram ao destino.

Devi abriu a porta do depósito, entrou e bateu na escotilha do necrotério com o nó de um dedo.

Um uivo angustiado veio de dentro.

*Deixaeusairdeixaeusairdeixaeusair.*

Depois, soluços.

Rogelio juntou-se a Devi no depósito. Se estava com medo ou horrorizado pelo que tinha ouvido, não demonstrou.

– Tem certeza de que é ele, Devi?

– Tenho.

– Ele vai morrer se a gente não deixar que ele saia?

– Não sei. – *Mas vai sofrer.*

– Você vai conseguir viver em paz se fizer isso, Devi? Vai

superar?

Devi não precisava pensar duas vezes na resposta.

– Consigo.

## **Blog do Curinga**

*Afrontando ferozmente as fraudes, para que você não precise fazer isso*

Então estou vivo. Consegui. Pensei que fosse morrer, mas não afundei com o navio, afinal de contas. Estou de novo na cabine da Predadora com Maddie. Acompanhei-a na volta à suíte, há uma hora. Ela me encontrou deitado no carpete. Ainda não sei como cheguei aqui. Só comecei a me sentir um pouco melhor há pouco tempo.

Maddie não está com a aparência muito boa. Não exatamente doente, mas assustada. Nem pareceu muito surpresa ao me ver.

Foi assim:

Eu queria morrer depois de um enorme ataque de náusea que foi quase tão ruim quanto estar com o noro. Escrevi um testamento, se é que dá para acreditar, mas deletei.

Maddie viu luzes na água e achou que fossem barcos de resgate chegando, mas percebi imediatamente que eram botes salva-vidas infláveis e que precisávamos sair da cabine. Corremos ao convés principal, tentei pegar dois coletes (alguém sacana me deu um soco no ouvido) e Maddie e eu nos separamos.

Um segurança estava tentando organizar todo mundo. Algumas pessoas ouviam, a maioria não. Os botes ficam no convés principal e é uma queda muito alta, eles precisam ser baixados por guinchos. Não é fácil, se você não sabe o que está fazendo.

A adrenalina anulou a vontade de vomitar, mas eu não tinha nenhum senso de equilíbrio e estava tombando para tudo que é lado.

Vi umas coisas feias.

Um bote caindo, pessoas agarradas em cima e penduradas nas

laterais.

Algum escroto acendeu um sinalizador dentro de um bote que estava sendo baixado para a água. Ele sibilou, tossiu e queimou como um fogo de artifício. Dava para ouvir os gritos das pessoas presas lá, mesmo acima do vento.

Quando já ia chegar ao convés dos barcos, alguém trombou em mim e eu escorreguei, caí na piscina e engoli uma tonelada de água. Saí, escorreguei na piscina de novo, dessa vez quase fui comido por um colchão que tinha caído nela.

Àquela altura, todos os botes do meu lado haviam sumido. Tentei alcançar o outro lado, mas o pânico era total: gente empurrando, se estapeando e simplesmente se jogando nos botes que restavam. Perdi o último por alguns segundos, se bem que a mulher depois de mim saltou para dentro enquanto ele estava descendo.

Inacreditável.

Não sei o que aconteceu com ela.

Naquele momento, o mar estava mais do que agitado.

Ouvi alguém gritar: "Venham para cá!" Olhei e vi um segurança balançando os braços acima da cabeça logo abaixo de mim. As pessoas tentavam chegar até ele, perdidas como eu. Não sei como descii a escada sem quebrar o pescoço. Gritando a plenos pulmões, o homem avisou que havia botes infláveis no ponto de encontro da tripulação. Mandou que o acompanhássemos de volta para dentro do navio.

Não sei como eu o perdi. Estava escuro lá dentro e o movimento era tão ruim que eu literalmente não conseguia andar. Fui de quatro até o que eu esperava que fosse pelo menos um corrimão ou algo em que pudesse me agarrar. Consegui abraçar uma daquelas colunas em forma de anjo. O navio estava gemendo e gritando, parecia querer se partir ao meio.

Quanto tempo durou?

Não sei, porra. Quanto tempo é "para sempre"? Mas fico feliz pra caralho porque não estou num daqueles botes. Devemos ter sido apanhados por um furacão ou algo assim, porque

puta que pariu meu deus os motores estou ouvindo os motores  
como isso aconteceu porra?

**8<sup>o</sup> DIA**

---

## **A ASSISTENTE DA BRUXA**

Maddie e Xavier estavam sentados lado a lado na varanda de Celine, as pernas apoiadas no corrimão. O navio tinha começado a se movimentar uma hora antes. Ela fitava a escuridão, ouvia o barulho da água batendo no costado da embarcação, o latejar grave do motor. Uma brisa agitava seu cabelo. Era quase agradável.

Xavier abriu a boca para falar.

– Não – disse ela. – Simplesmente, não.

Maddie segurou a mão dele e entrelaçou os dedos.

Juntos, esperaram em silêncio.

# **VOLTOU!**

## **Navio de cruzeiro desaparecido encontrado perto de Key West**

Notícia de última hora: capitão de iate vê *O Belo Sonhador*

Às 4h30, horário do Leste, José Ferrigno, capitão do iate *Fama Instantânea*, disse ter visto um navio movendo-se com dificuldade 5 milhas a leste de Key West. Ele informou à autoridade portuária que a embarcação estava se inclinando perigosamente a bombordo. Agora foi confirmado que a embarcação danificada é o cruzeiro *O Belo Sonhador*, que estava desaparecido havia cinco dias. Apesar de extensas buscas no golfo do México e nas águas próximas, não se vira traço do navio ou de seus passageiros, e o desaparecimento deixou perplexos os especialistas do ramo. Com baixas estimadas em números ainda maiores do que os dos desastres aéreos da Quinta-Feira Negra de 2012, o desaparecimento do *Belo Sonhador* já estava sendo considerado o maior desastre marítimo desde o *Titanic*.

Acompanhe nosso noticiário minuto a minuto e o blog ao vivo.

Nosso repórter Jonathan Franco está no local.

@jonf667

Navio inclinando muito. Parece que todos os botes salva-vidas sumiram.

Algum dano evidente no casco.

@jonf667

Embarcação de resgate e helicópteros no local. Ainda não há

notícias de sobreviventes.

@jonf667

Boatos de que José Ferrigno viu sobreviventes a bordo.

@jonf667

Mensagem gravada de JF à Guarda Costeira: “[Há] uma luz no lado de bombordo. Acho que há gente no navio.”

@jonf667

José Ferrigno supostamente tem um histórico de vício em drogas.

@jonf667

Nenhum sinal de sobreviventes sendo levados por helicóptero, mas há informes de que pode haver corpos a bordo.

Atualização:

**10h32**

Um porta-voz da Agência Nacional de Segurança dos Transportes confirmou agora que nenhum sobrevivente foi encontrado. A empresa proprietária do *Belo Sonhador*, a Companhia de Cruzeiros Foveros, revelou que havia 2.019 passageiros a bordo: 716 britânicos, dois alemães e o restante de americanos. A maioria dos oficiais e engenheiros era de italianos, e grande parte dos tripulantes de serviço era de nações em desenvolvimento. Todos os 2.964 hóspedes e tripulantes ainda são considerados desaparecidos.

Atualização:

**10h57**

Um porta-voz da Companhia de Cruzeiros Foveros diz que não deseja especular neste momento, mas declarou: “Danos estruturais e a ausência de todos os botes salva-vidas sugerem que o navio se defrontou com sérias condições de clima e do oceano, o que precipitou uma ordem de evacuação. É o procedimento-padrão numa eventualidade dessas. O fato de que a embarcação está danificada e de que todos os botes parecem ter sido perdidos no

mar sugere que a causa mais provável para essa tragédia terrível é uma catástrofe natural.”

Meteorologistas confirmam que há três dias houve uma tempestade tropical de leve a forte poucos quilômetros a oeste das Bahamas. Os relatos oficiais sobre as condições climáticas nas vizinhanças estimadas da embarcação ainda não foram liberados pelas autoridades.

## **Corpos encontrados no Cruzeiro de Pesadelo**

O Departamento de Medicina Legal do Condado de Dade confirmou que os corpos de duas mulheres foram encontrados a bordo do *Belo Sonhador*. Uma delas foi identificada como Kelly Louise Lewis (32 anos), recepcionista de um salão de beleza em Essex, Inglaterra. O segundo, de uma senhora idosa, ainda não foi identificado.

Melanie Zindell, amiga íntima dos Lewis, pede que a imprensa respeite a privacidade da família enlutada, mas disse que os pais da Srta. Lewis mandaram suas condolências aos parentes dos outros passageiros e tripulantes desaparecidos.

Um porta-voz da Companhia de Cruzeiros Foveros, proprietária dos navios da "Classe Belo" – inclusive o *Sonhador* e o *Prodígio*, que ficou à deriva durante dois dias no ano passado em Cozumel após um defeito no sistema de propulsão –, declarou que a empresa se solidariza com a família e os amigos da Srta. Lewis e fará todo o possível para cooperar com as investigações da Agência Nacional de Segurança dos Transportes.

## **Vozes das profundezas?**

LONG ISLAND, NY – Centenas de enlutados foram ontem à noite para as ruas de East Meadow prestar tributo à controvertida médium paranormal Celine del Ray, tida como uma das vítimas do desastre marítimo do *Belo Sonhador*.

Del Ray esteve nas manchetes em 2014 quando declarou publicamente que “tinha provas, dadas por seus guias espirituais”, de que Lori e Bobby Small – vítimas de um dos quatro acidentes aéreos da Quinta-Feira Negra, ocorridos em 12 de janeiro de 2012 – estavam vivos e sofrendo de amnésia. A mãe de Lori, Lillian Small, supostamente gastou as economias de toda a vida contratando detetives para procurar os parentes, apesar de as provas de DNA confirmarem que sua filha e seu neto haviam morrido no acidente. No ano passado, Lillian Small revelou sua intenção de processar Del Ray por danos emocionais.

Dentre os enlutados estava Elisha Cobalt (47 anos), uma praticante de “medicina espiritual” do Brooklyn, NY, que disse que vinha recebendo “atualizações” diárias de Archie, um dos guias espirituais de Celine del Ray: “Ele fala que os dois estão juntos agora e que ela quer que todos saibam que em breve mandará informações sobre os passageiros desaparecidos.”

Elisha ofereceu seus serviços às famílias e aos amigos dos que supostamente se afogaram quando o cruzeiro encontrou águas turbulentas no golfo do México.

## ***O Belo Sonhador: um Mary Celeste dos dias atuais?***

Faz um mês que *O Belo Sonhador* reapareceu de súbito, após cinco dias perdido misteriosamente no mar. E parece que a Agência Nacional de Segurança dos Transportes ainda não tem ideia do que aconteceu com as 2.962 pessoas a bordo – sem levar em conta as duas mulheres encontradas mortas.

Será que os tripulantes e passageiros do *Belo Sonhador* sofreram o mesmo destino dos embarcados no *Mary Celeste* e em outros navios fantasmas ao longo da história?

Afinal de contas, nos tempos atuais, como um barco capaz de abrigar confortavelmente três mil pessoas pode desaparecer? Foram feitas buscas intensas durante os cinco dias depois do misterioso desaparecimento, mas nenhum traço de seu paradeiro foi encontrado. Os teóricos da conspiração estão se deleitando e, como já era de se esperar, há muitos boatos na internet e na imprensa dizendo que *O Belo Sonhador* foi vítima do famoso Triângulo das Bermudas, ainda que esse mito tenha sido derrubado em numerosas ocasiões.

Segundo uma declaração da Companhia de Cruzeiros Foveros, o diário de bordo do capitão, as gravações de circuito fechado e a caixa-preta do GPS parecem ter sofrido danos e “não têm nada de conclusivo a acrescentar”. Os especialistas parecem concordar apenas que o capitão deve ter ordenado uma evacuação, já que todos os botes salva-vidas estavam desaparecidos. Mas ninguém pode explicar por que um navio sem tripulação, no meio da corrente do Golfo, não foi levado para o vasto oceano Atlântico.

Também há sinais de um surto de norovírus. Um especialista em resgate, que pediu para não ter seu nome revelado, afirmou: “O

lugar estava uma sujeira. Não existia comida, havia móveis quebrados por toda parte e o fedor era uma mistura de uma estação de tratamento de esgoto e o banheiro de um bebedorão.”

A opinião oficial é de que o navio saiu do curso, um incêndio desativou por um tempo o sistema de propulsão e, com medo das notícias ruins e da queda nos lucros que a Foveros tem sofrido recentemente – e temendo uma represália por parte dos executivos da empresa –, o capitão não quis enviar um pedido de socorro. A embarcação foi surpreendida por uma tempestade e, então, ordenaram a evacuação.

E quanto a José Ferrigno, o homem que descobriu o navio e alega ter visto sobreviventes a bordo? Ele não é nem de longe uma testemunha confiável, dado seu histórico de traficante e usuário de drogas, além de depressivo, mas Ferrigno sustenta com firmeza suas afirmações. Será que está simplesmente dando uma esperança falsa ao mundo?

De qualquer forma, *O Belo Sonhador* (ou devemos chamar de *O Belo Pesadelo*?) não é nem de longe o primeiro navio a deixar o mundo perplexo:

- Em 2003, um misterioso petroleiro sem nome ou registro foi encontrado a 35 milhas do litoral da Austrália. Acreditou-se que ele havia transportado refugiados, mas ninguém foi encontrado a bordo, e o único sinal de ocupação era um bichinho de pelúcia.
- Em 1872, o *Mary Celeste*, talvez o mais famoso “navio fantasma”, foi descoberto flutuando sem tripulantes, mas com toda a carga e os suprimentos intactos.
- O *Jenny* foi encontrado dezessete anos depois de desaparecer na Antártida em 1823. A última mensagem do capitão dizia: “4 de maio de 1823: Sem comida há 71 dias. Sou o único que resta vivo.”

## **Marinheiro que descobriu o misterioso cruzeiro é encontrado morto**

O homem que descobriu *O Belo Sonhador* morreu de uma suposta overdose. José Ferrigno (49 anos), que tinha histórico de depressão e uso de drogas, foi encontrado morto em sua casa ontem, aproximadamente às 19h. Os informes iniciais sugerem que ele se suicidou.

Ferrigno, que ganhou fama há três meses, era enfático em dizer que tinha visto sobreviventes a bordo do cruzeiro. Isso foi negado repetidas vezes pelos primeiros a chegar ao local, pela Guarda Costeira e a Agência Nacional de Segurança dos Transportes.

Os teóricos da conspiração, que apoiaram as afirmações de Ferrigno, acreditam que há um acobertamento global e falam que isso é mais uma prova de que as autoridades estão escondendo alguma coisa.

Um porta-voz do Departamento de Medicina Legal do Condado de Dade recusou-se a fazer uma declaração sobre essas alegações.

Ferrigno morava sozinho. Um vizinho encontrou seu corpo.

## **A ANS nega existência de sobreviventes e descreve documentos vazados como “uma fraude bem-feita”**

A Agência Nacional de Segurança foi questionada de novo depois da viralização de vários documentos – supostos interrogatórios com passageiros e tripulantes do *Belo Sonhador* –, vazados pelo @anonymous998. A origem é desconhecida.

Os documentos surgiram em meio às amplas especulações sobre o destino e o paradeiro dos 2.962 passageiros e tripulantes que estavam a bordo da embarcação quando ela saiu de Miami em 28 de dezembro de 2016.

Segundo a sequência “mais provável” de eventos proposta pela Agência Nacional de Segurança dos Transportes (ANST), a embarcação começou a ter dificuldades depois de perder potência devido a um incêndio na sala dos motores. Temendo que o navio emborcasse no mar agitado, a tripulação ordenou a evacuação. Acredita-se que uma tempestade tropical afundou os botes salva-vidas, matando qualquer sobrevivente.

Críticos de várias áreas argumentam que a teoria carece de coerência e não é corroborada pelos fatos conhecidos. Alguns críticos acusaram a Guarda Costeira e a ANST de serem cúmplices, ocultando dados importantes e o fato de que pelo menos algumas pessoas sobreviveram a bordo do malfadado navio.

O conselheiro de Segurança Nacional tuitou hoje de manhã para refutar essas afirmações: “Negamos categoricamente que esses documentos sejam verdadeiros”; “São uma fraude bem-feita, destinada a minar nossos esforços de segurança”; “Definitivamente não havia sobreviventes a bordo do *Belo Sonhador*”.

## ALTAMENTE SECRETO

NÃO COPIE, NÃO MANDE POR E-MAIL

Anexas estão as transcrições resumidas dos interrogatórios realizados com as cinco pessoas descobertas a bordo do *Belo Sonhador* em 5 de janeiro de 2017.

Há duas transcrições adicionais na forma de relatórios; são resumos dos três primeiros e omitem as declarações desimportantes e repetitivas. Algumas informações foram apagadas dos anexos por serem classificadas atual e adequadamente de acordo com a Ordem Executiva 12988, conforme emenda. Elas atendem aos critérios de sigilo e estão postas nos subparágrafos (c) e (g) da Seção 1.4 e permanecem categorizadas como ALTAMENTE SECRETAS e SECRETAS conforme determinado na Seção 1.2 da Ordem Executiva. São sigilosas porque sua revelação poderia provocar danos excepcionalmente sérios à segurança nacional.

Os relatos foram dispostos de forma cronológica, com o objetivo de proporcionar referências cruzadas. Um resumo das descobertas se seguirá em breve.

Os interrogatórios foram supervisionados por [REDACTED] e [REDACTED], todos com formação em técnicas de interrogatório aprovadas em [REDACTED]. Os parapsicólogos [REDACTED] e [REDACTED] também estavam presentes. Os interrogadores foram instruídos a, sempre que possível, extrapolar informações sem confrontos e de modo fisicamente não intrusivo. O objetivo primário era determinar o paradeiro e o destino dos outros 2.957 passageiros e tripulantes que estavam a bordo do *Belo Sonhador* quando este deixou o porto de Miami em 28 de dezembro de 2016.

Os interrogados foram mantidos separados nas instalações do [REDACTED], que tem um nível de segurança [REDACTED]. A única interação deles foi com os funcionários, que eram monitorados o tempo todo.

Levamos em conta a correlação possível com o recente Incidente do Costa Rica – quando um navio pesqueiro, supostamente carregando 55 imigrantes ilegais, desapareceu junto ao litoral da Espanha – e com os eventos conhecidos pela mídia como “Quinta-Feira Negra”. [Ver adendo 17a na Seção 18c.]

Por favor, revise o material e faça suas recomendações quanto ao modo de proceder no máximo até 31/3/17.

NÃO COPIE, NÃO MANDE POR E-MAIL

>> Smith, Xavier L. / Interrogatório 1 / Página 1

NOME: Xavier Llewellyn Smith

NASCIMENTO: 17/11/88

ENDEREÇO: Rua 47 A, South Beach, Miami

OCUPAÇÃO: Escritor autônomo.

Escreve um blog diário intitulado "Blog do Curinga", cujo objetivo é desmascarar paranormais e curandeiros. Afirma ser sócio da Sociedade Americana de Céticos. Ver adendo 34a para cópias dos textos do blog tiradas do notebook de Smith. Ele é sustentado financeiramente por uma poupança feita em seu nome pelo falecido avô materno. Smith está afastado dos pais biológicos.

NOTAS: Inicialmente, Smith mostrou-se hostil. A avaliação psiquiátrica não revela sinais de atividade alucinatória ou desordem de personalidade. Nenhum histórico de problemas de saúde mental. Testes revelam que é usuário ocasional de álcool e maconha.

Sr. Smith, por favor, comece dizendo seu nome e data de nascimento.

XS: Eu já disse: não vou falar mais nada enquanto não estiver com meu advogado. Sério, de onde você é? Da ANS? Segurança Interna? O quê?

Sr. Smith, agradeceríamos sua cooperação.

XS: Vá se foder. Não sou um imigrante ilegal. Sou cidadão americano. Vocês não podem fazer isso com pessoas como eu.

*[O interrogatório é interrompido devido à agitação do interrogado.]*

Sr. Smith, anteriormente o senhor disse que a embarcação estava à deriva durante cinco dias, com todas as comunicações e a maior parte dos sistemas operacionais

fora de ação. Durante esse tempo, onde o navio estava?

XS: Como é que eu vou saber? Não sou navegador. O navio se perdeu. Foi levado pela corrente do Golfo, talvez. Se perdeu no Triângulo das Bermudas. Não sei, porra.

E o senhor estava a bordo com o objetivo de confrontar Celine del Ray a respeito do caso Lillian Small. Correto?

XS: É.

Qual é o seu interesse em Celine del Ray, Sr. Smith?

XS: Não gosto do que ela faz. Enganar as pessoas.

O senhor tem alguma história pessoal com ela?

XS: Não.

O que provocou o seu interesse pelas atividades da Sra. Del Ray?

XS: Eu a ouvi naquele programa de rádio. O do Kavanaugh. Ela disse que sabia que Bobby Small e a mãe dele estavam vivos. Isso me deixou puto.

E sua intenção era confrontá-la durante o cruzeiro?

*[O interrogado faz uma pausa de vários segundos.]*

XS: É. Só que o tiro saiu pela culatra, não foi?

Em que sentido, Sr. Smith?

XS: Meu Deus, eu já disse. Por causa do que ela fez. Colocando a gente sob uma hipnose coletiva ou sei lá o quê. Eu contei a vocês quando fui trazido para cá.

Por favor, acalme-se, Sr. Smith. Só estamos tentando ajudá-lo.

XS: É, claro que estão. Não pense que eu não sei que comprei um bilhete só de ida para Guantánamo. Ninguém sabe que nós estamos aqui, certo? O mínimo que vocês podem fazer é responder isso.

Posso garantir que, assim que o tivermos interrogado, o senhor ficará livre para seguir com sua vida.

XS: *[risos]* É, claro.

Recapitulando: o senhor acredita que tudo o que se passou desde o quarto dia do cruzeiro é resultado de uma alucinação?

XS: Me diga você. É possível. O que eu vi é impossível.

Gostaríamos de saber o que o senhor viu.

XS: Aposto que sim.

Onde estão os passageiros e tripulantes desaparecidos?

XS: Quer mesmo saber? Nós envenenamos os Mai Tais deles com vodca barata. Acrescentamos açúcar refinado extra na fonte de chocolate. Um a um eles sucumbiram, por isso não tivemos escolha a não ser jogá-los no mar.

Sr. Smith, estamos simplesmente tentando entender a situação.

XS: Vocês e eu. Não sei onde eles estão. *[O interrogado levanta a voz e bate com o punho na mesa.]* Não sei onde eles estão, porra. Celine del Ray estava comandando algum tipo de seita suicida. Depois que o capitão e os tripulantes abandonaram o navio durante a tempestade, talvez ela tenha mandado todos pularem no mar. Não sei. Por que estamos aqui? O que vocês estão escondendo da gente?

*[O interrogatório é suspenso.]*

>> Gardner, Madeleine / Interrogatório 1 / Página 2

mas, sim, eu sabia que Celine era uma fraude quando aceitei o emprego. Se queria que eu falasse, aí está. E daí? Mas isso não explica Lizzie Bean, Archie ou o que outras pessoas disseram ter visto a bordo da porcaria daquele navio.

A senhorita acredita que eram seres físicos?

MG: Acha que eu não sei o que isso parece? Escute, você pediu para eu dizer o que vi, com minhas próprias palavras. Foi isso que eu vi. Vi Lizzie Bean. É maluquice? Então estou maluca. Xavier tem as próprias teorias sobre isso: hipnose coletiva ou sei lá o quê. Mas a gente sabe quando uma coisa parece real. Lizzie Bean não deveria existir, mas existia. Os outros não deveriam existir, mas as pessoas viram.

A senhorita perguntou a Celine del Ray sobre eles?

MG: Não. Mas tenho minha teoria sobre o motivo de eles estarem lá.

E qual é?

MG: Ela os usou para nos manipular. Provocar medo. Ela achava divertido. Não há nada mais poderoso do que o medo, se você quiser controlar alguém. Xavier diz que eu vi o que queria ver. Que eu engoli o papo furado de Celine. Mas... todas as coisas que aconteceram depois... de jeito nenhum tudo aquilo poderia estar na minha cabeça.

A senhorita disse antes que "Celine não era Celine".

MG: Todas as atitudes dela depois que o navio parou – depois que teve o ataque ou sei lá que diabo foi – não encaixavam com sua personalidade. Ela não era Celine. Quero dizer, a antiga Celine. Ela falava como Celine, tinha as memórias dela, mas... dava para ver nos olhos. Não. Não era Celine.

A senhorita acredita que ela estava possuída?

MG: Meu Deus. Não. Talvez. Eu... Olha, ainda estou tentando pensar direito em tudo isso, entender. Isso ainda vai demorar muito? Quando posso ir embora?

A senhorita não está presa.

MG: Mas não posso me levantar e ir embora, não é?

Como dissemos quando a senhorita foi trazida, isto é meramente um interrogatório. Uma formalidade necessária. As pessoas que estavam no navio com a senhorita ainda não foram encontradas.

MG: A gente ouve histórias, só isso. Sobre o que vocês fazem. *[risos]*  
Agências secretas, pessoas desaparecendo, esse tipo de coisa.

Entendemos sua preocupação. Voltando à Sra. Del Ray... A senhorita declarou que ela estava possuída.

MG: Eu não disse exatamente isso.

Se ela estava possuída, a senhorita poderia especular por quem? Ou o quê?

MG: Ainda não estou preparada para responder isso. Nem tenho certeza se sei a resposta.

Vamos seguir adiante: o que aconteceu depois que *O Belo Sonhador* passou a funcionar de novo?

MG: Ai, meu Deus. Quando o navio se moveu de novo, Xavier e eu continuamos na suíte de Celine durante um tempo. Acho que sentimos que estaríamos seguros lá dentro e... acho que eu não estava preparada para ver onde estávamos ou o que poderíamos enfrentar. Não sei quanto a Xavier, mas àquela altura eu tinha me convencido de que alguma coisa medonha devia ter acontecido em terra firme, impedindo que o resgate chegasse até nós. Ou que tínhamos ido para águas não mapeadas, só que hoje em dia não existe nada não mapeado, certo? Logo, sim... A princípio esse medo me imobilizou.

Não sei quem tomou a decisão de sair, no fim das contas. Acho que nem debatemos isso, só ficamos de pé e saímos. Eu bati de novo à porta de Helen para verificar se ela estava lá. Tinha tentado muitas vezes, portanto não sabia se ela havia saído nos botes salvavidas ou não. Não imaginava como, com Elise tão doente. Saímos da cabine e fomos lá para fora, ao convés da piscina. Ainda estava escuro – era por volta de quatro da madrugada.

Quem estava lá?

MG: Quase todo mundo que restava a bordo. A maior parte do contingente de Celine. Duzentas pessoas, talvez. E um casal hospedado no andar de Celine. Os Linemans, Linekers, sei lá – algo assim. Lembro de ter visto os dois quando Xavier e eu corremos

para os botes. Ninguém estava falando. Fantasmagórico era talvez a melhor palavra para definir. Àquela altura eu já deveria estar acostumada com coisas me assustando, mas isso ainda me deixa arrepiada. Não havia sinal de Celine. Então uma voz masculina com sotaque italiano soou pelos alto-falantes e disse que estávamos chegando perto de Miami. Ele parecia nervoso, a voz embargada. Mais tarde fiquei sabendo que era o Baci. Tinha ficado para trás quando os outros oficiais abandonaram o navio. Não sei por que não foi embora. Ele nunca fez parte do grupo de Celine. Acho que nem havia se encontrado com ela até os motores voltarem a funcionar.

Por que Miami? Por que não outro porto?

MG: Não sei. Talvez fosse o mais perto. Xavier disse que a tripulação pôde descobrir onde o navio estava usando navegação manual, de modo que é possível. Talvez Baci só quisesse ir para casa. Talvez fosse ideia de Celine.

A senhorita falou com alguém enquanto estava no convés?

MG: Não. Todo mundo estava em choque, ainda se recuperando da tempestade. Vi Jacob, um dos seguidores originais de Celine, se é que a gente pode chamar assim, e ele me cumprimentou, mas foi só essa interação que Xavier e eu tivemos com alguém ali. Todos tínhamos passado por muita coisa. Ah, espere... mentira. Xavier foi até uma garota que ele conhecia. Disse que o nome dela era Lisa. A mulher estava descontrolada, mal parecia ver Xavier.

Ficamos em silêncio e esperamos. Cinco, dez minutos passaram, e Xavier falou que o oficial devia ter cometido um erro com relação à localização.

Por quê?

MG: Porque, se estávamos nos aproximando de Miami, deveríamos ver luzes. Mas não havia nenhuma luz. O litoral estava completamente escuro.

Estou cansada. Posso parar um pouco agora?

*[O interrogatório é suspenso.]*

na companhia de cruzeiros há cinco anos.

E estava feliz com seu posto, Sra. Trazona?

AT: Era um bom trabalho.

A senhora teve algum contato com Celine del Ray enquanto estava a bordo?

AT: Tive.

Poderia dizer como foi?

AT: Não. Não vou dizer nada enquanto vocês não me garantirem um visto de permanência. Vocês não podem me obrigar a falar.

*[A interrogada se recusa a falar dessa vez, a despeito de várias tentativas para encorajá-la. O interrogatório é suspenso.]*

NÃO COPIE, NÃO MANDE POR E-MAIL

NOME: Jesse Clarence Zimri

NASCIMENTO: 17/11/84

ENDEREÇO: Acacia Road, nº 7, Sun Valley, Cidade do Cabo

OCUPAÇÃO: Médico Clínico Geral.

O Dr. Zimri deixou voluntariamente seu consultório anterior em Tokai, Cidade do Cabo, depois de errar no diagnóstico de uma jovem de 16 anos, Sasha Lee Abrams. A Srta. Abrams reclamava de dores de barriga, que o Dr. Zimri diagnosticou como colite. Mais tarde, Sasha morreu de complicações devido a uma gravidez ectópica. O interrogado era viciado em meperidina, mas, na ocasião, não foi para uma clínica de reabilitação. É casado com Farouka Majiet, mas

vivem separados.

NOTAS: O primeiro interrogatório com o Dr. Zimri foi cancelado. O interrogado estava delirando e sofrendo de abstinência de meperidina.

>> Fall, Helen / Interrogatório 1 / Página 2

a embaixada britânica? Isto não é uma conversa. É um interrogatório. Alguém ao menos sabe que estamos aqui?

Sra. Fall, vocês estão numa situação especial.

HF: Onde estamos? Presumo que ainda estejamos em algum lugar na Flórida. Como vocês conseguiram?

Conseguimos o quê, Sra. Fall?

HF: Nos pegar desse jeito. Presumo que ninguém saiba que estamos aqui. Tudo isto é muito Tom Clancy e estou muito impressionada. Bom, deixe-me esclarecer uma coisa: não vou falar com vocês, não importa o que façam comigo.

A senhora tem a nossa garantia de que, assim que ficarmos satisfeitos, será liberada destas instalações.

HF: E exatamente o que significa "assim que ficarmos satisfeitos"?

Precisamos de respostas, Sra. Fall. Precisamos saber qual é o destino dos passageiros e tripulantes que estavam ausentes da embarcação quando ela foi encontrada.

HF: E como vão fazer isso?

O quê, Sra. Fall?

HF: Livrar-se de nós depois de respondermos às suas perguntas, claro. Vocês têm um sistema parecido com o da Máfia, dando-nos como alimento aos porcos? Há modos piores de morrer, imagino.

Sra. Fall, temos o seu notebook. Temos motivo para acreditar que sua intenção e seu motivo para estar no cruzeiro era tirar a própria vida.

*[A interrogada demonstra sinais de perturbação.]*

HF: Isso é particular. Vocês não têm o direito de acessar meus pertences.

Sabemos que a senhora considera isso incômodo. Há muitas famílias aí fora que precisam de respostas.

HF: E não vão obtê-las comigo. Onde estão os outros? Onde está Maddie? Althea?

Estão sendo extremamente solícitos e cooperadores, Sra. Fall.

HF: Então vocês não precisam de mim.

*[A interrogada se recusa a responder a mais perguntas nesse momento. O interrogatório é suspenso.]*

>> Gardner, Madeleine / Interrogatório 2 / Página 2

e aí, quando o sol nasceu... bom... Nós vimos pela primeira vez.

Viram o quê, Srta. Gardner?

MG: Olha, vou contar o que eu passei, mas quero que fique oficializado de novo que sei que é inacreditável. É loucura. Mais do que loucura, na verdade, mas você pediu para eu ser honesta. Se quiserem me trancar num hospício depois, tudo bem.

Está devidamente anotado. Por favor, continue. O que foi que a senhorita viu – ou acreditou ter visto?

MG: O navio se aproximou do litoral, indo para o canal que leva ao porto, e quanto mais perto chegava, mais nós podíamos ver. Meu Deus. Acho que a primeira coisa que me bateu foi que eu não conseguia ver nada se mexendo. Ninguém na praia, nenhum barco na água. Nada.

Então Eleanor, uma Amiga do grupo central de Celine, teve a ideia de olhar através das lunetas do convés de exercícios. Mas eu

não precisava olhar por elas. À medida que ficávamos mais próximos, vimos prédios residenciais manchados de fumaça. Veículos – grandes caminhões do Exército – e barracas brancas, enormes, ao longo de toda a praia.

Meu Deus. Acho que foi então que o cheiro acertou a gente. Só de pensar, agora, fico enjoada. Uma brisa muito fraca soprou-o para nós. Você já sentiu cheiro de cadáver? Eu não tinha sentido. Até então. Imagine o fedor de dez mil corpos apodrecendo ao sol. Estava deixando todo mundo nauseado. Senti ânsia de vômito várias vezes, mas não tinha nada para pôr para fora.

Baci falou pelos alto-falantes outra vez e disse que não podia chegar mais perto sem um piloto guiando o navio. Os motores ainda funcionavam, mas o navio diminuiu a velocidade e parou.

Sei que você não acredita em mim, mas os outros vão confirmar o que eu digo. Quero dizer, por que eu inventaria uma história maluca assim?

E os outros que estavam a bordo? Como reagiram?

MG: Acho que, a princípio, a gente não acreditou no que estava vendo. As pessoas começaram a chorar, algumas disseram que deviam ter sido terroristas. Sabe como é, “As porras dos caras com panos na cabeça acabaram pegando a gente”, esse tipo de baboseira. Todo mundo sabia que alguma coisa tinha acontecido enquanto estávamos à deriva. Era o que todos esperávamos, acho. Mas ver daquele jeito... Os piores temores realizados. Meu Deus. Foi... Posso tomar um pouco d’água, por favor?

*[O interrogatório é interrompido por vários minutos.]*

Onde estava Celine del Ray a essa altura?

MG: No convés principal, com a cadeira de rodas parada na frente do bar Balneário. Não sei por quanto tempo ela já estava ali. Não a vi chegar. Jacob empurrou a cadeira até a amurada e todo mundo se virou para ela. Então Celine disse... disse algo do tipo: “Que bagunça. Desta vez a gente fez realmente uma bagunça.” Não posso ser exata. Eu estava bem abalada.

O que ela quis dizer com isso?

MG: Não sei. Ela não pareceu muito surpresa com o que via. Xavier estava ao meu lado e apertou minha mão com tanta força que senti os ossos estalarem. É o tipo de detalhe que torna tudo real. Ele ficou falando “Eu sabia, eu sabia, eu sabia”, repetindo e repetindo. “Eu sabia que alguma coisa tinha acontecido.”

Alguém disse, não sei quem foi – Eleanor de novo, talvez: “Será que a gente deveria ver se tem algum sobrevivente?”

Ninguém respondeu durante cerca de um minuto. Ficou claro que Miami estava fodida – desculpe. Não sabíamos se tínhamos chegado depois de uma guerra, uma peste ou sei lá o quê. Então a represa estourou e começaram discussões, algumas pessoas falando que deveríamos ir à terra verificar, outras que seria loucura, caso uma arma biológica tivesse sido usada ou algo assim. Celine deixou as pessoas debaterem. Acho que ela sabia que todos precisavam pôr aquilo para fora.

Quando houve uma diminuição nos gritos, Celine disse: “Vão ver, se quiserem. Mas eu não me daria o trabalho.”

Todos nos viramos para olhá-la. Então ela perguntou: “Algum voluntário?”

Ninguém falou durante séculos, depois um segurança, Devi, deu um passo à frente e disse que iria. Ele parecia péssimo, como se tivesse sido atropelado por um ônibus, o rosto todo inchado, com hematomas. Rogelio, um dos assistentes do diretor do cruzeiro, implorou que ele não fosse.

Acho que foi então que as pessoas começaram mesmo a perceber a situação, a perguntar “E se não for só Miami?” e a comentar sobre os amigos e parentes. Celine falou de novo, algo do tipo: “Não é só Miami, queridos.” E ela começou... Meu Deus, acho que você chamaria de pregação. Falou durante pelo menos meia hora, prometendo que as pessoas veriam seus entes queridos de novo “em espírito” e lembrando que ela mantivera todo mundo em segurança até então. As pessoas queriam alguém que dissesse o que fazer. Estavam aterrorizadas, traumatizadas, abaladas. Celine era boa em falar. Esse era seu verdadeiro dom. Quando falava, os outros ouviam. Nem Xavier interrompeu.

Devi ainda insistia que queria sair do navio e ver o que tinha acontecido. Então, do nada, Xavier disse: “Eu também vou.” Lembrei que ele morava em South Beach. Eu tinha visto o endereço dele na carteira de motorista. Celine deu um sorriso enorme e piscou para ele. Era quase como se quisesse que ele fosse. E então eu me vi dando um passo à frente. Só Deus sabe o que me levou a fazer isso.

Ainda não sei.

Jacob queria saber como chegaríamos em terra firme, e um marinheiro disse que ainda havia uma lancha auxiliar que tinha emperrado quando os turcos foram liberados de modo incorreto, ou algo assim. Falou que ela estava pendurada num ângulo maluco, mas que poderia soltá-la. Devi sugeriu que levássemos o médico do navio e me mandou com Xavier para procurá-lo. Havia horas que ninguém o via.

Nós o encontramos dormindo numa cama hospitalar. Ele parecia ter bebido e mal reagiu quando viu o litoral pela primeira vez. Tinha sido bem sacana ao lidar com Celine, por isso eu não via muito sentido em levá-lo, mas Devi insistiu. Um enfermeiro, Bin, que estava passando mal demais, também falou que queria ir. E então outras pessoas começaram a se oferecer. Devi deu um fim a isso. Avisou que quem fosse deveria usar equipamento de proteção e aparato para respirar, para o caso de haver infecção. Ele havia recolhido as roupas de combate a incêndio do navio, que incluíam capacetes e tanques de oxigênio – meu Deus, eram pesados demais –, e só havia cinco delas. Só tínhamos uma hora de oxigênio, logo, independentemente de qualquer coisa, seria uma viagem curta.

Enquanto a lancha auxiliar era solta, Xavier e eu ficamos no convés principal. Ele estava na dele, não queria conversar. Ficava olhando para o litoral. Celine estava ocupada organizando todo mundo, mandando ajeitar as cadeiras que tinham sido jogadas para todo lado durante a tempestade, mandando Althea e outras pessoas pegarem garrafas d’água e o que pudessem encontrar. Falava para as pessoas não se preocuparem, que eram sortudas e, por enquanto, estavam em segurança no navio. Por enquanto.

As pessoas trabalhavam juntas. Era bom ter algo para fazer. Uma passageira – uma mulher com quem eu não tinha falado antes –

perguntou a Celine se podia organizar um grupo de oração e ela lhe disse para ir em frente.

Paulo, um camareiro, ia pilotar a lancha, e Devi informou que precisaríamos embarcar por uma baía de carga, o que parece mais fácil do que foi. Paulo não tinha uma daquelas roupas medonhas e pesadas e estava aterrorizado, realmente se borrando. Tentei tranquilizá-lo, mas o que poderia dizer? “Não se preocupe, não é o fim do mundo”?

Xavier ainda estava em outra dimensão, e o médico e Bin se revezavam vomitando por cima da amurada. Eu me sentia... meu Deus, acho que vulnerável seria a palavra certa, enquanto nos afastávamos do *Belo Sonhador*, tão alto acima de nós, lançando a sombra ao redor.

Posso tomar um café, ou algo assim?

*[O interrogatório é suspenso.]*

>> Trazona, Althea / Interrogatório 2 / Página 2

AT: Você arranhou meu visto de permanência?

Estamos trabalhando nisso, Sra. Trazona. Essas coisas demoram. Ajudaria se a senhora demonstrasse que está disposta a cooperar.

AT: Não sou idiota. Sei como isso funciona. Se vocês me ajudarem, eu ajudo vocês. Vi pessoas demais serem deportadas para confiar em vocês.

Garantimos que isso não vai acontecer, Sra. Trazona. Se cooperar, garantimos que a senhora e seu filho estarão em segurança.

AT: O menino? Vocês encontraram o menino?

Que menino, Sra. Trazona? *[A interrogada se recusa a responder.]* Sra. Trazona, nossos testes médicos mostram que a senhora está com oito semanas de gravidez. De novo, garantimos que...

AT: Se eu ajudar, vocês me garantem a cidadania?

Sim.

AT: Quero isso por escrito.

*[O interrogatório é interrompido por várias horas.]*

AT: O que vocês querem saber? Só vou responder o que quiser responder.

Entendido. Sra. Trazona, poderia, por favor, contar sobre seu relacionamento com Celine del Ray?

AT: O que é que tem?

A senhora gostava de Celine del Ray?

AT: Se gostava? Não. Não gostava dela.

Poderia explicar por quê?

AT: Eu conseguia ver o que ela era. Não era confiável. Eu sabia isso desde o início. E estava certa. Ela me enganou. Me usou. Como usou todo mundo.

Antes a senhora mencionou algo sobre o menino com quem falou no navio.

AT: Não havia nenhum menino.

Quando a senhora foi trazida para estas instalações, contou ao nosso representante médico que o pessoal do resgate deveria voltar ao navio e encontrar o menino.

AT: Não existe menino.

*[A interrogada se recusa de novo a falar. O interrogatório é suspenso.]*

>> Smith, Xavier L. / Interrogatório 2 / Página 3

XS: Maddie estava delirando. Pude ver isso assim que nos encontramos de novo na suíte, depois da tempestade. Celine tinha

dito alguma coisa a ela. Contaminou-a com o papo furado.

Sr. Smith, antes o senhor disse: "o que vi é impossível". Poderia esclarecer?

XS: Não vi nada. Deixe-me esclarecer de novo. O navio ficou à deriva. Houve uma tempestade do caralho. O capitão e a tripulação nos abandonaram, as pessoas entraram em pânico e escaparam em botes salva-vidas. Todos os que ficaram para trás foram vítimas de um delírio coletivo, acreditando que voltaram a uma Miami alternativa. Uma Miami totalmente fodida. Depois... merda, não sei. Celine convenceu todo mundo a pular na água, sei lá.

Por que ela faria isso, Sr. Smith?

XS: Gente como ela quer fama. Talvez quisesse entrar para a história ou algo assim.

O senhor disse que o navio ficou à deriva durante cinco dias antes que os motores voltassem a funcionar. Onde ele esteve nos dois dias depois disso?

XS: Rodando e rodando pela corrente do Golfo. Como vou saber?

O senhor nega categoricamente que saiu do navio em algum momento?

XS: Ai, meu Deus. Quantas vezes mais?

*[O interrogado fica agitado. O interrogatório é suspenso.]*

>> Fall, Helen / Interrogatório 2 / Página 5

Senti o navio parar. Não me mexi durante um tempo. Não queria sair de perto dela.

Está falando de Elise Mayberry?

HF: Estou.

Então a senhora não estava no convés quando o navio chegou ao primeiro destino.

HF: Não.

Não viu nada? Não ficou ao menos curiosa?

HF: Eu estava de luto. E tinha visto o suficiente. Tinha visto o mais baixo que as pessoas podem ir.

Lamentamos sua perda e agradeceríamos se conversasse conosco.

HF: Não estou fazendo isso por vocês nem pelas famílias de quem perdeu pessoas. O que peço é simples: que, depois de fazerem quaisquer testes ou o que quer que vocês precisem fazer, as cinzas de Elise sejam espalhadas perto das cinzas do marido.

Onde?

HF: Não sei. Vocês conseguem descobrir essas coisas, não é? O que fizeram com o corpo de Elise?

Posso assegurar que os restos mortais da Sra. Mayberry estão sendo...

HF: Eu deveria ter ido com ela. Deveria ter ido com ela quando tive chance. Só que... Só que...

*[A interrogada fica visivelmente perturbada. O interrogatório é suspenso.]*

>> Zimri, Jesse C. / Interrogatório 2 / Página 2

JZ: Não estou bem. Não estou em condições de responder às suas perguntas. Preciso... Acho que contraí o norovírus. Já não era sem tempo, porra.

Dr. Zimri, segundo Madeleine Gardner, o senhor fazia parte do grupo que saiu do navio. Pode confirmar?

*[O interrogado continua a protestar que deveria ter permissão de voltar ao quarto. O interrogatório recomeça depois de intervenção médica.]*

JZ: Meu Deus. O que vocês me deram? Diazepam?

Está se sentindo mais forte, Dr. Zimri?

JZ: *Ja*. Muito. Dolorido, mas tudo bem.

Dr. Zimri, segundo Madeleine Gardner, o senhor fazia parte do grupo que saiu do navio. Pode confirmar?

JZ: *Ja*.

Pode confirmar quem estava com o senhor?

JZ: Bin... Meu Deus. Bin... Porra. O cara da segurança, Devi, mas ele ainda estava num dia ruim. Maddie, a mulher que trabalhava para Celine del Ray. E um cara que eu não tinha visto antes.

Paulo, meu antigo camareiro, se dá para acreditar, estava pilotando o barco. Eu não sabia que ele era capaz. Não tive muita chance de conversar com ele, porque, apesar de não precisarmos ir longe, menos de um quilômetro, talvez, fiquei enjoado assim que embarquei. Bin também. Quanto mais perto chegávamos do continente, mais real tudo ficava. Eu tinha pirado totalmente quando vi o litoral pela primeira vez, no navio. Achei que estava imaginando aquilo. Agora estávamos perto dos prédios com as janelas quebradas, nenhum carro, nenhum barulho a não ser o motor do barco e um zumbido baixo que, mais tarde, descobri ser das moscas na praia.

O canal estava bloqueado por outro cruzeiro. Parecia intocado, mas estava entalado ali – era gigantesco e pude ler o nome: *O Belo Prodígio*. Paulo manobrou o bote até o fim do cais e atracou. Ele ainda parecia aterrorizado. Devi nos instruiu a colocar o equipamento. Comecei a suar no segundo em que pus a roupa; eu parecia estar enrolado em amianto. Ele disse que ia sair e ver se conseguia localizar uma delegacia ou descobrir algum militar – ah, *ja*, essa era a outra coisa, havia uns dois caminhões do Exército no passeio de pedestres. Vazios, mas dava para ver que, em algum momento, houvera presença militar.

O amigo de Maddie – um cara intenso, com tatuagens celtas ruins, não lembro o nome dele – falou que ia verificar o apartamento dele, que ficava pertinho do porto. Não tinha dito uma palavra o tempo todo em que estávamos no bote. Maddie afirmou que iria

com ele. Devi pediu para Bin e eu irmos pela praia e investigarmos que porra eram aquelas barracas gigantes enfileiradas. Fiquei seriamente preocupado com Bin e disse para ele ficar com Paulo. Ele se recusou. Eu deveria ter insistido mais.

*[O interrogado pede uma pausa de cinco minutos.]*

O senhor andou pela praia, Dr. Zimri?

JZ: *Ja.*

Por favor, continue, Dr. Zimri.

JZ: Vocês estão mesmo engolindo tudo isso que estou contando?

Por favor, continue, Dr. Zimri.

JZ: Meu Deus. Bom, foi um pesadelo desde o primeiro segundo. Para começar, quase caí do bote quando saí dele. Os tanques e o capacete... A gente precisa estar em muito boa forma para carregar todo aquele peso, mesmo em condições perfeitas, e tivemos que passar por cima de uma cerca e pelas pedras para chegar à porcaria da praia. Fazia um calor insuportável. Não sei se o cheiro podia atravessar o aparato de respiração ou se eu só estava imaginando. Meu Deus, era como... E Bin, fiquei mesmo com pena. Ele havia se dopado com Solu-Medrol e Imodium, mas isso não acabava com o noro.

Depois de cerca de um minuto, eu não pensava mais no que estava fazendo. Só andava.

Então chegamos à primeira barraca. Eram umas seis, acho. Ao longo da praia. Eu soube de cara o que eram. Sabia que era para ali que deviam ter levado os corpos, para afastá-los das moscas. Não faço ideia do motivo para ser ali. Talvez todos os outros lugares estivessem cheios. Era claramente algum tipo de operação em massa. Talvez planejassem jogá-los no mar. Havia uma pilha gigantesca de sacos de cadáver jogados uns em cima dos outros em volta da entrada. Alguém tinha coberto com cal, e a areia e outras merdas foram sopradas pelo vento, em cima. Mas não evitavam as moscas. Em alguns lugares elas eram tão densas que não dava para

ver a própria mão na frente do rosto.

Eu sabia que precisava abrir um, para ver com o que estávamos lidando.

E abriu?

JZ: *Ja.*

Poderia, por favor, descrever a condição do corpo?

JZ: *Ja.* Estava fodido. Por sinal, esse é um termo médico.

Na sua opinião, qual foi a causa da morte?

JZ: Não sou patologista.

Gostaríamos de saber qual é a sua opinião.

JZ: Meu Deus. Não sei. Não quis tocá-lo. O que estávamos fazendo, chegando tão perto, já era perigoso. As roupas não iam nos proteger contra algum patógeno transmitido pelo ar. *[O interrogado suspira.]* Olha, pelo que pude ver, parecia um tipo de supergripe ou uma infecção, como o ebola. Era difícil até mesmo dizer o sexo do corpo, de tão inchado. Parecia haver algumas lesões e inchaços nas glândulas, mas isso poderia ser apenas devido à putrefação.

Na sua opinião, as pessoas estavam mortas havia quanto tempo? *[O interrogado permanece em silêncio.]* Por favor, responda à pergunta, Dr. Zimri.

JZ: Eu perguntei ao Bin qual era a opinião dele, mas ele só balançou a cabeça. Em silêncio, foi andando pela praia e eu gritei para ele parar. Bin não ouviu, ou não quis ouvir. Só restavam 45 minutos de oxigênio, mais ou menos. Como eu disse, a missão tinha curto prazo.

Então Bin começou a gritar e apontar para uma coisa. Corri até ele, o que quase me matou. O visor do capacete estava embaçando e o oxigênio que eu respirava tinha gosto de óleo diesel. E eu também vi. Algo vermelho na areia, a uns 500 metros dali.

Bin achou que poderia ser um bote salva-vidas, mas era difícil ter certeza, com as moscas, os borrifos das ondas e a porra do capacete. Ele partiu para lá e eu corri atrás. Passamos por outra

barraca daquelas, essa tinha uma escavadeira perto e um jipe do Exército virado.

Era um bote mesmo. Um dos infláveis, triangulares. Havia emborcado, o que não deveria acontecer, logo não dava para saber o que acontecera, e o mar estava tentando puxá-lo de volta. Bin chegou primeiro. Havia alguma coisa embolada nas cordas presas ao bote.

Um corpo.

O senhor reconheceu o corpo?

JZ: *Ja*. Era Damien. O diretor do cruzeiro.

*[O interrogatório é suspenso.]*

>> Gardner, Madeleine / Interrogatório 3 / Página 2

ele só ficava repetindo e repetindo: "Isso é impossível. Isso é impossível."

Por que impossível?

MG: O navio tinha perdido a comunicação durante... Meu Deus, quanto tempo? Cinco dias, até então. Dava para ver que o que havia acontecido devia ter demorado mais do que isso. E um cataclismo não assolou Miami de verdade, não é? Estou aqui... sentada, falando com você. Estamos em Miami, certo? Ou perto.

Por favor continue, Srta. Gardner.

MG: Nós nos afastamos da praia e fomos em direção à via expressa. Os prédios residenciais à nossa direita estavam cercados por rolos de arame farpado. Eu não sabia se era para impedir as pessoas de sair ou de entrar. Passamos pelo portão do porto. Ainda havia barcos lá, iates, mas eu vi uma coisa caída atrás do portão... esparramada, coberta de moscas. Nada daquilo parecia real. Nada. Xavier foi comigo até o fim do calçadão, viramos uma esquina e seguimos até um bulevar amplo. Atrás de nós, a algumas centenas de metros,

onde a rua principal encontrava a via expressa, parecia que o Exército tinha montado algum tipo de barreira. Mais arame, enormes caminhões, acho que havia até um tanque. Não sei. O suor escorria pelos meus olhos, estava ficando difícil enxergar, meus ombros doíam e tremiam por causa do peso da roupa e dos tanques de oxigênio. Tentei olhar além daquilo, esperando enxergar o aeroporto. Idiotice, claro, já que eu sabia que ele ficava a quilômetros dali.

Passamos por um grande centro comercial. Meu Deus, aquilo me deixou maluca. Uma enorme pet shop, com todo tipo de pichações nas vitrines. Uma farmácia que parecia ter sido transformada numa espécie de igreja. E os cartazes... Em vez de anunciar McDonald's ou sei lá o quê, eles... ahn... Um dizia apenas "Arrependa-se" em letras garrafais e vermelhas que lembravam sangue. Outro mostrava uma série de fotografias de adolescentes, com a palavra "Pecador" em cima dos rostos.

Àquela altura, como a senhorita se sentia?

MG: Entorpecida, acho. Tonta. Em parte por causa do equipamento. Meu corpo todo estava encharcado de suor. Eu estava ficando sem energia e perguntei ao Xavier se faltava muito. Ele disse que eram só mais três quarteirões. Continuou andando e eu fui atrás. A rua principal estava parcialmente inundada, porque um cano havia estourado, e tivemos que dar a volta. Ah... meu Deus. Era muita coisa para absorver. E moscas. Moscas em todos os lugares. Eu precisava ficar espantando as moscas da frente do visor. O que quer que tivesse matado as pessoas não matara as moscas.

Por fim, Xavier entrou numa rua residencial que parecia normal, para meu alívio. Só que... várias janelas estavam lacradas com tábuas e havia bilhetes presos em cada porta de casa ou de garagem por onde passávamos. A maioria estava rasgada ou gasta pelo tempo, mas encontrei um lacrado em plástico. Você viu?

*[A interrogada está se referindo ao seguinte documento escaneado aqui, para conveniência:*

O que fazer se suspeitar que sua família está infectada com o vírus Ishi:  
NÃO procure as autoridades nem tente sair da vizinhança.  
Ligue para o telefone 0700.  
NÓS IREMOS ATÉ VOCÊ.  
Deixe o infectado de quarentena num cômodo e tranque e lacre a entrada e a saída. Todos os itens que o infectado tocar devem ser incinerados.  
Os que tentarem fugir da quarentena serão processados.  
Que Jesus e Deus Nosso Senhor tenham piedade de todos nós.

*NOTA: Não existe cepa de doença classificada como "vírus Ishi". "Ishi" era o codinome da Unidade 787, a pesquisa secreta biológica e química realizada pelos japoneses na Segunda Guerra Mundial.]*

Xavier parou em frente a uma casa, no terceiro quarteirão da rua, com uma espécie de parque atrás. Geminada. Não era chique, mas era bem legal, exceto pelo fato de que as janelas estavam cobertas com jornais. A porta estava trancada, mas ele virou um vaso do lado de fora e pegou uma chave.

Então entramos.

Na sua opinião, qual era o estado mental do Sr. Smith nesse ponto?

MG: Quer dizer, do Xavier?

Exato.

MG: Era difícil enxergar o seu rosto claramente pelo visor, mas dava para ver que estava tentando ocultar as emoções. No entanto, quando perguntei se tinha colado os jornais nas janelas, ele reagiu com rispidez, disse algo do tipo: "Não seja imbecil, porra." O lugar

estava sufocante e escuro. Tentamos o interruptor, mas não havia eletricidade – algo nada surpreendente, depois de tudo o que tínhamos visto. A cozinha e a sala ficavam no térreo, e parecia que alguém fizera uma limpa geral. O piso estava coberto de poeira e imundície, não havia praticamente nenhum móvel, a não ser uma escrivaninha e uma estante vazia, e alguém tinha pichado um símbolo da paz na porta da geladeira. Xavier me contara que vivia da herança. Eu não esperava que ele morasse num lugar tão ruim.

O Sr. Smith comentou sobre o estado da residência?

MG: Disse algo como “Não é possível”, depois subiu correndo a escada. Não sei como ele se movia tão depressa naquela roupa.

A senhorita foi atrás?

MG: Não imediatamente. Xeretei por ali alguns minutos, olhei nos armários da cozinha – estavam todos vazios – e verifiquei as gavetas da escrivaninha. Foi onde encontrei o *e-reader*. Não sei bem por que o enfiei no bolso. Talvez porque parecesse o único item de valor naquele lugar, e achei que Xavier fosse querê-lo. O tempo já se esgotava e, para ser honesta, eu estava entrando em pânico. Como se estivesse numa casa mal-assombrada ou algo assim. Gritei que precisávamos nos apressar, já que necessitávamos de ar para chegar à lancha, mas ele não respondeu. Berrei de novo, e nada. Não tive opção a não ser ir atrás dele.

E onde ele estava?

MG: Parado à porta do que devia ser o quarto, olhando alguma coisa. Toquei no seu ombro e ele gritou. Voltei a falar que precisávamos dar o fora dali, e dessa vez ele me ouviu e foi para a escada.

O que ele estava olhando?

MG: O quarto estava vazio, a não ser por um colchão com um edredom embolado. Olha, não posso ter certeza de nada, mas talvez houvesse alguma coisa... Meu Deus, alguém, certo, embaixo daquilo. Só sei que o parapeito da janela estava preto por causa das moscas mortas.

A senhorita investigou mais?

MG: De jeito nenhum. Eu pareço maluca? Não. Dei o fora dali. Posso tomar um pouco d'água, por favor? Minha garganta está ardendo.

*[O interrogatório é suspenso.]*

>> Fall, Helen / Interrogatório 3 / Página 2

Foi Althea que veio me encontrar. Ela foi gentil, devo admitir. Durante todo o tempo em que estivemos naquele navio, foi gentil comigo e com Elise. Disse que Celine queria me ver. Que ela estava me esperando no spa.

A senhora foi se encontrar com a Sra. Del Ray?

HF: Fui. Estava relutante em abandonar Elise. Provavelmente você acha que sou uma velha boba, mas, mesmo sabendo que ela havia morrido, que eu não podia fazer mais nada por minha amiga, não queria me afastar. Mas fui. Estava curiosa. Acho que queria ouvir o que Celine me diria.

Não fiquei chocada com os danos no navio. Esperava por aquilo. E quanto ao spa, sabe, Elise e eu não tínhamos ido lá em nenhum momento. Estava relativamente intocado. Garrafas quebradas que faziam o lugar inteiro feder como um *boudoir* de prostituta, e claramente havia sido saqueado, mas estava silencioso.

Ela me aguardava no cabeleireiro. Sentada na cadeira de rodas, folheando uma revista – é, verdade! – como se fosse uma cliente esperando algum tipo de tratamento.

Celine me cumprimentou como uma velha amiga. Aquilo era... era... não gosto de usar essa palavra... mas não existe outra: surreal. Duas velhas num salão jogando conversa fora.

Por favor, continue.

HF: Celine me agradeceu por ter ido. Perguntei por que queria me ver. Ela disse que tinha gostado de mim. Que eu havia me saído bem. Disse... Minha memória é excelente, mas... Espere aí. É. Ela

disse: "A coisa fica chata depois de um tempo. Ficar girando, girando e girando de novo. É muito melhor ser um manipulador de marionetes do que uma marionete. Destruir mundos e depois reconstruí-los de novo. Colocar as engrenagens em movimento para ver onde e como elas vão parar."

E continuou assim, soltando clichês absurdos, durante um bom tempo. Era tudo muito irritante, se quer saber a verdade.

A senhora sabe o que ela queria dizer?

HF: Presumi que estivesse falando de seus truques de palco.

>> Smith, Xavier L. / Interrogatório 3 / Página 2

e todos esses exames médicos que vocês fizeram com a gente. Fizeram testes de drogas? Alucinógenos?

Só para confirmar, o senhor declara que não voltou à sua casa?

XS: Nunca voltei à minha casa! Pergunte à porra dos meus vizinhos. Não saí da porra do navio. O capitão e a tripulação nos abandonaram, as pessoas entraram em pânico e fugiram, e perderam a vida na tempestade. E o resto... Celine nos convenceu de que estávamos passando por uma coisa que não deveríamos ter passado.

*[Mostramos ao interrogado o e-reader que Madeleine Gardner declara ter pego em sua residência.]*

Pode explicar, por favor, o que é isso, Sr. Smith?

XS: É um Kobo. Pode-se ler livros com ele. É igual a um Kindle, só que mais ético.

Sr. Smith, poderia ler a lista de conteúdo dele? Só a primeira página.

XS: Sim, poderia.

*[É mostrada ao interrogado a lista de livros armazenados no*

*aparelho supostamente retirado do seu apartamento: Quinta-Feira Negra: da queda à conspiração, de Elspeth Martins, Para além da Quinta-Feira Negra, de Carter Edwards, A verdade sobre a Quinta-Feira Negra, de Ace Kelso, e Crença perigosa, de Michael Shermer. NOTA: Foi confirmado, sem qualquer dúvida, que os autores dos livros citados não escreveram nem publicaram esse material.]*

XS: Nunca vi isso antes.

*[O interrogado se recusa a comentar mais. O interrogatório é suspenso.]*

>> Gardner, Madeleine / Interrogatório 4 / Página 7

precisei arrastá-lo até o barco. Eu estava completamente exausta. Xavier ficava dizendo "isso não está acontecendo, não está acontecendo". Não me incomodei em discutir com ele. Minhas costas doíam, eu estava morrendo de sede. *O Belo Sonhador* havia se afastado mais e me lembro de ter sentido um pânico esquisito, achando que não poderíamos voltar para lá. Depois do que tínhamos passado nele!... Meu Deus...

Devi foi o próximo a chegar. Tinha estado na área isolada, o lugar que parecia uma espécie de bloqueio militar. Ele contou que havia tentado usar o rádio e que existiam telefones via satélite e todo tipo de equipamentos, mas não obteve sinal.

Nenhum de nós disse o óbvio. Que toda aquela destruição não podia ter acontecido em cinco dias. Teria levado meses.

O médico voltou sozinho.

*[A interrogada pede uma pausa de dez minutos. O interrogatório é suspenso.]*

>> Trazona, Althea / Interrogatório 4 / Página 2

ela disse que a velha poderia ter o marido de volta. Que havia como. Que poderia ter tudo o que quisesse. Que alguém como Helen poderia aprender a fazer o que a Sra. Del Ray fazia. Todos nós podíamos. Era difícil entender o que a médium falava. Por exemplo, ela afirmou que todos podíamos aprender a voltar de novo e de novo numa embarcação que a gente escolhesse. Para mim, isso pareceu um absurdo religioso.

Como a Sra. Fall reagiu?

AT: Ficou olhando para a Sra. Del Ray como se ela estivesse louca. Talvez estivesse. Ou esteja. Eu gostava de Helen e Elise. Eram hóspedes muito boas. Limpas. Quietas. Senti pena porque Elise morreu. Então a Sra. Del Ray perguntou se eu podia deixar as duas a sós. Eu obedeci.

Aonde a senhora foi?

AT: Saí para o convés principal. As pessoas estavam limpando a área, a maioria ajudando no trabalho, mas os Linemans, que eram passageiros do meu posto, estavam sentados sozinhos a uma mesa perto do bar Balneário. A mulher me chamou e pediu que eu fosse à cabine deles pegar o medicamento do marido.

Como a senhora reagiu?

AT: Fiquei tentada a dizer para eles se foderem, mas os dois pareciam tão perdidos que concordei. Tinham sido bem castigados. O Sr. Lineman havia quebrado o braço, ela estava muito pálida e com lágrimas escorrendo pelo rosto. No caminho para a cabine deles, encontrei Rogelio, um dos meus compatriotas. Ele estava muito preocupado com um amigo, o segurança que tinha ido até terra firme com os outros. Pude ver que ele queria conversar. Ele sabia que eu havia encontrado o corpo da moça morta.

Kelly Lewis?

AT: É. Rogelio me disse que o homem que a havia assassinado estava trancado no necrotério. Falou que Devi, o segurança, queria que ele ficasse lá, como castigo pelo que tinha feito.

Como a senhora se sentiu com relação a isso?

AT: Eu não conhecia o homem. Rogelio disse que estava preocupado com Devi e pensando como ele iria se sentir se o assassino morresse lá dentro. Contou que o segurança era sensível e poderia se culpar e se arrepender, ainda que o sujeito fosse um estuprador.

Sugeri que fôssemos ver se o homem ainda estava vivo.

Descemos ao necrotério e Rogelio bateu à porta para ver se havia alguma resposta.

E houve?

AT: Houve. Uma batida fraca. Não escutamos o homem gritar nem nada, mas parecia que ele ainda estava vivo.

E o que vocês fizeram?

AT: Eu pedi para Rogelio me esperar lá e fui perguntar à Sra. Del Ray o que deveríamos fazer com o homem. Se deveríamos deixá-lo lá ou permitir que ele saísse.

O que ela disse?

AT: Que a escolha era do Rogelio, se queríamos que alguém assim se juntasse a eles.

A senhora perguntou o que ela quis dizer com isso?

AT: Não. Rogelio e eu tivemos uma longa discussão. Devi lhe dera a arma de eletrochoque e ele a segurou na frente do corpo enquanto eu abria a porta. O fedor! Achei que fosse vomitar. O homem tinha se sujado, estava gemendo, suando e falando todo tipo de absurdos. Tentou sair, então Rogelio atirou nele.

O homem se sacudiu feito um boneco, depois pareceu desmaiar. Foi difícil tirá-lo. Ele era pesado; precisamos arrastá-lo por parte do caminho. Mas quando chegamos ao I-95, pudemos usar uma maca da enfermaria.

Aonde vocês estavam planejando levá-lo?

AT: Eu sabia que os tripulantes tinham aberto uma baia de carga. Foi simples. Rogelio pegou as pernas dele, eu segurei os braços e nós o

levamos até a beira. Ele gemeu e Rogelio achou que precisaria usar o eletrochoque outra vez, mas então o homem ficou quieto. Nós o rolamos para dentro da água.

Eu gostaria de deixar claro que não estávamos planejando matá-lo. Ele não estava morto quando nós o jogamos na água. Merecia uma chance de viver. Todo mundo merece. O homem poderia ter acordado e nadado. Mas vou admitir que não verifiquei se ele fez isso. Talvez nós não quiséssemos saber. Não estávamos longe da terra. E pelo menos assim, segundo Rogelio, Devi não ficaria com peso na consciência. O segurança pensaria que ele havia fugido e se jogado no mar. Assim não iria se sentir culpado.

O que a senhora fez em seguida?

AT: Eu precisava fazer uma coisa. Precisava encontrar uma pessoa.

Quem?

AT: Trining. Uma camareira. Achei que ela ainda podia estar no navio.

E a encontrou?

AT: Não. Mas prometi a mim mesma que ia continuar procurando. A Sra. Del Ray disse que ele... ela não estava mais no navio, mas nem sempre confiei no que a médium dizia. Precisava me certificar.

>> Gardner, Madeleine / Interrogatório 5 / Página 3

Por que vocês não saíram de Miami e foram por terra tentar ver se existia vida em outros lugares?

MG: Porque estávamos ficando sem ar. E, de qualquer modo, era óbvio que *não* existia vida em outros lugares. Aquele nível de destruição não podia ser algo isolado. A extensão era... Eu já disse como a situação era ruim.

Como os outros passageiros reagiram quando vocês contaram o que tinham descoberto?

MG: Não reagiram bem. E eu e Devi é que precisamos fazer as

honras. No segundo em que voltamos ao navio, Xavier desapareceu e se trancou na cabine de Celine. Ele não conseguia suportar o que tinha testemunhado. Jesse também se afastou. Estava arrasado porque havia deixado o enfermeiro ir embora sozinho e não tentou impedi-lo. É, então Devi e eu fizemos o máximo, mas eles não queriam ouvir. Não tinham visto o que nós vimos, por isso insistiram que estávamos enganados, que tudo havia acontecido recentemente, enquanto estávamos no mar, e que por isso ninguém nos resgatara. Alguns – em especial Jacob – ficaram com muita raiva de nós. Celine só ouvia, com um sorriso irritante.

Qual é a sua explicação para o que viu em Miami, Srta. Gardner?

MG: Só existe uma, e é completamente maluca. De algum modo, chegamos a... Não sei. Outra versão da realidade. Uma versão em que o mundo foi golpeado por uma catástrofe. Com uma história que nunca aconteceu. Celine – ou o navio – tinha nos levado para outro lugar.

É. Acredite, sei o que isso parece.

O que aconteceu depois?

MG: Celine fez outro discurso. Disse que deveríamos ir para outro lugar onde poderíamos viver até que os corpos tivessem tempo de putrefazer e não serem prejudiciais à saúde. E... surpresa! Ela sabia exatamente para onde deveríamos ir. Tudo estava planejado.

Para onde?

MG: A ilha particular da Foveros. Ilhéu dos Sonhos. Tínhamos parado lá no segundo dia do cruzeiro. Celine – a antiga Celine – tinha se embebedado no bar da praia.

Por que lá?

MG: De acordo com Celine, muito pouca gente morava lá, logo não seria difícil nos livrarmos dos corpos. Era grande o suficiente para todos nós e havia bastante comida. Havia cavalos e galinhas por toda parte. Um bar decorado para parecer um navio pirata, na praia. Havia peixes. E não vamos nos esquecer da enorme free-shop. Se

ocê fosse passar a eternidade em algum lugar, seria aquele. Tudo arrumadinho.

>> Zimri, Jesse C. / Interrogatório 4 / Página 2

JZ: Eu me sentia uma *kak*. Pior ainda. Não podia acreditar que tinha deixado Bin ir embora. Quero dizer, o cara nem deveria ter ido conosco. Mas ele ficava falando em voltar para a família, se bem que não faço ideia de como achava que conseguiria fazer isso, porra. Talvez simplesmente não conseguisse encarar a ideia de retornar ao navio. Todo o negócio da “moça voltando à vida no necrotério” o assustara bastante, e os passageiros nos trataram como merda enquanto tudo aquilo acontecia. Mas eu deveria ter impedido.

Quando voltamos... porra. Quando voltamos, eu fui à enfermaria para ver se podia me injetar até apagar. E não era só o Bin. Eu não entendia como aquilo podia estar acontecendo. Os corpos, a devastação... Era tudo... Meu Deus. Não sei.

Baci me encontrou antes que eu tivesse chance de mergulhar no Demerol. Ele estava péssimo. Havia ficado com Alfonso quando o resto da tripulação abandonara o navio e perguntou se eu tinha visto algum sinal dos botes salva-vidas. Menti e falei que não. Disse que ele tomara a decisão certa ficando no navio. Menti sobre isso também. Ele contou que Alfonso estava muito melhor, mentalmente, e que o “homem escuro” – o fantasma, diabo ou sei lá o que com o qual ele alucinava – tinha sumido.

Um dos engenheiros veio, encontrou Baci e avisou que Celine queria falar com ele. Parecia que planejavam ir para outro porto, ouvi quando discutiram sobre quantidade de combustível, energia e blá-blá-blá antes de saírem. Eu não me importava para onde íamos. Tinha outros planos.

E quais eram?

JZ: [*risos*] Bloquear tudo com a ajuda da ciência médica. E consegui, sem dúvida. A próxima coisa que eu soube era que estava sendo carregado num helicóptero por dois fuzileiros gigantes.

É isso. É só isso que tenho a dizer.

E o senhor defende sua versão dos acontecimentos, Dr. Zimri?

JZ: Estou dizendo o que passei. Nada mais, nada menos. Se quiserem aceitar a palavra de um viciado, é com vocês.

*[O interrogatório é suspenso.]*

>> Fall, Helen / Interrogatório 4 / Página 2

para a suíte. Preparei o corpo de Elise. Eu o lavei. De certa forma, isso ajudou.

Quanto tempo a senhora permaneceu na suíte?

HF: Fiquei até que minha porta se abriu com um estrondo e homens com uniformes pretos da SWAT entraram aos montes. Fui levada a um helicóptero, onde encontrei Althea e Maddie. Senti muita pena da camareira. Ela estava histérica, e um dos capangas médicos de vocês lhe deu uma espécie de tranquilizante. Maddie não falou, mas estava sorrindo. Não era um sorriso aliviado pelo resgate. Eu... não consigo descrever de verdade. Ela disse que tinha batido à minha porta antes e concluía que Elise e eu tínhamos saído do navio. E estava meio certa. Uma de nós saiu do navio. Pelo menos em espírito.

E é só isso que posso contar. E não, não vou especular mais sobre Celine del Ray. Não que qualquer coisa que eu diga sobre ela vá importar, agora.

Poderia esclarecer o que está dizendo, Sra. Fall?

HF: Você sabe o que estou dizendo. Vocês vão nos enterrar. Não vão nos deixar sair. São espertos demais. Não somos terroristas. Não somos uma ameaça. Mas há um motivo para vocês nunca deixarem a gente sair.

E qual é esse motivo?

HF: Não importa.

O que não importa?

HF: Nada disso. Essa charada. Talvez vocês acreditem no céu ou no inferno, talvez acreditem no nirvana ou em Nárnia, ou que quando morremos, acabou. É isso que preocupa vocês. É por isso que estamos aqui, não é? Talvez, se nossa história for divulgada, as pessoas não acreditem. Mas e se acreditarem? Como vocês acham que vão reagir se isso for tirado delas? Se elas tiverem uma prova?

Prova de quê, Sra. Fall?

HF: De que está fora do nosso controle. A vida. A morte. De que estamos sendo manipulados, usados. Sou uma pessoa racional, mas naquele navio vi coisas que não poderiam – e não deveriam – existir.

E... fico pensando... E se ela estiver certa? E se isso jamais acaba? E se não existe morte? E se eu não acredito no que vi, por que não estou com tanto medo de morrer?

*[O interrogatório é suspenso.]*

>> Gardner, Madeleine / Interrogatório 6 / Página 3

Quanto tempo demoramos para chegar? Não muito. No caminho, vimos outros sinais de devastação. Petroleiros meio submersos, dois outros navios a distância, ambos parecendo à beira de afundar. Baci e o resto da tripulação não puderam conduzi-lo direto à ilha, e Celine disse que precisaríamos usar a lancha auxiliar para levar as pessoas até terra firme. Falou para todo mundo pegar qualquer coisa que achasse necessária e descer correndo até o convés de carga.

Tentei convencer Xavier a sair do quarto, mas ele retrucou: "Foda-se, isso não pode estar acontecendo." Eu não tinha ideia de que Helen ainda estava a bordo. Estava me sentindo mal com relação a isso.

Os Amigos fizeram todo mundo se organizar rapidamente. E todos ajudavam uns aos outros. Vários passageiros tinham se ferido

na tempestade... O casal que estava no andar de Celine, por exemplo. Eleanor se certificou de que eles descessem primeiro, para ficar confortáveis. Ainda havia botes infláveis a bordo e alguns tripulantes os usaram para ir até a ilha.

Eu me senti meio isolada. Quase todo mundo estava ficando longe de mim, por causa do que Devi e eu tínhamos dito quando voltamos de Miami. Ele foi um dos primeiros a ir para a ilha. Não parecia relutante. Parecia... Não cheguei a conhecê-lo, mas parecia feliz. Sabia da verdade, que o mundo em que estávamos não era o nosso, mas mesmo que Celine tivesse lhe dado a opção que me ofereceu, tive a sensação de que ele ficaria.

Celine pediu para Jimmy e Annabeth carregarem sua cadeira de rodas. Então pediu para eu ajudá-la a descer a escada.

E a senhorita ajudou?

MG: Ajudei. Acho que Celine queria ficar a sós comigo – falar comigo com relativa privacidade. Disse que eu não precisaria ir com ela para a ilha. Que eu poderia optar por ficar no navio e me arriscar.

Então falou que, se eu quisesse, poderia “voltar”.

O que isso significa?

MG: Ela não quis explicar. Mas era bem óbvio. Ou queria falar da Miami destruída ou de voltar para casa. Para cá.

Eu disse que sim. Que iria me arriscar. Nem hesitei.

A outra opção – passar uma eternidade com os Amigos numa free-shop gigante – eu nem queria cogitar, por mais amáveis que eles fossem.

Como ela reagiu?

MG: Ficou satisfeita. Não sei se tinha certeza de quem mais estava a bordo. Fiquei chocada quando vi Althea e Helen no helicóptero de resgate. Sabia que Xavier estava na suíte de Celine, mas achei que todas as outras pessoas tinham saído do navio.

Como aconteceria o retorno de vocês?

MG: Ela disse que instruiria Alfonso e Baci a dar meia-volta no navio.

Afirmou que o resto ficaria por minha conta.

Quando os últimos Amigos saíram, Baci ligou o navio. Pensei que ele ficaria a bordo, mas não foi o que aconteceu. A lancha auxiliar veio ao lado e o oficial e os outros tripulantes necessários para manter o navio funcionando devem ter pulado para ela, do convés de carga.

A senhorita estava num navio sem ninguém que controlasse a direção ou a velocidade?

MG: É. Eu sei. Parece suicídio.

Celine disse alguma coisa à senhorita antes de ir para a ilha?

MG: Não. Nem se despediu.

Por que ela mandou a senhorita de volta?

MG: Não sei. Talvez quisesse que nós contássemos o que vimos.

Celine contou à senhorita por que *O Belo Sonhador* foi escolhido para esse "empreendimento"?

MG: Contou. Eu perguntei, quando ela se ofereceu para me mandar de volta. Disse que poderia ter sido qualquer um. Um barco cheio de refugiados cubanos. Um navio de piratas somalis. Um 767 apinhado de passageiros. Mas aquilo, segundo ela, parecera mais divertido. "Desse modo, as férias nunca terminam."

Na sua opinião, quem ou o que dominou Celine?

MG: Ela me disse o que era. Logo depois da tempestade. Contou que um dia fora igual a nós. "A gente não morre. Só vai em frente", falou. Não existia morte. Afirmou que a única diferença entre ela e todo mundo era que podia decidir como e quando voltava. Disse que ela era nós. Todos nós. Que eles tinham feito isso antes. Inúmeras vezes.

Falou que eles fariam de novo.

"Eles"?

MG: É. Eles.

*[O interrogatório é suspenso.]*

>> Smith, Xavier L. / Interrogatório 5 / Página 1

Sabemos que o senhor acredita que esteve sob a influência de um delírio compartilhado. Apreciaríamos se pudesse contar sua opinião sobre o que era esse delírio.

XS: Meu Deus. Certo. O delírio foi que Celine, de algum modo, levou o navio para outra realidade. Uma realidade fodida.

Hipoteticamente, como ela conseguiria fazer isso?

XS: Como eu vou saber, cacete? Mesmo hipoteticamente, não creio que ela fizesse isso com o poder da mente. Talvez os malucos estejam certos, talvez a gente tenha se desviado até o Triângulo das Bermudas, ou como vocês queiram chamar.

Hipoteticamente, qual seria a intenção dela?

XS: Não é óbvio? O mundo ao qual ela nos levou estava morto. E *O Belo Sonhador* era sua Arca de Noé.

*[O interrogado gargalha. O interrogatório é suspenso.]*

>> Trazona, Althea / Interrogatório 6 / Página 3

Eles chegaram e me encontraram na minha cabine. Os homens. Os soldados. Foi quando descobri que a Sra. Del Ray tinha ido embora. Ela disse que eu teria o que desejava, mas mentiu. Ela me usou.

Na sua opinião, quem ou o que era Celine del Ray?

AT: Não sei. Como iria saber? Era só uma velha que usava as pessoas. Trining disse que era o diabo.

A senhora acredita nisso?

AT: Não. Ela era cruel demais para ser o diabo. *[A interrogada fica*

*em silêncio por vários segundos.]* Estava mais para um deus.

## **A PRISIONEIRA**

É tarde demais. Ela esperou até ser tarde demais. Se ao menos tivesse tomado a decisão no dia anterior, poderia ter a chance de sair daqui. Vem dizendo a si mesma para “dar só mais um dia”, desde que chegou, dez dias atrás. Não são as horas, nem a cidade, nem o trabalho, nem a solidão. É o menino. A porcaria do menino. Ela morde a carne machucada em volta do polegar até tirar sangue, um hábito que pensava ter abandonado há anos, e percorre os sites de novo.

Os fóruns do Reddit estão ficando loucos e ela vem pulando de um link para outro, já sem esperanças de que eles descubram que o avião simplesmente enfrentou dificuldades e pousou em alguma pista obscura, talvez. Ou mesmo que tenha caído. Seria melhor do que isso. Mas ainda não há informes sobre nenhum acidente. Tudo aconteceu num instante. Num minuto ele estava no radar; no outro, sumiu. Era o segundo em um mês, só que este não é um voo interno da China Airlines, é um Airbus levando passageiros – na maioria americanos e ingleses – do aeroporto de Heathrow para o JFK.

Ela passa superficialmente pelas manchetes, às vezes ouvindo algum arquivo em áudio. É impossível acompanhar todas as teorias: terrorismo, Triângulo das Bermudas, o início do Arrebatamento, ambientalistas explodindo os aviões no céu. Deus e o mundo tinham teorias, igual a quando todas aquelas pessoas sumiram do cruzeiro quatro anos atrás – e os malucos ainda não deixaram esse assunto de lado. Durante um tempo, ela namorou um cara que engoliu totalmente a história idiota sobre os sobreviventes.

De novo ela procura voos para Londres. Depois para a Europa.

Nada. Segundo a CNN, o tráfego aéreo foi suspenso “até o futuro próximo”. Será que poderia voltar para casa de navio? Imagina-se pegando carona num cargueiro, como cabineira. Procura na internet por cruzeiros que partam de Nova York para a Europa, mas até mesmo o mais barato está fora das suas condições financeiras e não há vagas para o próximo mês. Ela não tem dinheiro para arranjar um hotel ou um apartamento. Até mandou e-mail para os pais, mas eles só podem enviar algumas centenas de libras, nem de longe o necessário para pagar o aluguel ou fazer um depósito até arranjar outro emprego.

Por enquanto está encurralada.

Fica de pé, se espreguiça. Esfrega os pés calçados com meias no chão de madeira encerada. Em cima da lareira, há uma foto única de Joshua bebê – a mesma que mandaram para ela quando se candidatou ao emprego. Ele parecia bonitinho, enrolado numa manta azul-bebê, os olhos espiando em meio aos panos. Não há imagens do menino com mais de 2 anos. Ela não sabe se o adotaram numa agência ou usaram um intermediário. Não disseram, e não pode perguntar. Desiree e Marcus. Sua mãe os chamaria de SOPMA: *Sou Ótimo, Porra, Me Admire*. Marcus, bioquímico; Desiree, psiquiatra. São exatamente o que ela esperava depois de assistir a filmes sobre Nova York: morando num prédio de arenito em Brooklyn Heights, ambos em forma, de cabelos brilhantes, fala rápida – quase nunca estão aqui. E ela não é a primeira babá. Tinha ouvido os dois falando sobre isso uma noite. A anterior (Clara, da África do Sul) havia durado três dias inteiros.

Seu alarme solta um bipe. É quase hora da aula de piano dele. Respira fundo e sobe a escada. Desiree e Marcus se certificaram de que os dias do garoto fossem cheios de atividades: aulas para superdotados, natação, francês. A mãe deixou escapar que uma moça vinha uma vez por semana ensinar tagalo, “para ele não perder o contato com a própria cultura”; só não explicou por que as aulas pararam. A professora de piano – uma mulher irritadiça do Leste Europeu que Tracey acha quase tão intimidante quanto Joshua – é a única pessoa que ela conheceu até agora e que não é afetada pela esquisitice do garoto.

– Oi, Joshua! Está quase na hora da aula de piano. – Tracey odeia a voz excessivamente animada que usa ao falar com ele. – Está pronto para começar?

Joshua lhe dá um dos seus olhares do tipo “você é imbecil?”. Já está vestido, sentado na cama, esperando-a. Ela tentou definir o que no garoto parece tão repulsivo. Não é só porque nunca sorri; há um peso nele, como se estivesse sempre avaliando-a em silêncio. Os meninos da vizinhança também ficam cautelosos perto dele. Tracey tentou fazer contato com as outras empregadas e babás, o pequeno clube que se reúne todo dia em volta dos bancos do parque, mas elas não a deixam participar. Sabe que não deveria levar isso para o lado pessoal. Não é ela, é o medo de suas crianças serem arrastadas para uma brincadeira com Joshua. Sempre que vão ao parque, ele acaba brincando sozinho. Se bem que nunca brinca de verdade – só observa, com aquela boca ligeiramente irônica.

No terceiro dia depois de Tracey ter chegado, a situação ficou intolerável e Marcus pegou-a chorando na cozinha. Ele confessou que, até fazer 3 anos, Joshua gritava quase o tempo todo. Isso parou de um dia para outro, como se um interruptor tivesse sido desligado dentro dele. Marcus riu sem humor e disse que não sabia o que era pior: o choro ininterrupto ou o comportamento atual. Tracey tem a impressão de que, desde então, ele a evita.

Ela conduz Joshua pela porta da frente e a chuva começa a cair no instante em que colocam o pé no degrau de cima.

– Que dia horrível! – exclama Tracey. Joshua fica absolutamente imóvel enquanto ela calça as luvas nele. – Está quentinho?

– Estou.

– Vamos, então?

– Vamos.

– Ótimo.

Começa a chover com mais força ao chegarem à calçada. Outono em Nova York. Céu pesado e baixo. Ela nem esteve do outro lado da ponte para Manhattan; o horizonte de prédios provoca-a, atraindo. A mão do menino é um pequeno pedaço de madeira repulsiva em sua mão. Antes, quando Tracey confundia a reticência dele com timidez, falava sem parar sempre que saíam de casa: “Olha! Um cachorro!”

ou “Um dia precisamos ir a um museu”. Mas agora não se dá o trabalho. Os dois caminham em silêncio pelos cinco quarteirões até a Fulton, as folhas escorregadias e pegajosas sob as botas baratas.

No cruzamento, esperam o sinal abrir e, depois, atravessam às pressas com o resto das pessoas ansiosas para sair da chuva. Passam por uma boutique cujas roupas custam mais do que um mês de salário e por uma delicatessen atulhada de peças de queijo.

– Estamos quase chegando! – cantarola Tracey, desejando apenas conectar os fones e se esquecer dele.

Em geral, espera na Starbucks da rua principal enquanto Joshua tem a aula, o que está quase se transformando no ponto alto de sua semana. Viram a esquina. Uma mulher com botas pretas e altas e um enorme gorro de tricô posto artisticamente sobre o cabelo curto passa ao lado deles, dando a Joshua um olhar do tipo “ah, como você é bonitinho”. E isso é mesmo verdade, com suas botas da Baby Gap e o sobretudo do Paddington.

A mulher faz menção de atravessar a rua, levantando a mão altiva para fazer parar o caminhão que se aproxima. Tracey sente uma pontada de inveja, desejando ter aquele tipo de confiança para interromper o trânsito. O caminhão freia para deixar que a mulher atravesse, mas ela não contava com a moto que vem atrás. O barulho de um motor se intensifica, acelerando para contornar o automóvel. Tudo acontece em câmera lenta, como sempre. A moto freia bruscamente, tenta se desviar da mulher, oscila, depois tomba e derrapa, acertando as pernas da mulher e derrubando-a. Por uma fração de segundo, o olhar dela se fixa no de Tracey – *isso não pode estar acontecendo* – e então: *zuummp*.

Tracey aperta a mão de Joshua e o arrasta para trás.

– Não olhe! Não olhe!

Ela tenta não ver, mas não evita se fixar no ponto onde a cabeça da mulher deveria estar e... e... há alguma coisa espalhada no pavimento. Empurra Joshua para a Starbucks e se ajoelha diante dele, a calçada úmida encharcando seus joelhos através dos jeans. A vitrine da cafeteria está se enchendo de curiosos; vários passam pela porta, filmando a carnificina com os celulares.

Tracey enxuga a chuva da frente do casaco de Joshua. O menino

permanece inexpressivo.

– Joshua, você está bem?

Ele assente. Ela segura as mãos enluvadas do menino, procura algo para dizer, termina balbuciando:

– A moça que caiu só está dormindo. A ambulância vai chegar num minuto e ela vai ficar bem, você vai ver.

Joshua lhe lança um olhar de tamanho desprezo que ela baixa as mãos e se pega limpando-as na calça. *É só um garotinho, ele é só um garotinho.*

– Ela não está dormindo – retruca ele. – Está morta.

– Não temos certeza, Joshua.

– Temos, sim. Mas não se preocupe – continua com um sorriso preguiçoso. – Esteja certa: *não existe* morte.

E então gargalha.

## **Agradecimentos**

Toda a minha gratidão à fabulosa editora Anne Perry e ao extraordinário agente Oli Munson por seu apoio e paciência infinitos: vocês arrasam. Lauren Beukes, Kate Sinclair, Alan Kelly, Paige Nick, Helen Moffett e Alan e Carol Walters gentilmente leram a história no estágio inicial e fizeram comentários e deram conselhos fantásticos, assim como criticaram quando foi necessário. Obrigada a todos.

Também estou em dívida com Ben Summers, Becky Brown, Vickie Dillon, Hélène Ferey, Jennifer Custer, Veronique Norton, Jason Bartholomew, Conrad Williams, Oliver Johnson, Reagan Arthur e as equipes de marketing e produção da Hodder & Stoughton e da Little, Brown, que trabalharam duro.

A maioria das pessoas que, de maneira generosa, me deu informações sobre o ramo de cruzeiros e/ou questões marítimas me pediu que seus nomes não fossem mencionados aqui por diversas razões (sobretudo porque trabalham para essa indústria). Vocês sabem quem são, e sou imensamente grata por seu tempo e delicadeza. Todos os erros são de minha responsabilidade.

Com uma enorme paciência, Charlie Martins e Savannah Lotz suportaram o fardo de ler incontáveis rascunhos e de serem acordados pela cafeteira às três da madrugada. Como sempre, obrigada por ficarem ao meu lado.

CONHEÇA OUTRO LIVRO DA AUTORA



*Os Três*

SARAH LOTZ

Quinta-Feira Negra. O dia que nunca será esquecido. O dia em que quatro aviões caem, quase no mesmo instante, em quatro pontos diferentes do mundo.

Há apenas quatro sobreviventes. Três são crianças. Elas emergem dos destroços aparentemente ilesas, mas sofreram uma transformação.

A quarta pessoa é Pamela May Donald, que só vive tempo suficiente para deixar um alerta em seu celular:

*Eles estão aqui.*

*O menino. O menino, vigiem o menino, vigiem as pessoas mortas, ah, meu Deus, elas são tantas... Estão vindo me pegar agora. Vamos todos embora logo. Todos nós. Pastor Len, avise a eles que o menino, não é para ele...*

Essa mensagem irá mudar completamente o mundo.

## **SOBRE A AUTORA**

© Pagan Wicks



Sarah Lotz é roteirista e escritora com uma paixão declarada pelo macabro. Criou histórias de terror urbano e de zumbis sob dois pseudônimos até alcançar o sucesso mundial com o thriller *Os Três*, considerado por Stephen King “maravilhoso e instigante”. Mora na Cidade do Cabo com sua família e seus animais de estimação.

[www.sarahlotz.com](http://www.sarahlotz.com)

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio,* de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois,* de Harlan Coben

*A cabana e A travessia,* de William P. Young

*A farsa, A vingança e A traição,* de Christopher Reich

*Água para elefantes,* de Sara Gruen

*Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital,* de Dan Brown

*Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista, O resgate e O milagre,* de Nicholas Sparks

*Julieta,* de Anne Fortier

*As regras da sedução e Lições do desejo,* de Madeline Hunter

*O guardião de memórias,* de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; O salmão da dúvida e Agência de investigações holísticas Dirk Gently,* de Douglas Adams

*O nome do vento e O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss

*A passagem e Os Doze,* de Justin Cronin

*A revolta de Atlas e A nascente,* de Ayn Rand

*A conspiração franciscana,* de John Sack

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

## Créditos

### 1º, 2º e 3º DIAS

#### 4º DIA

A ASSISTENTE DA BRUXA  
O CONDENADO  
A CRIADA DO DIABO  
AS IRMÃS SUICIDAS  
O ANJO DA MISERICÓRDIA  
O GUARDIÃO DE SEGREDOS

#### 5º DIA

A ASSISTENTE DA BRUXA  
O CONDENADO  
A CRIADA DO DIABO  
AS IRMÃS SUICIDAS  
O ANJO DA MISERICÓRDIA  
O GUARDIÃO DE SEGREDOS

#### 6º DIA

A ASSISTENTE DA BRUXA  
O CONDENADO  
A CRIADA DO DIABO  
AS IRMÃS SUICIDAS  
O ANJO DA MISERICÓRDIA  
O GUARDIÃO DE SEGREDOS

#### 7º DIA

A ASSISTENTE DA BRUXA  
O CONDENADO  
A CRIADA DO DIABO  
AS IRMÃS SUICIDAS  
O ANJO DA MISERICÓRDIA  
O GUARDIÃO DE SEGREDOS  
A ASSISTENTE DA BRUXA  
O CONDENADO

[A CRIADA DO DIABO](#)  
[AS IRMÃS SUICIDAS](#)  
[O ANJO DA MISERICÓRDIA](#)  
[O GUARDIÃO DE SEGREDOS](#)  
[A ASSISTENTE DA BRUXA](#)  
[O CONDENADO](#)  
[A CRIADA DO DIABO](#)  
[AS IRMÃS SUICIDAS](#)  
[O ANJO DA MISERICÓRDIA](#)  
[O GUARDIÃO DE SEGREDOS](#)

[8º DIA](#)

[A ASSISTENTE DA BRUXA](#)  
[A PRISIONEIRA](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça outro livro da autora](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)